REVISTA LUSITANA

VOL. XXIV 1921-1922 N.os 1-4

Medicina Popular

RAIVA

(Continuação — Vid. *Revista Lusitana*, XXIII, 96)

No final do meu artigo antecedente [1] vem, transcrito da *Revista Lusitana* [2], o seguinte passo:

— «O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e não vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão não (Soajo)».

Há, nestas linhas transcritas, em êrro tipográfico, que me apresso a corrigir: onde está *não vir*, deveria estar *vir*, isto é: precisamente o contrário. O lapso é apenas da transcrição.

Recapitulando e ampliando o que deixei dito nos últimos parágrafos do meu artigo antecedente, registarei que:

a) as pessoas mordidas por cão danado vêem, na água ou num espelho, a imagem do cão (ou, mais precisamente, da cabeça do cão) que lhes mordeu; diz-se em Ponta-da-Barca (distrito de Viana-do-Castelo) que o mordido vê a imagem do cão ao fim de um mês e, se então não danar, a verá periòdicamente todos os meses, até lhe vir a raiva. Deverá notar-se que a incubação desta doença tem na verdade uma duração muitíssimo variável. No entanto, diz Menetrier, «le plus souvent la rage survient dans le cours du deuxième mois aprés l'inoculation, elle est rare aprés le troisième, et tout à fait excepcionnelle aprés six mois»; [3]

b) se se der o caso de as pessoas mordidas não verem a imagem do cão, elas não terão a doença;

---

1 *Revista Lusitana,* XXIII, 103.
2 XV, 298.
3 Cap. *Rage*, de *Maladies communes a l'homme et aux animaux,* Paris 1906, pág. 308.— Nêste lugar encontrará o leitor notícias curiosas acêrca da incubação da raiva.

c) é por verem a imagem do cão que as pessoas mordidas têm horror à água e, conseqüentemente, aos espelhos.

Do procedimento da pessoa mordida por animal raivoso, quando se lhe pusesse deante um espelho, tirava Curvo Semedo o prognóstico da doença. Diz êle: «Porèm se o Medico for chamado quando o veneno tiver jà communicado qualidades taõ seccas, & malignas ao mordido, que tenha medo à agua; em tal caso, se o doente, vendo-se em hum espelho, se conhecer, pòde ter esperanças de remedios;» [1]

Estas palavras de Semedo apoiam a crença popular de que é de bom prognóstico *não ver a imagem do cão* no espelho; um indivíduo que se reconhece num espelho, vê evidentemente a *sua própria imagem.*

Por outro lado, Brás Luís de Abreu, no *Portugal medico* [2], inclui a crença de que é a visão da imagem do cão que provoca o ataque de raiva: — «Outros dizem, que consiste este temor em se representar na agoa ao raivozo a imagem de hum Cão damnado, que feroz, & cruelmente o atemoriza, & ameaça». E cita, não posso verificar se a propósito, Paulo de Egina e Avicena.

Apesar das palavras acima transcritas de Semedo, — devem colocar-se no mesmo plano «espelho» e «água».

L. Ch. Roche e L. J. Sanson, nos seus *Nouveaux élémens de pathologie médico-chirurgicale* [3], definem assim a «raiva»: «une maladie dont la nature n'est encore que soupçonnée, ayant pour caractères principaux l'horreur des liquides et souvent même celle des corps polis et brillans, avec sentiment d'ardeur et de constriction à la gorge, et quelquefois l'envie de mordre».

Aparecem aqui aproximados, como no — justificado, pelo que se vê — conceito popular, os líquidos e os «corpos polidos e brilhantes», entre os quais se compreendem os «espelhos.»

Nada mais natural do que o mordido, horrorizado, ver, alucinadamente, a imagem do cão, — muito em especial se por essa tradição está já sugestionado. Também é natural que essa tradição se constituísse por generalização de quaisquer casos alucinatórios que realmente se houvessem dado, ou por se haver atribuído, numa explicação simplista mas de razoável associação de ideias, o horror da água e do espelho ao apare-

---

1 *Polyanthea Medicinal*, ed. cit. pág. 526.
2 Coimbra 1726, I, pág. 719, § 9.
3 2.ª ed., Paris 1828, tômo II, pág. 284.

cimento da imagem do cão, como se apenas tal «imagem horrorosa» pudesse causar tamanho «horror». Recorde-se o que ficou acima recortado de Brás Luís de Abreu e a condizente crença popular, — a qual, na minha hipótese, não se teria formado posteriormente à crença do aparecimento da imagem do cão, mas «determinaria» a sugestão dêsse aparecimento. Ter-se-ía notado, primitivamente, o «horror» à água e às superfícies polidas e brilhantes; — como êsse horror era a característica da doença provocada por mordedura de cão raivoso, cujo aparecimento sempre haveria de motivar intenso pavor, relacionou-se, depois, aquele «horror» ao «aparecimento do cão», em imagem agora, na água ou na superfície polida; — assim se constituiria a crença de que uma pessoa mordida havia de ver aquela imagem. A fortalecer a explicação popular há o facto de um cão raivoso sentir uma crise de furor sempre que avista outro cão [1].

Note-se, porém, a tradição seguinte, contrária à exposta:

«Toute personne mordue par un chien enragé, qui veut être fixée sur son sort, n'a qu'à se rendre à la fontaine de Saint-Segal, dans la commune de ce nom, arrondissement de Châteaulin. Voit elle dans les eaux limpides de la piscine le chien qui l'a mordue, elle n'a rien à redouter; ne le voit-elle pas, elle mourra à bref délai de la rage» [2].

Trata-se, aqui, sem dúvida de uma fonte especial, como outras por certo, com a virtude de prognosticar a doença. Se a raiva é, aparentemente, o «horror à água», a «água» curá-la há, simpàticamente, homeopàticamente. Na referida fonte bretã, a água obra a distância, no espaço e no tempo: não é preciso tomá-la nem tocá-la para evitar que, no futuro, sobrevenha a raiva. E essa virtude, manifesta-a na imagem do cão que surge como «imunizante». A imagem que, ordinàriamente, aparece como causa determinadora da «hidrofobia», aparece agora como, para assim dizer, uma «vacina». *Vêr* a imagem do cão numa fonte de virtudes profilácticas, sem sentir a doença, é ficar *vacinado* contra a doença.

Fontes curativas da raiva, por se lhes aproveitar directamente a água, há várias. H. Gaidoz, no seu livro acêrca de *la*

---

1 «A vista dum cão promove n'elle [cão raivoso] sempre uma crise de furor (signal importantissimo);» Carlos A. Salgado d'Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Pôrto 1901, pág. 15.

2 Sauvé, cit. in Rolland, *Faune populaire*, t. IV, pág. 75 — apud H. Gaidoz, *La Rage & St-Hubert*, Paris 1887, pág. 180. — Também vem citado no *Folk-lore de France*, de Paulo Sébillot, II, 245.

Rage & St.-Hubert, traz notícia de algumas. O princípio terapêutico é, como disse, homeopático. E o mesmo se dirá da água aplicada em banho, com fins terapêuticos, — como a seu tempo veremos.

Observámos as causas próximas dêstes prognósticos tirados da água e dos espelhos, perante a «raiva».

Devemos, porém, filiar tais prognósticos mais longe.

A água actua, no lance, como espelho, — e tanto assim, que, como na água (de poço ou não, sossegada ou corrente), poderá o mordido ver a imagem do cão no caldo (Ponte-da-Barca, Arcos-de-Valdevez), isto é, num líquido que funcione como «espelho».

De modo que, em última análise, ficamos reduzidos a «superfícies espelhentas», a «espelhos» — e, portanto, a estas superfícies mágicas procuradas, pelo tempo fora e pelo mundo fora, como importantes meios de presságio e prognóstico.

Houve já a *catropomancia*, isto é: a arte de adivinhar, por meio de espelhos encantados, qual fôsse o termo das doenças. «Inscipiunt in speculum, et ex ejus imaginibus periturus ne, an victurus sit aeger» — diz Pausanias. E o mesmo, de Pitágoras conta Rodogínio [1].

Na Baixa-Bretanha, consulta-se o espelho das águas para se saber a duração da vida [2]. Em várias regiões, consultam-no os namorados [3].

O prognóstico deduzido da água ou do espelho, para a raiva, não é, pois, mais do que um caso particular da tradicional consulta a «espelhos», reforçada pelo papel especial que, na doença, desempenham as superfícies polidas e brilhantes e a água (hidrofobia).

Vejamos agora a terapêutica.

Um bom remédio para a mordedura do cão danado é esfregá-la com pêlo do mesmo cão. «O melhor remédio para a cura da raiva é aplicar sobre a ferida uma mecha de pêlos do mesmo cão», diz-se no *Folclore da Figueira da Foz* [4]. «O Cabelo [do cão] sára a ferida do Caõ posto sobre ella», vem no *Portugal médico*, de Brás Luís de Abreu [5].

Na *Polyanthea Medicinal*, Curvo Semedo registou esta mara-

1 Cf. Ovídio e Castilho, *os Fastos*, Lisboa 1862, tômo III, pág. 323.
2 Cf. P. Sébillot, *Le Folk-lore de France*, II, 244.
3 Ibidem.
4 Dos srs. Cardoso Marta e Augusto Pinto; Esposende 1913, II, pág. 38.
5 Coímbra 1726, I, pág. 721. Cf. também pág. 755.

ravilhosa propriedade do pêlo do cão; reproduzirei um passo do capítulo «muyto curioso, & digno de se ler» [1], em que êste vélho médico se refere àquela virtude do pêlo do cão, para que o leitor avalie o tom dêsse capítulo: «28. Infinitos exemplos pudèra referir de cousas que obraõ por virtudes, & qualidades occultas; mas fiquem em silencio, por não escandalizar aos que tudo attribuem às virtudes manifestas, negando de sorte as occultas, que dizem ser refugio de ignorantes recorrer a ellas. Quizera eu que os que negaõ as qualidades occultas, & as sympathias das cousas, me dessem a razaõ porque o ouro attrahe a si o azougue, porque a pedra de cevar attrahe a si o ferro, porque o alambre, & o diamante attrahem a si as palhas, porque a Safira faz exhalar o veneno dos buboens, & tumores pestilentes, porque os cabellos do caõ danado, postos sobre a mordedura do mesmo caõ, attrahem a si o veneno da mordedura, porque o fumo das sanguesugas mata, & afugenta os percevejos, porque o Eliotropio busca o Sol, porque o touro sendo taõ bravo fica manso, & perde a braveza atando-o a uma figueyra, porque o leão sendo taõ valeroso, estremece quando ouve cantar hum gallo, porque o elefante sendo taõ forte, teme a huma formiga, & quando está muyto assanhado, se aplaca de improviso com a vista de um carneyro, porque a Aguia sendo taõ altiva, & Rainha das aves, teme o escaravelho» [2], etc.

Gustavo Strafforello também se refere, no capítulo *Idrofobia dei cani* do seu livrinho *Errori e pregiudizii volgari,* a esta prática: — «I peli dello stesso cane applicati alla ferita, le erbe, gli unguenti, le pietre, le polveri miracolose son tutti impiastri, come suol dirsi, sopra una gamba di legno» [3].

Esta medicação é geral. Usa-se em tôda a Europa, na India, na China — como H. Gaidoz fartamente documenta no seu livro acêrca de *la Rage & St.-Hubert* [4] —, e sem dúvida noutras partes do mundo. Há, por exemplo, um provérbio na Lunda, cuja tradução é: *dentes de cão tratam-se com o pêlo dele cão* [5].

Há outros vários provérbios e expressões em que o povo, de países diversos, mas por maneira idêntica, imortalizou a vé-

---

1 Pág. 531.

2 Pág. 538. — Francisco da Fonseca Henriques, no *Soccorro delphicó,* também se refere à medicação (ed. de 1731, pág. 151).

3 Pág. 63.

4 Paris 1887, pág. 9.

5 Henrique de Carvalho, *Método prático para falar a lingua de Lunda,* — *apud Rev. Lus.,* XIX, 44, artigo do Sr. José Maria Adrião.

lha prática terapêutica. Referirei alguns dêsses ditados, ajuntando-lhes, de passo, outros que de perto se relacionam com êles.

Em Portugal, diz-se: *a mordedura* (ou: *a mordidela, a ferida, a ferradela) do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão* [1].

Na Galiza, corre: *Travadelas de can co pelo do mismo can se curan.*

Em França, há o ditado seguinte, do século XVI: *Contre morsure de chien de nuit | Le mesme poil très bien y duit* (convient) [2]. E há também: *Du poil de la bête qui te mordit* ou *de son sang seras guêri*, — e: *Reprendre du poil de la bête.*

Na Itália: *Del can che morde, il pelo sana;* e ainda: *Con la pelle del cane si sana la morditura.*

Na Holanda: *Die van den hond gebeten is molt van het zelfe haar daarop leggen*,—e: *Leg er haar van den hond op.*

Na Alemanha: *Hundsbiss heilt Hundshaar;— Auf des Hundes Biss | Hundshaar nit vergiss, | und auf viel Wein lass Wein | das beste Pflaster sein;—Der Hund der einen beisst, lecht ihn wieder, bis er heil ist;—Der Hund der mich abends beisst, muss mich morgens wieder lecken;—Der Hund, der mich gebissen, mag mich auch wieder heilen;—Hundehaare auflegen;—Der Hund bezahlt mit der Haut.*

Na Escócia: *Tak a hair o' the dog that bit you* [3].

Na *História Natural*, Plínio alude à aplicação de pêlos do cão: «Menstruáue in panno subdidere calici, aut intus ipsius caudæ pilos combustos insuêre uulneri» [4].

O pêlo do cão é muitas vezes usado em «fórmulas» especiais, exterior e interiormente.

O citado Curvo Semedo, na sua *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* [5], dá-nos esta receita: pêlos do mesmo cão cortados à tesoura e misturados com clara de ovo, postos na ferida.

«En Sicile—diz Ângelo de Gubernatis [6]—, quand quelqu'un est mordu par un chien, on coupe à celui-ci une touffe de poil qu'on plonge dans du vin avec un charbon ardent; on fait boire ce vin à la personne mordue».

---

1 Êste provérbio fêz dizer, chistosamente, a *Beldemónio:* «Maxima em materia de amores:—«A mordedura do cão cura-se com o pêlo de outro cão».—*A Cega-Rega*, n.º 1, Lisboa 1891, pág. 33.

2 Cf. H. Gaidoz, *loco cit.*

3 E. Rolland, *Faune populaire de la France*, Paris 1877, IV, pág. 59,—apud *Revista Lusitana*, XIX, 44.

4 Livro XXIX, cap. V; pág. 527 da ed. de Basileia 1554.

5 Ed. de 1720, pág. 434.

6 *Mythologie zoologique*, II, 39, apud *Trad. pop. de Portugal*, pág. 169

No *Dictionnaire Infernal*, de Collin de Plancy [1], lê-se: — ... «on brûlera les poils d'un chien enragé, on en boira la cendre dans du vin, et on guérira».

Pelo que se depreende do exposto pelo Sr. Pedro de Azevedo na *Revista Lusitana* [2] —, Edmundo Doutté narra na *Magie & Religion dans l'Afrique du Nord* [3] uma prática (dos indígenas dessa região) que corresponde à cura da ferida do cão com o pêlo do mesmo cão.

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos arquivou nas *Tradições populares de Portugal:* [4] «Quando alguem é mordido por um cão (não damnado) frita o pello do cão em azeite e põe-no por cima da mordedura. Até se costuma dizer: *cura-se a mordedura com o pello do mesmo cão* (Beira-Alta, etc.)».

Também na *Revista Lusitana*, xx, 79, se lê que, em Turquel, para a mordedura de cão (não danado, por certo, — pois que o autor do artigo se refere à «raiva» em parágrafo distinto), se deve aplicar à ferida um emplastro em que entrem alguns pêlos do mesmo cão.

O perigo principal, na ferradela do cão, está em ela provocar a raiva, e é talvez sempre com o fim de evitar esta doença que a referida terapêutica se preconiza — ou se preconizava; como já disse [5], crê-se que o cão não danado, mas apenas encolerizado, pode causar a raiva, mordendo.

Todavia, por mais antiga que seja a raiva, quero dizer: a observação da raiva, — a terapêutica é-lhe anterior. Antes de se «especificar» a doença — especificação realizada embora nos limites da primitiva observação —, deveria haver a referida prática medicamentosa, tendente a neutralizar, simpàticamente o «mal», não identificado, que porventura se julgasse ser transmitido na mordedura do cão. Confronte-se o que abaixo registo acêrca da ferradela doutros animais.

Em conclusão: o uso do pêlo do cão para curar a mordedura do mesmo cão vem de tempos antiqüíssimos, consagrando-o também a vélha medicina. Era um preservativo e uma terapêutica, essencialmente *simpáticos* ou, por assim dizer, *ho-*

---

1 Paris 1826, tômo IV, s. v. *rage*.
2 Vol. XIV, pág. 310.
3 Argel 1908.
4 Pág. 169.
5 Vid. o meu artigo antecedente, na *Revista Lusitana*, XXIII, pág. 99-100. Cfr. ainda Menetrier, *Maladies communes à l'homme et aux animaux*, já cit., pág. 303.

meopáticos. *Similia similibus curantur* — como se disse emblemàticamente, quando tais práticas simplistas se converteram em escola scientífica.

Notarei que, no decorrer destas linhas, tenho empregado e empregarei os termos *simpatia* e *homeopatia* sem qualquer preocupação de escola ou método terapêutico. A Homeopatia ou Homeosimpatia (também chamada homeoterapia, homeodinamia, dinamopatia, doutrina homeoorgânica e hahnemannismo, do nome do seu inaugurador Hahnemann), como método terápico, é apenas do comêço do século XIX. Esta Homeopatia fundava-se, não só em que os medicamentos curavam pela provocação de sintomas semelhantes aos da doença principal, mas ainda na negação da individualidade das doenças e na administração dos medicamentos em doses infinitesimais. Recordar-se ha ainda que a Homeopatia deu a isopatia, cuja divisa era *æqualia æqualibus*, e em que, por exemplo, para curar a tísica se recorria à dinamização dos pulmões atacados por essa doença [1].

Hoje, a bem dizer, a expressão *a mordedura de cão cura-se com o pêlo do mesmo cão* quási se usa apenas em sentido figurado. «A expressão *Um pello do cão que vos morda* — diz Tylor, na *Civilização primitiva* [2] — não era originariamente nem uma metaphora, nem um dito picante, mas uma verdadeira receita para curar a mordedura de um cão, e que nos fornece umas das antigas e numerosas applicações da doutrina homeopathica, segundo a qual o que dá a doença tambem a cura». E transcreve a frase *o pêlo do cão cura a mordedura*, — dos Eddas escandinávicos [3], idêntica ás expressões proverbiais citadas.

Em vez do «pêlo», também se empregou o «fígado» do cão pôsto na mordedura, assado e depois comido; o «coalho do cão misturado com vinagre»; e «o sal fixo que se tirar da cinza do mesmo cão dado em água do cardo santo» [4].

Bras Luís de Abreu, no *Portugal médico* [5], menciona: «Outros aconselhaõ, que se coma o figado assado do mesmo caõ que mordeo». E cita Rivério que «nos seos Arcanos trás huma composiçaõ contra esta queixa [raiva], aonde entra o

---

1 Cfr. E. Mota, *Lições de Pharmacologia* e *therapeutica gerais*, Lisboa 1901, pag. 168 a 180.

2 Cfr. *Revista do Minho*, ano XII, coluna 114. — Vid. também *Trad. pop. de Portugal*, pág. 169, nota.

3 Apud *Trad. pop. de Portugal*, pág. 169, nota.

4 Vid. Curvo Semedo, *Atalaya da vida contra as hostilidados da morte*, 1720, pág. 434.

5 Brás Luís de Abreu, *Portugal médico*, Coimbra 1726, I, pág. 720.

mesmo figado». Diz ainda o mesmo autor que «o Sangue [do cão], bebido he contraveneno na mordedura de alguma fera damnada»; e que a urina [também do cão] «he saudavel na mordedura do Cão, banhando a parte»; [1]

O emprêgo do fígado do cão raivoso é o que se encontra mais vezes [2]. Já Dioscórides o mencionava [3].

Plínio fala também no fígado: «Multo tamen utilissimè iecur eius, qui in rabie momorderit, dat, si possit fieri, crudum mandendum: si minus, quoquo modo coctum, aut ius coctis carnibus» [4]. E mais abaixo: Quin & necantur catuli statim in aqua, ad sexum eius qui momorderit, ut iecur crudum deuoretur ex ijs» [5].

Esta preferência pelo «fígado» deverá basear-se no furor, que sintomàticamente caracteriza a doença, e que é relacionado com aquela glândula, produtora de fel, «assento da ira» [6]. O fígado foi tambem «assento do amar», *cogit amare jecur*, mas, no presente caso, atende-se ao fel: *fel continet iras* [7].

E, de facto, a raiva foi já atribuída ao excesso de bile. «D'après Élien — diz H. Gaidoz [8] —, elle provient de l'excès de bile et une théorie analogue est encore courante chez les chasseurs de Saint-Brieuc». Já citei, entre as causas de raiva, a ingestão do fel [9].

Em vez do fígado, vê-se aconselhado o coração ou a cabeça do animal, comidos depois de cozidos [10]. Do coração dizia Plínio: «Cor caninum habentem fugiunt canes» [11], e, quanto à cabeça, recomendava usá-la em cinza na ferida: ... «in canis rabidi morsu tuetur à pauore aquæ capitis canini cinis illitus uulneri», ou internamente: «Idem & in potione proficit: quidam ob id edendũ dederunt» [12].

Também recomendava a ingestão da carne: «Saliũtur & carnes eorum qui rabit fuerũt, ad eadem remedia in cibo dandæ» [13].

---

1 Ibidem, pág. 721.
2 Cfr. H. Gaidoz, *op. cit.*, pág. 9-10.
3 Ibidem.
4 *Hist. Nat.*, liv. XXIX, cap. V; pág. 527 da ed. de Basileia, 1554. *Dat* tem «til» no *t*.
5 Ibidem.
6 António Ferreira, *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia*, 4.ª ed., Lisboa 1705, pág. 22.
7 Cfr. *loco cit.* — Vid. o que deixei escrito na *Revista Lusitana*, XIX, pág. 216.
8 *Op. cit.*, pág. 7.
9 Vid. *Revista Lusitana*, XXIII, pág. 97.
10 *Ibidem*, pág. 10.
11 *Hist. nat.*, liv. XXIX, cap. V; pág. 527 da ed. de Basileia, 1554.
12 *Ibidem.*
13 *Ibidem.*

A ingestão da carne do cão raivoso é incluída por Andry nas suas *Recherches sur la rage* [1]. Menciona-a também Brás Luís de Abreu, no *Portugal médico*, além da «espuma», do «suor», e do «sangue». Diz êle: «Se a mordedura for de Cão damnado, ou de algum homem, ou outro qualquer animal raivoso,.... ainda que naõ se manifeste no mesmo tempo a malignidade, bem pode a qualidade venenosa latente matar dentro de hum anno, & ainda despois do septimo anno, segundo a natureza do veneno, & a disposiçaõ do corpo; porque o tal veneno engana muyto, & està muyto occulto, & entre os venenos que se daõ para obrarem em dillatado espaço de tempo se conta a carne de Cão raivoso, ou o sangue, ou a espuma ou o suor, pois tanta he a corrupção dos humores no damnado, que naõ somente comida a sua carne, mas ainda sò tocada a saliva, ou suor fas que o homem saõ venha a cahir no detestavel, e latimoso affecto da Hidrophobia, ou raiva. *Galen. 6 de locis cap. 5*» [2].

O mesmo autor recomenda ainda a carne do cão raivoso posta na ferida, — como aplicação equivalente à do pêlo [3].

Trata-se, em todos êstes casos, da mesma terapêutica homeopática.

A terapêutica dêste género encontra-se muito espalhada. Citarei êstes exemplos: «A picada do *lacrau* (bothus occitanus) cura-se collocando em cima, um *lacrau* esmagado» [4]. «Quando se mata um *vibrão*, guarda-se a cabeça, que se aplica depois às mordeduras (S. Martinho de Bougado)» [5]. Muitos outros exemplos se poderiam citar. Não falta, como é óbvio, nos tratados médicos. Assim, diz Curvo Semedo na *Polyanthea medicinal* [6]: «a mordedura do lacrao, cujas dores, & terriveis ancias chegaõ os doentes às portas da morte, se tiraõ [sic], pondo em riba da dita mordedura as partes pudendas de hum menino, ou o mesmo lacrao morto, & machucado, ou em falta delle, o seu oleo, como diz Boyle»; e mais adeante [7]: «O lacral, que vivo mata com a mordedura, morto, & feyto em cinza, he presentanea triaga para a pessoa mordida, dando-lho a beber com vinho».

---

1 Paris 1780, pág. 327, *apud* H. Gaidoz, *op. cit.*, pág. 9.
2 *Portugal médico*, ed. cit., I, pág. 754.
3 *Ibidem*, pág. 755.
4 Arronches Junqueiro, *Estudos setubalenses*, 1.ª parte, Setúbal 1906, pág. 50.
5 A. C. Pires de Lima, *Trad. Pop. de Santo Tirso*, 2.ª série, pág. 26.
6 Ed. cit., pág. 541.
7 Pág. 681.

Na *Pharmacopea tubalense* [1], lê-se: «A mordedura da Vibora he muy perigosa; o remedio mais presentaneo, que se lhe pode applicar, he contundir a cabeça da mesma Vibora, o mais breve que puder ser, e applicalla sobre a mesma ferida, e..... dando-se tambem ao mesmo tempo, ao enfermo algum sal das mesmas Viboras». Resume Brás Luís de Abreu, no *Portugal médico* [2]: ...«applicar à..... parte [mordida por algum animal venenoso] o antipharmaco, ou contraveneno especial do mesmo veneno; como v. g. se a mordedura for de escorpiaõ, deve applicar-se, ou fregar o lugar ferido com a carne do mesmo escorpiaõ: *Ex Galen. lib. de Theriac. ad Pisonem.* porque o mesmo veneno por certa propriedade, & semelhança attrahe para as partes externas ao veneno que está introduzido nas internas».

O mesmo Brás Luis de Abreu, também no *Portugal médico* [3], recomenda os dentes do cão reduzidos a cinzas contra as dores dos dentes; os bofes, o fígado e o baço da raposa contra os achaques respectivamente dos pulmões, fígado e baço.

Podia multiplicar as citações.

Tal processo terapêutico provém, indubitàvelmente, dos tempos primitivos.

Lembro-me de uma criança que, sabendo, ao sair da casa de uma senhora tísica, que esta estava para morrer por doença nos pulmões, observou: «Porque lhe não dão pulmões de galinha?» Aqui estava, espontâneamente, reproduzida na medicina da infância a infância da medicina; — o raciocínio da criança, que, para «curar pulmões», escolheu «pulmões» («de galinha» por esta ave ser quási inevitável nos tratamentos), estava dentro da homeopatia, ou, se quiserem, de um dos seus ramos, — o qual, trocado em actualidade, deu a opoterapia.

O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima transcreve, nas *Tradições populares de Santo Tirso* [4], uma receita, que topou num manuscrito de um frade beneditino [5], segundo a qual se dá um infuso de figueira do inferno ao mordido por cão raivoso, após o que «o doente he accomettido de um violento accesso de raiva, po-

---

1 Manuel Rodrigues Coelho, *Pharmacopea tubalense chimico-galenica*, Lisboa 1735, pág. 184.

2 I, pág. 753.

3 I, pág. 721 e 722.

4 III série, pág. 10-11.

5 *Livro da Razão sobre alguas particularidades pertencentes á Casa de Real, e de Covas, e vida do P.e Preg.or Fr. Joze Joaq.m de S.ta Roza, Monge de S. Bento, e Secularizado por decreto do S.r D. Pedro IV no anno de 1834.*

rem.... de pouca duração; e termina com hum abundante suor, ficando o doente inteiramente curado».

Não passa de ser, aparentemente em aspecto diverso, a mesma homeopatia. Cura-se a raiva, provocando uma—digamos assim: — «doença semelhante».

Na fórmula curativa, acima transcrita das *Tradições populares de Portugal,* aparece o pêlo do cão frito *em azeite.*

E curioso que o azeite aparece em vários remédios contra a raiva.

Já Cornélio Celso recomendava, para curar a doença, banhos de azeite quente [1].

Na província de Sevilha, em Montellano, para curar a raiva, come-se uma *tostada,* em que se substitui o açúcar, com que é de uso polvilhá-la, por «los polvos de los granos machacados» de «una yerba que produce una espiga larga, á modo de cordoncito, la cual, granada y seca, debe guardarse porque es remedio infalible para curar las mordeduras de un perro rabioso» [2]. Ora, a *tostada* é uma «rebanada de pan tostada al fuego y remojada con aceite ó untada con manteca», etc. [3].

António Ferreira regista o seguinte tratamento, na *Luz Verdadeira* [4]: «Fomente-se todo o corpo por vezes com esponja molhada em azeite morno, usando sempre da triaga, assim bebida, como aplicada ao coração».

O azeite da lâmpada de Santa Quitéria de Meca, em untura, é especial remédio para curar a ferida de cão danado [5].

Terei ocasião de referir ainda outros remédios em que entra «azeite».

Também é freqüente o veículo «vinho», como se tem visto já, e se há de continuar a ver, nêste artigo. O vinho pode ser usado interiormente, ou no lugar da ferida. Amato Lusitano manda escarificar a mordedura e lavá-la com *calido vino* [6]. Tanto Amato Lusitano como Zacuto Lusitano empregavam emplastros em que entrava o «vinho» [7].

---

1 Apud *Ligeira contrib. para o estudo da raiva em Portugal,* já cit., pág. 32.

2 *Biblioteca de las tradiciones populares españolas,* tômo I, Madrid 1884, pág. 300.

3 *Ibidem,* nota 84.

4 Ed. cit., pág. 182.

5 António Augusto Pereira de Matos, *Algumas palavras sôbre a raiva em Portugal,* Lisboa 1897, pág. 66.

6 Cf. Andrade, *op. cit.,* pág. 36.

7 *Ibidem,* pág. 37.

A par com o vinho, o vinagre. Em Âncora (concelho de Caminha), quando o cão morde, tratam de esfregar imediatamente a ferida com vinagre e sal.

No Algarve (Faro, Tavira), a mordedura do cão esfrega-se com alho e a pessoa mordida come pão com alho quarenta dias, após os quais se dirige a S. Romão (que é advogado dos cães marfados), dando três voltas à igreja, que se chama de S. Romão-de-Vilarinhos (Alportel).

Aqui aparece o «alho» como remédio da raiva, remédio de que também se ouve falar ainda no norte. «É tradição vulgar — conta o Snr. Dr. A. Pires de Lima nas *Tradições pop. de Santo Tirso* [1] — que os alhos realizam curas milagrosas».

Empregam-se muito, hoje ainda, contra os cães raivosos. Metem-nos em pedaços de carne que dão aos cães, de longe, em pás ou em qualquer objecto que ponha a seguro, pela distância, a integridade física do curador (Ponte-da-Barca).

Em tal tratamento, povo e médicos se deram as mãos. O folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessario ir a Pariz* apareceu, em 1890, precisamente para propaganda da terapêutica da raiva pelo alho, pois que — diz o folheto [2] — «após revelações extraordinarias da natureza e meditação sôbre ellas, chegou o Snr. Dr. Ferreira Moutinho á conclusão de que os effeitos da mordedura do cão damnado tem o seu antidoto natural no *allium sativum*».

Não deixa de ser curioso o registo do tratamento da raiva pelos alhos, preconizado no dito folheto. Transcrevo:

—«É muito simples o tratamento d'esta molestia, seguindo as instruções práticas do Sr. Dr. Ferreira Moutinho; póde dizer-se que se reduz a dar á pessoa mordida por animal raivoso um dente d'alho ás comidas, tres por dia, por espaço de trinta dias, ou seis gottas da tintura homœopathica do mesmo *allium sativum*, deitadas em assucar ou em uma colher d'agua, tres vezes tambem por dia, uma hora antes das refeições, tendo antes, em seguida á mordedura, ligado o membro ferido (quando seja possivel) com uma atadura qualquer, afim de obstar á absorpção do virus [3] e lavado com agua fresca e expremido

1 2.ª série, Pôrto 1917, pág. 26.
2 «Ao Leitor», pág. 3
3 Acrescenta em nota: — «A ligadura ou compressão deve ser feita da parte de cima do ferimento, isto é, entre a mordedura e o coração».

com muito cuidado as partes feridas para que sangrem bem, cobrindo-as depois com fios embebidos em azeite em que se tenham esmagado alguns dentes d'alho [1].

«É este o melhor cauterio, o mais prompto e efficaz. O Sr. dr. Moutinho não approva e antes rejeita a cauterisação com ferro em braza; porque, não sendo immediata, é inutil e até nociva, além de muito dolorosa porque, carbonisando os tecidos, difficulta e impede a sahida do sangue que arrasta comsigo o virus inoculado. É por esta razão que recommenda se lavem e expremam bem as feridas.

«O *allium sativum*, por effeito da sua acção especifica, deve dar-se durante o periodo de incubação e nos outros já descriptos, do mesmo modo e na mesma dose, sendo para notar que durante o terceiro, não o tendo a pessoa mordida usado antes, como acima fica recommendado, é muito provavel que a raiva continue a desenvolver-se, e n'este caso, logo que o hydrophobo manifeste os signaes precursores do primeiro accesso de furia ou da alienação mental rabica, convém que o embrulhem n'um cobertor e o amarrem e deitem, para que não possa morder nem ferir as pessoas que lhe assistem e lhe dêem, durante o accesso, cabeças de alho, para que sacie n'ellas o indomito furor, trincando-as e mastigando-as.

«Se isto fôr praticado, o doente começará pouco a pouco a socegar, cahirá por fim em somno e acordará, banhado em suor, no goso das suas faculdades intellectuaes, pedindo agua, a qual beberá immediatamente! Os accessos não se repetirão e em poucos dias se restabelecerá.

«Muitos casos de cura pela simples aplicação dos alhos, ministrados por este modo, durante o primeiro accesso, o provam sobejamente».—

Aí está, pelo meúdo, como a medicina de tempos recentes procedia.

O alho, porém, não se administrava só por via interna. Há receitas de vários emplastros, para colocar na mordedura. Amato Lusitano aconselha um, em que entram cabeças de alho, teriaga, etc. [2] Pedro Miguel de Herédia outro, com alhos, trigo, opopo-

---

[1] E em nota:—«Se a pessoa mordida não poder supportar o queimôr do oleo, applicará sobre as feridas pomada camphorada, cobrindo-as depois com fios de linho e assim continuará a cural-as até que sarem».

[2] Cfr. Carlos de Andrade, *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal*, Pôrto 1901, pág. 36-37, onde vem transcrita a receita.

nax, vinagre, etc. [1] Brás Luis de Abreu, no seu *Portugal médico*, diz ter curado, em Aveiro, três casos de raiva, sarjando as feridas e colocando-lhes «ventosas com bastante fogo, & ao despois mandando lavar a parte com agoa ardente em que se tinhaõ lançado huns poucos de alhos pizados» [2];

Outros médicos, então, receitavam o alho por fora e por dentro,— como Gabriel Grysley, físico de D. João IV [3].

Como os médicos, fazia o povo, — que povo e médicos, desde a infância da terapêutica, se têm mutuado as medicações...

O folheto, que citei acima, nota acêrca do tratamento pelo alho:

«E veem em confirmação da efficacia d'este tratamento os milhares de casos de curas obtidas nas provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira como logo se verá com receitas particulares, em cuja composição entram os olhos [aliás *alhos*], as quaes devem a sua virtude prophylatica e curativa unicamente aos alhos, que são o antidoto natural do virus rabico, como está provado» [4].

Vê-se, portanto, que tal prática era popular, devendo-se ter estendido ao país todo. Não era ela, porém, privativa da nossa terra — escusado era dizê-lo —; usavam-na lá fora médicos e leigos.

O mesmo folheto narra os bons resultados colhidos com a terapêutica aliácea [5] na Inglaterra, Espanha, França [6], — havendo essa terapêutica sido descoberta *por acaso*. Os primeiros artigos que em Portugal apareceram sôbre essa medicação foram do Dr. Vitorino Pereira Dias no *Commercio do Porto* [7], segundo o folheto referido (cujo autor pelo visto desconhecia os nossos vélhos físicos), o qual refere ainda que o Snr. Dr. José Maria da Cunha Seixas informou, por êsse tempo (1882), serem no Oriente usados os alhos como remédio vulgar contra a raiva. Êste facto leva o autor do folheto a declarar: [8]

«A noticia dada pelo Snr. Dr. José Maria da Cunha Seixas leva-nos a suppôr que o emprêgo dos alhos, em padecimentos hydrophobicos, na provincia do Minho, é secular, e que tal des-

1 Cfr. obra cit., pág. 38.
2 I, pág. 720.
3 Cfr. Andrade, *op. cit.*, pág 38.
4 Pág. 11.
5 Pág. 14.
6 Caso narrado por Boulay. Raspail também recomenda o alho.
7 N.os 62, 101, 102, do ano de 1882.
8 Pág. 15-16.

coberta nos viria do Oriente nos tempos primitivos das nossas relações com aquelles povos. A não ser assim, cabe então a gloria do descobrimento a Portugal, ou este descobrimento fôsse feito por medicos portuguezes, ou casualmente pela gente dos campos. O que não offerece duvida é que o uso dos alhos, na cura da raiva, é conhecido em diversos logares das nossas provincias».

A terapêutica da raiva pelos alhos, pelo que se vê, vem de tempos imprecisáveis, provàvelmente oriunda do Oriente, e a medicina não fêz mais do que recolhê-la de entre o povo. O alho tem qualidades vermífugas, como é sabido,—e em tempos em que a matéria-médica não ia longe, nem o conhecimento da etiologia e patogenia das doenças,—natural era que a Medicina recorresse ao uso do alho para a extinção de agentes mórbidos, tidos como organizados ou não—numa extensão curativa fácil de perceber. Emprega-se hoje muito o alho para curar, e para evitar, mordedelas de *bichos* (mosquitos, centopeias, aranhas, etc.); internamente, ou só cheirando-o, contra as lombrigas («bichas»).

«No Brazil—conta o dito folheto [1]—, as pessoas que trabalham nas roças costumam esfregar as mãos, os braços e as pernas com alhos pisados—por evitarem a mordedura das cobras, que fogem sentindo o cheiro alliáceo». É mais uma prova do velhíssimo e tradicional papel atribuído ao alho,—que é também, como se sabe, um magnífico amuleto [2].

Já Quinto Sereno Sammonico, a respeito das crianças, dizia [3]:

Præterea si forte premit strix atra puellos,
Virosa immulgens exertis hubera labris,
Allia præcepit Titini sententia necti.

São numerosíssimas as «receitas de família», algumas secretas, de que há notícia. Em muitas, senão na maior parte delas, entra o alho.

Entre tais receitas, deve-se colocar em primeiro lugar a «de Santo Tirso», que tam discutida foi! O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso* [4], refere-se largamente a êsse remédio, contando várias peripécias que originou. A fórmula, segundo Alberto Pimentel, [5] seria a de

1 Pág. 5.
2 Vid. Leite de Vasconcelos, *Religiões de Lusitania*, I, 118; *Folclóre da Figueira da Foz*, II, 85; etc.
3 Vid. Ovídio e Castilho, *Os Fastos*, tômo III, parte I, pág. 345.
4 2.ª série, pág. 23 e segs.
5 Vid. A. C. Pires de Lima, loc. cit., pág. 24-25.

Fr. Luís de Barros, último boticário dos Mosteiros dos Benîditinos; nela entra *silvão branco*, *rama de salva*, *rama de arruda*, *margaça*, *sal*, *alhos*, *escorcioneira*, *raiz de terraxaco*, *vinho branco* ou *tinto*; toma-se durante nove manhãs. O folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessário ir a Pariz* refere-se também ao remédio de Santo Tirso, nos termos seguintes:

— «Em Santo Thyrso ha uma antiga familia que possue uma receita, que tem ficado de paes a filhos, na qual todas as pessoas d'aquelles arrabaldes, mordidas, teem encontrado completo salvaterio...» [1].

E ajunta em nota:

«Os curiosos que desejarem ter conhecimento da historia e composição da receita que desde 1796 ali tem curado milhares de pessoas, podem lêl-a em o n.º 2:444 do *Economista* de 26 de Outubro de 1889. As partes componentes d'este remedio são: arruda, salsa, margaridas brancas, raiz de escorcioneira, dita de roseira brava, alhos e sal».

¿É esta a fórmula? é aquela? é outra? Tanto dá. Nela entram sem dúvida, com pequenas variantes, as substâncias que outrora se aconselhavam como infalíveis [2].

Em segundo lugar, registarei o «remédio da Cardanha», aproveitando as palavras de Carlos A. Salgado de Andrade [3]:

«Designarei assim [Remédio da Cardanha], servindo-me do nome da povoação, o remedio que ali se faz e de grande voga naqueles sitios contra as mordeduras de cães damnados. Pertence a Cardanha, pequena aldeia transmontana, ao concelho da Villa de Moncorvo da qual dista 2 leguas, e ao distrito de Bragança. Tentando investigar a origem do remedio, pude saber que ha uns 150 annos o possuia o P.e Canellas, Reitor da Adeganha, povoação a meia legua da Cardanha, e que lhe fôra dado por um frade. Este Reitor ensinou-o depois ao P.e José Rodrigues, vigario da Cardanha e a uma tal Anna Claudina que o foram divulgando e passando a differentes individuos mais ou menos aparentados. Por esta forma foi transportado para differentes logares que hoje se orgulham do seu remedio e que pretendem a primazia. Desde muitos annos, acudiam á

[1] Pág. 16.
[2] Sôbre a composição da receita, vid. A. C. Pires de Lima, obra cit., pág. 25.
[3] Obra cit., pág. 95-97.

Cardanha mordidos de todo o norte do paiz e principalmente de Traz-os-Montes e Beira, bem como da Galiza..... Em 1868, estando alli um italiano, comprador de *folhelho*, não teve duvidas em dar 8 libras pelo segredo que provavelmente transportou para a patria do Dante.....

«A sua formula consiste no seguinte:

Raiz de silva brava	Uma pollegada
Alhos	Uma cabeça
Salsa	Uma mão cheia
Absintho	» » »
Arruda	» » »
Margaça	Duas mãos cheias
Escorcioneira.	Uma mão cheia
Vinho branco.	Um quarteirão

«Com todas estas substancias trituradas fazem-se 9 bolos eguaes. Lança-se cada um d'estes num quarteirão de vinho branco, para o homem, e de leite, para o cão. Filtra-se atravez d'um panno e toma-se, depois de filtrado, todos os dias esta porção. Applica-se este tratamento durante 9 dias; cada bolo para seu dia. O doente deve passear ou correr depois da ingestão do remedio e deve preservar-se de comidas salgadas e de *dormir com mulheres* (sic)». –

Como se vê, a fórmula é idêntica à que acima foi exposta, nela aparecendo também o número *nove* (três×três), que tanto figura, como o seu submúltiplo *três*, nas superstições populares.

Mais algumas receitas:

— «Ha quatro annos, falleceu um barbeiro do tempo do Protomedicato, residente em Gonca, suburbios de Guimarães, que tinha carta de sangrador. Este barbeiro curou, durante muitos annos, dezenas de pessoas feridas por animaes raivosos, deitando-lhes um caustico na nuca, e mandando-lhes mastigar e engolir alhos ás comidas» [1].

— «Na Povoa de Lanhoso,..... não deixam os alhos de ser empregados como remedio efficaz contra as mordeduras hydrophobicas. Temos presente a formula do sr. dr. Celestino Ramalho, com que tem curado differentes pessoas e muitos animaes mordidos, a qual deve a sua virtude anti-rabica aos alhos que n'ella entram»... [2].

---

1 *Cura da mordedura do cão damnado sem ser preciso ir a Paris*, pág. 16.

2 Pág. 16-17—Na fórmula entra: raiz de arruda, alecrim, salsa, trevo marcado, alhos e vinho branco.

—«Ha tambem n'esta villa [Póvoa-de-Lanhoso] uma antiga familia, possuidora de um remedio que..... é de um effeito prodigioso. Consta de tres gemmas d'ovos e azeite, e é dado em jejum, tres manhãs consecutivas, ás pessoas mordidas»... [1]. O Sr. Dr. A. C. Pires de Lima, nas *Trad. pop. de S.to Tirso*, III série, pág. 11, transcreve do já citado manuscrito, que pertenceu a um frade beneditino, uma receita em que entram 3 gêmas de ovo e azeite, e na pág. 12 (nota), outra, copiada do folheto *Cautela com os medicos*..... do P.e José de Sousa Amado (Lisboa 1858), na qual também entram 3 gêmas de ovo e onça e meia de azeite. São, aproximadamente, a mesma coisa.

Na *Gazeta médica do Porto* (1843), o cirurgião António Coelho de Magalhães Queirós, além da cauterização das *lissas* e das mordeduras, preconizava nos três dias a seguir «o tão decantado —diz Carlos A. Salgado de Andrade [2]— preservativo das 3 gemas d'ovo encorporadas em azeite».

O folheto *Cura da mordedura*, etc., notícia ainda muitos remédios secretos—em que entra «alho», no entanto—, na posse de famílias de várias localidades [3]. Registarei só mais êste, por a propósito dêle se falar de dois notáveis escritores portugueses:

—«Junto a Vizeu, n'um logar chamado Ribeiradio, existe uma familia que, desde muitos annos, quando alguem d'aquellas paragens e povoações limitrophes é mordido por animaes raivosos, dá um remedio preparado por ella, que nunca deixou de corresponder ás esperanças n'elle depositadas. É tão notoria a sua efficacia, que *As Republicas*, jornal litterario, em tempos redigido pelos srs. conselheiro Thomaz Ribeiro e Camilo Castello Branco, d'ella trata. O snr. Thomaz Ribeiro chegou a manifestar, no referido jornal, o humanitario desejo de vêr a camara comprar o segredo e o revelar, a bem do paiz. Não nos consta que os anhelos do illustre auctor do *D. Jayme* fossem satisfeitos. Cousas portuguezas!...»— [4]

Como provado fica, o «alho», interior e exteriormente, esteve em grande voga, sôbre muitas outras substâncias vegetais,—tanto em Portugal como lá fora. Já disse o que me parecia quanto à razão e origem dêste tratamento.

---

1 Pág. 17.—O folheto manda ver, a propósito, *Diario Illustrado*, n.º 5.583, de 23 de Outubro de 1888, e *Seculo*, n.º 2.754, de 10 de Outubro de 1889.
2 Pág. 42.
3 Vid. de pág. 17 a 20.
4 Págs. 18-19.

Menetrier, na obra que já citei [1], diz o seguinte:

... «depuis les temps les plus anciens, on a cru trouver dans la bouche des accidents spéciaux indiquant l'imminence de la rage. Pline, reproduisant une opinion courante, rapporte que les chiens ont sous la langue un petit ver, appelé par les Grecs λύσσα (rage), et qu'il suffit de le leur enlever pour qu'ils ne prennent pas la rage: cette fable, reproduite d'âge en âge, fut définitivement réfutée par Morgagni; mais elle reparut sous une autre forme quand, en 1820, Marochetti, puis Xanthos de Siphinus, recueillant des traditions populaires en Russie et en Grèce, avancèrent qu'on trouvait sous la langue des mordus, des vésicules ou vésico-pustules, les lysses, qui étaient un signe certain de rage», etc.

Sôbre o mesmo assunto diz Trousseau:

... «C'était même une tradition en Russie et en Grèce, que si l'on faisait à temps l'ouverture puis la cautérisation de ces vésicules ou pustules, on n'avait plus à redouter les manifestations de la rage. Le docteur Marochetti aurait expérimenté souvent ce mode de traitement et avec un entier succès; il est vrai qu'il conseille en même temps l'usage d'une tisane composée avec le *Genista tinctoria* de Linné, qui depuis longtemps était employé dans l'Ukraine contre la rage» [2].

À tradição não escapou o nosso país, pois que se fala até de um processo de curar a raiva, introduzindo uns ferros quentes na bôca. Não posso precisar locais onde a tradição corra ainda. Natural é, porém, que ela fôsse muito espalhada, pois que a medicina scientifica nacional também a estimulou. Isso se deduz, por exemplo, do folheto *Cura da mordedura do cão damnado sem ser necessario ir a Pariz* [3].

Diz êsse folheto:

—«Lisses.

«Tem-se observado, tanto no homem como nos animaes, que do 3.º ao 9.º dia, depois da inoculação do virus rabico, se desenvolvem umas vesiculas, ao lado do freio da lingua, do tamanho de uma ervilha, redondas, raras vezes alongadas, de uma côr branco-escura, umas vezes crystallinas, outras opacas, contendo um humor viscoso.

---

1 Pág. 309.

2 *Clinique médicale*, tômo II, Paris 1868, pág. 430.

3 Pág. 8-9.

«Dá-se a estas vesiculas o nome de *lisses*, as quaes costumam desaparecer em 24 horas.

«Julgou-se em principio que eram ellas o signal positivo da infecção rabica; mais tarde, porém, veio-se no conhecimento de que a hydrophobia se desenvolve sem apparecerem as *lisses*; portanto não são ellas o reservatorio do virus, que d'ali se transmitte ao bolbo rachideano, e que não é a cauterisação, pratica mui recommendada, o meio efficaz de evitar ou prevenir a evolução natural do virus rabico.» —

Houve ainda outro remédio, que prova a atribuição da raiva a *lisses*, chamado «pós *anti-lyssos*», compostos de *Hepatica terrestre* e *Pimenta negra*, como se vê na *Pharmacopea portuense*, do século XVIII [1]. Por ser interessante, recorto o que esta *Pharmacopea* diz dos «Pos antilyssos, ou contra a mordedura de Caõ danado»:

—«Estes pós foraõ inventados pelo Dr. Mead, celebre Medico de Londres; o qual certifica a sua efficacia, com muitas observaçoens, e diz que este remedio nunca faltou a pessoa alguma; mas adverte, que se deve aplicar em tempo conveniente, isto he, antes que se manifestem os simptomas da Hydrophobia, o que succede ordinariamente sete, ou oito dias depois da mordedura: o modo de admenistralos he o seguinte. Dar-se-ha huma dose destes pós ao mordido pela manhãa em jejum, em huma libra de leite quente, o que se continuará por quatro manhãas; depois de acabar detomar estas quatro doses, banhar-se-há o mordido, todas as manhãas em jejum, por tempo de quatro mezes, em hum banho de agua fria, o qual se poderá tomar em huma fonte, ou em hum rio: meter-se-há todo debaixo da agua, e depois tirará só a cabeça para fòra, e deixará estar assim o corpo debaixo da agua por espaço de hum minuto somente, se a agua estiver muito fria: passados quatro mezes, bastará que o mordido se banhe tres vezes na semana, mediante este methodo pode o doente estar certo de que fica libre do perigo» — [2].

— ¿De onde proveio esta localização de agentes da raiva em tal lugar? Recordando-se o facto de se atribuir à saliva, desde os tempos mais antigos, a veïculação da raiva, tudo fica

---

1 *Pharmacopea portuense*, de Antonio Rodrigues Portugal, Cyrurgiaõ da Cidade do Porto, e della natural, Pôrto 1746, pág. 148.

2 Págs. 148-150.

devidamente esclarecido. Até scientíficamente, querendo-se. Veja-se mais êste passo de Trousseau [1]:

«Si donc, dans les maladies virulentes en général, le virus a un siége d'élection, il semblera moins étrange de voir le virus rabique se localiser sur l'extrémité libre des conduits excréteurs des glandes salivaires, surtout si l'on songe que le virus rabique a la salive pour véhicule. On peut encore faire observer que s'il est vrai que les lysses se limitent aux conduits excréteurs des glandes sublinguales et sous-maxillaires, cette localisation spéciale n'est point en désaccord avec les expériences de M. Claude Bernard, qui démontrent que les glandes salivaires ont chacune leur spécialité de sécrétion. Enfin, de même qu'elles sont chargées d'éliminer certaines substances, telles que l'iode et les iodures de potassium et de fer, de même elles pourraient éliminer un poison organique, une matière virulente qui, à un moment déterminé et en vertu de circonstances spéciales, s'accumulerait, s'emmagasinerait dans les extrémités des conduits excréteurs de ces glandes, ou dans les follicules salivaires du voisinage. Vous comprenez — esclarece Trousseau, concluindo — qu'ici je n'essaye pas de démontrer l'existence des lysses, je veux seulement faire voir que le fait n'aurait rien de contraire à la pathologie ni à la physiologie» [2].

Embora assim se dêem visos scientíficos à explicação — o que testemunha a propaganda da referida patologia entre a classe médica,—não é na sciência moderna que devemos ir procurar essa explicação.

Os raivosos espumavam pela bôca; além disso era pela mordedura que a propagação da doença se tornava bem visível, — daí o atribuirem, naturalmente, a veïculação da raiva à saliva e o irem procurar o seu vírus à bôca.

Há, na *Hist. nat.* de Plínio, um passo em que é recomendado o seguinte tratamento: «Est limus saliuæ sub lingua rabiosi canis, qui datus in potu, fieri hydrophouos non patitur» [3]. Êste tratamento simpático comprova a crença de que o agente morbífico se originava na bôca.

Para Plínio, êsse agente era um *verme*: «Est uermiculus in lingua canum qui vocatur à Græcis lytta, quo exempto infantibus catulis, nec rabidi fiunt, nec fastidium sentiũt» [4], e daí a pro-

---

1 Trousseau, *loco cit.*, II, pág. 431.
2 Pág. 431.
3 *Loco cit.*
4 *Ibidem.*

filaxia, como acima simpática: «Idem ter igni circumlatus, datur morsis à rabioso, ne rabidi fiant» [1]. Para outros, o verme estava, não na bôca, mas na cauda do animal [2].

A atribuição de doenças a *bichos* é, como já tive ocasião de notar ao de leve, uma crença generalizada.

H. Gaidoz, a tal propósito, especifica a «croyance universelle» que atribui as dôres de dentes à «presence de vers dans la bouche» [3].

O Sr. D.or J. Leite de Vasconcelos, no *Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas* [4], refere-se a essa superstição, especificando-a também no tocante aos dentes.

Entre as causas da raiva, referi a ingestão de azeitonas verdes, por estas conterem um *bichinho* [5].

Seja, porém, qual fôr a natureza da causa morbígena, — o melhor remédio não podia deixar de ser extinguí-la directamente, no próprio lugar onde existisse.

Entre os vários meios de extinção directa dessa causa, aparece-nos o «fogo»: *o que arde cura* levado ao mais violento e eficaz ponto — o do autêntico fogo purificador. Expõe Trousseau ainda [6]:

... «imitant en cela la tradition de la Thessalie et de l'Ukraine, se hâtait-il [o russo Marochetti] d'ouvrir les vésicules éruptives pour donner issue au dépôt virulent, puis il cautérisait avec le fer rouge la cavité des vésicules. Cet auteur affirme que cette pratique a toujours été suivie de succès dans les nombreux cas qu'il a observés en Ukraine».

Vê-se, portanto, a filiação do costume português, a que aludi acima, de se fazerem cauterizações na bôca.

A cauterização — como é supérfluo insistir — usou-se muito (e com fundamento scientífico) nas feridas causadas por animal raivoso. Todos os livros médicos a isso se referem.

«Les anciens — diz um dicionário médico de 1821 [7] — avaient conçu la plus haute idée des vertus du feu, employé dans le traitement des maladies. Une sentence, devenue célèbre, du père de la médecine, atteste qu'il considérait cet agent comme

---

1 *Loco cit.*
2 Cf. H. Gaidoz, *op cit.*, pág. 6-7.
3 *Op. cit.*, pág. 6.
4 Pôrto 1882, pág. 65 e segs.
5 Vid. *Rev. lus.* XXIII, 97, nota 6.
6 *Loco cit.*, pág. 431-432.
7 *Dictionaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1821, tômo III, s. v. «calorique»; pág. 230.

le moyen thérapeutique le plus puissant dont l' art de guérir puisse faire usage. Aussi l'employait-il souvent, soit afin de désorganiser les parties malades, que les médicaments n'avaient pu ramener à leur état naturel, soit pour ouvrir au pus contenu dans les abcès froids et dans les abcès par congestion, ou même à la sérosité accumulée dans la cavité des plèvres, une issue facile; soit enfin dans l'intention d'exercer sympathiquement, ou d'une manière médiate, et par continuité de tissu, une action stimulante ou révulsive sur les organes malades que recouvrait la peau qu'il cautérisait..... Les successeurs d'Hippocrate, et ensuite Celse et Galien, plus tard les Grecs modernes, et parmi eux Archigènes, Aetius, Arétée, Paul d'Egine, etc. Cœlius Aurelianus, qui copièrent et qui souvent défigurèrent leurs écrits, enfin les Arabes, tels que Albucasis, Rhazès, Ali-Abbas, firent de la cauterisation l'emploi le plus étendu et le plus varié».

O emprêgo de «cáusticos» — e no geral os tópicos empregados contra a raiva, neste meu artigo referidos, obram pelas suas virtudes cáusticas — é também uma variedade do emprêgo do calórico. Deve recordar-se que o calórico vai, no seu uso, desde a simples rubefacção até à cauterização franca, por intermédio de corpos incandescentes.

Do tratamento pelo calor, a distância, por irradiação, é depoimento deveras curioso a seguinte prática dos selvagens do Brasil, contada por Couto Magalhães [1]:

«Empregam também [os selvagens do Brasil] o fogo como agente therapeutico nos casos de serem mordidos por animais peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos, chegam o membro ferido junto ao fogo, emquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles».

Tratamento semelhante fazemos nós, hoje, para as queimaduras, — o que não passa de uma aplicação homeopática: curar a queimadura com nova «queimadura», embora esta a distância, por irradiação calorífica.

(Continúa). CLÁUDIO BASTO.

---

1 *Trabalho preparatorio para aproveitamento do selvagem e do solo por elle occupado no Brazil*, Rio-de-Janeiro 1876 — duas partes num só volume mas com numeração de páginas especial. — A transcrição acima é da II parte, pág. 18.

Glossário do "Cancioneiro da Ajuda,,[1]

I

Advertência

Passaram dezoito anos desde que publiquei o *Cancioneiro da Ajuda,* prometendo (como parte principal do volume III), o *Glossário* completo, já então pronto em primeira redacção.

A razão porque o guardei inédito durante tanto tempo, está sobretudo na indiferença com que a obra foi acolhida.

A obra? não! Mais exacto será dizer a frieza do público a respeito dos textos que constituem o volume I: as arcaicas *Cantigas de amor,* de forma estrangeirada, fundamentalmente palacianas, de aprumo aristocrático, regrado por um protocolo de *mesura* e *placidez* convencional; *clássicas*, até certo ponto, pela selecção escrupulosa de termos e de locuções dignas de reis e ricos homens, embora de longe em longe mesmo as trovas *provençalescas* sejam influenciadas quanto à forma pela arte popular galego-portuguesa, com as suas repetições musicaes e estrofes curtas (de apenas dois ou tres versos, e o remate do repetido refram), mas também quanto à essência poética.

As *Investigações Bibliográficas*, *Biográficas e Histórico-Literárias*, que perfazem o volume II, essas agradaram e frutificaram. Sobretudo a parte relativa ao estilo popular das *Cantigas de amigo*, de saboroso nacionalismo, que, juntas, merecem o titulo de *Livro das Donas* ou *Livro feminil:* bailadas, serranilhas, barcarolas, alvoradas, cantigas de romaria, diálogos entre a filha namorada e a mãe, ou entre irmãs e amigas, com ingénuas apóstrofes às flores do verde pino, às avelaneiras floridas, às aves que cantam de madrugada, às cervas do monte, às ondas do mar de Vigo, às barcas do rio forte, a Santiago, o padroeiro das Espanhas, e a Santa Maria, de diversas invocações regionaes.

Mais de um poeta insigne de agora se inspirou nesses

---

[1] [**Êste artigo devia preceder o importantíssimo *Glossário* que apareceu à luz no volume XXIII da *Revista Lusitana*, pp. 1-95; como porém então não foi possível publicá-lo, e agora o pode ser, com êle se enriquece o presente volume. — J. L. de V.**]

Cossantes (nome singelo, presumivelmente geral na península, embora esteja documentado apenas entre os nossos vizinhos). Mesmo a mocidade dos Liceus já não ignora que antes de 1200 o segundo rei de Portugal escrevia, na Guarda, para D. Maria Pais, a Ribeirinha, uma balada, magrinha na verdade, mas cujo tema é a *saüdade*, e cuja forma paralelística, de ritmo gracioso, evidentemente não viera de fora-parte, tendo brotado, pelo contrário, desta fertil praia ocidental. E sabe também que a mesma dama foi celebrada por mais um trovador, parente dela: Paay Soares Taveiroos.

Fossem os textos da minha edição, em vez de fragmentos do monótono Cancioneiro de Ajuda, o *Livro das donas* com *Cantigas de amigo* e o caso seria outro. Encontrava eco nas almas; seria manuseado por muitos; levava mais de um curioso a dirigir-me preguntas e pedidos, impulsionando-me a publicar os Comentários prometidos.

Do enorme valor linguístico e literário que tem exactamente os versos áulicos conservados no códice membranáceo da Ajuda, por ser o único *coevo* que nos resta da colecciona̧ção realizada entre 1270 e 1350, incompleto por desgraça desde a primitiva (sem as músicas por ex.), e posteriormente mutilado com bárbara inconsciência, dele sabe apenas uma pequena minoria. E só essa sabe da dificuldade e da importância de fixarmos criticamente as pronúncias arcaicas pelas grafias, como base de todas as restítuições. Mas essa, sempre ocupada com valiosos trabalhos propriamente seus, não dispunha de vagar para análises esmiuçadas de uma obra alheia. Devo todavia gratidão ao Dr. J. Leite de Vasconcelos e ao Sr. J. J. Nunes, não sómente pelo uso que fizeram dos meus resultados, mas também pela insistência com que recomendaram a publicação, tardia embora, do *Glossário* e das notas relativas aos textos.

Cônscia, logo em 1904, das numerosas imperfeições que naturalmente havia na minha reconstituição, e desejando ardentemente melhorá-la, esperei todavia pelo *veredictum* de alguns investigadores estrangeiros que, tendo documentado em obras notáveis a sua intimidade com o período trovadoresco da lírica peninsular, também me haviam demonstrado em cartas sucessivas o seu interêsse pelo meu lavor individual.

E não esperei de balde.

Dois estudos, estrictamente filológicos, vieram da América. Um muito benévolo, cheio de observações críticas, era obra do malogrado professor de São Paulo (do Brasil), Oskar Nobiling,

publicador consciencioso das *Cantigas de João de Guilhade*, e autor de numerosos estudos, o melhor dos quais sôbre Alfonso o Sábio, como poeta, ficou infelizmente por acabar, quando faleceu em 1912.

Outro estudo, severo, veio de New-Haven, onde o arguto editor do *Cancioneiro de D. Denis*, Henry R. Lang, continua a reger com admirável proficiência a sua cadeira de Romanística.

No meio tempo o ilustre catedrático aposentou-se.

Êste ficou descontente com várias hesitações que há na minha transcrição (por ex. quanto à melhor representação de *nono beno*, que grafei ora *non o*, ora *no'-no*, ora *non n'o*, e não, como devia, *nõ-no, bẽ-no*). Censurou o facto de, na *Secção das Nótulas* que acompanham os textos, sobrescritada *Variantes*, eu não registar todas as deturpações dos copistas italianos de 1500 (do quilate de *enuca*, por *e nunca* do CA, *escoutra* por *escontra)*, reproduzindo apenas aquelas de que se deduzia realmente uma *Lição divergente!* Estranhou também que eu tivesse chamado *baralhada* a tão meritória edição antiga das *Trovas* (por causa da ordem voluntariosa que Varnhagem dera aos textos da Ajuda). Louvável achou, incondicionalmente, a minha maneira de comentar, pontuando bem, e com a necessária abundância, as construções gramaticais tantas vezes arrevesadas das artificiosas *Cantigas de atafinda;* condicionalmente, as traduções.

De ambos os amigos aprendi. Ambos ajudaram-me com as suas propostas a emendar os textos tanto das 310 Cantigas, fragmentadas em parte, do velho pergaminho, como das 157 que colhi nos apógrafos italianos de 1500, afim de com elas preencher as lacunas reconhecíveis.

Na segunda edição, que saírá só depois de o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* me ter sido acessível em Lisboa, ver-se-há quanto lucrei com a colaboração de Nobiling e Lang, e dos Drs. Leite de Vasconcelos, e J. J. Nunes, e com o meu trabalho individual.

Como a aquisição do códice ainda não se realizasse, quási perco a esperança de o ver.

Para que os que possuem a primeira edição (esgotada) possam aproveitar desde já as principais correcções vocabulares, introduzi-as neste *Glossário*, nos respectivos artigos.

Êle é completo; ou pelo menos, pretende sê-lo.

Não registei apenas vocábulos antiquados. Pelo contrário, incluí todas as palavras e todas as locuções empregadas pelos cincoenta e cinco autores das 467 composições. Tanto as que no tempo da primeira dinastia já eram o que são hoje, com re-

lação à forma, ao sentido e à função, como as que evolucionaram fonéticamente, analógicamente, ou quanto ao uso e significado; e do mesmo modo as palavras que se perderam.

O resultado da catalogação merece a atenção dos linguistas.

Dez mil trezentos e noventa versos (e mais um: 10391), cada de sete palavras pelo menos, ou por outra *setenta a oitenta mil palavras* — de todas as classes naturalmente — deram matéria para apenas 1410 artigos. Se abatermos os marcados de asteriscos (isto é os deturpados, inaceitáveis), os que dizem respeito a pronomes e partículas, as meras variantes de nomes, e ainda as formações verbais que introduzi na lista alfabética, por não serem imediatamente transparentes na sua etimologia, teremos mil a mil e duzentos artigos relativos a verdadeiros termos.

Pobreza espantosa! Repetições infinitas! resultantes evidentemente do convencionalismo cortesão e da escolha obrigatória de dicções finas, modestas, comedidas!

Para descrever a beleza da *senhor* homageada o trovador serve-se invariávelmente do qualificativo *fermosa*. Um único atreve-se a retratá-la como *branca e colorada*, lembrado talvez do *Cantico dos Canticos*. Outro, único também, há que exclame:

com' antr' as pedras bon rubi
sodes antre quantas eu vi!

Escasso como é o pecúlio de que tive por isso de tratar, o meu *Glossário* fica sendo o núcleo basilar do vocabulário geral trovadoresco (tão diverso do que figura nos Apócrifos). Completado no futuro, não só com mais alguns termos de carácter áulico que haverá nas restantes *Cantigas de amor*, e sobretudo de um lado com os muito mais poéticos do *Livro das donas*, como eflúvios do sentimento da Natureza, e do outro lado os realísticos, rudes e escabrosos, usados nas *Cantigas de escárneo e maldizer*, o *Glossário* sairá, salvo êrro, assaz rico e variado e interessante para os Romanistas.

Indico sempre passos documentais. Seis pelo menos, com respeito a nomes repetidos, e muitos mais nos artigos sôbre verbos fortes.

Onde me pareceu conveniente, adicionei referências a exemplos colhidos quer nos outros Cancioneiros profanos, quer nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, ou na prosa do *Santo Graal*.

Na lista dos títulos está o *Cancioneiro do Vaticano, restaurado por T. Braga*. Devo avisar o leitor que se servir dessa

obra, de que nem sempre encontrará nela as formas inventariadas por mim, visto que a par de excelentes reconstruções ela encerra bastantes inexactidões.

Quanto às minhas explicações etimológicas espero que colherão aplausos.

Entre a multidão dos algarismos, indicadores dos versos, em que cada termo aparece, ha-de haver forçosamente bastantes errados, conquanto eu verificasse todos com paciência benedictina.

Que o leitor amigo inscreva num postal os que descobrir e mo envie, quando estiver todo coberto, certo que muito me penhorará com a sua colaboração.

II

Lista das abreviaturas e titulos de obras citadas no Glossário

CA — *Cancioneiro da Ajuda.* Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. — Halle a. S. 1904. — Volume I (citam-se os versos). — Volume II (citam-se as páginas).

CB — *Il Canzoniere portoghese Colocci-Brancuti,* pubblicato nelle parti che completano il codice vaticano 4803 da Enrico Molteni. — Halle a. S. 1880.

CD — *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal,* herausgegeben von Henry R. Lang. — Halle a. S. 1894 (citam-se os versos).

CM — *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio.* Las publica la Real Academia Española. Madrid, 1889 (citam-se as cantigas e as estrofes).

CV — *Il Canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana,* messo a stampa da Ernesto Monaci. — Halle a. S. 1875.

CGP — *Cancioneiro Gallego-Castelhano,* collected and edited by Henry R. Lang — New-York 1902.

Braga T. — *Cancioneiro portuguez da Vaticana.* Edicão crítica restituida. — Lisboa 1878.

Guilhade — *As Cantigas de D. João Garcia de Guilhade,* Trovador do Século XIII. Edição crítica com notas e Introdução. Tese para o Doutorado da Universidade de Bonn, apresentada por Oskar Nobiling. — Erlangen 1907.

Graal — *A Historia dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graall,* Handschrift n.º 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien. Zum ersten Male veröffentlicht von Karl von Reinhardstoettner—Berlin 1887 (citam-se as páginas da impressão, e na parte inedita as folhas do manuscrito).

Lang — *Zum Cancioneiro da Ajuda.* — Crítica à edição de C. M. de V., publicada na *Zeitschrift für Romanische Philologie,* Volume XXXII, de 1908 (pág. 129-160; 290-311; 385-399).

Nobiling — *Zu Text und Interpretation des Cancioneiro da Ajuda.* Em *Romanische Forschungen,* Volume XXIII. — Erlangen, 1906.

Randglossen — *Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch,* em *Zeitschrift,* do Volume XX ao Volume XXX. — 1896-1906.

Rev. Lus. — *Revista Lusitana.* Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, publicado por J. Leite de Vasconcellos, 1887-1920 (23 Volumes).

Pôrto, Fevereiro de 1920.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Habitos e costumes dos portugueses, segundo os estrangeiros

É consideravel o numero de observações relativas á psicologia e habitos do povo português que existem disseminados nas obras de viajantes e escritores estrangeiros, elementos de estudo que ainda não foram submetidos á revisão e comparação de uns com outros para se alcançar um certo grau de objectividade.

As que caem no dominio da psicologia só pódem ser verificadas pelo emprego de instrumentos que estão livres de contaminações de ideias preconcebidas.

Quanto ás observações dos habitos e costumes do povo português, como não podem ser rectificados por instrumentos, somos obrigados a investigar as ideias e prevenções que poderiam perturbar o espírito do observador no acto de fixá-las.

A quasi totalidade dos observadores, de quem são colhidos os elementos adiante publicados, pertencem a duas nacionalidades: Inglaterra e França.

A mentalidade, o temperamento e os costumes d'esses dois povos são muito diversos dos do povo português, apesar do prolongado contacto que êste tem sofrido com eles. Deles, principalmente de França, só se tem tomado a parte superficial, a que suficientemente se pode imitar. Acontece, portanto, que as feições da vida portuguesa que se afastam do tipo inglês ou francês, são essas as registadas pelos respectivos observadores.

As observações feitas pelos estrangeiros podem significar para o colector uma simples curiosidade, mas em ultima analise representam uma espionagem por assim dizer psicologica, quando elas caem nas mãos de estadistas e militares.

Efectivamente nos dois ultimos séculos e meio, a Inglaterra e a França têm exercido sobre Portugal uma intensa e nefasta acção politica, que denota perfeito conhecimento de toda a vida deste povo.

Não é das menores curiosidades, que sendo Portugal tão bem conhecido no estrangeiro, o proprio povo não reconheça os seus habitos, costumes e tendências, a génese de cada um deles, os que se torna mister suprimir e os que se torna necessario aperfeiçoar.

Á etnogenia e etnografia cabem o estudo desses habitos; á pedagogia e á politica nacional a depuração deles.

Obedecendo a estas duas correntes, uma puramente historia, outra unicamente filosófica, dois investigadores procuraram separadamente escavar nas literaturas estrangeiras, que estavam ao alcance deles, as observações e considerações a respeito do povo português que nelas se encontravam.

O professor A. Reis Machado encarou a tarefa pelo lado filosófico. Num introito a um catalogo, por êle feito, de obras estrangeiras sobre Portugal desenvolve o seu pensamento no sentido de que, há cerca de quatro séculos, falta ao nosso país o espírito da civilização europeia, sendo pois da maior importancia para a sua vida que tome consciência desse seu estado anómalo. Diz o referido professor: «Urge... trabalhar com energia para dar consciência à nação. Leva-la a conhecer-se, a conhecer os seus defeitos, as suas virtudes é duma importancia máxima». E depois de referir que aquele catalogo pretende ministrar elementos para uma obra em que apareça nitidamente o que os estrangeiros teem pensado e pensam dos portugueses, observa que se muitos passos dos livros que o catalogo enumera «poucos ou nenhuns dados podem oferecer para a obra em questão, pelo seu caracter meramento narrativo, pela sua superficialidade, ou pelas inexactidões que conteem, muitos outros, pelas justas observações e considerações que encerram sobre a vida, o caracter, os feitos dos portugueses fornecem uma preciosa documentação» ([1]). Foram alguns destes ultimos passos que o professor A. Reis Machado coleccionou e apresenta neste comum trabalho. Chegou a colher dalgumas das obras que catalogou abundantes materiais para o trabalho que entendia dever fazer-se, que são os que constam da parte primeira do presente estudo e que o referido professor me cedeu. O valor desses materiais é grande, pois são obtidos quasi sempre por *autopsia* dos proprios autores, não havendo por isso o perigo inerente aos trabalhos de segunda mão.

Os trechos recolhidos por quem escreve estas linhas, pelo contrário são, muitas vezes, extraidos de obras de vulgarização, as quais representam o pensamento medio da respectiva potencia sobre Portugal.

Repetindo, os dois grupos de observações adiante publicadas servem aqui apenas á sciencia etnografica, independente-

---

([1]) Anais das Bibliotecas e Arquivos—Julho-Setembro de 1920.

mente da moralidade ou da amoralidade das qualidades do povo português.

Os autores consultados — (desprezando as obras de que desconheço os autores) dividem-se pelas nacionalidades em 45 franceses, 32 ingleses, 11 alemães, 3 italianos e 2 hespanhoes.

Um unico pertence ao sec. XV, alguns ao sec. XVII e XX, e a grande maioria ao XVIII e XIX.

Os trechos coleccionados repartem-se em duas series. A primeira serie foi recolhida pelo prof. A. Reis Machado, a segunda por Pedro de Azevedo.

A primeira serie divide-se em cinco secções; a segunda serie está disposta por ordem cronologica.

PEDRO DE AZEVEDO.

PRIMEIRA SERIE

(PROF. A. REIS MACHADO)

I

Situação religiosa

a) *Recollections of a excursion te the monasteries of Alcobaça and Batalha.*—W. Beckford. Londres, 1835.

«Here, on this very plain, was fought in 1385 the fierce battle (batalha de Aljubarrota) which placed the diadem of Portugal on the brow of the glorious and intrepid bastard... I tried to inspire my right reverend fellow-travellers with patriotic enthusiasm, and te engage them to cast a retrospective glance upon the days of Lusitanian glory. Times present, and a few flasks of most exquisite wine, the produce of a neighbouring vineyard, engrossed their whole attention. «Muito bom — primoroso — excellente» were the only words that escaped their most grateful lips». (pp. 62 e 63).

b) *Voyages en Portugal*—Link.

«Le peu de soin à enseigner la morale, base de toute véritable religion, fait que la foule reste toujours dans l'ignorance,

et continue d'être le jouet d'un clergé lui-même ignorant». (Cap. XIX, p. 289).

c) *Voyages en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.*—Link. Trad. do alemão. Paris, 1803.

«Parmi les divertissements publics, il ne faut pas oublier les exercices de religion, qui, pour les Portugais, y entrent pour beaucoup. On va à la messe, parce qu'on n'a pas d'autre promenade; je dirai même qu'on n'aime les cérémonies religieuses que sous le rapport de l'amusement. On suit les processions, comme on court à l'opéra». (Cap. XIX, p. 277, vol. I).

«La plus grande partie de la nation... n'est pas du tout fanatique» (vol. I, cap. XII, p. 176).

d) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (Carrère).

«Les Portugais aiment beaucoup les processions; les jours où il y en a sont pour eux des jours de fête, ce sont pour eux des parties de plaisir; ils quittent tout; ils accourent. Ces jours sont principalement de grands jours pour les femmes; elles y trouvent l'occasion de sortir, de se presenter en public, de se faire voir: elles ne la laissent point échapper; elles veulent s'y présenter avec tous leurs charmes; elles veulent y développer tout ce que la toilette la plus étudiés a de plus recherché; elles s'occupent de leurs ajustemens plusieurs jours avant. Le jour de la procession, toutes les voitures sont louées, les femmes, parées de toutes leurs ajustemens, se rendent dans les lieux où elle doit passer; elles remplissent les fenêtres et les balcons; elles s'y donnent en spectacle dès trois ou quatre heures auparavant; les rues sont remplies de monde; les hommes passent et repassent; ils vont et viennent; ils regardent, ils lorgnent, ils saluent, ils font des signes d'intelligence: les femmes, très aises d'être remarquées, y répondent avec empressement.

«Ces cérémonies donnent lieu à des invitations de la part des proprietaires ou locataires de maisons devant lesquelles la procession doit passer; elles donnent lieu à la reunion de sociétés brillantes et nombreuses. Lorsque la procession, est passée, on sert le thé à toute la compagnie; souvent on danse ensuite, et le bal se prolonge bien avant dans la nuit, même pendant la carême... (P. 81 e 82)... Les processions... sont terminées par des moines, qui paroissent s'occuper moins de l'acte de reli-

gion auquel ils président, que du plaisir de voir et de se faire voir; leurs yeux, attachés sur les fenêtres, parcourent avec une espèce d'avidité les femmes qui les remplissent.

«Il n'y règne aucun ordre: on y chercheroit vainement la décence que nous devons supposer dans une cérémonie religieuse... La plus fameuse est celle *dos Passos*... Lorsqu'on voit passer cette procession, on entend, dans l'eloignement des cris confus et soutenus, qui deviennent plus forts et plus sensibles à mesure que la procession s'avance; ils partent d'une foule innombrable du peuple qui suit la procession dans la plus grande confusion; il adresse ses prières à la statue qui les précède, les uns en chantant, les autres en criant... Il y a environ quatre ou cinq mille ames, dont la plus grande partie sont des Nègres, des Mulâtres, des Négresses et des Mulâtresses. On est persuadé qu'on suivant cette procession pendant sept ans tout de suite on est exempt de mourir en état de peché mortel». p. 94 e 95.

«Les églises sont les lieux où je vis le plus de femmes réunies, ce qui me mit à portée d'observer en même temps qu'on parle dans les temples avec très peu de circonspection. J'en dirai tout autant de la manière dont on assiste aux processions. Je fus témoin d'une qui sortit de l'église de Sainte-Catherine et y rentra après un long détour. On aurait dit que les spectateurs, soit dans les rues, soit aux fenêtres, étaient là pour converser plutôt que pour prendre part à la cérémonie édifiante qui se passait sous leurs yeux». (42).

«Les pratiques extérieures de la religion suffissent aux Portugais: ils se prosternent devant les images; ils assistent à la messe les jours de fêtes, quelquefois tous les jours; ils s'abstiennent de manger de la viande les jours où elle est defendue par l'eglise; ils marmottent quelques prières; ils disent le rosaire en s'occupant à d'autres objets .. Le respect dû au temple du Seigneur, l'attention respectueuse aux mystères qu'on y célèbre, la pratique des vertus morales et chretiennes, l'amour du prochain, la charité évangelique, ne sont point pour eux des devoirs... (p. 283).

«Je vois... (na Igreja...) des conversations suivies, des gestes, des signes, des éclats de rire; j'y vois des personnes des deux sexes, se regarder, se sourire, se faire des signes d'intelligence, se parler à l'oreille, se serrer la main, se glisser des billets doux. J'y vois des femmes accroupies converser entre elles, des femmes debout s'arrêter au milieu de l'église, parler pendant

long-tems d'une voix assez haute. J'y vois des hommes, des jeunes gens, ne pouvoir rester en place, aller, venir, pirouetter changer de lieu, de posture, lorgner les dames, rire, badiner, tourner le dos à l'autel sur lequel on célèbre le sacrifice» (p. 281 e 282).

e) *Nouvelle Géographie Universelle* — William Guthrie. Paris, 1802.

«... on peut dire avec verité que les Portugais portent la superstition plus loin qu'aucun autre peuple, et que malgré les efforts de quelques patriarches respectables, pour abolir les momeries que l'ignorance avoit enfantées, le caractère national a prévalu; il comporte l'alliage le plus monstrueuse des pratiques les plus superstitieuses, aux désordres les plus coupables; les Portugais, passant sans cesse du crime à la pénitence et de la pénitence au crime, tremblent au seul nom du diable et de l'enfer, et se livrent à tous les excès de la débauche la plus crapuleuse. On peut aussi regarder les monastère des deuxs sexes en Portugal comme les plus corrompus de la chrétienté». (p. 111).

f) *Coup d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814.*—Paris, 1820. Ch. V. d'Hautefort.

«Les églises sont les lieux où je vis le plus de femmes réunies, ce qui me mit à portée d'observer en même temps qu'on parle dans les temples avec très-peu de circonspection. J'en dirai tout autant de la manière dont on assiste aux processions. Je fus témoin d'une qui sortit de l'église de Sainte-Catherine et y rentra après un long détour. On aurait dit que les spectateurs, soit dans les rues, soit aux fenêtres, étaient là pour converser plutôt que pour prendre part à la cérémonie édifiante qui se passait sous leurs yeux». (p. 42).

g) *Souvenirs d'une Ambassade*—Duchesse d'Abrantes.

«... la Fête-Dieu à Lisbonne est une solennité inconnue en tout autre pays. C'est une théorie païenne; c'est une fabuleuse cérémonie; c'est fantastique de richesses et de prodiges». (vol. II, p. 184).

h) *A Narrative of the Peninsular Events of the Campaigns of 1809, 1810, 1811 — in Spain and Portugal.* — Captain William Stothert. Londres, 1812.

«The Portuguese are more superstitious than the inhabitants of any other Catholic country, and are remarkably fond of all religious processions and ceremonies» (Carta x, p. 52).

i) *Letters.* Robert Southey — Londres, 1808.

«The superstition of this people is astonishing» (carta xix — p. 84).

j) *État présent du royaume de Portugal;* (Dumouriez).

«Le clergé du Portugal est beaucoup trop puissant, et multiplie dans une proportion trop forte en comparaison de la population, car les moines, prêtres ou religieuses passent deux cent mille dans ce royaume, qui ne contient que deux millions d'âmes... Le clergé est en Portugal fort ignorant et fort dissolu; l'impunité, la licence et le pouvoir, attachés à cet état, en occasionnent la profanation la plus publique. Le scandale, qui lui enlève la vénération du peuple, est encore plus nuisible à la religion que les perpétuelles railleries des Anglois, l'introduction des livres philosophiques et les querelles avec la cour de Rome. Les moines vivent dans le libertinage le plus éfrené, et les religieuses ont été jusqu'à présent des courtisanes cloîtrées... le clergé mâle et femelle du Portugal peut... passer pour le plus libertin et le plus corrompu de la chrétienneté. (Livro iv, cap. iii, p. 185 e 186).

k) *Etat présent du royaume de Portugal;* (Dumouriez).

«La chaleur du climat, la force du tempérament, l'ignorance et l'oisiveté font des Portugais de fort mauvais chrétiens; ils ne connoissent qu'un péché, celui de la chair, et c'est celui auquel ils sont le plus adonnés, auquel ils sont le moins capable de résister: aussi cherchent ils à suppléer à la pureté des moeurs et aux vertus morales par des pratiques pieuses, des messes, des rozaires, des reliques, des indulgences et mille autres superstitions. Il n'y a aucun pays catholique où l'on ait autant de confiance au crédit des Saints, aux miracles, aux prières d'autrui,

parce qu'on a besoin de ces échapatoires dans l'état de combat continuel entre des préjugés très enracinés et des passions très vives, qui agitent perpétuellement en sens contraire l'ame des Portugais» (Livro IV, cap. III, p. 192).

l) *Croquis de Voyage.*—Armand Dayot. Paris, 1887.

«Le voyageur qui traverse le Portugal n'a qu'a ouvrir les yeux pour se rendre compte de la franche dissolution des moeurs du clergé». (p. 230 e 231 nota).

m) *Voyage en Portugal.*—Paris 1798; (Carrère).

«C'est ici le pays des moines, bien plus encore que celui des prêtres séculiers... Le clergé séculier est très nombreux en Portugal; mais il n'y jouit d'aucune considération: il ne fait rien pour la mériter: il n'en impose ni par sa science, ni par ses travaux, ni par son extérieur... Le clergé regulier est plus instruit, il a une tenue plus décente... Les moines sont ici très puissans; ils sont les maîtres dans les maisons portugaises; ils influent singulièrement dans les affaires qui dépendent du gouvernement... (p. 273 e 277).

II

Situação moral

a) *Viaje de Nicolas de Popielovo por España, y Portugal,* (1484). Trad. del Aleman de fines del sigle XV, in *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los sigles XV, XVI y XVII.* —Madrid.

«En general, la nobleza, los ciudadanos y campesinos de Portugal se parecen a los de Galicia, es decir: groseros, tontos, incapaces de buenas costumbres é ignorantes, y esto apesar de su pretension de ser los más sabios; como los ingleses, que no admiten otro mundo igual al suyo» (p. 26).

«Los portugueses son holgazanes, y no les gusta trabajar, y por eso no quieren hospedar à los indigenas, ni à los viajeres tampoco, para ganar dinero; son groseros, sin bondad, gente sin compasion, inclusa la gente del Rey mismo» (p. 31 e 32).

b) *A Narrative of the principal Events of the Campaigns of 1809, 1810 and 1811 in Spain and Portugal.*—Cap. William Stolhert. Londres, 1812.

«No people in the world are more docile and submissive to the order of their magistrates and superiors» (carta x, p. 53).

c) *Men, mines and animals in South Africa.*—Lord Randolph S. Churchill. Londres, 1892.

«The principal attraction to the eye was its (de Lisboa) cleanliness; broad, well paved, clean-swept streets, spacious squares, adorned with interesting monuments, an environment of forest and green hills, offer an aspect calculated at first to please the stranger. But a something or other, difficult to describe, warns one instinctively that Lisbon is a city the fame and traditions of which lie exclusively in the past, in all probability never be revived. The inhabitants wear a sleepy, almost a dead-alive kind of look. I did not observe a single Portuguese in the streets who appeared to be in the smallest hurry. No cheerfulness animates their countenances, as is the case with the population of the southern Italian towns. With exception of a few public buildings, the edifices and dwelling-houses are of a poor and impretentious character. There is a total absence of attractive and well-filled shops. Coming away, one feels that one is glad to have seen Lisbon, for the reason that it will be unnecessary ever to go there again». (Cap. I, p. 6).

d) *Voyages en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.*—Link. Trad. do alemão. Paris, 1803.

«Les folies du carnaval sont toujours le goût dominant du pouple. Dans ce tems les habitans de toutes les classes s'amusent à jeter sur les passans toutes sortes d'immondices, et vu les usages existans, pour éviter pire, on est obligé de prendre son mal en patience, et de se taire. Une femme aimable et de condition, en me gratifiant, comme Candide le fut par la dame hollandaise, crut sans doute me consoler, en m'assurant que ce ragoût était de sa façon. Je demande pardon au lecteur de ce récit un peu naïf peut-être, mais qui achève de peindre les moeurs du pays». (vol. I cap. XVIII, p. 262).

e) *Relation historique et militaire de la Campagne de Portugal sous le marechal Masséna.*— Limoges, 1817.

«Le pays est on ne peut plus fertile, mais généralement trop peu cultivé, parce que les habitans, riches de l'or et des productions des Indes, se procurent à leur tour, chez les étrangers, presque toutes les denrées qu'ils leur fournissaient autrefois. Avant leurs découvertes dans les mers lointaines, les portugais étaient laborieux et cultivaient leurs terres avec soin; mais la richesse, tout en augmentant le luxe, éteint l'industrie; elle assoupit les peuples dans une molle paresse qui, en les rendant tributaires des autres nations, amène insensiblement la ruine de l'état, et en facilité toujours la conquête». (p. 2).

f) *Random shets from a rifleman. Kincaid (J).*— Londres, 1847.

«The Portuguese did not assume to be a cleanly race, and they were a filthy one in reality». (cap. VIII, p. 178).

g) *Portugal of Portuguese. Aubry Bell.*— London, 1915.

«If he (o português) sees the advantage of an enterprise, he rarely combines with this intelligence the necessary perseverance and force of character to carry it through». (cap. I, p. 9).

h) *Portugal of Portuguese. Aubry Bell.*— London, 1915.

«They (os portugueses) let the things be, they easily persuade themselves that things must be as they are, or that they are as they in words imagine them; and so in their *saudade* for some impossible ideal they sing into *desleixo* and drift *(deixar-se ir, deixar-se estar)*. Or the Portuguese will continue to live in his romanticism and ignore reality altogether; his vanity helps him to ignore it; he will wear cheap and garish chains and rings and trinkets and imagine himself rich, he will eke out the picture by the help of his quick imagination and ever-ready flow of words, heaping rhetoric and exaggeration, and his vagueness drifting he is aware into falsehood. Then, if his efforts to impose the picture of his imagining on others at his own valuation fail, he will feel hurt by their brutal directness, their incapacity to see that a mere string of words may move mountains.

«They are taxed with laziness, but it should at least be observed that the laziness is not due to lack of energy, but rather to the conviction that «it is not worth while» — *desleixo*, When a thing does appear to be worth while the *desleixo* disappears like a cast oft mask. The amount of work achieved, for instance, by some Portuguese politicians or men-of-letters is extraordinary large». (cap. I, p. 10 e 11).

i) *Portugal of Portuguese* — Aubry Bell. London, 1915.

«In Portugal, and especially in the tonws, the children are for the most part too serious and precocious and sad». (Cap. IV, p. 72).

j) *Portugal of Portuguese* — Aubry Bell. London, 1915.

«Rarely does the country appear to be fully developed, yet even so it produces such a wealth of fruits and flowers that evidently with greater care, better methods, and a more widely extended system of irrigation, it might be a perfect paradise. It would be unfair to attribute the neglect and backwardness and misery prevailing throughout this lovely country entirely to the character of the inhabitants. The accumulated misfortunes of their history for the last three centuries would be enough to explain it; but they certainly have been inclined to neglect their own native soil for alien enterprises, and are only now beginning to realise that the future of Portugal lies in Portugal». (cap. V, p. 81).

k) *Brazil, the River Plate and the Falkland Islands.*— William Hadfield, Londres, 1854.

«... you observe the mournful absence of that incessant activity you expect to meet with in so large and important a place (Lisboa). The fatal spell of lethargy and exclusiveness seems to be laid upon everything and everybody: — the very carriages and public conveyances (at least a large portion) are redolent of the past century, and all idea of locomotion is put to flight at the sight of them; and just the same is the case with the owners. Torpidity pervades the whole population, from the infant in arms, who is too lazy to laugh to the cripple on crutches, who is too sluggish to grumble» (cap. I, pp. 50 e 51).

l) *Nouvelle Geographie Universelle.* — William Guthrie. Paris, 1802. Trad. do inglês por Fr. Noel.

«... le Portugal a reçu de la nature tous les avantages qui peuvent lui procurer des moyens abondans de subsistance; mais une foule de vices moraux et politiques concourent à lui enlever la jouissance de tant de bienfaits. Long-temps le Portugal s'est suffit à lui même; aujourd'hui, les autres pays lui fournissent une partie du blé nécessaire à sa subsistance; mais c'est moins la faute de la terre que celle des hommes, dont les Anglais ont mis à profit la paresse, pour les tenir dans leur dépendance... Les Portugais actuels ne conservent rien de cet esprit enterprenant et hardi qui rendit, il y a 300 ans, leurs ancêtres si illustres. Ils sont dégénérés de leurs anciennes vertus, depuis que la maison de Bragance est montée sur le trône, quoiqu'on trouve encore parmi eux quelques nobles exceptions à cette dégradation morale, et qu'aucun peuple n'ait été moins flatté dans les récits des historiens et des voyageurs. Leur abaissement actuel est dû incontestablement à la faiblesse de leur monarchie». (p. 103 a 108).

m) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798.

«Les Portugais ne sont point promeneurs; les femmes le sont encore moins» (p. 40).

n) *Relation de l'expedition du Portugal, faite en 1807 et 1808.*—Baron Thiébault. Paris, 1817.

«le peuple est sobre, fort brave, superstitieux, presque sauvage sur quelques points, et surtout dissimulé, silencieux, discret» (p. 110, 2.ª parte, cap. 1).

o) *Relation de l'expédition du Portugal, faite en 1807 et 1808.*—Baron Thiébault. Paris, 1817.

«Les figures, le teint, le caractère, la duplicité, les moeurs, les goûts, les habitudes, la paresse, l'apathie, les costumes, la malpropreté, les chants, la valeur, tout rapelle les Maures dans les Portugais, qui de plus sont insoucians, pauvres, fanatiques, crédules, indolens, mais braves quoiqu'on remarque en eux beaucoup plus de facilité à commetre des crimes, que d'énergie quand ils sont découverts. Dans ce pays, les hommes sont

encore en friche comme la terre. Pour changer les hommes, il faudrait une génération entière; et pour améliorer le sol, d'immenses travaux: ce n'est que de cette manière que le Portugal pourrait cesser d'offrir le contraste du plus beau ciel et de la plus laide nature, d'une espèce d'hommes distingués, et de l'abrutissement». (p. 110 e 111, 2.ª parte, cap. I, nota).

p) *Discours sur l'histoire.*— Comte d'Albon. Genebra, 1782.

«D'un faux principe, s'est précipité le torrent de maux qui a ravagé et comme détruit ce beau Royaume. Le Portugal préféra stupidement le signe à la chose signifiée, des richesses de conventions aux richesses vraies, solides, naturelles; il ne reconnut pas sa faute, elle devint irréparable. Le citoyen s'énerva dans la molesse, les moeurs disparurent, l'ignorance engourdit les esprits, la paresse noua les bras, les atteliers tomberent; la terre fut bientot degradée, les besoins tourmenterent les individus; les provinces se dépeuplerent: malgré sa prétendue opulence, tout le pays sentit enfin qu'il n'étoit rien moins que riche» (p. 211 a 212).

q) *Voyage en Portugal.*— Paris, 1798; (Carrère).

«Le Portugal est arrièré de plus d'un siècle en égard aux autres nations de l'Europe; il conserve encore une grande partie de ses anciennes moeurs, de ses anciens usages» (p. 76).

r) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.*— Link.

«On dit que les Portugais sont indolens: un peuple paresseux ne pénètre pas dans des contrées éloignées, comme les Portugais le font encore aujourd'hui dans l'intérieur de l'Afrique, des Indes orientales et du Brésil». (Vol. III, cap. VII, p. 335).

s) *Croquis de voyage.*— Armand Dayot. Paris, 1887.

«Le Portugais est presque toujours obèse et lourd. Sa physionomie, vivante est très mobile, exprime à la fois l'energie et l'honnêteté. Malheureusement un troisième sentiment s'y reflète trop souvent et la rend alors tout à fait antipathique: c'est «l'amour de soi».

Le Portugais *se gobe* d'une façon insupportable. Quand il

fait l'éloge des innombrables qualités qu'il s'attribue, et surtout de ses succès amoureux, ce n'est plus un homme qui parle, c'est un paon qui fait la roue. Les hommes ont, comme les femmes, l'amour du clinquant». (p. 231).

«Les qualités morales du Portugais sont nombreuses et si solides, et si ce n'étaient son invraisemblable vanité et son incurable indolence, on pourrait le donner comme modèle aux autres peuples. Il est naturellement bon, hospitalier, honnête en affaires, généreux et brave. Si son indépendence était de nouveau menacée, on verrait encore, j'en suis convaincu, cet heroïque petit peuple, au fond duquel sommeille une puissante énergie nationale et qui fut maître autrefois par ses prodigieuses entreprises de tout le commerce de l'Orient, se lever tout entier contre l'envahisseur avec la même ardeur qu'en 1388 et 1809. En attendant l'heure des grandes luttes, que rien heureusement ne présage, le Portugais rêve gravement des prouesses de ses ancêtres...» (p. 233).

t) *A Narrative of the Principal Events of the Campaigns of 1809, 1810, 1811 in Spain and Portugal.*— Captain William Stothert. Londres, 1812.

«The foreign merchants residing in this city (Porto) are particularly hospitable and attentive to the strangers, who would otherwise be much at a loss; as the higher ranks in Portugal are little inclined to associate even with each other. This may, in some degree, be accounted for by the extreme indolence, which forms a prominent feature in the character of this nation, and is repugnant to the laws of polished society». (Carta x, p. 52).

u) *Portugal—Recordações do ano de 1842.*—Traduzido do alemão. Principe Lichnowsky. Lisboa, 1845.

« ... se o povo fosse mais trabalhador e industrioso, se os campos se cultivassem devidamente, e se se erigissem fabricas, então Portugal poderia occorrer ao menos em grande parte ás suas necessidades; porém seriam necessarias para isso tantas condições difficeis de attingir, que por muitos anos ainda não é licito pensar em semelhante prosperidade. Antes de tudo é indispensavel que desappareça, ou ao menos se torne inoffensiva, a mania das mudanças, e das revoluções que é propria dos ha-

bitantes das grandes cidades e dos seus caudilhos; devem todos esquecer-se, e consolar-se da perda do Brasil, que com os seus thesouros sustentava e enriquecia a mãe patria, e a tornava preguiçosa, apathica, e incapaz de qualquer esforço». (cap. II, pp. 41 e 42).

v) *Le Portugal et ses colonies.—C. Vogel.* Paris, 1860.

«C'est devenu presque un lieu commun de dire que, parmi les causes persistantes de son état arrièré l'indolence et l'ignorance continuent aussi de former deux serieux obstacles au progrès». (p. 52, cap. III).

x) *Lettres persanes*—Montesquieu. Paris, 1806.

«Je t'envoie la copie d'une lettre qu'un Français qui est en Espagne a écrite ici: je crois que tu seras bien aise de la voir.

«Je parcours, depuis six mois, l'Espagne et le Portugal, et je vis parmi des peuples qui, méprisant tous les autres, font aux seuls Français l'honneur de les haîr.

«La gravité est le caractère brillant des deux nations; elle se manifeste principalement de deux manières; par les lunettes et par la moustache.

«Les lunettes font voir démonstrativement que celui qui les porte est homme consommé dans les sciences, et enseveli dans de profondes lectures, à un tel point que sa vue en est affaiblie; et tout nez qui en est orné ou chargé peut passer, sans contredit, pour le nez d'un savant.

Quant à la moustache, elle est respectable par elle-même, et indépendamment des conséquences, quoiqu'on ne laisse pas d'un tirer quelquefois de grandes utilités pour le service du prince et l'honneur de la nation, comme le fit bien voir un fameux général portugais dans les Indes: Jean de Castro, car, se trouvant avoir besoin d'argent, il se coupa une de ses moustaches, et envoya demander aux habitans de Goa vingt mille pistoles sur ce gage; elles lui furent prêtées d'abord, et dans la suite il retira sa moustache avec honneur.

On conçoit aisément que des peuples graves et flegmatiques comme ceux-là peuvent avoir de l'orgueil; aussi en ont-ils: ils le fondent ordinairement sur deux choses bien considérables. Ceux qui vivent dans le continent de l'Espagne et du Portugal

se sentent le coeur extrêmement élevé lorsqu'ils sont ce qu'ils appellent de vieux chrétiens, c'est-à-dire qu'ils ne sont pas originaires de ceux à qui l'inquisition a persuadé dans ces derniers siècles d'embrasser la religion chretienne. Ceux qui sont dans les Indes ne sont pas moins flattés lorsqu'ils considérent qu'ils ont le sublime mérite d'être, comme ils disent, homme de chair blanche. Il n'y a jamais eu dans le serrail du grand seigneur de sultane si orgueilleuse de sa beauté que le plus vieux et le plus vilain mâtin ne l'est de la blancheur olivâtre de son teint, lorsqu'il est dans une ville du Mexique, assis sur sa porte, les bras croisés.

Un homme de cette conséquence, une créature si parfaite, ne travaillerait pas pour les trésors du monde, et ne se résoudrait jamais, par une vile et mécanique industrie, de compromettre l'honneur et la dignité de sa peau.

Car il faut savoir que, lorsqu'un homme a un certain mérite en Espagne comme, par exemple, quand il peut ajouter aux qualités dont je viens de parler celle d'être le proprietaire d'une grande épée, ou d'avoir appris de son père l'art de faire jurer une discordante guitare, il ne travaille plus: son honneur s'intéresse au repos de ses membres. Celui qui reste assis dix heures par jour obtient précisement la moitié plus de considération qu'un autre qui n'en reste que cinq, parce que c'est sur les chaises que la noblesse s'acquiert.

Mais quoique ces invincibles ennemis du travail fassent parade d'une tranquillité philosophique, ils ne l'ont pourtant pas dans le coeur, car ils sont toujours amoureux. Ils sont les premiers hommes du monde pour mourir de langueur sous la fenêtre de leurs maîtresses; et tout Espagnol qui n'est pas enrhumé ne saurait passer pour galant.

Ils sont premièrement dévots, et secondement jaloux. Ils se garderont bien d'exposer leurs femmes aux entreprises d'un soldat criblé de coups, ou d'un magistrat décrépit; mais ils les enfermeront avec un novice fervent qui baisse les yeux, ou un robuste Franciscain qui les élève.

Ils permettent à leurs femmes de paraître avec le sein découvert; mais ils ne veulent pas qu'on leur voie le talon, et qu'on les surprenne par le bout des pieds.

On dit par-tout que les rigueurs de l'amour sont cruelles; elles le sont encore plus pour les Espagnols.

Les femmes les guerissent de leurs peines; mais elles ne font que leur en faire changer, et il leur reste souvent un long et facheux souvenir d'une passion éteinte.

Ils ont de petites politesses qui, en France, paraîtraient mal placées: par exemple, un capitaine ne bat jamais son soldat sans lui en demander permission, et l'inquisition ne fait jamais bruler un Juif sans lui faire ses excuses.

Les Espagnols qu'on ne brûle pas paraissent si attachés à l'inquisition, qu'ils y aurait de la mauvaise humeur de la leur ôter. Je voudrais seulement qu'on en établît une autre, non pas contre le hérétiques, mais contre les hérésiarques, qui attribuent à de petites pratiques monachales la même efficacité qu'aux sept sacremens; qui adorent tout ce qu'ils vénèrent, et qui sont si devots, qu'ils sont à peines chrétiens.

Vous pourriez trouver de l'esprit et du bon sens chez les Espagnols; mais n'en cherchez point dans leurs livres. Voyez une de leurs bibliothèques, les romans d'un côté, et les scholastiques de l'autre: vous diriez que les parties en ont été faites et le tout rassemblé par quelque ennemi secret de la raison humaine.

Le seul de leurs livres qui soit bon est celui qui a fait voir le ridicule de tous les autres. Ils ont fait des découvertes immenses dans le nouveau monde, et ils ne connaissent pas encore leur propre continent: il y a sur leurs rivières tel pont qui n'a pas encore été découvert, et dans leurs montagnes des nations qui leurs sont inconnues: Les Batuecas.

Ils disent que le soleil se lève et se couche dans leur pays; mais il faut dire aussi qu'en faisant sa course il ne rencontre que des campagnes ruinées et des contrées desertes.

Je ne serais pas faché, Usbek, de voir une lettre écrite à Madrid par un Espagnol qui voyagerait en France; je crois qu'il vengerait bien sa nation. Quel vaste champ, pour un homme flegmatique et pensif! Je m'imagine qu'il commencerait ainsi la description de Paris:

Il y a ici une maison où l'on met les fous: on croirait d'abord qu'elle est la plus grande de la ville; non, le rémède est bien petit pour le mal. Sans doute que les Français, extrêmement décriés chez leurs voisins, enferment quelques fous dans une maison pour persuader que ceux qui sont dehors ne le sont pas».

Je laisse là mon Espagnol.

Adieu, mon cher Usbek.

De Paris, le 17 de la lune de Saphar 1715.

(Lettre LXXVIII—Rica a Usbek).

III

Situação intelectual

a) *Nouvelle Geographie Universelle*-- William Guthrie. Paris, 1802.

«Les savans sont en si petit nombre, que ceux même des Portugais qui ont la plus légère teinture de litterature, n'en parle point sans indignation. On convient universellement que ce déplorable état d'ignorance est du seulement à l'éducation qu'ils reçoivent, et non au manque de génie; ce qui le prouve, c'est que les ancêtres des Portugais actuels possédèrent certainement vers le milieu du onzième siècle plus de vraies connoissances dans l'astronomie, la geographie et la navigation que tous les autres peuples de l'Europe. Ils ont cependant fait dans ces derniers temps quelques efforts, quoiqu'assez faibles pour sortir de leur engourdissement. Mais les lumières ne brillent encore que sur les têtes priviligiées; le reste de la nation est dans les ténèbres les plus épaisses.

... Aucune branche de connoissances humaines n'est plus négligées à présent des Portugais que celle des mathématiques, et cependant dans les beaux siècles de cette monarchie, elle y était en honneur; il ont à citer dans cette partie le fameux *Pièrre Nunez*, connu des savans étrangers sous le nom de *Nonnius*, qui brilloit au commencement du 16 siècle... Dans la navigation, ils sont, à juste titre, fiers des grands noms de Vasco da Gama et de Magellan. Les métiers les plus utiles au besoin de la vie, et les arts qui tiennent au luxe, au goût et à l'élégance, sont aussi fort arrièrés en Portugal—

... Il faut convenir que, si les Portugais ne suivent que de loin les autres nations de l'Europe, pour tout ce qu'a rapport aux sciences, aux arts et aux métiers, cette inferiorité ne tient nullement à leur genie, mais bien à l'imprévoyance et au peu d'énergie du gouvernement, au défaut de moyen d'instruction, et par dessus tout, à l'influence des prêtres et des moines, qui ont le plus grand intérêt à empêcher le peuple de sortir de sa profonde ignorance» (p. 111 a 114).

b) *Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774* — W. Dalrymple. Paris 1783. Trad. do inglês.

«J'ai observé que plusieurs personnes, et surtout des jeunes gens portent des lunettes dans les rues (do Porto)... c'est une affectation for étrange, car assurément l'étude ne fera perdre la vue à personne de ce royaume» (carta 12, p. 176).

c) *Voyage en Portugal.* — Paris 1798; (Carrère).

«... il n'est pas rare de voir des jeunes gens, des hommes d'un âge mur, des pères de famille aller dîner à l'auberge en carême pour y manger de la viande; tandis que leurs femmes et leurs enfants pratiquent dans leurs maisons l'abstinence prescrite par l'église... ceux qui font un trophée de leur incrédulité, sont des espèces de demi — savans, qui croient qu'il est du bon ton d'adopter les opinions des prétendus philosophes modernes: ils croient se mettre à leur niveau; ils croient, en singeant leurs opinions, atteindre à leur célébrité; mais ils ne savent point qu'ils ne sont que des pygmées». p. 285).

d) *Discours Politiques — 1756;* (Ange Goudar).

«Depuis que l'Angleterre forma le projet de detruire l'Agriculture en Portugal, l'esprit dans ce royaume y demeura toujours en friche comme le terrein. L'Europe eut beau devenir plus éclairée, la stupidité de cette Nation augmenta toujours, parce que le systeme Anglois prit tous les jours de nouvelles forces. Tandis qu'une nouvelle lumière se repandit sur la terre, le Portugal seul demeura dans les tenèbres de la plus épaisse ignorance. Le Nord, ce païs opaque, où tout est matière, fit de grands progrès dans les sciences. Les connaissances se firent jour partout, les arts liberaux penetrerent chez toutes les Nations du Monde, il n'y eut que le Portugal où ils ne percerent pas. Ce fut de nos jours le païs barbare des Peuples policés de l'Europe» (p. 165 e 166).

e) *Geographia politica de Portugal* — Bory de S. Vincent (Op. cit. nas Memorias da Academia Real das Sciencias, t. x p. 1.ª pag. 251. José Maria Dantas Pereira).

«Portugal tem Academias, Universidades, Bibliothecas pu-

blicas e collecções scientificas, sendo apezar disso o paiz europeu mais ignorante e mais supersticioso».

f) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (Carrère).

«Les courtisans n'y étalent qu'un verbiage d'affectation qui n'a ni suite, ni liaison, qu'un ton d'importance mal soutenu, qu'une nullité absolue de sentiment, d'opinion, de volonté, d'action, qu'une ambition, oisive et impuissante, qu'un orgueil d'ostentations, qu'une bassesse personifiée, toujours en activité, toujours existante, se renouvellant diversement selon les circonstances; bassesse qui craint de dire la vérité, qui approuve tout ce que veut le prince, tout ce que veulent ses ministres, qui couronne le despotisme ministériel, qui encense les despotes subalternes.

On n'y apperçoit ni cette politesse aimable, ni ce ton aisé, ni ces manières prévenantes, ni ce langage élégant, facile, léger, ni ce mantien noble et dégagé, ni cette plaisanterie honnête et délicate qui distinguent plusieurs cours de l'Europe.

On n'y trouve ni la facilité de l'expression, ni le feu de la démonstration, ni la dignité de la répresentation, ni même le vernis sous lequel se cachent ailleurs la flatterie et la corruption; tout y est à nu... La cour a une multiplicité d'officiers attachés à son service, dont les appointemens sont assez médiocres; ils s'en dédommagent de beaucoup de manières; les grands seigneurs en faisant la contrebande dans leurs hôtels sous le nom de leurs gens, les officiers de la bouche en vendant des rations et en gagnant sur le prix des comestibles, les officiers des écuries en diminuant les rations des mules et en louant des voitures à bon marché en paroissant les prêter... Tous les officiers du roi favorisent la contrebande en la recevant dans les appartements qu'ils occupent au palais, où elle est à l'abri de la visite; leur complaisance est payée en espèces». (pp. 99-105).

g) *Voyages dans l'intérieur du Brésil particulièrement dans les districts de l'or et du diamant* — Jean Mawe, trad. de l'anglais par J. N. N. Eyriés. Paris, 1816.

«La conversation des hommes les mieux élevés, est... plus vive qu'instructive; car l'éducation est ici (no Rio de Janeiro) très negligée, et s'étend à bien peu d'objets du ressort de la litterature et des sciences» (p. 182 — vol. I, cap. VII).

h) *Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid en 1814*—Ch. V. d'Hautefort. Paris, 1820.

«Il ne faut pas croire, comme voudraient l'insinuer les détracteurs beaux esprits, que le Portugal gisse dans les ténèbres de la plus épaisse ignorance. Un peuple qui a de l'imagination n'est point essentiellement ignorant, ou pour mieux dire, est susceptible de ne pas l'être. D'ailleurs, les modernes Lusitans ont du goût pour la poésie. Le beau sexe aime les vers. Le culte des Muses suppose un penchant vers le désir de savoir et vers l'instruction. Il serait à désirer que les auteurs poétiques du Portugal nous fussent plus familiers. On verrait alors que leur Parnasse n'est point stérile, ni sans honneur.

Je ne nommerai point le Camoens dont la réputation est européenne, et que M. de Sousa vient de reproduire à Paris, par une édition qui est à elle seule un monument typographique... Il y a à Lisbonne une Académie des Sciences, qui ne mérite certainement pas les injures et les sarcasmes dont l'a gratifiée Pierre Carrère [1]. On connait les mémoires de cette corporation distinguée qui a eu pour fondateur et président le célèbre duc d'Alafoens. Ils contiennent des Traités de botanique et de mathématiques estimés, et beaucoup d'autres écrits sur des matières d'économie politique, industrielle et agricole qui attestent à la fois les moyens et le civisme de leurs auteurs. L'Académie s'est occupée avec succès de ce qui concernait l'histoire et la littérature nationale en faisant publier divers ouvrages sur ces deux objets. En parlant de cette corporation il est impossible de passer sous silence le nom de son ancien secrétaire, M. Correa da Serra, dont les travaux sont consignés dans les transactions philosophiques de la Société royale de Londres, et dans les annales du Muséum de Paris. Ce savant distingué a publié aussi trois volumes in-folio, contenant une collection de livres inédits sur l'histoire de son pays. J'ai eu l'honneur de connaitre très particulièrement M. Correa quand il était à Paris... Beaucoup de Portugais se sont livrés aux sciences exactes.

Nous pourrions citer José Anastacio da Cunha, le docteur Monteiro da Rocha, et les docteurs Maya et Faria. Ces deux derniers, encore vivans, sont assez connus de l'Europe savante. Nous ajouterons à leurs noms celui du feu docteur Ciera, chef

[1] Pierre Carrêre, Tableau de Lisbonne en 1796, p. 252.

des premières opérations géodésiques éxécutées en Portugal; nous ferions mention de ses collaborateurs MM. Caula et Franzini, de M. Pierre Folc, et de beaucoup d'autres qui existent encore; mais cette entreprise nous rejetterait très loin. On pourra, si l'on veut avoir une idée de l'origine et des progrès des mathématiques dans le Portugal lire l'excellent ouvrage que vient de publier sur cette matière, à Paris, M. Garção Stockler, profond mathématicien lui-même et fort en état de satisfaire la curiosité des savans à cet egard.

Les Portugais n'ont pas négligé l'étude de l'astronomie; outre l'observatoire établi dans le couvent das Necessidades... il y en avait deux autres à Lisbonne, l'un à la citadelle, le second à l'académie des gardes de la marine... La capitale du Portugal possède aussi une académie des fortifications, un collège de noble, une école publique de commerce, avec d'autres établissements consacrés à l'instruction. En général, les ressources pour l'éducation de la jeunesse ne manquent point dans ce royaume. Je m'abstiendrai de parler de l'université de Coimbra, qui est trop vantée pour que je me croie obligé de développer l'utilité et les avantages qu'elle procure au pays. Je ne pretends point soutenir que la masse des lumières et des connaissances soit aussi répandue en Portugal qu'elle l'est en France, en Angleterre, en Allemagne et en Italie; mais il faut tout espérer d'une nation qui ne manque point d'aptitude ni de dispositions, et qui jadis a porté la célébrité de son nom fort au loin sur les deux hémisphères». (53 a 57).

i) *Voyage en Portugal;* (Carrère).

«Parcourons les fastes des sciences, les fastes de la littérature, quels sont les noms portugais que nous y trouverons?

Parcourons les bibliothèques choisies, les bibliothèques bien composées, quels sont les livres portugais que nous y verrons?

Parcourons les noms des hommes connus dans les sciences les noms des auteurs cités par les savans des differentes nations, les collections de poetes, des orateurs, des historiens, quels sont les auteurs portugais qu' y occupent une place?... Ne parlons point de sa philosophie; c'est un deraisonnement perpetuel; c'est un verbiage froid, diffus, fastidieux, assommant, sur la philosophie péripatéticienne... Le Portugal est à l'extrémité de l'Europe... il ne peut ni connoitre, ni se procurer les productions nouvelles qui enrichissent tous les jours les sciences; il ne peut connoitre,

que fort tard et imparfaitement les decouvertes dont les travaux des savans ne cessent d'enrichir la physique, la chimie, la médicine, l'histoire naturelle; il est privé de cette fréquentation des savans, de cette correspondance mutuelle entre les hommes instruits, qui provoquent l'émulation, qui augmentent et perfectionnent la masse des connoissances, qui contribuent singulièrement aux progrès des sciences.

Le gouvernement portugais lui-même y oppose des entraves continuelles; il a établi une fiscalité, qui opprime le génie, qui comprime l'opinion, qui retrecit les idées, qui réprime les élans qu'un genie heureux pourroit se permettre.

Une vigilance rigoureuse et outrée sur l'espèce de livres qui viennent du dehors, empêche l'entrée de beaucoup d'ouvrages excellens; une phrase obscure, une idée au-dessus de la portée et de l'intelligence du censeur qui est chargé de les examiner, suffissent pour les faire prohiber on les condamne quelquefois sur le seul titre du livre, sur le seul nom de l'auteur, sans prendre la peine d'examiner les principes qu'ils contiennent. Les livres sont alors saisis, confisqués, perdus à jamais pour celui auquel ils appartiennent.

Les libraires se dégoûtent d'un commerce où ils sont exposés à tout perdre, où leur fortune dépend de la volonté, du caprice d'un censeur ignorant, prévenu, difficile, qui voit mal, qui est souvent hors d'état de juger; ils n'osent faire venir aucun de ces ouvrages transcendans, qui répandent la lumière dans toute l'Europe. Les Portugais sont privés de connoissances qu'ils pourroíent y puiser.

L'inquisition censoriale s'exerce avec la même rigueur, avec les mêmes formes, avec les mêmes inconveniens, surtout ce qui doit être imprimé». (p. 231 a 235).

j) *Voyage en Portugal* — Link.

«... le Portugal possède des hommes qui connaissent l'état actuel de la littérature. Il y a beaucoup d'excellentes têtes, mais il est difficile de trouver dans ce pays des savans profonds, qui cultivent les sciences uniquement pour amour pour elles. La raison pour laquelle cette université est, en général si peu utile, n'est pas difficile à deviner. D'abord dans un pays où l'on est obligé de faire imprimer ses écrits sans rétribuition et à ses dépens, ou, avec beaucoup de peine, à ceux du Roi, les auteurs doivent être bien rares. Mais d'oú vient donc cette indolence

pour les sciences? et pourquoi la vente des livres ne compense-t--elle jamais les frais de l'impression? Une censure sévère, un tribunal de l'Inquisition, toujours redoutable pour les écrivains, suffissent pour éteindre toute ardeur pour l'étude». (cap. xxvi, p. 393-94).

k) *Voyage en Portugal* — Link.

«L'histoire littéraire a été presqu'entièrement négligée depuis l'ouvrage connu de Barbosa Machado... les *Memorias de litteratura portugueza* offrent beaucoup de traités sur l'histoire du pays, qui sont en partie faits avec soin et exactitude... La philologie est dans un triste état en Portugal... Lisbonne possède un savant très versé dans les langues orientales; c'est Fr. João de Sousa. . il n'a, à ma connaissance, paru dans ce pays aucun écrit où des matières philosophiques aient été traitées avec une certaine distinction. Je ne me permettrai pas de manifester mon jugement sur l'état de la theologie en Portugal; mais il est évident que rien ne s'y fait ni ne peut s'y faire pour l'instruction religieuse et morale du peuple...

Les bons écrits de médicine qui paraissent, ne sont que des traductions faites de l'anglais. Les Portugais n'ont rien produit sur cet art; c'est cependant une erreur de croire que leurs médicins suivent absolument le routine des anciens, non plus que des Arabes... La nation ne semble s'attacher dans cette science exclusivement à aucun méthode; elle aime la nouveauté; mais le plus grand défaut de ses savans c'est d'être trop superficiels. Les Mathématiques ont été jusqu'à présent tout-à-fait négligées, ainsi que les autres connaissances qui exigent des études approfondies et solides. M. Stockler, auteur d'une Introduction à la théorie des fluxions, est très bon géomètre, quoiqu'il n'ait rien dit de nouveau pour les géomètres allemands dans son ouvrage. Dans les Memorias da Academia de Lisboa, on trouve quelques traités de mathématiques qui ne sont pas à mépriser, quoique cette compagnie savante ait naguères prêté matière à la critique en proposant pour sujet un certain probleme de mathématique très aisé à resoudre.

Stephano Cabral est encore dans ce pays au rang des géomètres distingués pour la pratique. L'étude de l'astronomie y languit entièrement depuis les dernières observations astronomiques insérées dans les *Memorias* de l'Académie; au moins cette société n'en a-t-elle publié aucune... Les observatoires de Por-

tugal sont entièrement dépourvus de instrumens necessaires. Les livres de géographie qu'ont paru depuis le grand ouvrage assez célèbre de *Lima*, ne contiennent que de maigres extraits de celui-ci... Depuis Pombal on a cultivé l'histoire naturelle; seulement on a mis peu de jugement dans l'emploi des moyens... Pour la physique proprement dite, on n'a rien fait en Portugal, si nous en exceptons plusieurs traités non sans quelque mérite... l'économie rurale... science... sans contredit... qui dans ces derniers tems, a été la mieux cultivée en Portugal. Les *Memorias economicas* de l'Académie en sont la preuve... Voilà un court exposé du triste état des sciences dans un royaume le plus ignoré de tous les pays de l'Europe». (vol. II, cap. XXXVIII, p. 202 a 212).

l) *Rambles in Madeira and in Portugal inthe early part of 1826.* — Londres, 1827.

«This is no literature; and I fear, not much information or education among the Portuguese of Madeira; that is, speaking generally; for individual exceptions have occured to my own knowledge. Funchal does not even possess a bookseller's shop; and probably, fery few books. Several of the man have travelled, and speak French or English; and these are perfectly intelligent and well-informed: the great mass, of course, have not this advantage; and of the ladies, in particulary, very few, I believe, have thought it necessary to overlay their native attractions by the superogatory merits of what we call accomplishments. Dancing is perhaps the only one which is generally I do not believe that they are often musical.

I have always been at a loss to understand how they pass their time; the men in particular; for mere gossip is not commonly with them so complete a resource as with the livelier sex. Without polities or literature—not even a newspaper—without business of any kind—without sporting, or riding, or farming, or a theatre-how they manage to get through the livelong day, is to me yet a mistery» (cap. XVI, pp. 162 e 163).

«Perhaps one of the most direct and compendious modes which a stranger can use of judging of the literary or intelectual habits of a people, is the examination of their book-seller's shops. There are many of these in Lisbon; and the stores of some or them are larger than we expected; but estimated by this criterion, the result would not be favourable to the scholarship of the

Portugal... The Portuguese collection was always very meagre. We look over several catalogues without seeing a title that at all tempted us to inquire for the look itself. Even of their great poet, the editions were commonly from a French press; and the same was observable in most of the modern publications of any importance» (cap. VII p. 231 e 232).

m) *Voyage en Portugal* — Link.

«Il n'est pas facile d'engager un libraire, en Portugal, à publier un ouvrage relatif aux sciences, parce qu'il ne pourrait en débiter tout au plus que deux cents exemplaires. Le nombre des amateurs est trop petit, et on est trop accoutumé à puiser ses connaissances dans des ouvrages étrangers; de sorte que des hommes médiocrement instruits ne regardent même pas les traductions portugaises (qui d'ailleurs sont souvent fort négligées) lorsqu'ils peuvent se procurer l'original. Au reste l'étude des langues étrangères s'accroit tous les jours...» (vol. III, cap. IV, p. 210).

n) *Voyage en Portugal* — Link.

«Tous les livres qui traitent d'objets scientifiques, s'impriment ici aux frais du gouvernement. Le nombre des amateurs est trop petit, pour qu'un éditeur pût s'en tirer; aussi la littérature est-elle encore dans l'enfance. Il y a peu d'écrits, il n'existe aucune réputation littéraire bien établie. Rien ne peu aider les savans, que leurs liaisons avec les universités, etc. (cap. XX, p. 293).

«Académie de Geographie... Collège des Nobles... Academia Real dos Guardas Marinhas... Academia Real da Marinha Academia Real das Fortificações, ont toutes leurs professeurs (Lentes). Mais tous ces établissements sont sans activité. D'ailleurs, il y a encore à Lisbonne des professeurs salariés par le gouvernement, pour l'instruction de la jeunesse; ainsi ce ne sont pas les moyens, mais le choix des moyens qui manque. Le principal défaut, c'est qu'on n'a pas encore acquis le goût des sciences, ou qu'on ignore l'art de l'inspirer». (cap. XX, p. 294 e 295).

«A entendre l'Almanach Royal, il existe à Lisbonne une grande quantité de collections d'histoire naturelle, des laboratoires chimiques et des jardins botaniques; mais il ne faut pas trop

s'y fier. Plusieurs de ces établissemens ne méritent pas la moindre attention... Toutefois, le cabinet d'histoire naturelle à *Ajuda* mérite d'être vu: il ne soutient pas, à la vérité, la comparaison avec celui de Paris, ni même celui de Madrid; il est petit, aucune partie n'y est complète; on y trouve moin d'objets rélatifs au Brésil, qu'on ne devrait s'y entendre: cependant on y remarque plusieurs pièces importantes». (cap. XX, p. 297 e 298).

«Outre le Cabinet Royal, on trouve celui du marquis de Angeja, qui mérite d'être vu, à cause de quelques pièces principalement pour les diamans du Brèsil, enfermés dans une mine de fer... A Lisbonne, il y a des observatoires au couvent des *Necessidades*, dans les deux Acedémies de Marine, et dans la *citadelle.* Mais on s'applique peu, dans ces observatoires, aux observations astronomiques, faute d'instrumens». (cap. XX, p. 302).

o) *Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid* — Ch. Hautefort.

«Au moment où j'arrivai sur la place du Rocio je parlais avec un Portugais, homme de lettres, et de beaucoup d'esprit, de la rareté de livres qu'offre en général la littérature de son pays. Pour toute réponse, il me fit retourner, et m'indiqua du doigt la terrible résidence du Saint-Office» (p. 16).

p) *Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid, en 1814* — Ch. Hautefort.

«Une des occupations qui me flatta le plus à Lisbonne ce fut de visiter les bibliothèques qui ornent cette ville. Il y en a de fort bien composées en toute sorte d'ouvrage, à Notre Dame de Jesus, à Saint-Vincent de Fora et au couvent de Saint-François... Mais la bibliothèque la plus fournie en productions scientifiques et littéraires, c'est la bibliothèque royale... Je retournai plusieurs fois à la bibliotèque royale de Lisbonne et j'y trouvai continuellement beaucoup de monde occupé à lire et à travailler, et infiniment de complaisance de la part des personnes employées dans cette établissement utile. Je ne puis pas assez me louer des procédés aimables de M. da Costa Macedo à mon égard. Joignant à beaucoup de lumières des connaissances variées et une critique judicieuse; il sut rendre fort intéréssans les divers quarts-d'heure que je passai avec lui et me les rappeler sera toujours pour moi un nouveau plaisir». (p. 48 a 53).

q) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798. (J. B. Carrère).

«Lisbonne a une académie royale des sciences: c'est un grand nom qui en impose. Lisbonne a donc des savans et un lien où l'on honore, où l'on cultive les sciences... *Risum teneatis amici;* ce n'est qu'un bâton qui flotte dans l'eau, qui, apperçu de loin, paroît quelques fois un gros bateau. Cette académie est un composé monstrueux de personnes qui ne savent et ne doivent rien faire de personnes qui ne savent et ne venlent rien faire et de personnes qui se démènent beaucoup pour avoir l'air de faire, et qui ne font pas plus que celles qui ne font rien». (p. 247 e 248).

«Depuis quelques années que l'académie des sciences de Lisbonne existe, elle a fait diftérens travaux qui sont bien connus des savans de toutes les nations. Elle renferme dans son sein des hommes très instruits, et il est peu de savans en Europe qui reunissent autant de talens, autant de facilité que l'abbé Correa, sécrétaire de cette compagnie On compte parmi ses membres Vandelle... Velloszo... (Note de l'éditeur p. 252).

r) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (Carrère).

«... ce grand nombre de maîtres, cette variété de leçons, cette diversité d'établissemens, annoncent une instruction complète; mais, en examinant la chose de près, en pénétrant dans ce prétendu sainctuaire des sciences, on n'y trouve qu'une ecorce superficielle; on n'y trouve qu'un corps boursouflé, quoique maigre, sec, décharné, sans âme; sans vie, qui n'est animé que par la pédanterie, qui n'est dirigé que par le préjugé, qui ne se soutient que par la prévention nationale, qui n'en impose que par sa morgue et son orgueil.

En réformant cette université, on a conservé son ancienne forme, et on en a perpétué les inconvéniens; on a conservé une partie de son ancien régime, et en on a perpétué les abus; on a conservé une partie de ses anciens maîtres, et on en a perpetué l'esprit, de mode et des principes; on a pris les nouveaux maîtres parmi ses élèves, et on en a perpetué les préjugés. On a confié les nouveaux établissemens à des nationaux qui ne savoient que ce qu'ils avoient appris dans les anciennes écoles de cette antique université, qui étoient nourris des principes qu'ils y avoient puisés, qui étoient imbus des préjugés qu'ils y avoient reçus, qui étoient dépourvus des connoissances necessaires pour diriger des établissemens absolument nouveaux pour eux et pour

le Portugal, qui n'avoient ni le talent, ni la volonté, ni le courage de concevoir de nouvelles idées, d'établir de nouvelles opinions, de soutenir de nouveaux principes, de propager une nouvelle doctrine.

On n'y a appelé aucun maître étranger; on n'y a rien fait pour encourager des élans du génie, pour animer et soutenir les efforts d'une imagination heureuse, pour protéger l'homme de talent». (p. 243 a 245).

s) *État présent du royaume de Portugal;* (Dumouriez). — Paris, 1797.

«... rien n'est malheureusement plus borné en Portugal que les lettres et les arts, et les moyens d'y faire des progrès.

L'université de Coimbre, la mère des savans en Portugal, est une école barbare, remplie de tous les préjugés scolastiques; on n'y connoit que la philosophie d'Aristote, arrièrée de dix siècles, hérissée de tous les sophismes théologiques des premiers savans de l'ére chretienne et de toutes les subtilités honteuses, déraisonnables et absurdes de l'école et de la pédanterie. Cette université contient plus de 4000 écoliers, qui passent leur vie dans la dissipation et l'ignorance:... les lettres et la librairie sont en fort mauvais état en Portugal, quoique cependant ce peuple ait de l'esprit et de la disposition; mais il a été fort longtems sans application, il l'est encore, et ce n'est que depuis quelque tems que les jeunes Seigneurs commencent à se jetter dans la littérature; ils sont passionés surtout pour Voltaire, Rousseau et la nouvelle philosophie: presque tous ces livres sont traduits en portugais». (Livro IV, cap. IV, p. 201 e 202).

t) *Croquis de Voyage* — Armand Dayot. Paris, 1887.

«La bibliothéque de l'Université qui fut fondée de 1706 à 1730 sous le règne de João V, mérite d'être visitée. Les décorations picturales du plafond sont assez remarquables. Malheureusement les livres sont peu nombreux, et je crois volontiers que l'insistance fatigante avec laquelle les gardiens veulent faire admirer aux visiteurs les sujets décoratifs traités par les peintres n'est motivée que par le desir de détourner leur attention des rayons et des étagères à moitié vides. En 1830 elle possédait encore plus de 50.000 volumes parmi lesquels un grand nombre de manuscrits richement ornés par les *illuminadores* les plus cé-

lèbres du royaume. On m'a affirmé que le fonctionnaire peu scrupuleux auquel fut attribué à cette époque l'administration de la bibliothèque vendit à des particuliers les plus précieux des volumes confiés à sa garde. Aussi cette riche collection est aujourd'hui dispersée en grande partie aux quatre coins du monde». (257 e 258).

u) *Voyage en Portugal*— Link.

«... son cabinet d'histoire naturelle est peu considérable, et ne contient que très peu de choses remarquables... Mais la collection d'instrumens de physique est précieuse; il y en plusieurs faits en Angleterre. Ceux qui ont été construits en Portugal sont, la plupart, faits de bois de Brésil et dorés. Cette collection est, en général, une des plus brillantes. Ce cabinet est précieux pour tout ce qui concerne la mécanique, mais il est très pauvre en machines éléctriques. Le laboratoire de chimie est également bon, vaste et bien éclairé. Outre tout ce qui appartient à un laboratoire, y il a aussi des instrumens pneumatiques et une collection d'appareils chimiques, d'aprés la nouvelle nomenclature antiphlogistique. On y trouve encore une collection d'instrumens de chirurgie.

La bibliothéque publique est établie dans une église qui, pour l'intérieur, n'a pas souffert que peu de changemens. On ne juge pas trop bien d'une bibliothéque, quand on ne peut parcourir son catalogue. Le nombre de volumes est considérable, et pour en juger par ce qu'en dit le professeur de botanique Brotero, elle a beaucoup de nouveaux livres, dont les étudiants font un grand usage.

L'observatoire est bien construit et bien situé dans la partie supérieure de la ville; il est commode et bien distribué, mais il manque de beaucoup d'instrumens» (vol. I, cap. XXVI, p. 387 e 389).

«M. de Lach a prouvé, par des relations du chevalier *Araujo*, que j'avais en tort de dire que l'observatoire de Coimbre manquait d'instrumens. Je suis cependant obligé d'affirmer que cet observatoire me parut plutôt être une chambre de parade, qu'un cabinet de travail; et par cette raison, j'ai pu ne pas remarquer tous les instrumens qui s'y trouvaient; il en était de même des instrumens de physique. Nous désirâmes avoir des barométres pour faire à Coimbre de observations, qu'on aurait pu comparer ensuite avec celles que nous avions dessein de faire sur le Gerez et l'Estrella; sur-tout avec ce dernier, parce que Coimbre est

presque située au pied de l'Estrella. Le professeur de physique nous présenta un baromètre portatif de Hurter; mais il s'y prit si maladroitement, que sans le secours du comte de *Hoffmansegg*, qui connait fort bien les instrumens de physique, le mercure aurait été répandu. Il paraît que ce fut pour la première fois que l'on sortit ce baromètre de son étui. J'ai encore quelques notions à donner sur les instituitions littéraires particulières en Portugal; «je les réserve pour une autre occasion». (vol. III, p. 217 e 218, cap. IV).

«Le jardin des plantes n'est pas très vaste; les serres sont petites, mais par les soins de l'inspecteur du jardin, Don Feliz de Avellar Brotero, professeur de botanique cet établissement a été supérieurement bien arrangé... Il est certain qu'aucun amateur d'histoire naturelle ne visitera ce jardin sans fruit et sans plaisir» (vol. I, cap. XXV, p. 289).

«Il y a, il est vrai, plusieurs excellens professeurs dans ces écoles; mais ils n'ont pas toute l'influence que l'on désirerait sur les progrès de l'instruction, il faut sans doute l'attribuer à quelque cause qui lui est étrangère» (cap. IV, p. 212, vol. 3—Hoffmansegg).

IV

Situação literaria e artistica

a) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798 (J. B. T. Carrère).

«La statue equestre du roi Joseph I s'éléve au milieu de cette place... Le piédestal est trés massif; ses ornemens sont lourds, sans goût, sans grace, sans agrément. La statue et le cheval sont d'une exécution médiocre, sans grace et sans magesté; cependant cet ouvrage fait honneur à l'artiste; celui-ci l'a exécuté sans être sorti de son pays, sans avoir jamais eu de maître, sans avoir jamais vu de modèle, uniquement par un effort heureux de son génie, dirigé par une application bien entendue des précepts qu'il avoit puisés dans les livres de l'art [1]» (pp. 28 e 29).

[1] Cet homme de mérite a voulu aller perfectionner ses talens auprès de quelques grands maîtres, à Paris et à Londres; le gouvernement lui a défendu de sortir de Portugal, c'est ainsi qu'on y protège, qu'on y encourage les arts, qu'on y travaille.

b) *Travels in Portugal* — James Murphy. Londres, 1795.

«When we consider the humble state of the arts in Portugal, and the difficulty of executing such a magnificent statue, we must allow that the great praise is due to those who had the conducting of it». (Equestrian statue of Joseph I p. 151).

c) *Travels in Portugal* — J. Murphy. London, 1795.

«In very thing that constitutes the ornamental or the elegant, the principal Entrance certainly stands unrivalled by any other Gothic frontispiece in Europe» (p. 35).

d) *Travels in Portugal* — J. Murphy. London, 1795.

«Lisbon Aqueduct... may be justly considered one of the most magnificent monuments of modern construction in Europe; and in point of magnitude, is not inferior, perhaps, to any Aqueduct the ancients have left us». (p. 179).

e) *Croquis de voyage* — Armand Dayot. Paris, 1887.

«Il y aurait de l'exagération à avancer avec certaines personnes que l'église de Batalha est le plus beau monument d'architecture existant, mais elle peut certainement être considerée comme un de ses spécimens les plus purs et les plus séduisants!» (p. 297).

f) *Voyage en Portugal* — Link.

«Dans tout Lisbonne on ne doit pas chercher un morceau d'architecture remarquable, ni dans les maisons des particuliers, ni dans les batimens publics, quoiqu'on en puisse citer quelques-uns comme passable... Parmi les églises même, il n'en est pas une d'un bon stile; elles sont toutes petites et pauvrement decorées». (cap. vx, p. 226).

g) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (Carrère).

«Les arts sont encore dans l'enfance en Portugal; on y chercheroit vainement un artiste, même médiocre». (p. 266).

«Le seul édifice public qui merite d'être vu, est hors de Lisbonne; c'est un superbe aqueduc, destiné à porter l'eau dans cette ville; il a été construit sous le roi Jean V. Il fait honneur au régne de ce prince et aux architectes qu'en dirigirent la construction; il reunit la magnificence et la beauté à la hardiesse et à la solidité de l'exécution» (p. 37).

h) *Souvenirs d'une Ambassade* — Duchesse d'Abrantes. Paris, 1837.

«Une remarque général à faire sur le Portugal, c'est à quel point ses habitans connaissent peu les beaux-arts; ils n'en ont aucunement le sentiment». (vol. II, p. 180).

i) *Nouvelle Geographie Universelle*—W. Guthre. Paris, 1802.

«La litterature portugaise est loin de pouvoir occuper un rang distingués parmi celle de l'Europe. Quand on a nomé *Luis Camoens,* et en seconde ligne João de Barros, auteur de *decades d'Asie; Osorio,* qui a donné l'histoire du roi Emmanuel, *Luis de Sousa, Bernardo de Brito,* le *comte d'Ericeira,* autre historien et le prédicateur Mascarenhas, on ne trouve plus guère que des productions que la raison désavoue autant que le bon goût... Quant à leurs auteurs dramatiques, il ne meritent guère d'être cités. Ils ont cependant un *Diaz Baltazard,* dont ils font quelque cas; un *Gil Vicente,* qu'ils regardent comme leur Plaute; un *Antonie Joseph*... » (p. 113 e 114).

j) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (Carrère).

«Les Portugais ne sont pas plus avancés dans la littérature que dans les sciences; les mêmes obstacles, les mêmes entraves en empêchent les progrès. Leurs idées et leur style se ressentent de la contrainte qu'on lui impose... Leur Camoens a laissé une grande place à remplir... Les Portugais écrivent trés peu; ils traduisent beaucoup plus qu'ils n'écrivent: ils s'approprient ainsi les ouvrages des autres nations; mais dans leurs traductions les ouvrages originaux sont également mutilés et rendus méconnaissables, en passant par le terrible creuset de la censure. (p. 245 e 247).

k) *Voyage en Portugal* — Link.

«On ne connait, dans ce pays, ni journaux litteraires, ni ceux qui rendent compte des ouvrages qui ont nouvellement paru; les éditeurs des ouvrages nouveaux se contentent de les annoncer simplement dans la *Gazeta de Lisboa*... Malgré le grand nombre d'établissements litteraires qui existent à Lisbonne; on ne voit point paraitre d'ecrits de circonstance... la majorité des écrits qui se publient à Lisbonne, ont pour objet, soit la dévotion, soit la poesie... Dans les odes et les chansons, surtout dans les pièces légères et sentimentales, on trouve plusieurs excellens morceaux... On voit très peu de drames originaux; la plupart ne sont que des imitations ou des traductions de poesie françaises; mais principalement italiennes... Les romans portugais sont mal conçus et bien inférieurs à ceux des Espagnols; on n'a encore traduit que quelques anciens mauvais romans des Français et plusieurs très médiocres des Anglais». (vol. II, cap. XXXVIII, p. 186 a 190).

l) *Histoire de la littérature étrangère* — Alfred Rougeault. Paris, 1876.

«Le Portugal... a... la gloire d'avoir ouvert, avec Gil Vicente, la carrière dramatique au reste de l'Europe, puis que, dans aucun pays, au commencement du seizième siècle, on n'aurait trouvé un théatre qui eût autant d'invention, de naturel et de vraie poésie» (vol. III, p. 463).

«La littérature portugaise, assez pauvre en illustrations littéraires, a pourtant un poete qu'elle peut opposer aux plus grands, aux plus glorieux des autres pays: ce poete est Louis de Camoens (1525-1579), l'auteur des Lusiades» (vol 3.º, p. 465).

m) *Portugal of Portuguese* — Aubrey Bell. London, 1915.

«The Portuguese have reason to be fond of their literature which, though it does not abound in masterpieces of the first order, possesses a very large number of works, in verse and prose, of conspicuous merit and deserving to be far better known, both in Portugal and abroad». (cap. VIII, p. 133).

V

Grandeza — Decadência — Ressurgimento

a) *Les trois âges des colonies.*— M. de Pradt. Paris, 1802.

«Les Portugais sont aux colonies les ainés de tous les Européens, dont ils semblent être les cadets par-tout ailleurs. Ce peuple, presqu'imperceptible aujourd'hui en Europe par sa position et la petitesse de sa population et de son territoire, fut le premier à soupçonner et à constater l'existence de terres inconnues dont la découverte pouvoit servir à l'utilité de l'Europe... le Portugal parcourut à pas de geant la carrière dans laquelle il venoit d'entrer; il porta au milieu des nations de l'Afrique et de l'Asie, un heroisme de valeur et de vertu, qui les frappant à-la-fois d'étonnement et de respect, leur inculqua profondement l'opinion de la supériorité des Européens, et prépara efficacement les succès qu'ils n'ont cessé depuis d'obtenir au milieu d'elles... Vasco de Gama, Ataide, Castro, et sur-tout Albuquerque, firent éclater au milieu des peuples de l'Afrique et de l'Asie, des vertus et des talens comparables à tout ce que l'histoire a consacré de plus recommandable et de plus grand. En contemplant leurs hauts faits, on se croit revenu aux temps héroiques et les merveilles de la fable palissent devant les miracles avérés de leur histoire; fils ennoblissent à-la-fois le nom de l'Europe et de leur propre nation...». (vol. I, cap. II, p. 26 a 28).

b) *Élémens de l'histoire du Portugal.* — A. Serieys. Paris, 1805.

«Les Portugais furent les premiers navigateurs de nos temps modernes... Ce peuple ouvrit l'univers, qui depuis la création avait été fermé. Il joignit ensemble toutes les parties du globe. Cette réunion est un des plus grands évènemens de notre monde, tout par l'influence qu'il eut sur les rois que par la révolution qu'il causa chez les hommes». (p. 14).

Les Portugais surpassèrent les premières nations du monde dans cette gloire qui tire sa source des obstacles vaincus et des difficultés surmontées. Jamais peuple, à l'exemple des Romains,

ne prépara la guerre avec tant de prudence et ne la fit avec tant d'audace. Une des causes de la prospérité des Portugais dans les Indes, fut que ses premiers amiraux furent tous de grands généraux. On ne trouve point ailleurs dans l'histoire une telle suite d'hommes d'état et de tels capitaines... Le Portugal se fraya un chemin à la grandeur, parce que ses vices-rois furent tous de grands citoyens. Gama, Albuquerque, Lopes, Soares, Castro, Garcia, de Sá, Ataydes, Thomas de Sousa, sept grands hommes qui, par un grand bonheur, se succédèrent, élévèrent le Portugal au-dessus de tous les autres états de l'univers». (p. 29).

c) *The discoveries of Prince Henry.* — Richard Henry Major. London, 1877.

«When we see the small population of a narrow strip of the Spanish Peninsula, limited both in means and men, become, in an incredibly short space of time, a mighty maritime nation, not only conquering the islands and Western Coasts of Africa and rounding its Southern Cape, but creating empires and founding capital cities at a distance of two thousand leagues from their own homesteads, we are tempted to suppose that such results must have been brought about by some freak of fortune, some happy stroke of luck. Not so: they were the effect of the patience, wisdom, intellectual labour, and example of one man (D. Henrique), backed by the pluck of a race of sailors who when we consider the means as their disposal, have been unsurpassed as adventures in any country or in any age». (pag. VII e VIII).

d) *Le Portugal et le Saint-Siège* — Marquis Mac Swiney de Mashanaglass. Paris, 1904.

«Le XV siècle pourrait, à juste titre, être appelé le *siècle des Portugais;* en effet, c'est au merveilleux esprit d'entreprise, à l'energie sans bornes, au courage indomptable de ce petit peuple, que le XV siècle doit l'étincelante auréole dont est entouré son souvenir. On a beau fouiller l'histoire des siècles précédents, depuis la chute de l'empire romain, ou celle des siècles suivants, on ne trouve aucune époque où la civilisation ait reçut un développement aussi considérable par les oeuvres d'un seul et même peuple». (vol. III, cap. I, p. 1).

e) *Histoire des Indes.*—Abbé Raynal. Geneve, 1762.

«Il n'y avait pas quarante mille Portugais sous les armes, et ils faisaient trembler l'empire de Marve, tous les barbares d'Afrique, les Mammelus, les Arabes, et tout l'Orient, depuis l'isle d'Ormuz jusqu'à la Chine. Ils n'étaient pas un contre cent; et ils attaquaient des troupes, qui souvent avec des armes égales, disputaient leurs biens et leur vie jusqu'à l'extrémité. Quels hommes devaient donc être alors les Portugais, et quels ressorts extraordinaires en avaient fait un peuple de hèros?» (tom. 1, p. 119).

f) *Portugal in 1820.*—Londres, 1827; (General Brown).

«From the days of Vasco da Gama, and the fructs of his happy temerity in doubling the Cape of Good Hope, Portugal had never relied on her own productions as adequate sources of national wealth. Invited as she had been by the discovery of a commercial resort, hitherto inacessible to European navigation, and enriched by the vast treasures thus placed within her grasp, her enterprizing spirit of foreign speculation had superseded the exertions of domestic industry, and abundantly repaid itself. Nor did the subsequent superiority of the Dutch, in the same quarter, repel this excursive inclination; for although the East no longer supplied her with a valuable monoply, a new mine of wealth, that appeared inexhaustible, had been opened in the West; and Brazil proved to her a second India. The abundant and varied produce of this South American possession found its emporium in Lisbon, and entered the Tagus, to be thence scattered over Europen while every part of Portugal derived its full share of these advantages, and flourished in the prosperity of the capital. Hence it is evident how severe a shock must have been given to the mother country, when the Brazilian ports were thrown open to the direct commerce of Europe, diverting the rich tide of merchandize into other channels, and leaving that comparatively dry, which had so long been fertilized by its exclusive course». (cap. 1, p. 4 a 6).

g) *Lettres écrites en Portugal.*—1780.

«On voit ce royaume, qui autrefois tenoit un rang distingué en Europe, réduit, pour ainsi dire, à rien; un état qui, après

avoir formé de grands établissemens dans les différentes parties du globe, se trouve n'en point avoir chez lui; une nation, qui, après avoir porté ses conquêtes dans un nouvel hémisphère, se voit privée de sa propre souveraineté; les richesses de ses conquêtes étant la cause même de ses besoins domestiques». (Carta 2, p. 8).

h) *Adrien Balby. Essai Statistique sur le Royaume de Portugal.* — Paris, 1822.

«Il s'en faut encore de beaucoup que les Portugais soient au niveau des Français, des Anglais, des Allemands, des Danois, des Italiens ou des Suedois, pour tout ce qui regarde les fabriques, les manufactures, le commerce, la navigation, l'agriculture, les arts et les différentes branches de l'administration... Ils sont de beaucoup plus avancés en ce moment qu'ils ne l'étaient il y a quarente ans». (pag. XIX).

i) *Histoire moderne* — Georges Weber. Trad. do alemão por Jules Guilliaume, 1875.

«Sous Jean III (1521-1557), fils d'Emmanuel le Grand on poursuivit les voyages de découvertes dans l'Inde; la Geographie fit des progrès et le commerce portugais fut étendu. Mais la richesse facilement acquise, sans que l'industrie marchat d'un pas égal montra bientot ses suites funestes; car tandis que les trésors de l'Inde s'entassaient dans quelques fouilles, la masse de la nation était livrée à la paresse et à la misère; et comme, en outre, les jésuites favorisés par le roi, et l'inquisition toujours active imposaient leurs chaines spirituelles au peuple et détruisaient toute son énergie, le Portugal perdit en quelques années son ancienne prospérité. Les droits et les libertés succombèrent, comme en Espagne, à la monarchie absolue et à la hièrarquie; le peuple fut tenu en tutelle et l'on vit disparaitre les sentiments heroïques qui lui avaient autrefois inspiré tant de nobles exploits». (p. 182-183).

j) *Le Portugal et ses colonies.* — Charles Vogel. Paris, 1860.

«... les Portugais avaient la renommée d'un peuple actif, entreprenant, chevaleresque entre tous, chez lequel l'agriculture et l'industrie, la navigation et le commerce florissaient et n'étaient

pas moins honorés que la poesie et les sciences. L'épuisement causé par des entreprises trop vastes peut-être pour les forces du pays, l'habitude contractée de bonne heure de vivre sur la richesse des colonies, le joug oppressif de l'Eglise et son intolérance, la calamité de la dominations espagnole, la dépendance de l'Angleterre dans laquelle le Portugal tomba ensuite, et le manque de rélations avec les autres peuples, qui s'explique par le fait de cette longue dépendance, par la situation geographique du pays, à l'extrémité du continent européen, et par d'autres raisons encore, toutes ces causes reunies, en plongeant la nation dans l'oisiveté, l'ignorance et la superstition, concoururent à miner aussi de toutes parts les bases de sa prospérité économique». (cap. III, p. 48).

k) *Discours sur l'histoire.* — Comte d'Albon. Genebre, 1782.

«Les Nations brillantes s'eclipsent; on les voit ensuite reprendre leur éclat et le perdre de nouveau; telles sont les vicissitudes humaines, telle est en raccourci l'histoire du monde, telle est celle des Portugais: ils n'ont en Europe que des possessions très bornés pour l'étendue. Actifs, prudens, braves, bons marins, ils pousserent bien loin leur navigation, multiplièrent leurs conquêtes en Afrique et dans les deux Indes, formerent de riches établissemens: leur commerce s'ouvrit rapidement; il devint immense, et versa dans leurs mains tous ses trésors... L'opulence attaqua les moeurs... Heureux et riches ils ne tarderent pas à se montrer vains, fiers, presomptueux, durs, intraitables... leur caractere s'altera, leurs bonnes qualités se dissiperent ou s'affaiblerent; leur amour pour le travail s'éteignit; ils perdirent le goût de l'industrie; le soin du commerce ne les affecta plus; ils se virent bientôt forcés de se borner aux necessités de la vie, eux qui auparavant jouissoient du privilège d'un procurer aux autres les commodités; ils s'écoula peu d'années, et presque tous les fruits de leurs anciens travaux passerent à des mains étrangères pour ne plus revenir dans les leurs». (p. 201 a 205, t. IV)

l) *Histoire des littératures étrangères.* — Alfred Rougeault. Paris, 1876).

«... Almeida e Albuquerque fondérent cette vaste domination coloniale qui donna au commerce portugais tant de deve-

oppement et de richesses. Grandeur demesurée, dangereuse, éphémère, qui déplaça les forces vives de la nation, lui fit négliger ses ressources intérieurs, son agriculture, et fut pour elle, comme l'Espagne, une source de faiblesse et de rapide décadence». (vol. III, p. 449).

m) *Histoire des littèratures étrangères.* — Alfred Rougeault. Paris, 1876.

«La force virile de la nation avait fait place à une sorte d'épuisement; la prospérité, la richesse avaient engendré la mollesse et la nonchalance; on oublia l'agriculture et même le commerce; le travail parraissait moins un honneur qu'une marque d'avilissement. Les colonies furent négligés du moment qu'on en eut épuisé les richesses qui procuraient des jouissances; on exploitait les naturels du pays sans chercher à établir les bases d'une colonisation durable». (vol. III, p. 496-497).

n) *Lettres écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume.* — Londres, 1780; (Philadelphie Stephens).

«On ne peut pas alleguer... l'opinion bisarre, que les peuples du midi manquent absolument de l'activité d'esprit nécessaire. Les annales de Portugal démentent ce préjugé; et les Tyriens ainsi que les Carthaginois nous fournissent un exemple du contraire. Nous devons donc en chercher la cause dans la forme du gouvernement, plutôt que d'attribuer ce défaut au climat. Quelque étrange que puisse paroître l'assertion, on ne peut nier que le Portugal ne se trouve encore dans un état d'enfance, pour ne pas dire de barbarie, au milieu des nations les plus policées de l'Europe. Avec la chûte de leur commerce, les Portugais on perdu l'esprit d'industrie, la connoissance des arts, l'exercice de leur raison, et jusqu'aux principes de la saine politique». (Carta 3, p. 13).

o) *Brazil, the River Plate and the Falkland Islands. William Hadfield.* — Londres, 1854.

«... Portugal possesses a deep interest from the great deeds of its early navigators, already slightly adverted to. None who sympathize with the noble qualities the mention of their heroic names conjures up can fails to deplore that the spirit of Vasco

da Gama, Cabral, Camoens, and many others, has not descended to succeeding generations rendering the land their genius and patriotism had adorned what might yet be made under an enlightened government viz., one of the most prosperous countries in Europe». (p. 49).

p) *Élémens de l'histoire du Portugal.*— A. Serieys. Paris, 1805.

«... l'ardeur, la bravoure et le courage des Portugais s'affaiblirent... Ce peuple changea lorsqu'il s'accoutuma à prendre la richesse pour une vertu, et à regarder la pauvreté comme un vice». (p. 41 e 42).

q) *Le Portugal et ses colonies.*— Charles Vogel, Paris, 1860.

«Une ferme consistance, de fortes traditions, la conscience nette de leur rôle et des vues claires pour l'avenir, font encore en partie défaut aux divers éléments dont se compose la société portugaise». (cap. VI, p. 121).

r) *Histoire du Portugal.*— Auguste Bouchot. Paris, 1854.

«Quelque tristesse que puisse inspirer la situation actuelle du Portugal, l'histoire de ce petit royaume n'en demeure d'ailleurs pas moins l'une des plus dramatiques et même des plus merveilleuses. L'Empereur (1) avait eu soin d'en recommender l'étude dans ses lycées. Il y trouvait, avec raison, une excellente école d'enthousiasme et d'heroïsme pour ces jeunes générations qu'il entraînait à sa suite dans toutes les capitales de l'Europe». (p. III).

s) *Portugal of Portuguese.*— Aubry Bell. London, 1915.

«... against the nation of those who say that Portugal is dying, slowly dying, it is necessary to enter a strong protest. If reference is made to Portugal's tuture «But has Portugal a future?» ask these sceptics. And the answer is that she has not only a future but a great future. She is in the fortunate position

(1) Napoleão I

of having accomplished great deeds and having great deeds to accomplish. By no means *un peuple qui s'en va.* Rather *un peuple qui revient.* For, in the sixteenth century, Portugal may be said to have conquered a whole world and lost her own soul. The reverse process is now before her: to begin with Portugal's own development and prosperity and so work outwards, and no one will contend that to convert Portugal from its miserable state into a flourishing and contended country will not merit all the praises won by Portugal's discoveries and conquests of yore». (cap. XIV, p. 238).

t) *Le Portugal et ses colonies.* — Angel Marvaud. Paris, 1912.

«En insistant sur les éléments de vitalité incomparables que possède l'État lusitanien, tant dans la métropole que dans ses riches possession coloniales, nous avons voulu montrer que son relèvement doit precéder, avant tout, de son développement économique. Ce relèvement suppose, il est vrai, une correction radicale des moeurs publiques, tant que de celles des individus». (Conclusions — p. 325).

u) *Le Portugal inconnu.* — Leon Poinsard. Paris, 1910, Science sociale, (Março, Abril, Outubro e Novembro).

«La race lusitanienne a été profondément désorganisée, et tous ses embarras actuels viennent de là. Mais elle porte en elle-même les qualités nécessaires pour son relèvement, quand elle saura le vrai sens des choses et voudra prendre la peine de travailler en connaissance de cause à sa propre réorganisation, elle obtiendra certainement, et dans un espace de temps relativement court, des résultats considérables». (p. 6).

VI

Exercito — Marinha — Engenharia — Colonias [1]

a) *Voyage en Portugal — depuis 1797 jusqu'en 1799.* — M. Link, trad. de l'allemand. Paris, 1803.

«L'état si bien ordoné de l'armée portugaise, est tout-à-fait l'ouvrage du *comte de Lippe,* de cet homme extraordinaire, dont le souvenir est cher encore à chaque habitant du pays. Qui ne connait pas o Conde de Lippe, dit simplement o Gran Conde! La nation entière lui paie un juste tribut d'estime et de vénération; elle le reconnaît pour le créateur de son armée... Les troupes portugaises sont assez bonnes; je connais plusieurs régimens bien exercés, et maneouvrant supérieurement. On pourrait même les comparer aux corps des armées les mieux disciplinées... Les six régimens qui ont marché contre les Français dans le Roussillon, à l'époque de la dernière guerre, se sont comportés d'une manière irreprochable; et dans une surprise, où il n'entra point de leur faute, ils se battirent en braves: les Emigrés sous les ordres du marquis de Saint-Simon, et les Espagnols, s'accordent en ceci. En un mot, il ne manque à ces soldats que des officiers et des généraux, tels qu'étaient autrefois Albuquerque, Pacheco, da Cunha, etc. On trouve cependant dans l'armée portugaise quelques officiers instruits et braves...» (cap. XII, p. 175 a 177).

b) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (Carrére).

«Les troupes portugaises sous les armes n'ont aucune apparence; il n'y en a point qui aient moins la tournure martiale. Les hommes sont petits, mal tournés, souvent rabougis, plus souvent encore cagneux; ils sont mal habillés, mal chaussés mal montés, encore plus mal exercés; ils n'ont ni propreté dans la tenue, ni fierté dans le mantien, ni égalité dans la marche, ni légereté dans l'action, ni précision dans les manoeuvres». (p. 262).

---

[1] Os seguintes extractos da presente serie deviam ter sido distribuidos, sem os titulos que os encimam, pelas cinco secções anteriores, o que não se fez por um lamentavel equivoco. — *P. A.*

c) *Discours sur l'histoire.*— Comte d'Albon. Genebre, 1782.

«Un peuple de conquérans a cessé d'être un peuple guerrier: il n'a plus d'armées de terre, et n'est pas en état de prévenir les entreprises contre ses voisins; il n'est rien moins que redoutable sur mer; ses armées navales, qui autrefois portèrent si loin la terreur dans les trois autres parties du monde, ont disparues et n'ont jamais été remplacées: leur marine se reduit aujourd'hui à quelques vaisseaux de guerre, la plupart peu considérables et mal entretenus.

Les forces maritimes des Anglois couvrent elles seules le Portugal et en conservent les conquêtes: celui-ci est dans une dépendance entière de ceux-la; il le reconnoit, il se persuade même que sans eux, il ne pourroit plus subsister: sa conduite prouve assez qu'il est dans cette persuation». (p. 219-220, t. IV).

d) *Personal memoirs and correspondance comprising a Narrative of the war for constitutional liberty in Portugal and Spain from its commencement in 1831 to the dissolution of the british legion in 1837.* — Londres, 1837, 2 vol. Colonel Charles Shaw.

«... the more I have seen of the Portuguese soldier, the more have I been led to respect him. Give the Portuguese regiments leaders, and nothing can withstand them». (XXVI, 370).

e) *Histoire de la guerre de la Péninsule.* — Général Foy. 1827-28.

«Les soldats portugais seraient devenus excellens dès qu'on l'aurait voulu; on pouvait aussi sans grande dificulté former des officiers passables, mais les chefs ne valaient rien». (p. 83 e 84). Le gouvernement portugais a tiré, ã cette époque, peu de profit des militaires étrangers. On ne savait, ni s'en passer, ni s'en servir». (p. 87).

f) *État présent du royaume du Portugal.*—Hamburgo, 1797; (C. F. Dumouriez).

«Le corps des ingénieurs portugais est très mauvais, très mal composé et très ignorant; ils ne peuvent servir tout au plus qu'à régler du papier et numeroter un régistre; c'est aussi à quoi on les employe souvent». (liv. III, cap. II, p. 122».

g) *État present du royaume de Portugal.* — Hamburgo, 1797; (C. F. Dumouriez).

«Rien n'a été plus méprisable depuis un siècle jusqu'à-près la guerre de 1762, que le militaire portugais. Après cinquante ans de paix, après un tremblement de terre, des famines, enfin après une abominable conjuration; cette partie avoit été totalement négligée, et elle étoit tombée dans un état miserable. L'armée étoit composée d'environ huit à dix mille hommes moindres que des paysans, sans uniformes, sans armes, demandant l'aumône, en faisant toute sorte de métiers pour vivre; les officiers de ces troupes étoient les valets, ou les ecuyers des colonels, continuant dans leurs emplois domestiques, servant leurs maitres à table et montant derrière leurs voitures les jours qu'ils n'étoient pas de garde, c'est là, sans exagération, le portrait inimaginable de l'ancien militaire portugais, avant la guerre de 1762, et la venue du comte de Lippe dans ce pays, qui en a changé la face». (liv. III, p. 102).

«Les obligations que les Portugais ont aux étrangers depuis l'acclamation de 1640; ne peuvent être égalées que par leur ingratitude; ils paroissent avoir pour principe de les appeler en tems de guerre pour réparer les longues sottises qu'ils ont faites pendant la paix: l'ardeur et zèle militaire renaissent à l'arrivée de ces aventuriers. La guerre cessant, le zèle s'éteint, les épées se rouillent, les étrangers sont chassés, persécutés, meurent ou desertent, accablés par l'injustice, les dettes et la misère, et les Portugais retombent dans leur ignorance et leur engourdissement. Cette absurde conduite s'est dejà renouvellée plusieurs fois depuis l'époque que je viens de citer, il est probable qu'elle se renouvellera encore souvent». (liv. III, cap. I, p. 103).

«Le soldat portugais est obeissant, patient, robuste, vif et adroit, mais il est paresseux, mal-propre et epilogueur; il est susceptible de devenir excellent avec du soin». (liv. III, cap. I, p. 107).

h) *Relation d'un voyage fait en 1659, 1699, e 1697, aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brésil, etc.* — Froger, 1699.

«Les Habitans (S. Sebastião) sont propres, et d'une gravité ordinaire à leur nation; ils sont riches et aiment le trafic; ils ont grand nombre d'Esclaves noirs, outre plusieurs familles entières d'Indiens qu'ils entretiennent dans leurs sucreries, et à qu'ils ne

veulent pas oster la liberté, comme étant naturels du Païs. Leurs Esclaves font pour la plupart toutes les affaires de la maison; ce qui les rend si mols et si effeminés, qu'ils ne daigneroient pas se baisser pour prendre eux-mêmes une épingle, dont ils auroient besoin. Le luxe est si ordinaire parmy eux, que non seulement les Bourgeois, mais même les Religieux peuvent entretenir des femmes publiques sans craindre la censure et les médisances du peuple, qui leur porte un respect tout particulier; l'impureté n'est pas le seul défaut de ces Moines impies; ils vivent dans une ignorance crasse; on en trouve trés peu qui sachent le Latin... On trouve par tout le Bresil des legions de Cordeliers, de Carmes, et de Benedictins: mais ils se soucient peu de la conversion d'un nombre infini de pauvres Indiens, qui ne demendent qu'à être instruits des lumières de l'Evangile... Ce que je dis de ces faux Religieux ne doit en rien offenser ceux qui font leur devoir, puisque les invectives qu'on fait sur les libertins, ne font qu'augmanter le respect qu'on doit avoir pour ceux qui cherchent l'occasion de montrer leur zele, et de répandre leur sang pour la gloire de Jesus Christ». (p. 74 e 77).

i) *Le développement de l'Afrique.*— Arthur Silva White, trad. de l'anglais du Dr. Verrier et M.ele. S. Lindsay. Bruxeles, 1894.

«Depuis 1885, une légère tendance à l'amélioration s'est manifestée dans les possessions portugaises de la Guinée inférieure. Il est d'ailleurs extraordinaire que dans des contrées offrant tant de ressources, les progrès n'aient pas été plus sensibles. Dans leur ensemble, les colonies portugaises du monde entier sont un luxe très couteux pour la mère patrie, leur administration se soldant par un deficit annuel, et celles du continent africain, bien que les plus productives de toutes, ne font pas exception.

L'egoïsme et maladroite politique fiscale du Portugal est la cause principale de l'insuccès des colonies portugaises, et c'est la mère patrie qui en est la première victime. Sa position en Afrique est celle du «chien de la fable dans la mangeoire». Toutefois, si le gouvernement portugais déployait plus d'énergie et moins d'ambition, ses possessions pourrait non seulement se suffire à elles-mêmes, mais encore donner de beaux bénefices au trésor de Lisbonne... Il est nécessaire cependant d'admettre le Portugal comme auxiliaire de l'Europe en Afrique; nous ne devons pas oublier tout ce que nous devons aux premières entreprises des Portugais». (cap. IX, p. 322 e 323).

j) *Les trois âges des colonies.*—M. de Pradt. Paris, 1802.

«... les Portugais ont... perdu presque sans combattre, ce qu'on a voulu leur enlever, et ne possèdent... plus que ce qu'on a bien voulu leur laisser. Ce peuple comme épuisé par les efforts qu'il fit pendant un siècle, est tombé dans un assoupissement léthargique: rien n'a pu l'emouvoir, ni l'en faire sortir. Partagé entre la superstition d'un bigotisme avilissant et les voluptés de son climat, il a oublié son ancienne gloire, et content de ses souvenirs, il n'a plus rien tenté pour rattacher sur son front quelque partie des lauriers qui ombrageoient la tête de ses pères.

Où sont-ils les descendans des Gama, des Albukerques, des Castros, des Athaide, et de tant d'autres heros qui rendirent le nom portugais si redoutable et si illustre?. Comment reconnoître la race, les rejettons des conquérans de l'Asie dans cette espèce dégénérée qui erre sur les établissemens encore subsistans du Portugal, et qui, semblable à des ruines, paroît n'être destinée qu'a y montrer les lieux où furent les établissemens portugais, plutôt que les lieux où ils sont encore...

Tandis que les autres Européens formaient à l'envoi, dans leurs arsenaux, dans leurs ports, tous les moyens de la puissance maritime, le Portugal se bornoit au plus étroit nécessaire dans cette partie, comme dans toutes les autres branches de son administration: les autres nations recherchoient par-tout l'extension et les bénéfices du commerce; le Portugal abandonnoit le sien à l'exploitation de l'Angleterre; il s'est mis en regie, et comme en tutelle sans cette puissance; il y vegète, se bornant à être dans son interieur une espèce de couvent, et au dehors un client de l'Angleterre, à entretenir chez lui des habitudes et une régularité à peu-près monacales, et à se tenir au dernier rang de la scène du monde.

Le Portugal est resté stationnaire au milieu de l'avancement de ses voisins; il n'a pas gradué sa marche sur leurs progrès, et à défaut de suivre leur pas, il a fini par en rester à une distance prodigieuse.

De pareilles dispositions ne sont pas propres à faire d'un peuple, le maître de colonies bien florissantes, ni bien puissantes; aussi dans quel état se montrent celles du Portugal! Celles d'Asie font horreur; ce sont les lambeaux de l'ancienne puissance portugaise; le Brésil lutte, par sa fécondité, contre l'incurie de la métropole, et opera le miracle d'en triompher. Le Portugal a dû la conservation de ses colonies, 1.° à la protection de

l'Angleterre qui s'opposera toujours à laisser dépoiller par d'autres, l'état qu'elle exploite pour elle-même; 2.º au voisinage de l'Espagne qui confine le Portugal en Amérique comme en Europe. L'Espagne n'est occupée que de se défendre elle-même, et de repousser les attaques de toutes nature auxquelles prêtent ses immenses possessions, au lieu d'en méditer contre les autres». (vol. II, cap. XI, p. 140 a 143).

k) *Portugal of Portuguese.*— Aubrey Bell. London, 1915.

«... the Portuguese do not seem to possess the energy and administrative ability needful to leaven the whole lump of lump of their possessions, in spite of the fact that they adapt themselves readily to new conditions and to extremes of climate, and are enterprising in ideas». (cap. XIV, p. 233).

VII

Finanças — Vias de comunicação

a) *Élémens de l'histoire du Portugal.*—A. Serieys, 1805. Paris.

«Comme l'or du Bresil ne faisait que passer en Portugal, et qu'il se répandait dans les autres états de l'Europe qu'il enrichissait, on ne saurait croire la révolution que cette augmentation de numéraire causa. La scène du monde politique changea entièrement. Des gouvernemens qui, par leur pauvreté naturelle, ne pouvaient rien auparavant, purent beaucoup après». (p. 70).

b) *État present du royaume de Portugal;* (Dumouriez).

«On dit assez généralement que le tresor est rempli, que le Portugal est fort riche, et que ses revenus sont considérables; mais il me semble que les finances ne doivent pas être en bon état dans un royaume qui n'a ni agriculture, ni marine, qui vient d'essuyer un tremblement de terre qui a produit des banqueroutes considérables, et de soutenir une guerre qui lui a occasionée de grandes dépenses; dont les colonies, qui sont sa partie essentielle et la source de ses richesses, sont si pauvres,

si mal administrées et si vexées, que les peuples trop foulés pourraient être tentés de deserter ou de se revolter si on n'y remedie au plutôt; surtout si l'on considère, que ce royaume at d'anciennes dettes, [1] que ses richesses et surtout son or on passé jusqu'a présent par les mains des Anglois qui seuls en jouissent: enfin que les diamans qu'il possède en quantité son une richesse morte, et qui n'est point de circulation.

Le peuple portugais n'a que très peu d'impôts à payer, et cependant il ne vit pas dans l'aisance.

Avant le ministère du Comte d'Oeyras, il falloit ajouter à ces vices réels des finances du Portugal celui, plus terrible encore, de leur mauvaise administration... (liv. IV, cap. V, p. 216).

«Le commerce du Portugal [2] étant uniquement entre les mains des Anglois, et le Portugal manquant absolument de paturages et de grains, la dépendance de ce royaume est absolue, parce que l'Angleterre lui fournit toutes les denrées les plus nécessaires qui lui manquent». (liv IV, cap. V, p. 214).

c) *Discours politique.* — Lisbonne, 1756; (Ange Goudar).

«En 1753 et 1754 il n'y avoit dans le royaume, pour toute richesse générale, que quinze millions tournois en espèces, encore cette somme existoi elle en grande partie en une monoye d'argent remplie d'alliage [3] que les Etrangers à cause de cela ne pouvoient point enlever; sans quoi il n'eut pas resté un sol dans toute l'étendue de cette Monarchie. Mais une chose bien extraordinaire, et qu'on aura de le peine à croire, c'est que le Roi de Portugal, ce possesseur des mines d'or les plus abondantes; ce Monarque que toute l'Europe croit si riche, et si pécunieux à la fin de l'année 1754, emprunta quatre cens mille écus à une confrérie pour subvenir à ses besoins.

Enfin, depuis dix ans le Portugal avoit fait banqueroute à la plupart des Nations de l'Europe. Il devoit cinquante millions tournois à l'Angleterre. L'Etat étoit devenu insolvable... Le Por-

---

[1] En 1752 et 1754 il n'y avoit dans le royaume que quinzo millions de livres en monoye d'argent melée d'alliage. A la fin de 1754, le Roi de Portugal emprunta 400.000 écus; il devoit 50 millions aux Anglois.

[2] Étant d'un seul genre, l'object de ce commerce.

[3] Cette monnoye s'appele Cruzade.

tugal, comme on a vû, n'avoit ni Arts, ni Manufactures. Ancune des choses du premier besoin ne se trouvoient chez lui... Les Mines d'or produisoient annuellement environ soixante millions, et l'Etat en recevoit pour soixante-dix en Marchandises étrangères, par consequent il ne restoit un sol de cette somme dans le Portugal, et ce Royaume se rendoit tous les ans debiteur de dix millions». (p. 42 e 44).

d) *Discours politique sur les avantages que les Portugais pourroient retirer de leur malheur. 1755.*

«La Providence m'ayant transplanté en 1752, dans ce royaume, je crus qu'elle m'avoit placé au centre du desordre politique de l'Europe.

Je trouvai une Monarchie épuisée par une suite de révolutions, troublée par des sectes cachées, apauvrie par ses propres richesses.

Un Peuple en proye à la plus grossière superstition, une Nation dont les moeurs la faisoient ressembler aux Barbares; un État gouverné par des usages Asiatiques; n'ayant d'Européen, que la forme; de Puissance, que l'ombre». (Prefacio, p. 3 e 4).

e) *Histoire générale.*— Lavisse e Rambaud.

«Avant 1834 le plus clair des revenus du royaume se partageait entre la couronne, les fidalgues, les majorats et l'Eglise; les cens seigneuriaux montaient parfois au quart du produit brut de la terre. Le clergé comptait un effectif de 30.000 persones, avec un revenu de 33:336.000 francs; douze mille moines et religieuses peuplaient les 534 couvents du royaume. Les ordres militaires faisaient vivre 3000 employées et disposaient de 653 commanderies. Les fonctionnaires se gouvernaient à l'orientale, le capitão-mor était un veritable cadi; il recrutait à la fois des soldats pour l'armée et des filles pour son serrail. La plus grande partie des terres était inculte, l'élevage des bestiaux si peu avancé que les paysans ignoraient même l'art de faire le beurre et le fromage.

Les produits du sol ne suffisaient à faire vivre la population que pendant un tiers de l'année. Pour vivre pendant le reste du temps, on comptait sur l'or du Bresil». (vol. x, cap. vi, p. 263).

f) *Etat présent du Portugal.*—Hamburgo 1797; (C. F. Dumouriez).

«... L'Alentejo avec plus de trente rivières et des sources en quantité, est aride et manque d'eau vive; des marais d'eaux sauvages que les habitans y ont laissé croupir, sont une source perpetuelle de fièvre, de peste, de famine et de mortalité. La misère est le moindre des maux dont les Portugais se laissent accabler volontairement, plutôt que de travailler; restraints a un nécessaire presque insuffisant, ils rampent et languissent dans la crasse, la peine, l'ignorance, le malaise et la superstition: leur lache negligence leur fait rencontrer des maladies et les peines dans le plus beau pays du monde, et qui seroit le plus sain et les plus heureux s'il étoit mieux habité». (liv. I, cap. VIII, p. 38).

g) *The Tagus and the Tiber.*—Londres 1852; William Edward Baxter.

«How prosperous might this country become if inhabited by enterprisig, and ruled by honest men; instead of those whom Byron stimagtises as—

«A nation swoln with ignorance and pride»

Then might the Tagus become once more celebrated as rolling over sands of gold. At present, what use do the Lusitanians make of this noble stream? Not a canal have they attempted to construct around the rapids above Abrantes; not a steamer plies on its waters, excepting a small one which occasionally goes up part of the way to Santarem; the great portion of the province of Alentejo is as flat as Lincolnshire, and yet no railroad has been made to develop the resources of the interior, and form a highway into Spain, by Evora and Badajoz.

Canal, steamers and railroads! What am I writing about? Roads must first be made by Portugal before such works can be thought of. What a disgrace it is to the governors, past and present, of that fallen country, that even in this nineteenth century,—a century which has seen the old stage—coach abandoned in many land for quicker means of communication,—which has witnessed and electric telegraph carried below the straits of Dover, and the Pasha of Egypt proposing to lay down rai's in the land of Goshen,—in a era of express trains hurrying from

Berlin to Vienna, from Paris to Brussels, from London to Edinburgh, from St. Petersburg to Moscow, there is not a carriage-road between Lisbon and Oporto, nor in any province of the kingdom, excepting the short distance between the capital and Cintra! As long as politics continues a profession, the nation which explored the Amazon and doubled the Cape of Good Hope will remain a laughing-stock to civilized Europe. Until some wise and stern patriot arise to preach repentance to a set of avaricious courtiers, Portugal will never be improved.

With a fertile soil, fine rivers, a delicious climate, abundance of timber, in fact element of prosperity, this kingdom continues in a semi-barbarous state, behind every other European nation in agriculture, and unable to support its reduced population of three and a half millions. Productions that require little labour you find plentiful, such as oranges, vines, chestnuts, lemons, onions and garlic; but drains, manures, tolerable ploughs, and other appliances of an industrious race, may be said to be unknown.

And even although great crops were raised, how could they be brought to market? Such a absence of priuciple marks the leading politicians, that as soon as a movement in the right direction is made by the government, the opposition make of it a handle to obtain office for themselves. If the latter, while in power, propose to expend even a trifling sum in effecting some great national improvement, the former raise the cry of over taxation; a crisis ensues, and all parties forget the measure in the struggle for power, place, and pecuniary rewards.

Where there a single question regarding which we would suppose that even the greedy politicians of Portugal would be unanimous, that question is, the necessity of making good roads throughout the provinces; at least of by their means connecting the cities of Lisbon, Oporto, Coimbra, Elvas and Setubal. But strange to say, this very proposition has overthrown more than one ministry, and seems at present as far from being adopted as when Abu Ali and his Moors were overthrown by Don Alonzo on the plains of Ourique.

However excellent a thing constitutional government may theoretically be, — haowever necessary for an intelligent, energetic, industrious population — I much doubt whether it has proved a blessing to benighted Portugal. The people take no interest either in the elections or the measures.

They leave their charter as a plaything in the hands of

court cliques and needy nobles, whose personal interests command a preference to the necessities of the state, — who, like the horseleech, continually cry «Give, give, give». A love of intrigue and a love of money charachterise the advisers of Donna Maria, by whatever name they may call themselves; when one man's cup of dishonesty is full, another man assumes the reins, and he in his turn, laden with spoil, yelds to some petty Pronunciamento headed by a spendthrift rival.

These changes occur too frequently to excite much the present political state of this unfortunate country amply attests the truth of a remark made by a recent writer: «Let the Humes and Montesquieus, the Adam Smiths and Benthams, devise the most perfect schemes, there will always be plenty to do for the Chathams, the Mirabeaus, the Foxes and Cannings; for a man is not a merely thinking being, he is also an active one; from to the adoption of habits, but subject to the domination of impulses. Government, in short requires governors; a self-evident truism, one might suppose, if the learned and ingenious had not given the world voluminous tomes treating the government of the human race as a mere mather of system».

Portugal cries aloud for a political saviour, an unflinching patriot, who, deaf to the cries of party and the whisperings of self-interest, could appeal to the nation for support, and take for his standard him whom Byron so powerfully describes in his Ode to Napoleon, as speculation the Lusitanians know nothing of a character like that so eloquently described by Pope, in his Prologue to Addison's Cato,

«A brave man struggling in the storms of fate,
And greatly falling with a falling state».

The worth, though not the wisdom or enlightenment of the nation, many think, and with good show of reason, to be with Don Miguel, who, although himself a perjured tyrant, still commands the homage of certain classes, as the representative of olden times, Roman Catholic ascendency, and priestly power.

All the crimes and cruelties which he committed from the date of his Lisbon proclamation in 1824, till Leiria surrended ten years afterwards, have failed to convince thousands of Portuguese that he would not rule better than the magnates of the present day. One can scarcely wonder at such a feeling, considering the sample which the people have had of constitutiona govarnment.

h) *Voyage en Portugal.* — Hoffmansegg, redigé par Link.

«Des canaux et de bonnes routes sont les premiers besoins d'un pays, et c'est à quoi les Portugais et même leurs écrivains ont le moins pensé». (cap. I, p. 10).

i) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Dans beaucoup de cantons *d'Alemtejo*, aux environs de Campo-de-Ourique, il n'y a pas du tout de grands chemins pour les voitures, ou ils sont dans le plus mauvais état. Dans les environs de Beja, et vers la Serra de Manhique, où l'on est tout étonné de rencontrer des chaussées, elles sont si étroites, qu'elles ne meritent pas qu'on en parle... La partie supérieure d'Alemtejo ferait un plus grand commerce de blés, et en cultiverait, par consequent, davantage, s'il y avait des moyens de transport. J'ai souvent entendu le comte de *Obidos* se pleindre de ne pouvoir de défaire de ses productions, faute de chemins, quoique sa terre ne soit qu'à sept lieues de la rivière... Il serait nécessaire de faire une autre pour Beja et Mertola, dont les routes par Setubal et par Campo-de-Ourique à Manhique, et dans les Algarves, pourraient être des branches». (cap. XIV, p. 211 a 212).

VIII

Agricultura — Comercio — Industria.

a) *Travels in Portugal.* — James Murphy. Londres, 1795.

«Portugal, which now-a-days does not annually produce sufficient corn for three months home consumpsion, was considered in his reign as one of the first granaries in Europe. This scarcity, as some have erroniously supposed, is not to be attributed to any change in the soil, (for that is permanent, if any thing terrestrial can be called permanent), but to a great change in the sentiments of the people. The modern Portuguese, contrary to the maxims of their ancestors, seek for wealth for from Lusitania, in the deep mines of the Brasils; whilst they forget thet more substantial wealth may be found in their native field,

and that within six inches of the surface. King Dinis was so well assured of the truth of this, from the knowledge he had of the productions of the country, that he never had accasion to apply to his neighbours for the necessaries of luxuries of life». (Leiria — p. 75 e 76).

b) *Etat present du royaume de Portugal;* (C. F. Dumouriez) Hamburgo, 1797.

«... on trouve dans toute la Peninsule la nature dans son premier état de non cultivation. Les plaines de l'Alentejo depuis Ourique jusqu'à Armada, et celles da Beira depuis Lisbonne, Leyria et Coimbre jusqu'à Oporto, sont abandonnées à elles-mêmes par la paresse des habitans, et sont devenues sabloneuses, arides et pestilentielles». (liv. I, cap. VIII, p. 37).

c) *Voyage en Portugal.* — Link.

«... l'agriculture, dans ce pays, est défectueuse». (cap. XVII, p. 250).

d) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Le Portugal fournit assez de blé pour nourrir ses habitans; il n'y a que les environs peuplés de Lisbonne, où les jardins occupent le sol fertile, où les landes et les montagnes sont voisines, et où la communication avec l'intérieur du pays manque, qui aient besoin d'être approvisionés par les pays étrangers. Les vallées du Minho sont parfaitement bien cultivées; le Traz-os-Montes est couvert de champs de blé jusqu'au sommet des montagnes; la culture du maïs et des légumes est considérable autour de Coimbra. Dans d'autres contrées, la nature s'oppose à une meilleur culture». (vol. III, cap. VII, p. 332).

e) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798; (J. F. Carrère).

«Le Portugal, avec un sol fertile, qui ne demande qu'à être mis en valeur, qui est capable de tout produire, manque de tout; il tire presque tout de l'étranger.

A peine a-t-il du bled pour trois mois, de l'huile pour cinq au six mois, des légumes en grain pour trois ou quatre mois. Les herbages, les légumes herbacés y sont assez rares. On n'y

trouve en abondance que quelques espèces de fruits, des citrons, des oranges, des figues, de raisins... Il faut faire venir le bled des côtes d'Afrique, de l'Italie, de l'Angleterre, de la France, l'huile de l'Italie, le riz du Levant, les haricots secs de la Hollande, les boeufs et les moutons de differens pays étrangers, sur-tout du royaume de Maroc.

On n'élève point de vaches en Portugal; on n'y fait ni beurre, ni fromage; on tire le premier de l'Irlande, le dernier de la Hollande et de l'Angleterre; cependant la consommation de l'un et de l'autre y est prodigieuse... Lisbonne a une population de trois cents mille âmes; sa consommation est immense; son approvisionement est toujours incertain; il dépend des vents et de l'arrivé des navires qui viennent de loin. En tems de guerre, deux vaisseaux qui empêcheroient l'entrée de la rivière affameroient bientôt cette ville... Le lait y est sans consistence et sans goût; il est le produit de quelques vaches étiques et de quelques chèvres, qui ne sortent jamais dans les campagnes, qui ne mangent jamais de l'herbe fraiche, on les élève dans les rues;... Le pain qu'on y mange est de deux espèces; on le distingue en pain portuguais et en pain françois... L'un et l'autre sont assez chers; un pain portugais du poids d'une livre et demie, ou vingt-quatre onces de Portugal, qui équivalent à vingt une once poids de marc, se vend 2 vintens, ou 5 sous tournois; la livre, poids de marc, en revient à près de 4 sous: le pain françois pèse environ quatre onces, et se vend 10 rais, ou un sou 3 deniers tournois; ce qui revient à 5 sous la livre. Le poisson feroit un objet d'une grande ressource à Lisbonne; il y est très-abondant, et il pourroit y être a grand marché; mais il est chargé de plusieurs impôts qui équivalent au prix même du poisson. La sardine seule y est à très bas prix; elle y est très abondante; elle ne se vend souvent qu'a 30 ou 40 rais, c'est-à-dire, 4 ou 5 sous tournois le cent... La vente de l'eau pour la boisson et pour les usages domestiques monte, à Lisbonne, à une somme effrayante: en comptant seulement cinq bariques d'eau par mois pour chaque individu, l'un dans l'autre, et en ne portant chaque barique qu'a 2 sous pendant toute l'année, il en résulte une somme d'un million huit cents mille livres tournois dans un an». (p. 202 a 211).

f) *Memoires de M; le duc de Choiseul... écrit par lui même.* — Paris, 1790.

«Je ne connois que le Portugal, en Europe, qui ne récolte

pas ce qui lui est nécessaire pour sa subsistance. D'après les rélevés, il paroit qu'il peut lui manquer environ un million de septiers de grains...» (p. 70).

g) *Lettres écrites de Portugal.* 1780.

«C'est une idée généralement reçue qu'il n'y a presque aucune partie du Portugal qui ne soit propre à quelque espèce de culture; et j'ai tout bien de croire qu'elle est bien fondée. Une grande partie de ce royaume qui reste en friche, pourroit être d'un bon produit entre les mains industrieuses. Les terres destinées au labour sont bien loin de se trouver dans le même état de culture que dans les autres parties de l'Europe. Le paysan Portugais n'a aucune connaissance, ou, de qui revient au même, ne fait aucun usage des différentes manières d'améliorer les terres. Le fumier est le seul engrais dont il se sert; et les terres où l'on a une fois semé du blé, restent dans le même état de père au fils, sans qu'on change seulement l'espèce de grain qu'on y cultive. Ce qui sans doute est une preuve incontestable que si le sol et le climat n'étoient pas très favorables aux productions, elles se réduiroient, pour ainsi dire, à rien; et nous donne en même tems à connoître ce que pourroient rapporter ces terres, si la culture en étoit bien dirigée». (Carta III, p. 12 e 13).

h) *Portugal of Portuguese.*—Aubry Bell. London, 1915.

«Indolence, ignorance, mistaken finance and lack of capital have hitherto fettered agriculture in Portugal, neglect on the part of the State and private landowners going hand in hand with illiteracy and distrust on the part of the peasants. But it can hardly be doubted that Portuguese agriculture has a prosperous future and that the miserable lot of the peasant will be improved. Portugal should be able to become a land of enlightened and cultured farmers, such as are sometimes found in the north of Europe (for instance, in Danmark), as it were a land of little Herculanos, combining farming with scholarship». (cap. II, p. 39 e 40).

i) *Travels in Portugal.*—Murphy.

«The Merchants are remarkably attentive do business, and as far as I could learn, just and punctual in their dealings; they

live on a friendly footing with the foreign traders who reside here, particularly the English.

Bankrupties are seldom known among them, and they are careful in avoifing ligations». (p. 200).

j) *Discours sur l'histoire.*—Comte d'Albon. Genebra, 1782.

«Sans manufactures, sans arts, sans agriculture, le Portugal s'est rendu lui-même dependant et tributaire des autres nations de l'Europe. Pour les vins, des et quelques autres denrées que ce Royaume vend aux Etrangers, il leur rend avec usure ce bénifice, en achetant aux Anglais des grains, du plomb, de l'étain, des draps, des serges, des droguets, des étamines, des flanelles; aux Français, des toiles, des bonnets, des bas, des évantails, et jusqu'à des aiguilles et des épingles; aux Suedois et aux Danois, des vois de charpente et de menuiserie, du fer, du goudron; aux Hambourgeois, du cuivre, de l'acier, du fer blanc, des futailles, aux Hollandois, des toiles de toute espèce, fines, communes, à voiles; du lin, du chanvre, des cordages, des épiceries; aux Italiens, des rubans et fils de soie, du riz, des glaces, de la verrerie, du bled; aux Espagnols, des soies écrues, des laines, des taffetas, du safran, et sur-tout une grande quantité de mules et de mulets. Une Nation qui perd ainsi avec toutes les autres Nations, languit nécessairement dans l'indigence: si elle ne sort pas de son inaction, tous les trésors du Nouveau-Monde ne la rendroient pas florissante; elle viendroit à bout de les épuiser, et resteroit toujours pauvre. Depuis que les Portugais ont découvert le Bresil, quoiqu'ils en aient tiré plus de deux milliards six cent millions, les besoins et les dettes de l'Etat ne cessent de croître toutes les années. La raison en est simple. Les mines d'or produisent annuellement soixante millions, et l'État en depense soixante-dix pour les marchandises qu'il reçoit de l'Etranger. D'après cet exposé, on doit conclure que le Portugal est un royaume épuisé d'homme et d'argent, roulant sans cesse d'un profond abîme dans un abîme plus profond; autant effrayé de son état futur que tourmente par sa situation présente; ne soulageant quelques momens la pauvreté que par la triste ressource des emprunts que le plongent bientôt plus avant dans les horreurs de la misère; maître en apparence, si l'on veut, de luimême, mais reéllement esclave de tous les peuples qui lui fournissent des subsistances; sans émulation, sans vigueur, sans mouvement, destitué d'agriculture, et comme assuré de ne ja-

mais recuillir de riches récoltes, malgré la beauté du climat, l'égalité des saisons, la fertilité du sol; depourvu de manufactures, quoique l'excellence et la qualité de ses matières brutes invitent, pour ainsi dire, à les travailler, et semblent promettre à l'État de grands avantages; privé des arts mêmes les plus faciles, les plus communes, les plus nécessaires, quelques dispositions que la nature ait departi à ses habitans». (p. 206 e 209, t. IV).

k) *Discours politique*—1756.

«Depuis la decouverte des mines, c'est-à-dire, depuis environ • soixante ans, il est sorti du Bresil deux milliards, quatre cent millions... Ce capital immense a passé presque en entier en Angleterre... C'est sur cette nouvelle richesse que les Anglois ont fondé le colosse de cette grandeur qui surprend aujourd'hui toute l'Europe et qui nourrit tant d'arrogance... Ceux qui ont quelque connoissance du local des finances de l'Angleterre, savent que la monnoye du Bresil y est aussi commune que celle du pais. L'effigie de Jean V est plus connue à Londres que celle de George II». (p. 58 e 61).

l) *Discours politique.*

«L'Angleterre s'étant rendue maitresse de tout le commerce des Portugais, toutes les affaires de cette Nation passoient par ses mains. Les Anglais étoient en même tems les nourrissiers et les facteurs du Portugal. Ils avoient envahi tout, aucune affaire ne se faisoit que par leur canal... Les Anglois venoient presque dans Lisbonne leur enlever le commerce du Bresil. La cargaison des flottes étoit à eux, les richesses qu'elles rapportaient; il n'y avoit des Portugais dans ce Commerce que le nom; cependant au milieu de ce negoce immense qui se faisoit dans le sein du Portugal, cet Etat languissoit parce que l'Angleterre en retiroit seule tout le profit. Les Anglois après avoir fait leur fortune, disparoissoient emportant avec eux une portion de richesses de ce Gouvernement, ce qui le jettoit dans un appauvrissement continuel». (p. 25-26).

Son peuple est le plus miserable de la Terre, et les denrées sont très-cheres. Il y a des Provinces dans ce continent ou les sujets n'ont jamais vu l'effigie de leur roi sur une monnoye d'or. Les habitans de plusieurs endroits de ce Royaume, ont

entendu dire ou lu quelque part, que le Portugal avoit des mines d'or; mais les richesses du Bresil ont moins de raport avec eux qu'avec les sujets de tous les autres Princes de l'Europe». (p. 107).

m) *Etat present du royaume de Portugal* (Dumouriez). — Paris, 1797.

«Le commerce du Portugal... est... totalement entre les mains des Anglois, dont les Portuguais ne sont que les courtiers, tenus dans la dépendance la plus dure. Les Portuguais n'ont point de marine marchande, et tout qu'ils en manqueront ils recevront la loi de la maison la plus puissante sur mer. Le commerce se fait presque tout entier par les mains et sur les vaisseaux des Anglois, excepté celui des provinces des Indes, d'Afrique et d'Amérique, qui sont régies en compagnies, lequel se fait par les flottes du Roi; mais sur ces flottes les Portuguais ne sont que prête-noms. Les factories les plus considérables du Bresil et d'Afrique appartiennent à des capitalistes anglois, qui ont pour correspondans les maisons angloises de Lisbonne, de Porto et de Londres, de qui les Portugais rachètent de seconde main les denrées provenantes de leurs propres colonies. Les vaisseaux même appartiennent aux Anglois, ils sont à la tête de ces compagnies; ainsi tout le profit leur en revient». (liv. IV, cap. V, p. 212).

n) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*. — Link.

«Le commerce interieur, qui seul anime et vivifie un pays, manque totalement en Portugal. A la verité, le commerce exterieur de chaque ville en particulier, est considerable, et lorsqu'on assure qu'il est entre les mains les étrangers, cette assertion manque de justesse. Le commerce d'Europe se fait, en grande partie, par des vaisseaux étrangers; mais celui du Brésil, par les seuls vaisseaux portugais. Le commerce avec les colonies portugaises est defendu aux étrangers; on dit pourtant que les maisons portugaises ne font que prêter leur nom à des étrangers qui le font. Mais cette assertion, quoique le cas ait pu avoir lieu quelquefois, n'est pas vraie en général. Il y a bien en Portugal des maisons étrangères assez considérables, mais aucune d'une richesse extraordinaire, comme il s'en trouve parmi les Portugais. (cap. XXIII, p. 341).

o) *Histoire de la Guerre de la Peninsule.* Général Foy. — Paris, 1827-28.

«Le traité de Methuen... ne renferme que deux articles. Par l'un, le Portugal consent à admettre les tissus de laine de l'Angleterre; par l'autre, la Gran-Bretagne s'engage à diminuer d'un tiers, pour les vins de Portugal, le droit de douane qu'elle met ou mettra sur les vins des autres pays. De cette stipulation, en apparence réciproque, est né le régime économique sous lequel a vecu pendant un siècle, et vit encore le Portugal. Il fut impossible aux manufactures du pays, qui commençaient à sortir de l'enfance, de soutenir la concurence d'une industrie dejà avancée. Les Anglois prirent le soin d'habiller les Portugais avec leurs draps, leurs toiles et leurs cuirs, de leur apporter les blés du nord, les poissons salés et la morue de Terre Neuve qui, avec les olives, sont la base de la nourriture des classes inférieurs, et de fournir exclusivement aux classes aisées les superfluités du luxe. Ils reçurent en échange quelques denrées du pays, telles que le vin de Porto et les oranges, et dans une proportion beaucoup plus forte, le coton, les bois rares, les paillettes d'or, et, d'autres productions du Bresil. Ce fut un axiome religieux et politique que le travail ne convenait pas aux riches, et qu'il fallait s'en tenir au partage que Dieu a voulu faire de ses bienfaits, entre les peuples, en donnant aux uns l'industrie, aux autres les métaux precieux. Les Portugais ne virent pas que les trésors enterrés à deux mille lieues de chez eux, pouvaient leur échapper un jour. Le royaume, en même temps qu'il tombait politiquement sous le servage de l'Angleterre, se faisait pour les relations commerciales l'esclavage de sa propre colonie. Il y eut alors dans la même nation comme deux populations separés de position et d'intérêt, savoir: la population des campagnes negligée, diminuée, appauvrie, et une population croissant un nombre et en richesse dans deux villes heureusement situées, où s'accumulèrent le profit du commerce et de l'exploitation des colonies. Lisbonne et Porto furent les complices de l'Angleterre dans la ruine de l'ouvrier et du laboureur». (liv. III, vol. II, p. 27 a 29).

p) *Discours politique* — 1756.

«... Cette inaction du Portugal venoit de loin, mais toujours de la part de la Grande-Bretagne. Cromwel par un Traité

de Commerce très avantageux pour sa Nation, avoit, en quelque façon, aneanti cette Monarchie avant qu'elle existat. Car ce Traité se fit entre les deux Etats, quarante ans avant la découverte des mines, c'est-a-dire, avant que le Portugal figurat en Europe. Il y fut stipulé, que l'Angleterre fourniroit les vêtemens aux Portugais. Par la Cromwel coupant le nerf du systeme politique de cette Nation, ruina ce Gouvernement du premier coup.

Les Arts furent dès lors bannies de ce royaume; ensensiblement les anciennes Manufactures se detruisirent; l'Industrie se relacha, et bientôt on n'y en trouva plus. L'encouragement qu'on donna toujours aux Anglois pour recevoir leurs étoffes, ralentit l'activité naturelle des Portugais; la Nation tomba dans une espèce de froideur léthargique, l'oisiveté et la paresse s'emparant de tous les coeurs, n'y laisserent plus d'asile aux autres passions, et l'indolence des Portugais augmenta en raison du dégré d'accroissement que prenoit l'avidité des Anglois.

J'evalue les étoffes que l'Angleterre fournit aux Portugais pour leur habillement à cinquante millions tournois par an. Personne n'ignore que la France ne vend pas cinquante pièces de de drap annuellement au Portugal.

L'habillement et la nourriture sont presque également nécessaires à une Nation. Or c'est en fournissant ces deux choses aux Portugais, que l'Angleterre est venue à bout de les tenir dans la dépendance... Le Portugal ayant secoué le joug de l'Espagne, s'étoit, pour ainsi dire, jetté dans les bras de l'Angleterre. (p. 28-30).

«Il y a environ trente ans, qu'un habile ministre du Portugal sous le regne de Jean V ayant resolu d'établir des Manufactures dans ce royaume, prit des mesures justes pour faire reussir ces établissemens... Dejà tous les obstacles étoient levés, et l'ingratitude pretendue du terroir alloit pour le coup ceder à la politique, lorsque deux mille guinées à propos par le Gouvernement de Angleterre firent reprendre au climat sa maligne influence». (p. III). «En prenant une note des denrées que l'Angleterre fournissoit au Portugal, on trouvait que dans une somme de cent millions, il n'y en avoit que pour cinq des premiers matières, et que tout le reste étoit le produit de son industrie». (p. 159).

q) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.* — Link.

«Les Portugais reussissent bien dans les travaux qui exigent

de la précision; ils savent imiter les ouvrages étrangers avec la plus grande exactitude». (vol. II, cap. XXV, p. 364).

r) *Etats-Unis-France.*—Victor Cambon. Paris, 1914. (?)

«Sétubal, dans le sud du Portugal, est une ville maritime où tout le monde, patrons et ouvriers, devrait nager dans la prospérité. Ce port est renommé pour la prodigieuse abondance de sardines, que l'on pêche à quelques milles du rivage. Toute la population y vit de la sardine et l'on n'y compte pas moins de soixante fabricants de conserves. Malheureusement, outre que ces producteurs se font entre eux une concurrence enragée qui avilit les prix, ils sont perpétuellement en conflit avec leurs ouvriers et avec les pêcheurs. La pêche en mer est, de sa nature, fort capricieuse. Quand elle est médiocre les fabricants de conserves payent cher la sardine, les ouvriers ont peu de travail; ni eux, ni leurs patrons, ni les pêcheurs ne font leurs affaires. Le poisson abonde-t-il; aussitôt voila les ouvriers en grève par jalousie de ce que pourra gagner le patron. Alors les pêcheurs ne trouvent pas d'écoulement puisque les usiniers sont sans main-d'oeuvre; le poisson pourrit et tout le monde y perd. Et voila pourquoi, à Sétubal aucun pêcheur n'est aise, fort peu de fabricants de conserves s'enrichissent, aucun ouvrier ne gagne en moyenne plus de 75 francs par mois». (cap. VIII, p. 182).

s) *Portugal inconnu.*—Leon Poinsard. Paris, 1910.

«Parmi la classe ouvrière des campagnes et des villes, la situation est la même à beaucoup d'êgards. Dans les campagnes écartées, l'enfance reçoit une éducation familiale qui n'est pas à dédaigner, mais elle vit de traditions autoritaires et très peu progressives. Dans la plus grande partie du pays, l'enfance est trop négligée, trop abandonnée à la rue, surtout dans les villes, où la mendicité enfantine est une sorte de fléau attristant. Il va sans dire que cette négligence n'est pas pour dresser les caractères et former les âmes. Si le Portugal était un pays de grandes villes, le mal deviendrait promptement terrible.

Ce qui mantient encore dans la masse de la population des moeurs douces, une honnêteté remarquable, un esprit paisible et laborieux, c'est la préponderance considerable de la vie rurale et du travail agricole. La vie urbaine et la grande industrie prédominante feraient promptement d'un peuple aussi désorganisé

une masse turbulente, envieuse, démoralisé, toujours prête à la révolte.

C'est même là un risque dont ceux qui dirigent la nation soit par sa situation sociale, soi par fonction officielle, doivent tenir le plus grand compte, car une évolution industrielle trop, précipité, sans un mouvement éducatif parallèle, amènerait certainement les plus graves complications... Pour le moment, la désorganisation des familles ouvrières a dejà des conséquences qui ne sont pas sans gravité. Elles fournissent une main-d'oeuvre assez laborieuse, peu exigeante, remarquablement intelligente en moyenne, mais ignorante, peu progressive, peu développé, et cependant volontiers raisonneuse et facilement portée à l'indiscipline. Mieux formée, mieux guidée, elle pourrait être excellente. Cet état général de l'éducation a aussi de graves conséquences intellectuelles et morales. Éloignés de l'esprit de travail et d'entreprise, les Portugais de la classe supérieure ont vu faiblir chez eux le sentiment du pratique et de l'utile. Portés vers les carrières purement intellectuelles, ou même vers la complète oisiveté, ils n'ont guère senti le besoin de l'observation rigoureuse, exacte, patiente et terre à terre. Ils avaient une tendance naturelle et une préférence innée pour les exposés théoriques facilement appris dans les livres, et propres à fournir des sujets de discussion subtile ou de dissertations ingénieuses et éloquentes. Aussi leur régime d'instruction secondaire et supérieur est-il fort en retard, en dépit des efforts tentés récemment pour l'élever au niveau des résultats obtenus par les méthodes nouvelles. Quant à la moralité, elle semble plutôt en voie de diminuer. Autrefois, l'esprit religieux et l'enseignement moral de l'Église obviaient jusqu'à un certain point à la faiblesse de l'éducation, pour la conservation des moeurs. Mais, depuis longtemps, la croyance s'est réduite de beauconp chez les familles aisées. La richesse facilement acquise, l'oisiveté, l'esclavage, on développé chez les hommes une précocité et une légèreté de moeurs qui ont contribué aussi à la désorganisation sociale Actuellement, ces habitudes corruptrices ne sont plus aussi générales, mais elles agissent encore avec une intensité trop grande. Les femmes sont, du reste, bien supérieures aux hommes à ce point de vue... Elles ne sont en général-toute règle comporte des exceptions, cela va de soi, — ni des esprits pourvus d'une culture très forte, ni des éducatrices methodiques et énergiques, mais elles ont des qualités d'intelligence, de coeur et de conduite qui leur donnent beaucoup de charme et de valeur

morale. Elles pourront agir puissament, si elles prennent la peine de s'éclairer, pour le relèvement sociale de leur nation. Quant aux femmes du peuple, elles sont la plus part du temps ménagères laborieuses et tendres mères, mais fort arriérées; leur moralité moyenne est assez bonne, surtout à la campagne. Ici encore l'étoffe est excellente, il ne s'agit que d'en faire le meil leur usage... ». (vol. 1, parte 1.ª, p. 47 a 49).

IX

Politica — Parlamento — Espionagem

a) *Histoire de la guerre de la Péninsule.* — Général Foy. 1827-28.

«Le Portugal est le pays des assemblées, *juntas*, qui ne s'assemblent pas, et des conseillers qui ne donnent pas de conseils. Ce n'est pas seulement sur le service permanent qu'une fainéantise avide élève són échafaudage d'emplois, de bureaux, de salaires, elle s'attache à de simples projets que le gouvernement accueille. La construction d'un pont, le dessechement d'un marais, l'encaissement d'une rivière, fournissent l'occasion de prodiguer le trésor public à une foule d'individus qui ne manquent jamais de se presenter pour diriger ou surveiller les travaux. Ainsi, dans le departement de la guerre, on proposa un jour de reformer le Code pénal de l'armée, et de donner une organisation nouvelle aux hâras du royaume.

A l'instant parut une junte *ad hoc,* composée de vingt grands seigneurs ou personnages en credit, junta do *Codigo penal militar e melhoramento das caudelarias do reino;* le code ne fut pas refait, ni les haras régénérés». (p. 81-82).

b) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798 (Carrère).

«La politique de ce gouvernement (governo português) est celle de tous les états faibles et d'une existence précaire. Elle ne connoît, elle n'emploie que des petits moyens tortueux, ténebreux, des petites intrigues sans combinaison, sans suite, dont le mobile, la marche et les effets s'étendent rarement au-dela des murs que le prince habite.

Le système actuel est de n'en avoir aucun, de vivre, pour ainsi dire, du jour à la journée, de changer tous les jours de plan, de maximes, d'opérations, selon les circonstances. Ces variations continuelles prêtent au ridicule; elles découvrent la faiblesse de l'état et l'incapacité des ministres; elles détruisent la confiance des nationaux et des étrangers; elles font naître des murmures; elles inspirent un mépris du gouvernement». (p. 144 a 146).

c) *Trois mois en Portugal en 1822.*—Lettres de M. Joseph Pecchio a Lady J. O. Paris, 1822.

«La population de Portugal ne s'élève pas même à trois millions d'habitants, et cependant il pourrait en avoir plus du double par l'étendue et la fertilité de son térritoire. Quelques écrivains attribuent la [cause de ce dépeuplement à l'émigration pour les colonies; je crois que cette opinion est erronée... A mon avis, la véritable cause du dépeuplement du Portugal est la mauvaise administration intérieure, et le despotisme qui frappe de stérilité toutes les contrées où il règne, et qui détruit plus d'hommes que la peste d'Alexandrie». (lettre XI, p. 65).

d) *Rambles in Madeira and in Portugal in the early part of 1826.* Londres, 1827.

«The princes of house of Braganza have uniformly been a mild, well-meaning race, and personally much beloved by their subjects. Their government was probably the worst of Europe—a doting, drivelling despotism, uniformed by a single spark of vigour or understanding in itself-unchecked and indirected from without by public opinion; or any thing else; unless it were the monks, who, like the Janissaries of Constantinople, were always on the alert to stifle every germ of improvement». (cap. X, p. 259).

e) *Brasil, The river Plate and Falkland Islands.* W. Badfield. Londres, 1854:

«I... attended a sitting of the two Chambers, which appeared to be conducted with great decorum, but, at the same time, without that listlessness or buzy-fussiness which pervades our own Senate when a bore or a nobody happens to be on his legs». (p. 54).

f) *Portugal of Portuguese.* — Aubry Bell. London, 1915.

«... elections in Portugal are a peculiar practice... The Government is first appointed by some personal intrigue in Lisbon, with or without reference, or with a purely formal reference to the strength of the various parties of Parliament. It then proceeds to remodel the political framework throughout the country by appointing civil governors, mayors etc., of its own political views. Then, when it is well seated in the saddle, it holds the elections. It is a unknown thing for a majority to be returned other than of the supporters of the Government. This would be discouraging to the electors (and also it would be impossible) if they took any interest in the results, but the results are always a foregone conclusion except in matters of detail... Decentralisation, of course, is incompatible with the government by personal groups at Lisbon in the name of the nation... Whatever authority is taken from the mayors is given not to locally elected corporations, but to other officials, were instruments and offshoots of the central power. And indeed Portugal is scarcely ready yet for local autonomy. It is not ready for the parliamentary system, and the scrupulous care with which it an all constitutional forms are observed sometimes increases instead of diminishes the difficulty of a situation. The hope is that by maintaining the forms strictly, they will gradually become a living system instead of an empty framework, but that hope is indefinitely deferred owing to the number of political groups and the virulence of their personal animosities and ambitions». (cap. x, p. 171 a 175).

«The Parliamentary system copied from England was in use with the difference that whereas in England the political views of the Government depend on the result of elections, in Portugal the result of the elections depended on the political views of the Government which «made» them, aflter the Government itself had been made for personal or party reasons at Lisbon». (cap. XI, p. 183).

g) *Portugal of Portuguese.* — Aubry Bell. London, 1915.

«It is not pleasant to dwell on the fate of a country, once as glorious as any in Europe, now torn and harassed by party feuds, personal ambitions, false ideas of liberty, artificial and purely formal conceptions of Constitutionalism, misgovernment

and corruption, neglect, indifference, despair». (cap. VII, p. 131).

«The parties are in fact small personal groups collecting round any politician of intelligence or energy, or who knows the political ropes and the art of placing or promising to place his friends, and as a consequence they are too much inclined to give prominence to small personal questions and storms in the Lisbon teacup... These groups bicker with all the venom of personal hatred amid the most profound indifference of the country... The attitude of the people towards all these politicians is one of profound distrust. They give them credit for sufficient intelligence to understand their own interest, but not sufficient to understand the interest of the country». (cap. X, p. 169 e 170).

h) *Nouvelle Géographie Universelle.* — William Guthrie. Paris, 1802.

«On peut dire, sans hésiter, que la nature du gouvernement portugais est plus despotique que celle d'aucune autre monarchie de l'Europe. La loi établie est communément une lettre morte, excepté lorsque son exécution est commendée par les édits supplémentaires du souverain; et ces édits sont donnés communément pour détruire les effets de la sûreté et de la protection, que la loi, par la manière dont elle a été rédigée étend également sur tous les sujets. Ici le peuple n'as pas plus de part dans la direction du gouvernement, et dans la confection des lois et réglemens relatifs à l'agriculture et au commerce, qu'il n'en a en Russie ou en Chine. La majeure partie du peuple ne connoît rien du tout ce qui se fait à ce sujet, et n'a d'autre parti à prendre que de se soumettre, par une aveugle et prompte obeissance quand à tout ce qui le concerne, aux décrets et aux lois du despote, que promulguent de temps à autre ses sécrétaires d'États... On dispose de tous les grands emplois tant spirituels que temporels, dans un conseil d'État de membres du clergé et de la noblesse, en nombre égal, et du secrétaire d'État». (p. 128).

i) *The land of the wine.*—A. J. Drexel Riddle. Filadelfia, 1901.

«The king of Portugal knows but little of the true state of affairs existing in his country and among his people. His life

seems to be continually misrepresented, and by his representatives, the government officials, who lie to him regarding his people and who lie to his people regarding him». (vol. II cap. XIII, p. 37).

The word of the portuguese king means almost despotic law to his subjects. Though the king who died some twelve years ago was a most wise, just, just and noble ruler, (1) yet even during his reign, and also to-day, during the reign of the present monarch, (2) the poorer classes of Portugal and of her colonies have been and are dreadfully down-trodden. This is not necessarily the fault of the ruler himself; it is rather the fault the form of government over which he rules and of the corrupt and unprincipled officials through whom he issues his mandates». (vol. II, cap. XIII, p. 36 a 37).

j) *Voyages en Portugal.*— Paris, 1798; (Carrère).

«Le Portugal est le royaume le plus petit, le plus faible le plus nul de l'Europe. Il est dans un état de crise continuelle entre deux puissances superieures, qui pourroient chacune l'anéanter dans un instant.

L'Angleterre, qui attire à elle tout l'or des Portugais, qui les appauvrit et les méprise, dicte des lois au gouvernement; on les reçoit humblement; on les éxécute avec précision. L'Espagne, moins exigeante en apparence depuis les mariages qui ont réuni les deux maisons royales, n'en va pas moins à son but; elle est moins impérieuse que l'Angleterre, mais elle ne veut point être refusée; elle dirige souvent le cabinet de Lisbonne; sur-tout dans les affaires où les Anglois ne sont point intéressés». (p. 145).

k) *Italy with sketches of Spain and Portugal.*—W. Beckford. Paris, 1834.

«... in this country (Portugal), where independance either in fortune or sentiment is a crime seldom if ever tolerated». (carta XI, p. 192).

---

(1) D. Luiz I.
(2) D. Carlos I.

l) *Childe Harold.*—Byron.

«Poor, paltry slaves! yet born' midst noblest scenes.
Why Nature waste thy wonders on such men?»

(Canto XVIII).

m) *Lord Palmerston—sa correspondance intime*... trad. de l'anglais par Augustus Craven. Paris, 1878.

«... dom Pedro et ses ministres... désirent la continuation de la guerre civile, afin de pouvoir piller et confisquer. Aussitôt que la paix sera retablie, il faut que les cortes s'assemblent et que ces personnages soient éloignés.

Je parle des ministres, car il n'y a pas d'autre régent possible que Pedro... Pedro était loin d'être content des succès de Napier dans le Nord; çela mettait fin trop vite à la guerre». (vol. I, cap. II, p. 121).

n) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (Carrère).

«L'espionnage... s'est introduit en Portugal; il règne à Lisbonne avec la plus grande violence. Les espions y pullulent dans tous les états; ils y sont répandus dans tous les lieux; ils se reproduisent sur les places, dans les rues, dans les boutiques, dans les cafés, à la bourse, dans les sales de spectacle, dans l'intérieur des maisons, dans les sociétés, dans le cabinet de l'homme de loi, dans le bureau du négociant; ils prophanent, par leur présence et par leurs odieuses recherches, le sanctuaire de la justice et le temple du Seigneur... Jamais ville eût autant d'espions que Lisbonne; jamais magistrat de police fut aussi mal servi par ses espions que celui de Lisbonne. Il promet de l'argent aux uns; ils ne les paie jamais, ou il les paie mal: il entretient les autres promesses qu'il ne réalise jamais, il force beaucoup d'autres à faire ce vil métier par la terreur qu'il inspire; c'est un moyen de se soustraire à ses fureurs: aussi lui laisse-t-on ignorer souvent ce qu'il devroit savoir; on ne lui rapporte que ce que la vengeance, la haine, l'interêt personnel, le besoin de se rendre utile, inspirent à ses infames satellites.

Cet espionage a changé intièrement les moeurs de Lisbonne; il y emprime une crainte générale; il y a détruit la confiance; il y a fait succéder une contrainte forcée, une reserve fatigante, aux doux épanchements de l'amitié...» (p. 113 a 116).

X

Mendicidade — Criminalidade — Justiça — Cadeias — Hospitais — Hospedagem — Preços — Criadagem — Comida — Aceio.

a) *Portugal of Portuguese.* — Aubry Bell. London, 1915.

«Perhaps in no region on earth is begging more general. It is not only the *lamuria,* the woeful *ladainhas* of the beggars in the streets and on the roads... their *confrères* in higher grades of society continue in their no less degrading mendicity: for a official post, a trade concession, a favourable verdict in the law-courts, a this, a that, sinecures and trifles, in a endless intrigue to *arranjar* whatever necessity or ambition demands at the hands or friends, Government officials, deputies, politicians. And the number of government officials is enormous and increases. It is the object of all to attain this dignity. For the higher posts a University degree is a help, and many go to Coimbra solely with this object in view. (In the seventeenth century, according to the *Arte de Furtar* (1652) over a hundred «students» yearly succeeded in taking their degree at Coimbra in order to obtain government employment without ever having been in Coimbra). But even the *cantoneiro*, who receives something under a shilling from the State to mend or omit to mend the roads of Portugal, there by rises a step in the social scale and, if he starves, starves with authority. It is the duty of a political leader to provide places high and low for as large a number of followers as possible: herein will be ganged the measure of his success.

There is thus continually a great moral (or immoral) force persistently at work to overthrow the existing Government, which is like a solitary batsman with not only the bowler — the legitimate Opposition — against him, but the whole field and all the spectators (hostile or indifferent). For the Portuguese are like the frogs, never content until King Log has been replaced by king Stork, and not very content then. For them the bird in the hand is never half so fine as the two in the bush, and they go on intriguing, insinuating, imagining *novidades* and betterment, both in private and public life, forgeful of their own proverb, *Do mal o menos* (Let sleeping dogs lie)». (cap. III, p. 58 e 59).

b) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.*— Link.

«Il y a à Lisbonne beaucoup de mauvais sujets; car tous les vauriens des provinces y affluent, et peuvent y entrer sans obstacle. Il en résulte un nombre infini de mendians. La plupart courent les rues; d'autres choisissent certaines places, où ils crient continuellement, en offrant aux passans d'adresser pour eux des prières à telle *Madona*». (cap. XVIII, p. 264-265).

«Si l'on voulait juger de la nation par la capitale, on courrait risque de tomber dans bien des erreurs.

«Cette ville, nous le répétons, est le point de ralliement de tous les fripons du royaume, et une grande partie des étrangers des dernières classes, qui sont le rebut de leur nation. Je sais que plusieurs de ceux-ci se font louer sans beaucoup de façon, comme des bandits. Je dois cependant avouer que, quoiqu'on rencontre un assez grand nombre de mauvais sujets parmi le bas peuple, j'ai vu bien des exemples d'une politesse vraie et désintéressée». (vol. I, cap. XVIII, p. 270 e 271).

c) *Italy with sketches of Spain and Portugal.*— Beckford. Paris, 1834.

«Shoals of beggars kept pouring in from every quarter to take their stands at the gates of the palace and watch the queen's going out; for her majesty is a most indulgent mother to these sturdy sons of idleness, and scarcely ever steps into her carriage without distributing considerable alms amongst them. By this misplaced charity, hundreds of stout fellows are taught the management of a crutch instead of a musket, and the art of manufacturing stores, ulcers, and scaby pates, in the most loathsome perfection...». (carta XXXIII). «No beggars equal those of Portugal for strength of lungs, luxuriance of sores, profusion of vermin, variety and arrangement of tatters, and dauntless perseverance». (carta I (Espanha), p. 248).

d) *Sketches in Portugal.*—James Edward Alexander. Londres, 1835.

«Besides the abominable state of the streets, the municipal authorities are hightly to blame for allowing the most horrid objects to expose their sores in public. I saw an old villain

actually rubbing sand his leg one morning, to excite compassion by its inflamed appearance». (cap. II, p. 36).

«There was no want of beggars in the streets, they, like the dogs, had a regular beat». (cap. II, p. 35).

e) *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal.* — Robert Southey. Londres, 1808.

«... the streets of Lisbon are infested by another nuissance, more intolerable than the nighty darkness, or their eternal dirt, the beggars. I never saw so horrible a number of wretches made monstrous by nature, or still more monstrous by the dreadful diseases that their own vices heve contracted. You cannot pass a street without being sickned by huge tumour, some mishapen member, or uncovered wound, carefully exposed to the public eye. The people should not be suffered to mangle the feelings and insult the decency of the passenger: if they will not accept the relief of the hospital, they should be compelled to endure the restraint of the prison. Perhaps you may think I express myself too harshly against these miserable beings: if I were to describe some of the disgusting objects that they force upon observation, you would agree with me in the censure. I do not extend it to the multitude of beggars who weary you at every corner with supplications for the love of God and the Virgin; these wretches, so many and so miserable, do indeed occasion harsh and indignant feelings, not against them, but against that mistaken system of society which desinherits of heppiness so a large a proportion of the civilized world». (carta XIX, p. 80 e 81).

«Every kind of vermin that exists to punish the nastiness and indolence of man, multiplies in the heat and dirt of Lisbon». (carta XIX, p. 81 e 82).

f) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.* — Link.

«La hauteur des murailles des *Quintas* dans la ville, de grands espaces abandonnés et déserts, favorisent les vols et les assassinats, et la mauvaise police les autorise. On se sert de certains couteaux pointus pour commettre les meurtres, quoiqu'il soit sévèrement défendu d'en porter. Ces crimes sont presque toujours l'effet de la vengeance ou de la jalousie; car les voleurs se contentent de vous menacer». (cap. XVIII, p. 263).

g) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (J. B. F. Carrère).

«... Lisbonne... la ville la plus propre à favoriser le vol et l'assassinat; c'est la ville où il s'en commet le plus; il n'y en a point cependant de plus mal gardée; c'est une ville vraiment dangereuse». (p. 122).

h) *Souvenirs d'une ambassade en Espagne et en Portugal de 1808 à 1811.*—Duchesse d'Abrantes. Paris, 1837.

«Les rues de Lisbonne étaient... plus dangereuses à parcourir à pied en 1797, par exemple, qu'une de nos grandes routes. A minuit on n'osait pas sortir sans avoir des armes et encore étaient-elles presque toujours inutiles, car les *troupes* de voleurs étaient trop nombreuses pour qu'on pût leur résister». (vol. II p. 158).

i) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (Carrère).

«Tous les jours où les tribunaux sont ouverts, à dix heures du matin, commence à se rassembler une foule considérable sur une place situés à l'extremité du Rocio... parmi... différentes espèces d'individus, se trouve une... espèce d'êtres, dont la seule occupation, l'unique métier est de comparaitre devant les tribunaux, devant les juges, devant les greffiers, pour y rendre un témoignage à la verité ou au mensonge, moyennant un serment qu'ils prêtent à l'Etre Suprême. Ceux-ci sont au service du premier venu... Un croisade neuve est le prix de chacun de leurs faux sermens... Tout Lisbonne est instruit de ce manège; les tribunaux ne l'ignorent point... ils reçoivent cependant leurs sermens; ils sont à égard à leurs déclarations; ils ne sévissent point contre eux». (p. 318 a 320).

j) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.*— Link.

«L'oppression du pauvre, l'indulgence envers le riche oppresseur, sont un... défaut capital de la justice portugaise, qui donne lieu aux plaintes les plus amères». (vol. III, cap. V, p. 275).

k) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (Carrère).

«Il n'est rien de plus affreux que les prisons de Lisbonne,

l'homme honnête, mais infortuné, y est confondu avec les brigands, avec les scélerats qui ont mérité plusieurs fois la mort, dont la seule est un supplice...». (p. 191-192).

l) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Dans chaque endroit en Portugal, un peu considérable, on trouve un hôpital, on une *casa de misericordia;* mais ils sont ordinairement si mal entretenus, qu'ils ne sont d'aucune utilité au public». (cap. XIII, pp. 188, vol. I).

«L'hopital royal de St. José (Lisboa) est en bon état; les malades y sont bien traités et bien soignés... cet hospice jouit d'une réputation bien établie, même chez les étrangers». (cap. XX› vol. I, p. 302).

m) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Les chambres et les lits qu'en offre aux voyageurs, sont pitoyables, et la nourriture y est si mal apprêtée, qu'il faut l'appetit d'un botaniste, pour la trouver supportable». (vol. I, cap. XXVI, p. 378-379).

n) *Trois mois en Portugal en 1822.* — Lettres de M. Joseph Pecchio a Lady J. O. Trad. de l'italien par Léonard Gallois Paris, 1822.

«Un voyage en Portugal ou en Espagne équivaut à une campagne militaire: manque de vivres, embuscades, périls, incommodités, bivouacs; on y trouve tout excepté la gloire. J'avais cru que les Portugais, ne serait-ce qu'à cause de l'inimitié qu'ils portent aux Espagnols et pour le plaisir d'être en contradiction avec leurs voisins, devaient être plus propres, plus recherchés et plus commodément logés qu'eux. Hélas! ils sont en tout les rivaux des Espagnols». (lettre II, p. 14).

o) *Souvenirs d'une embassade.* — Duchesse d'Abrantès. Paris, 1837.

«Vous arrivez dans un village; quelque considérable qu'il soit, vous n'y trouvez d'auberge sous aucun nom... Cette rareté d'auberge dans l'intérieur du pays est toute naturelle; on n'y voyage pas; on n'y rencontre sur les routes solitaires qui tracent

les mulets qui portent sur leurs dos les marchandises et les objets de commerce du pays, que des Portugais allant d'une ville à une autre, ou quelque curieux comme moi, par exemple, se hasardant dans l'intérieur du pays par curiosité». (p. 345).

p) *Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année, 1774.* —W. Dalrymple. Paris, 1783. Trad. do ingl.

«Nous trouvâmes dans cette ville (Ponte de Lima) une hotellerie beaucoup meilleur que je n'avois coutume d'en voir depuis longtems; mais nous eumes la plus grande peine à nous procurer quelque chose; et quand nous y parvenions, il sembloit toujours que nous dussions avoir de grandes obligations à ceux qui nous les vendoient». (carta XII p. 167).

q) *Memoires.*— Abbé de Montgon. 1752.

«Les logemens qu'un étranger pouvoit alors trouver à louer dans cette ville (Lisboa), étoient aussi mauvais que ceux de la route. Il falloit les meubler pour pouvoir y habiter, ou se resoudre à soufrir ce que la mal-propreté a d'insupportable». (t. VII, p. 161).

d) *Voyage en Portugal.*—Link.

«L'auberge qui se trouve dans cet endroit (Caldas) passerait pour misérable, tant en France qu'en Angleterre; cependant pour ce pays elle est encore supportable». (vol. I, cap. XXIV, p. 352).

s) *Voyage en Portugal.*—Link.

«Il est étonnant qu'il y ait une mauvaise auberge à Alcobaça, et qu'on n'en trouve point à Batalha; il est aisé d'expliquer les plaintes des étrangers sur les mauvaises auberges du Portugal; car c'est sur plusieurs points où leur concours est considérable, que l'on rencontre les plus mauvaises hôtelleries». (vol. III, cap. IV, p. 237 e 238).

t) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (Carrère).

Lisbonne a beaucoup d'auberges, et il n'y en a pas une qui

soit bonne». (pag. 58). «Les auberges portugaises sont les plus mauvaises; celles qui sont tenues par des étrangers valent mieux... Il est difficil de se loger en chambre garnie à Lisbonne; il y en a très-peu... Celles qui sont tenues par des Portugais, sont inhabitables par la mal propreté qui y règne; celles qu'on trouve chez des Anglois et des François, sont mieux tenues et plus propres». (p. 60).

u) *Voyage en Portugal.*—Link.

L'hospitalité est très grande en Portugal; les gens de distinction couchent rarement dans une auberge, mais chez leurs amis. Une chose qui honore beaucoup les grands, c'est que leur hospitalité ne se borne pas à leurs parens et amis, mais qu'elle s'étend même sur des personnes inconnues. Il serait cependant à désirer qu'on restreignit un peu cette hospitalité, pour relever les auberges». (vol. II, cap. XXXIV, p. 113).

v) *Italy with sketches of Spain and Portugal.*—William Beckford. Paris, 1834.

«Came the Grand Prior, his nephew, the old Abade, and a troop of domestics. All great Portuguese families are infested with herds of these, in general, ill-favoured dependants; and none more than the Marialvas, who dole out every day three hundred portions, at least, of rice and other eatables to as many greedy devourers». (carta IX, p. 185).

w) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798; (J. B. T. Carrère).

«Il n'y a point de pays où il y ait autant de domestiques de deux sexes qu'a Lisbonne, et où cependant on soit aussi mal servi.

Les maisons des *fidalgos* ou des grands en regorgent; il y en a dont les domestiques peupleroient un petit village...

Ce luxe de domestiques est passé jusqu'à la bourgeoisie: les simples particuliers en ont également un nombre excessif... Que fait donc cette armée de domestiques? N'est ce point multiplier le nombre des oisifs, des paresseux, des faineans? N'est-ce point augmenter inutilement la masse de la corruption? Les campagnes se dépeuplent, l'agriculture languit, la corruption se propage dans toutes les parties de l'état, et cela encore dans un

pays où l'on compte à peine deux millions d'individus, dans un pays où la terre fertile n'appelle que les bras pour la mettre en valeur, et où cependant la moitié des terres reste sans culture.

Les domestiques portuguais sont, en général, mal, propres, peu intelligens, peu instruits, peu attentifs; ils connoissent peu le service; ils le font mal; ils ne font et ils ne veulent faire qu'une chose; ils sont, malgré cela, remplis d'orgueil et de présomption; les servantes en ont encore plus que les domestiques males... Les domestiques mâles et femelles sont très mal tenus, encore plus mal nourris, dans les maisons portugaises... Si les domestiques sont mal nourris à Lisbonne, ils sont mieux payés; ils le sont même beaucoup trop en proportion de leurs talens et de leur bonne volonté... Outre ces gages, il est encore d'usage de leur donner les etrennes aux trois grandes fêtes, à Páques, à la Pentecôte et à Noel... c'est ce qu'on appelle *donner les amandes*. Cet usage en entraîne un autre: les domestiques des personnes en place, des magistrats, des officiers supérieurs de la douane, même ceux des miserables *ministres de barrio*, espèce de petits commissaires de police, mettent le public à contribution à ces mêmes époques; ils exigent les amandes de tous ceux qui veulent voir leurs maîtres; ils ferment durement la porte à ceux qui ne leur donnent point». (p. 49-56).

TABLEAU

	En monnie de Portugal		En monnoie tournois.	
Le mauvais lait, la canuda	160 réis		12 s.	d.
L'huile, mauvaise la canuda	280	»	1	15
Le beurre salé (1), la livre	160	»	1	
Le sucre rafiné, en pain, la livre	200	»	1	5
La cassonade passable, la livre	160	»	1	
La mauvaise cassonade, grasse et grise, la livre	120	»	15	
Un petit panier de fraises	240	»	1	10
Le riz médiocre, la livre	80	»		10
Le riz un peu meilleur, la livre	100	»	12	6
La chandelle du pays, la livre	120	»	15	
La chandelle de Russie, la livre	160	»	1	
Le charbon, un petit sac	600	»	3	15
Le bois de pin à brûler, une charge de cheval	960	»	6	
Les sepas ou racines à brûler, une très petite charge de cheval	600	»	3	15
L'eau la barique de	15	»	1	10
20 ou 24	20	»	2	6
pintes	30	»	3	9

De *Voyage en Portugal* de Carrère.—Paris, 1798, p. 210.

x) *Voyage en Portugal.*— Link.

«La nation est portée à manger beaucoup, et surtout de la viande». (cap. XXIX, p. 10, vol. II).

y) *Italy with sketches of Spain and Portugal.* — Beckford. Paris, 1834.

«The Portuguese had need have the stomachs of ostriches to digest the loads of savoury viands with wich they cram them selves. Their vegetables, their rice, their poultry, are all stewed in the essence of ham, and so strongly seasoned with pepper and spices, that a spoonful of peas, or a quarter of an onion, is sufficient to set one's mouth in a flame. With such a diet, and the continual swalling of sweetmeats, I am not surprised at their complaing so often of head-aches and vapours». (carta XXII, p. 273).

z) *Voyage en Portugal.* — Link.

«La vermine est très commune à Lisbonne. Au risque de révolter le lecteur, je dois dire que les gens de condition ne font pas la moindre difficulté de s'en defaire eux-même dans la société. On raconte que la femme d'un ministre étant au jeu, dans une grande assemblée, y faisait souvent cette espèce de toilette.

Pendant notre séjour à *Caldas* en *Gerez,* ou l'on trouve des bains chauds, j'ai vu la soeur de l'evêque et gouverneur d'*O Porto,* veuve jeune et charmante, et d'ancienne noblesse, assise, après midi, devant sa porte, la tête dans le giron de sa femme de chambre... Je sais, d'une manière positive, que les jeunes femmes, dans les visites qu'elles se font, se, rendent réciproquement ce serviçe, pour passer le tems». (cap. XIX, p. 275 e 276).

XI

Nobresa—Burguesia—Camponeses—Povo.

a) *Travels in Portugal.* — Murphy.

«The Nobility may be considered as a body entirely distinct from the other three; the principal affairs of the state are committed to their trust; they reside in the capital, or its environs, and seldom visit their estates in the provinces. They esteem it an honour to be born in the capital, and also to dwell there... They lives are even tenor of domestic felicities, not remarkable for brilliant actions, and but rarely strained by voice. The fame of their illustrious ancestors justly entitle them to ervery honour and respect; but whilst they glory in the remembrance of their achievements, they seem to forget their maxims. It must be allowed, however, that they possess many amiable qualities. They are religious, temperate, and generous, faithful to their friends, charitable to the distressed, and warmly attached to their Sovereign; whose approbation, and a peaceful retirement, constitute the greatest happiness of their lives». (p. 197 a 199).

The Nobility, comparatively speaking, are not very rich; for though their patrimonies are large, their rents are small. I doubt if any of them has ever seem a map of his estate, or exactly knows its boundaries. If ever they deign to turn their attentiou towards the constructing of roads and canals, and not consider agriculture a pursuit unworthy of Gentleman, they will become the richest Nobility in Europe, on account of the vast extent of their landed possessions... The fine arts, which to the superior classes of every nation of Europe are sources of the most refined pleasure, are almost entirely neglected by the Nobility of this country; neither do they appear to take much pleasure in the cultivations of the sciences, though they possess most excellent capacity for both.

b) *Histoire de la guerre de la Peninsule.*—General. Foy, 1827.

«Presque toute la noblesse titrée habite Lisbonne, où elle dissipe d'amples revenus provenant non de son patrimoine, car

les vastes possessions territoriales sont le partage d'un petit nombre de familles, mais des emplois publics, des commanderies instituées jadis pour recompenser la valeur guerrières, des donations et des aumones du Prince et surtout de la vente qu'elle fait, à deniers comptant des ses recommandations». p. 37 a 41.

c) *Portugal inconnu.* — Leon Poinsard. París, 1910.

«Dans la classe aisée, les pères sont excellents et prêts à tous les sacrifices d'argent, les mères sont devouées, aimantes, parfois jusqu'à l'adorations. Mais si on est attentif a l'observation des formes extérieures de courtoisie, parfaites chez ce peuple aimable, la formation du caractère est négligée. On n'en comprend pas l'importance, on ignore les procédés d'education propres à le fortifier peu à peu, des les premières années de l'enfance.

Dans bien des cas, la direction des jeunes esprits est abandonnée à des servantes quelconques qui les modèlent à leur image. Le type de l'enfant gaté est très fréquent. Aussi le caprice et l'irregularité président trop souvent à la conduite de la vie; le préjugé ou la fantaisie l'emportent sur la raison, l'indiscipline devient une habitude. Cela est absolument opposé au developpement normal de la fermeté dans la décision, de la rectitude dans les vues, de la domination de soi-même, du sentiment de la responsabilité personnelle, qui font la principale valeur sociale d'un individu... c'est ce laisser-aller, cette insuffisance de l'éducation qui retient en quelque sorte la classe dirigeante portugaise dans une situation troublée, difficile, et l'empêche de donner sa mesure en dépit de sa vive intelligence et de sa bonne volonté évidente. Sans doute, les personalités capables se sont multipliées depuis un quart de siècle, et dans leur activité a dejà porté ses fruits. Mais elles sont trop peu nombreuses et, en outre, il arrive presque toujours que leur supériorité, née du simple hasard et non pas d'une formation régulière, ne se transmet pas à leurs descendants, parce qu'elles n'ont ni l'idée ni la méthode d'une forte éducation.

Ces personalités forment une élite brillante, mais qui reste trop restreinte, pour encadrer, diriger et entraîner la masse flottante du peuple. Cette éducation incomplète et irrationnelle entretient ou crée chez les gens de la classe supérieure des prejugés, des habitudes, des manières d'agir qui ne répondent pas aux tendances et aux besoins de la societé moderne... Beau-

coup de gens reçoivent encore et conservent des préjugés qui les paralysent dans une grande mesure, en les amenant à mepriser le travail et les professions lucratives. On considère comme plus digne, plus anoblissante en quelque sorte, une situation qui se rapproche le plus possible des apparences de l'oisiveté.

C'est ce qui fait préférer les carrières libérales ou administratives, avec lesquelles on en prend facilement a son aise, tandis que l'industrie ou le commerce sont astreignants et nécessitent des soins, des démarches, des occupations, des relations qui ne sont pas toujours agréables. Autrefois, cette affectation d'oisiveté était poussée jusqu'au ridicule. Un chroniqueur qui vivait et écrivait à Lisbonne, vers le milieu du XVI siècle disait: «Ici, nous sommes tous nobles, et nous ne portons rien en nos mains par les rues.... Le travail est fait par les artisans ou les esclaves».

Ainsi, tout homme obligé au travail se trouvait relégué dans une situation subordonnée ou même servile.

Cette vanité puérile et funeste a fait le malheur du Portugal, et lui nuit encore, car, bien que les idées aient dejà évolué sensiblement depuis vingt ou trente ans, trop de personnes encore mettent leur orgueil à eviter, au moins en public, tout ce qui ressemble à une occupation mercantile, à un métier usuel... Pour toutes les causes que nous venons d'énumérer, le Portugais est trop souvent attiré par les vaines agitations de la politique, où il trouve un semblant d'activité, une occasion de briller par la parole ou par l'intrigue, moyens faciles de se dépenser en théories creuses ou en combinaisons habiles, mais sans profit réel pour le pays. Une éducation normale détournerait sans aucun doute un grand nombre de jeunes hommes des professions libérales surchargées, car, en général, elles ne procurent qu'une apparence d'occupation et peu de profit, ce qui oblige bien des gens à cumuler les metiers les plus hétérogenes. Elle les éloignerait également de la politique, dont ils apprécieraient peu les grands mots et les petites besognes. Elle les pousserait, au contraire, vers les entreprises personnelles actives et productives, elles les ferait marcher avec leur siècle, pour propre avantage et au profit de la nation entière. Elle distrairerait leur attention des affaires purement intérieurs et pour ainsi dire parasites, et la dirigerait vers les affaires internationales, selon la pente de l'esprit contemporain». (vol. I, 1.ª parte, p. 44 a 47).

C'est un pays désorganisé, c'est-à-dire que l'éducation fa-

miliale n'y est pas conduite d'une façon générale par des traditions fortes, propres à donner au caractère d'un grand nombre d'individus une propension naturelle vers l'initiative, le travail productif, l'entreprise hardis, l'indépendance personnelle combinée avec l'esprit de discipline volontaire. Il en résulte que la jeunesse est en moyenne mal préparée aux exigences de la lutte pour la vie, qu'elle se laisse trop dominer par les circonstances et ne sait pas tirer suffissament parti des moyens d'action dont elle dispose; que la classe aisée est trop absorbée par la vie urbaine, par les carrières auxilliaires au même par l'oisiveté. Dans ces conditions, le travail est forcément mal dirigé, la situation attardée et embarrassée, l'activité du pays plutôt faible. Enfin, l'insuffisance de la formation du particulier le rend incapable de constituer sur une base libérale les groupements politiques et de gérer directement les interêts locaux. Cette insuffisance a préparé le triomphe de la bureaucratie et la prédomínance de celle-ci. En permettant de centraliser les ressources fiscales du pays, elle a provoqué la formations des clans politiques, qui ont surtout pour but d'exploiter la fortune publique au profit de certains intérêts personnels. (vol. II, cap. V, p. 426-427).

d) *Travels in Portugal in the Jears 1789 and 1790.* — Murphy. London, 1795.

«With respect to the middling class, in their ideas and manners they differ from those of the rest of Europe; the unfrequency of travel, except to their own colonies, excludes them from modern nations and modern customs; hence they retain much of the ancient simplicity of their ancestors, and are more conversant in the transactions of Asia or America than of Europe.

Whether it proceeds from a fondness for ease, or want of curiosity, they appear to have an aversion for travelling, even in their own country. A Portuguese can steer a ship to Brasil with less difficulty than can guide his horse from Lisbon to Oporto.

People, thus estranged from the neighbouring nations, are naturally averse from the influx or mere theoretical doctrines, which tend to disturb the tranquillity of established opinions, They exclude at once the sources of modern luxuries and refinements, modern vices and improvements.

Hence their wants, comparatively speaking, are but few, and there are easily satisfied; their love of ease exempts them

from many passions to which other nations are subject (Observations on manners and customs. p. 207 e 208).

«The lower class are endowed with many excellent qualities; they are religious, honest, and sober, affectionate to their parents. and respectful to their superiors». (p. 209).

e) *Voyage en Portugal par M. le comte Hoffmansegg; redigé par M. Link.* — Paris, 1805.

«Quoique le cultivateur Portugais craigne le travail, il se livre cependant à une occupation pénible qu'il répète deux fois par an, celle d'amonceler la terre autour du maïs et d'autre bled». (cap. I, p. 7).

f) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.* — Link.

«La culture n'est point généralement mauvaise; et si les bonnes méthodes manquent à l'agriculteur, on ne peut cependant pas le taxer de paresse et de négligence». (vol. III, cap. VII, p. 331).

g) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Là où le paysan est propriétaire, il est aisé: dans les grandes possessions de la noblesse et des couvens, il afferme les terres à un très-haut prix; et comme le commerce intérieur n'est pas très-étendu, ce n'est qu'avec peine qu'il peut payer ses fermages. Ajoutez à cela les impôts onéreux sur les premiers besoins de la vie, et la cherté dans un pays où arrive presque tout l'or qui se répand en Europe. Dans ces circonstances, les colonies depeuplent le pays, et enlèvent des bras aux contrées qui en ont sur-tout besoin. Ces causes empêchent aussi l'industrie, surtout dans les provinces méridionales». (vol. III, cap. VII, p. 332).

h) *The Tagus and the Tiber; Londres, 1852.* — William Edward Baxter.

«The loxer classes in Lisbon can boast neither of good looks nor cleanliness; they are said to be somewhat lazy withal». (p. 23).

«The Portuguese appeared to me a polite people; not only polite in the French acception of the term, willing to bow, gri-

mace, and lift their hats but really considerate and well bred». (cap. III, p. 62).

«The first, the last, the best,
The Cincinnatus of the West,
Whom envy dared not hate».

... «No man who feels an interest in human progress can visit this country without deploring its political degradation.

Leaving the shores of England, in a few days he is transported from the entreprise of the nineteenth century to the semi-barbarism of the ninth: from a land of railroads and telegraphs, steam-engines and printing-presses, to a land, once high in influence among the powers of Europe, but in which there is yet no road! Description can scarcely convey to an enlightened inhabitant of a free country a true idea of the condition in which Portugal remains at the present day. Her soil uncultivated, her trade decayng, her people discontented and ignorant, her governors scrambling for influence and emolument, while the true end of government they neglect: without manufactories, without money, without anchor to which to trust, she is drifting down the stream of time an abandoned wreck, though once, when better manned she proudly breasted the billows. May we expect to see the dawning of a brighter future, or is Lusitania to proceed from one degree of desolation to another, till the vineyard of Estremadura and the palaces of Lisbon become the abodes of the wild boars and still wilder men which dwell in the mountains of Algarve and by the banks of the Guadiana?». (cap. II, pp. 30 a 40).

... «The common people of Lisbon and its environs are a laborious and hardy race; many of them by frugal living lay up a decent competence for old age; it is painful to behold the trouble they are oblidged to take for want of proper implements to carry on their work.

They cars have the rude appearance of the earliest ages; these vehicles are flowly drawn by two stout oxen. The corn is shelled by treading of the same animals as in the days of the Israelites». (Observations on the manners and customs, p. 201).

i) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.* — Link.

«A mesure qu'on avance vers le nord du Portugal, le

peuple offre plus de bonté, de bonhomie et d'industrie. Les brigandages et les vols sont plus rares...». (vol. I, cap. XXVI, p. 380).

j) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Murphy... dit avec raison beaucoup de bien du peuple... Les gens de conditions cachent ordinairemet un coeur faux sous les dehors les plus trompeurs. Ils sont autant au-dessous des Espagnols de leur classe, que le bas peuple de Portugal est au dessus de ses voisins. Le défaut de connaisances et de goût dans les arts; un gouvernement qui n'a jamais su tirer parti des sentimens généreux; la proximité continuelle de la nation anglaise, fière de sa superiorité; la décadence entière de la littérature dans ce pays, voilà, je crois, les causes, qui en comparaison des autres nations, mettent les nobles portugais à quelques exceptions prés, au dernier rang de leur classe». (cap. XVIII, p. 272).

l) *Voyage en Portugal.* — Paris, 1798, (J. B. F. Carrère).

«Un peuple nombreux habite Lisbonne; mais ce peuple est écrasée sous le fardeau journalier de l'indigence. La misère s'y présente par-tout sous les formes les plus hideuses. On n'y voit que des visages pâles, flétris, décharnés, des corps extenués, languissans, à peine vêtus, couverts de haillons, des enfans presque nus, des mères dent le sein épuisé se refuse à fournir la subsistance à un enfant dont la bouche affamée l'appelle à grands cris, des barraques basses, écrasées, resserrées, dont les toits entr'ouverts laissent échapper dans les airs le cri de l'infortune et du besoin.

L'homme du peuple travaille; mais le produit de son travail suffit à peine à sa subsistance; il lui est payé à trop bas prix, dens une ville sûrtout aù les denrées de première nécessité deviennent excessivement chères par les frais d'importation et par les impôts dont elles sont grêvées, dans une ville où les jours de fête sont très multipliés et diminuent le nombre des jours de travail, dans une où des entraves, renouvellées sous toutes les formes possibles, misent au développement de l'industrie... Ce peuple, courbé sous le poids presque éternel des fatigues et des travaux, n'y trouve pas seulement les moyens d'exister... En général, les horreurs de la misère investissent de tous les côtés le peuple de Lisbonne. Le besoin l'avilit; la langueur le con-

sume; le travail l'épuise; une honteuse mendicité est enfin l'unique ressource d'une foule immense d'hommes qui ont passé les deux tiers de leur vie à tourmenter infructueusement leur existence... le gouvernement les abandonne... le riche se croit acquitté de ses devoirs en distribuant avec parcimonie quelques pièces de monnoie à quelques uns des mendians qu'il rencontre ou qui se présentent à sa porte... L'opulence des moines de Lisbonne pourroit leur fournir les moyens d'exercer cette charité active et prévenante qui est prescrite par la religion qu'ils pro fessent; mais leur charité no pénètre jamais dans l'intérieur des ménages... Ils se croient quittes envers les pauvres en faisant distribuer, une fois tous les jours, à la porte de leurs couvens, quelques écueillées de soupe aux malheureux qui s'y présentent; oh! quelle soupe, grand Dieu! ce n'est souvent qu'un amas de vieillescr outes détrempées dans la lavure des assiettes de reféctoire... Le peuple de Lisbonne... porte à la fois les fers honteux de l'esclavage et le fardeau accablant de la misère.

On l'écrase comme un insecte dès qu'il ose lever la tête; il tremble à la voix, à la vue de l'agent le plus subalterne de la police; c'est sur lui sur-tout que s'exerce le despotisme le plus violent et le plus inique.

Qu'en résulte-t-il? un peuple sans ame, sans énergie, sans courage, un peuple sans force, sans caractère, sans volonté, le peuple le plus timide, le plus lâche de l'univers, un peuple esclave, un peuple avili.

Ce peuple est très vicieux; il est voleur; il est assassin... L'indigence conduit souvent au crime; et c'est peut-être à l'indigence que le peuple de Lisbonne doit son penchant au crime. Ce peuple seroit peut-être un fidelle observateur des loix, si les loix le protegeoient; mais les loix l'abandonnent (p. 177 a 186)... Lisbonne est rempli de mendians. L'oeil de l'étranger y est désagréablement frappé de leur nombre excessif... Des hommes, des femmes de tous les âges font ce metier; c'en est un pour eux; ils en contractent l'habitude; ils trouvent dans la charité, quoique mesquine, des Portuguais, un moyen de vivre dans l'oisiveté; ils y accoutument de bonne heure des enfants, qui, élevés ainsi dans l'usage de demander, ne peuvent jamais prendre l'habitude du travail, et ne rougissent plus de tendre la main.

S'il en est parmi eux qui, affaissés sous le poids du malheur, des infirmités, de la vieillesse, de l'impuissance pour le travail, méritent d'exciter la charité des fideles; il en est un bien plus grand nombre, qui, jeunes, valides, bien portans, en état de

travailler, cherchent à tromper la compassion, à surprendre la libéralité, qui prélèvent ainssi, sur la sensibilité publique, un impôt qui devroit être reservé à ceux de la première classe. Les Portugais ne font aucune distinction... (p. 187 a 188).

m) *Portugal of Portuguese.* — Aubrey F. G. Bell. London, 1915.

«The politician in Portugal who looks at the statistics, and, seeing that 75 per cent of this people are illiterate, shrugs his shoulders — non ragionar di lor — makes a great mistake, for it is here that those who have considered the political intrigues of the capital and despaired of Portugal's present find a new hope a population hard-working, vigorous, and intelligent, increasing fairly rapidly, content with little, not willing learning to read or write, but in its own way eagerly patriotic, each loving Portugal as represented by his own town or village or farm... if it can be given a national government, and a national policy and ideals it may yet surprise Europe. (Cap. 1, p. 1, 2, 3).

n) *Portugal of Portuguese.* — Aubrey Bell. London, 1915.

«... Portugal is a land of strongly-rooted and noble tradition, and these the required sculptor must take into account if he is to be successful in his task. It would be wrong to in fer that the anonymous mass that forms the back ground to those great figures of the past is characterless. For, beneath the apathy, the docility, the contradictions of the Portuguese people remains something perhaps not very easy to define, but which has a intimate peculiar flavour, something pliant, adaptable, insinuating but with a real will and persistency of its own. Potential, it may be, rather than actual, but certainly a sound and promising basis for growth and development, il properly directed... The great mass of the Portuguese people is, emphatically *desorienté* rather than *degenerate*. They would answer readily—yes, even Beckford's Lisbon *canaille*—to a leader capable of leading something more than a pack of yelping political parasities». (cap. 1, p. 22 e 23).

o) *Portugal of Portuguese.* — Aubrey Bell.

«The illiterate are often the flower and cream of the nation...

It may be said without exaggeration that the Portuguese people, for all its colossal ignorance and lack of letters, is one of the most civilised and intelligent in Europe». (cap. I, p. 15).

p) *Spain and Portugal.* — Josiah Conder. Londres, 1831.

«... Portugal, the last and lowest of the European kingdoms, yet, once the mistress of both Indies, — the mother country of Brasil! And the peasantry, as well as the soil, are worthy of a better government». (p. 342).

q) *Trois mois en Portugal en 1822.* — Lettres de M. Joseph Pecchio a Lady J. O. Paris, 1822.

«Si je n'eusse pas lu l'histoire du Portugal, il m'auraít suffit de remarquer la manière dont les paysans Portugais saluenté, pour juger que ce peuple a vócu dans une longue oppression. Lorsqu'ils aperçoivent, même de loin un voyageur, ils ôtent leur large chapeau et le baissent jusqu'à terre». (Lettre II, p. 15).

XII

Cidades — Madeira — Alentejo

r) *Voyages en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799.* — Link.

«Quoique le peuple paye annuellement 80:000 crusades pour le balayage des rues et pour être éclairé, Lisbonne était cependant, sous l'inspecteur Diogo Ignacio de Pina Manique, une des villes les plus malpropres de l'Europe. Elle n'était point éclairée; des brigands et des assassins la rendaient peu sûre pendant la nuit». (cap. IV, vol. 3.º, p. 189).

«Les rues (de Elvas) sont étroites, irrégulières, et tellement sales que la plus grande sécheresse n'empêche pas qu'on ne marche dans la boue». (vol. 1.º, cap. XII, p. 171).

«Les rues (de Coimbra) en sont étroites, inégales, sinueuses, mal pavées, mal-propres, et souvent tellement escarpées, qu'on a de la peine à y marcher...

s) *Voyage en Portugal.* — Link.

«La première chose qui frappe à Lisbonne, c'est le defaut de police. La boue est partout entassée dans les rues. Dans celles qui sont petites et étroites, et où la pluie ne peut la faire écouler, elle forme d'énormes monceaux, et il faut être bien adroit pour éviter d'y enfoncer. Dans une des rues les plus frequentées, près de la rivière, vers la *Ribera Nova,* on ne trouve qu'un petit sentier étroit, le long des maisons, où l'on puisse mettre le pied. Imaginez la foule de personnes qui se croisent à chaque instant, les *Gallegos*, chargés de poids énormes, et qui ne peuvent se déranger; les voitures qui vont le plus près possible des maisons, pour éviter de faire entrer les chevaux dans le bourbier, et ce qui est pire encore, les ordures qu'on jette sur les passans!

Autrefois la ville était éclairée pendant la nuit, mais elle ne l'est plus aujourd'hui, et comme les boutiques sont fermées de bonne heure, rien n'approche de l'obscurité de ces rues étroites et mal pavées. Des troupes de chiens vagabonds, nourris par le public, parcourent la ville comme des loups affamés. Souvent, lorsque j'entendrais admirer la hardiesse que nous avions de voyager par terre en Portugal pendant la guerre, je répondais que cette entreprise n'était pas, à beaucoup près, aussi hardie que d'aller à minuit de *Belem à Maravilhas,* au bout de la ville, du côte de l'Est.

Comment chez un peuple civilisé, peut-on souffrir des abus aussi crians, et qui ravalent Lisbonne au dessous même de Constantinople? (cap. XVIII, p. 260-261).

t) *Voyage en Portugal.* — Link.

«La société à Lisbonne est triste, même en comparaison de celle des grandes villes d'Espagne. On ne s'y promène ni à pied ni en voiture... il n'y a point de maisons ni de jardins publics, pour faire de parties de plaisir. On ne sait pas même profiter de la belle rivière... La manie d'avoir beaucoup de domestiques, luxe très nuisible à un pays, domine ici comme à Madrid. Ils sont mal habillés et mal nourris». (cap. XIX, p. 277, vol. 1.º).

u) *Adventures in the rifle brigade in the Peninsula.* — Captain J. Kincaid. Londres, 1847.

«To look at Lisbon from the Tagus, there are few cities in

the universe that can promise so much, and none, I hope, that can keep it so badly.

I only got on shore one day for a few hours, and, as I never again had an opportunity of correcting the impression, I have no objection to its being considered an uncharitable one; but I wandered for a time amid the abominations of its streets and squares, in the vain hope that I had got involved among a congregations of stables and out-houses; but when I was, at length, compelled to admit it as the miserable apology for the fair city that I had seen from the harbour I began to contemplate with astonishment, and no little amusement, the very appropriate appearance of its inhabitants.

The church, I concluded, had, on that occasion, indulged her numerous offspring with a holiday, for they occupied a much larger portion of the streets than all the world besides. Some of them were languidly strolling about, and looking the sworn foes of time, while others crowded the doors of the different coffee-houses; the fat jolly-looking friars cooling themselves with lemonade, and the lean mustard-pot-faced ones, sipping coffee out of thimble-sized cups, with as much caution as if it had been phisic.

The next class that attracted my attention was the numerous collection of well-starved dogs, who were indulging in all the luxury of extreme poverty on the endless dung-heaps.

There, too, sat the industrious citizen, basking in the sunshine of his shop-door, and gathering in the flock which is so bountifully reared on his withered tribe of children.

The strutted the spruce cavalier, with his upper man furnished at the expense of his lower, and looking ridiculously imposing; and there-but sacred be their daughters, for the sake of *one*, who shed a lustre over her squalid sisterhood, sufficient to redeem their whole nation from the odious sin of ugliness». (cap. 1, p. 5 a 7).

v) *Travels in Portugal in the Jears 1789 and 1790.* — Murphy. London, 1795.

«When we reflect on the advantages Portugal enjoys in point of commerce, from such a magnificent river and commodious harbour, so happily situated for trading with the Eastern and Western hemispheres, we cannot but wonder that Lisbon is not superior in riches; magnitude, and population to any capital in Europe». Lisbon, p. 132).

y) *État present du royaume de Portugal.* (Dumouriez).

«Les maisons sont... mal-propres, mal baties et incommodes; les cousins, les punaises et les insectes de toute espèce, nés dans la fange de Lisbonne et des autres villes, en rendent le séjour insupportable, et la légereté des toits et des murailles ne met point les habitans à l'abri de la rigueur de l'hiver et des vents du nord... Les rues de toutes les villes sont remplies d'immondices, sans aucunes lumières que celles de quelques Madonnes; peu sûres la nuit, et infectées par tous les chiens qui couchent dehors et qui passent les nuits à aboyer». (Livro IV, cap. II, p. 170-171).

z) *Croquis de Voyage.* — Armand Dayot. Paris, 1887.

«J'allais par la ville au hasard, de nez au vent, attitude conquérante que je ne tardai pas à modifier à cause des affreuses odeurs produites par les égouts, dont les eaux très hautes du Tage arrêtaient depuis plusieurs jours l'écoulement. Ce fait se produit, parait-il, plusieurs fois pour mois. Les habitants, qui devraient se souvenir de la peste de 1568, paraissent ne pas se douter des graves inconvénients qui pourraient en résulter. Le gouvernement, ainsi d'ailleur que la municipalité de Lisbonne dont les ressources budgétaires pourraient à peine suffire à la reconstruction des égouts de la ville, entretiennent secrétement le stoïcisme, ou plutôt l'indifference populaire, malgré les plaintes et les avertissements des médecins». (p. 165 e 166).

«Le spectacle de Lisbonne vue du milieu du Tage par un beau soleil est vraiment superbe... Mais à peine êtes-vous débarqué que votre admiration tombe pour faire place à une pénible surprise. Le charme est rompu... Voici vraiment le royaume du banal et du laid. D'énormes constructions de briques, auxquelles des architectes, partisans convaincus de l'application de l'art à l'industrie, ont cru devoir donner des formes classiques, s'alignent sur le bord du fleuve, et de leurs fenêtres ogivales s'échappe, au lieu du parfum de l'encens, l'acre odeur de détritus de sardines et d'huile chaude qui, mêlée à celle des égouts dont les bouches puantes s'ouvrent sur le Tage, chasse tous les flâneurs vers la ville haute. Ces quais spacieux, qu'une municipalité intelligente aurait pu transformer en une merveilleuse promenade, ne sont guère frequentés que par les *Gallegos*, les *Varinas* et les matelots des navires de commerce mouillés dans le

fleuve, qu'à cet endroit ne mesure pas moins de deux lieux de large... L'impression pénible qu'on éprouve en débarquant sur les quais ne fait qu'augmenter à mesure qu'on s'enfonce dans la ville haute en gravissant péniblement la pente rapide de rues presque toujours mal pavées... J'erre en trébuchant à chaque pas dans des labyrinthes nauséabonds, entre des façades sans élégance et d'une gris sale... par-ci, par là quelques places publiques bordées d'arbres poussiéreux et maladifs et ornées de statues grotesques... Les églises de Lisbonne ressemblent presque toutes aux tristes églises italiennes du XVII siècle... Pas une, y compris la cathédrale, ne mérite quelques lignes de description. Quant aux trois palais royaux *d'Ajuda*, des *Necessidades* et de *Belem*, ils sont d'une navrante banalité architecturale... Il existe cependant à Lisbonne, qui mériterait d'être appelée la capitale du mauvais goût, deux monuments justement célèbres et que nous avons visités avec le plus vif interêt: la tour de Belem et le monastère des Hiéronymites... (p. 171 a 180).

a) *Croquis de Voyage.* — Armand Dayot. Paris, 1887.

«Je préfére Porto à Lisbonne... Les rues sont assez étoites, mais convenablement pavées. Les maisons, dont beaucoup datent du commencement du XVI siècle, sont bâtis en granit bleu et ont un aspect tout à fait moyen age avec leurs fenêtres basses, leurs balcons de pierre aux colonnes massives et leurs portes aux lourds encadrements, presque toutes surmontées d'écussons héraldiques, chargées d'armoiries au dessin extravagant. La ville est propre, bien tenue, et riche en magasins curieux. Les places et les jardins publics sont ornés de beaux arbres, de bosquets charmants et garnis de bancs très confortables... Porto possède quelques monuments modernes très remarquables». (p. 219 e 225).

«La ville de Porto est plus animée que celle de Lisbonne. Il y règne partout une activité qu'on ne trouve pas dans la capitale dont les quartiers éloignés des quais et de la place D. Pedro sont presque toujours silencieux et deserts». (p. 230).

b) *Croquis de Voyage.* — Armand Dayot. Paris, 1887.

«Nous atteignîmes Leiria à la nuit tombante. Après un exécrable dîner... servi par une servante laide et sale... je me fis conduire à ma chambre... La cellule de la chartreuse de Mira-

flores était plus somptueusement meublée. C'était, m'affirma l'hotelier... la plus confortable de la maison. J'était si las, si courbaturé, si desireux de goûter un peu de repos, que j'eu pris possession sans murmurer, et bientôt je dormais profondément... A peine avais—je fermé les yeux que je m'éveillais en me grattant furieusement les jambes où j'éprouvais de cuisantes démangeaisons. Horreur! Mon lit était plein de punaises». (p. 276).

c) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Les quais de cette ville sont construits sans aucun art... Une rue belle, large et bien pavée, garnie de trottoirs des deux côtés, mène du rivage à la partie supérieur de la ville où elle se joint à une rue de traverse non moins belle. Toutes les autres rues sur la pente de la coline, sont étroites, tortueuses et fanguises. Mais sur le haut de la colline, il s'en trouve encore d'autres qui ne le cèdent en rien à la première; elles sont garnies de beaucoup de maisons nouvellement construites. On croit avoir quitté le Portugal; on s'imagine ètre dans une ville d'Angleterre, à cause de la clarté et la proprieté qui y règnent. O Porto est en général la ville la plus élegante du pays... Le peuple... est d'un caractère bienveillant, et o Porto, dans ce tems-là, était, en quelque sorte, l'opposé de Lisbonne. On jouissait dans cette ville de la plus grande sécurité; les vols et les assassinats étaient très rares. Cependant on parlaient quelquefois de coups de poignard donnés par la jalousie. La politesse et l'amabilité du peuple est extrême». (vol., cap. XXVIII, p. 420 a 430).

d) *Voyage en Portugal.* — Link.

«Les Algarviens sont moins polis que le reste des Portugais». (vol. II, cap. XXXVI, p. 153).

e) *Voyages en Portugal.* — Paris, 1798. (Carrère).

«On ne peut passer dans les rues de cette ville (Lisboa) sans y être exposé à être inondé et couvert d'ordures. On y jette par les fenêtres de l'eau propre ou sale, les lavures des cuisines, les urines, les excrémens de toutes une famille, reunis et croupis ensemble». (p. 141).

f) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798. (Carrère).

«Lisbonne pourroit avoir une superbe promenade. Un quai, prolongé sur le bord du fleuve par un espace de deux lieues, presque toujours en ligne dirècte, planté d'arbres, garni de bancs, offriroit un beau coup-d'oeil et formeroit une promenade agréable. Le marquis de Pombal en avoit conçu le projet; mais son plan n'a point été suivi. Il n'y a rien, au contraire, de plus désagréable, de plus affreux, que les bords du Tage: des édifices très ordinaires, inégalement construits, formant des saillies et des enfoncemens, les couvrent presqu'en entier dans toute la longueur de la ville». (p. 39).

g) *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814.*—Paris, 1820. CH. V. d'Hautefort.

«... Rien n'est plus vrai que la dégoûtante coutume qui ont les habitans de jeter les immondices par les fenêtres. Grâces aux dispositions intérieurs pratiquées dans les maisons des quartiers récemment élevés, ceux-ci seuls sont exempts de cette révoltante saleté: les restes des rues sont de véritables cloaques. Il faut ajouter à cette incommodité le défaut d'éclairage. Il est vrai qu'on aperçoit par intervalle, dans, les rues neuves, des reverbères et des lampes suspendues devant des images sacrées; mais ils sont insuffisans pour dissiper l'obscurité. Lisbonne a cependant été parfaitement éclairée autrefois. Les fonds affectés à ce service public, ainsi qu'a celui du balayage de rues, montant à environ 300.000 fr., sont annuellement portés au budjet municipal: c'est une énigme inexplicable que l'insouciance du Gouvernement à ce sujet. Pendant le peu de temps que les Français possédèrent Lisbonne, on fit exécuter un nettoiement général. Depuis, la vieille routine a repris le dessus; et une des plus belles villes du monde présente en certains endroits un aspect encore plus hideux que les écuries du roi Augias». (p. 9 e 10).

«Il n'y a point de ville, de bourg, de village, dont les rues soient aussi boueuses, aussi poudreuses, aussi sales, aussi impraticables, que celle de Lisbonne». (p. 128).

«Les habitans de Lisbonne paient... un impôt considérable, dont l'objet est de pourvoir à la propreté des rues. L'impôt se paie exactement; l'intendant le perçoit avec soin, et les rues ne sont point balayées. Ils n'osent se plaindre; ils craignent trop le terrible intendant; à peine osent-ils murmurer tout bas; ils trou-

vent un plaisir secret à se venger par une méchanceté atroce contre ce pauvre magistrat; ils se disent à l'oreille que de belles maisons qu'il a fait batir et d'autres qu'il fait construire encore sont des maisons de boue». (p. 131 e 132).

h) *Portugal of Portuguese.*—Aubrey Bell. London, 1915.

«Oporto... is a busy industrial city, and has no parades of idleness like Lisbon, where the busy workers are crushed away into side in streets and quays, for fear the foreigner should see such undignified behaviour. The true *Lisboeta's* ambition is to do nothing, and to do it elegantly. On the other hand, the inhabitant of Oporto is proud of his business. He is more vigorous and active, and has a sterner and more independent autlook on life». (cap. VI, p. 101 e 102).

i) *Souvenirs d'une Ambassade.*—Duchesse d'Abrantes. Paris, 1837.

«J'ai beaucoup voyagé; j'ai parcouru le nord et le midi de l'Europe, et jamais une ville aussi étrange, mais aussi remarquabl et aussi belle que Lisbonne, ne s'est montrée à moi; jamais une ciel plus beau ne versa sa lumière sur une cité entourés d'une nature qui la presse de ses merveilles; mais aussi jamais, en aucun lien, je ne vis autant de dons de Dieu méconnus et sacrifiés». (vol. 2.º, p. 192).

j) *Voyage en Portugal et en Espagne fait en 1772 et 1773.*—Richard Twiss. Berne, 1776.

«Un jour que je me promenois dans les rues de Lisbonne, je fus frappé de voir deux hommes couchés par terre, et derrière eux deux gros singes occupés à chercher des poux sur leurs têtes. J'appris qu'ils avoient été dressés à ce métier par leur maître, qui se fait paier environ un sol et demi de notre argent, de ceux qui veulent subir cette toilette singulière. On voit fréquemment des gens du peuple, couchés au soleil, se rendant réciproquement ce bon office; et je crois qu'il n'y a pas de nation sur la terre plus riche en cette vermine; les femmes sur-tout, à cause de la quantité encore de leurs cheveux. On comprend bien que je ne parle ici que du bas peuple». (cap. IV, p. 23).

l) *Rambles in Madeira and in Poıtugal in the early part of 1826*. Londres, 1827.

«... The natural indolence and impatience of their disposition is insuperable—nothing but the urgency of the momeut will compel them to the exercice either of thought or action; and they seem nearly incapable of exertion with a view to distant or contingent exigencies». (cap. XVI, p. 160).

«A stranger—an Englishman in paıticularis—is struck with the careless indifference which the tradesman manifest towards their customers. (cap. XVI, p. 164).

m) *Italy with sketches of Spain and Portugal.*—Beckford.

«The more one is acquainted with Lisbon, the less it answers the expectations raised by its magnificent appearance from the river. Could a traveller be suddenly transported without preparation or prejudice to many parts of the city, he would reasonably conclude himself traversing a succession of villages awkwardly tacked together, and overpowered by massive convents. (Carta XVI, p. 209).

«Lisbon is more infested than any other capital I ever inhabited by herds of these half-famished animals, (cães) making themselves of use and importance by ridding the streets of some part, at least, of their unsavoury incumbrances». (Carta XVII, p. 212).

XIII

Homens notaveis

n) *Histoire du detronement d'Alfonse VI roi de Portugal contenue dans les lettres de M. Robert Southwell, alors ambassadeur à la cour de Lisbonne, 1753 (trad. fr.).*

«Il (Castello-Melhor) ajouta qu'il ne croyoit pas qu'il y eut un pays où l'envie regnâtcomme dans le Portugal; et pour me le confirmer, il me fit l'histoire d'un Génois, à qui le Comte d'Olivarez demanda un jour quel était selon lui le meilleur

moyen de dompter les Portugais; c'est de les laisser en paix, répondit le Génois: comptez qu'alors ils s'égorgeront l'un l'autre, et qu'il vous sera aissé de conquérir ce royaume. Ce Genois, ajouta-il connoissoit notre nation. Ce Comte me dit que dans d'autres pays les réconciliations commençoient par le coeur; mais que dans celui-ci elles commençoient par la contenance, et en restoient là; qu'en Portugal chaque homme se jugeoit digne de gouverner, seulement parce qu'il étoit Portugais». (p. 140-141).

o) *Mémoires* — Abbé de Montgon. 1752.

«Ce Monarque (D. João V) savoit parfaitement joindre à la dignité, qui doit toujours accompagner le Majesté royale, l'affabilité, qui sert à la faire aimer. Sa figure y contribuoit; il l'avoit aussi distinguée que prevenante au tems dont je parle... Quelqu'étendue que fut la confiance du Roi en Dom Diego de Mendoça, ce Monarque vouloit cependant être informé de tout, et que l'on ne donnât aucun ordre qui ne passât devant lui. Ses sujets avoient la liberté de lui exposer ce qui concernoit leurs interets. Sa Majesté dans le tems dont je parle, donnoit audience publique deux fois la semaine. Un jour étoit destiné à écouter les personnes de condition; l'autre toutes sortes de gens, et independemment de ce moyen de connoitre les malversations et les injustices qui se commetoient, il y avoit encore au Palais une espèce de boite fermée à clef, et semblable à celles des bureaux des postes, où chacun avoit la liberté de mettre des Memoires, qui parvenoient directement au Roi». (t. 7, pp. 168 e 174-5).

p) *Lettres écrites de Portugal.* — 1780.

«Don Juan, qui monta sur le trône vers le commencement de ce siècle, n'étoit pas un prince propre à rétablir la grandeur chancelante de son royaume. Il étoit de ces monarques qui, sous l'apparence d'un caractère populaire, et sans paroître opprimer leurs sujets, se permettent cependant toute espèce de plaisir, et s'abandonnent à l'indolence, sans s'inquieter du bonheur du peuple et des vrais interêts de l'état». (Carta 2.°, p. 5).

q) *Souvenirs d'une Ambassade.* — Duchesse d'Abrantes. Paris, 1837».

«João V était un roi ne comprenant de la royauté que ce qui

n'est nullement nécessaire pour la prosperité d'un pays: il était vain». (vol. 2.°, p. 191).

r) *Memoires* — Abbé de Montgon, 1752.

«Ce venerable vieillard (car il avoit alors environ 72 ans... On peut dire que tous ceux qui l'abordoient trouvoient en lui une affabilité et une patience, peu pratiquée par ceux qui remplissent ailleurs la même place qu'il occupoit. Je n'ai guere vu de Ministre, qui sut mieux que lui, écarter la hauteur, la fierté, et l'humeur que l'on remarque en beaucoup d'autres. Chaque jour à son audience, ou quand il alloit chez le Roi, il étoit accablé d'une multitude de gens, dont les uns lui parloient, et les autres tiroient son habit ou son manteau pour être écoutés, d'une manière à devoir lui causer quelques mouvemens d'impatience. Plusieurs, et entr'autres les femmes, revenoient à la charge avec une vraye importunité; et malgré cela il écoutoit un chacun avec une douceur et une tranquilité charmante répondoit avec la même moderation, et sans paroitre rebuter personne. J'ai deux ou trois fois été temoin de ce que je rapporte, et c'étoit toujours avec une nouvelle surprise, que je remarquois tant d'égalité dans un Ministre chargé de presque toutes les affaires de la Monarchie». (t. 7 — p. 173-4).

s) *Souvenirs d'une Ambassade.* — Duchesse de Abrantes. Paris, 1837.

«Toutes les fois que des hommes habiles et étrangers aux moeurs étroites des Portugais ont pris les rênes du gouvernement, la machine a bien marché, et la partie forte, la masse, a repondu â l'appel d'un homme de coeur. Voyez le comte de la Lippe! cet homme, qui encore aujourd'hui est grand parmi la nation portugaise, est tout simplement appelé par le peuple o gran conde! La nation toute entière lui paie un tribut de vénération. Il est le créateur de l'armée portugaise, et comment!» (cap. III, p. 224 e 225).

t) *Italy with sketches of Spain and Portugal.* — W. Beckford. Paris, 1834.

«... The Archbishop Confessor... the first spring in the present Government of Portugal. I never saw a studier fellow.

He seems to a noint himself with the oil of gladness, to laugh and grow fat in spite of the critical situation of affairs in this kingdom, and the just fears all its true patriots entertain of seeing it once more relapse into a Spanish province». (carta XIV, p. 201).

u) *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne.*— Paris, 1798. (J. B. F. Carrère).

«La place de Saint Paul... seroit belle, si elle n'étoit pas absolument encombrée de terre et de pierre... Ces décombres y sont depuis dix ans: il y resteront encore long-tems; ils appartiennent â l'intendant de police Manique; ce sont les debris des ruines qu'il a fait enlever pour faire construire les belles maisons qu'il y possède: c'est à ces frais qu'il devroit faire déblayer la place; il ne se presse, et il ne se pressera point.

Il pourroit cependant le faire à bon marché; il n'auroit qu'à commander; on n'oseroit le presser pour le paiement: il à la réputation de ne jamais payer ce qu'il fait faire, et aucun ouvrier ne se hasarde à lui demander le paiement de son salaire». (p. 26).

«Lisbonne a un intendant de police qui s'est rendu aussi fameux par ses coups d'autorité, que redoutable par ses fureurs. Le nom de *Pina Manique* imprime une terreur générale; on ose à peine le prononcer. On n'accoste cet intendant qu'en tremblant... son abord n'est rien moins que rassurant: un sérieux glacé, un regard sinistre, une figure brune, sombre, rude, farouche, repoussante, impriment une nouvelle terreur. La police des grandes villes a plusieurs branches importantes; la sûreté des citoyens, la propreté et la clarté des rues, le maintien des moeurs publiques en font la partie la plus essentielles. Ce sont celles dont cet intendant s'occupe le moins; il les livre au hasard et à elles-mêmes, elles font la partie honteuse de la police de Lisbonne... Cet intendant se livre en entier à la découverte de la contrebande, à la poursuite des contrebandiers à la propagation de l'espionage, aux délations qu'il reçoit avec avidité et qu'il accueille avec empressement Il a, pour ces objets, une vigilance active, mais légére et précipitée. Il lui seroit impossible d'approfondir aucune affaire; il n'a ni le tems, ni l'intelligence nécessaires pour remplir les fonctions de toutes les places qui lui sont confiées... Sans esprit, sans génie, sans aucune connoissance des lois de son pays, du droit naturel, du droit des gens, il n'a

que les connoissances matérielles qu'il a acquises par le long exercice des places qu'il occupe». (pp. 117 a 119).

v) *Voyage en Portugal.*—Link.

«On prétend que le Gouvernement donne annuellement une somme considérable pour le nettoiement des rues.

Que devient cet argent? c'est ce que Don Diego Ignatio de Pina Manique, lieutenant de police de la capitale et de tout le royaume, doit savoir mieux que personne». (cap. XVIII, pp. 261).

x) *Voyage en Portugal.*—Link.

«Don Felix de Avellar Brotero, professeur de botanique. Ses connoissances dans cette science sont précieuses: dans ses voyages en Portugal, il s'est appliqué particuliérement à étudier les plantes de ce royaume, et en a augmenté considérablement le jardin des plantes... Je puis avec raison le ranger parmi les meilleurs botanistes de tous les pays que j'ai parcourus... Pour cultiver la science, il a fait un séjour de huit ans à Paris: il n'a pas été élevé â *Coimbre,* et c'est pour cette raison que ses collègues lui causent mille désagrémens; il est miné par le chagrin et la mélancolie». (cap. XXVI, p. 391 e 392)?

y) *Matériaux pour servir à l'Histoire de l'expedition de Don Pedro en Portugal.*—Paris, 1836.

«Don Pedro était un homme de belle prestance, bien bati, et dont l'extérieur annonçait une force extraordinaire; sa taille était de cinq pieds neuf pouces (anglais); sa figure était belle, quoiqu'un peu marquée de petite vérole, mais une empreinte d'astuce, et un rire sardonique dont il avait contracté l'habitude, donnaient à sa physionomie une expression de malveillance qui ne s'adoucissait pas quand on l'entendait parler, car il avait un son de voix extrêmement dur et désagréable. On ne pouvait lui refuser du courage personnel». (p. 42).

XIV

Mulheres—Homens

a) *État present du royaume de Portugal.*—(Dumouriez).

«Les femmes Portugaises sont celles de l'Europe qu'ont la plus belle carnation, les plus belles dents et les plus beaux cheveux... Elles sont... galantes, spirituelles et instruites, mais elles vivent dans une solitude austère». (Livro IV, cap. I, p. 104).

b) *Travels in Portugal.*—Murphy.

«The Portuguese Ladies possess many amiable qualities; they are chaste, modest, and extremely affectionate to their kindred». (p. 204).

c) *Voyage en Portugal.*—Paris, 1798. (Carrère).

«Les Portuguaises se font très peu voir en public; elles sortent très-peu de leurs maisons; il y en a qui ne sortent point quatre fois dans un an... elles se font même très peu voir dans leurs maisons... elles se font beaucoup voir à leurs fenêtres; elles y passent les trois quarts de la journée a voir les passans et à se faire voir... Dans l'intérieur de leurs maisons, elles se livrent à la plus grande oisiveté; elles sont accoutumées à ne rien faire; elles ne prennent jamais une aiguille, jamais un livre; elles partagent la journée entre la fenêtre et un siège, sur lequel elles demeurent nonchalamment assises, sur lequel elles reposent tristement leur indolence et leur ennui». (p. 78-80).

«... les femmes sont bien faites, bien proportionnées, bien élancées, blanches, animées, remplies de graces et d'agremens; elles ont de beaux yeux, une belle peau, une taille svelte, fine, délicate, le propos doux, séduisant, persuasif; elles reunissent tout ce qu'il faut pour plaire.

Elles sont en même tems douces, aimables, affectueuses, caressantes; elles savent se rendre intéressantes; elles ont un esprit naturel, qui se développeroit agréablement, s'il étoit cultivé; mais leur éducation est absolument négligée; elles n'en re-

çoivent aucune; elles sont abandonnées à elles-mêmes; elles ne doivent qu'a la nature l'amabilité, l'aftabilité et les autres qualités agréables qu'on découvre en elles... Exercées de bonne heure dans l'art de feindre, elles y excellent; leur visage ne se déconcerte jamais; la dissimulation s'y déguise sous le masque d'une innocente candeur... Les demoiselles... n'ont pas... de liberté...: elles ne sortent jamais seules... il y en a qui ne sortent jamais... Toute communication avec les jeunes gens leur est interdite... Cet usage paroît devoir mettre les demoiselles à l'abri de la séduction, à l'abri des occasions qui peu vent la rendre plus facile; mais elles trouvent mille moyens d'éluder les précautions qu'on prend pour les garder. La contrainte, l'oisiveté, une constitution ardente et toujours prématurée, developpent chez elles un génie inventif; il n'y a point de ruse, dexpedient qu'elles n'imaginent; il n'y a point de moyen qu'elle ne mettent en pratique... Les demoiselles veulent toutes se marier; elles entrevoient, dans le mariage, une apparence de liberté, une cessation de la contrainte qu'elles éprouvent. Aussi ne laissent--elles point échapper l'occasion d'avoir un mari, lorsqu'elle se présente; vieux ou jeune, beau ou laid, aimable ou bourru, étranger ou national, catholique ou protestant; c'est un mari: cela leur suffit; elles le prennent sans balancer... De-la une facilité inconcevable pour se marier. De-là cependant beaucoup de mariages malheureux. (pp. 296 a 301).

d) *Brasil, the River Plate and Falkland Islands.* — W. Radfield. Londres, 1854.

«... coquetery, so common among Spanish women, is little in vogue among the fair Portuguese. They not possess, to the same extent, the hasty passions and romantic feelings of their beautiful neighbours; but they are softer, more tractable, and equally affectionate... Certainly with some exceptions, the women are not highly educated; they ful little interest, on general subjects, and, consequently, have little general conversation. A stranger may, a at first, draw an unfavourable inference as to their natural powers, because he has few subjects in common with them; but, when once received into their circles, and acquainted with their friends, he becomes delighted with their liveliness, wit, and ready perception of character». (p. 53 e 54).

«... Portuguese society, as I happen to know very well from long and varied experience, is extremely agreable in many

places; and certainly the natives of the old country are exceedingly hospitable to strangers». (cap. I, p. 51).

«Portuguese politeness is delightful, because it is by no means purely artificial, but flows, in a great measure, from a national kindness of feeling. The restless feeling, so often perceptible in English society, hardly exists in Portugal; there is little prepared wit in Portuguese society, and no one talks for the mere purpose of producing an effect, but simply because its natural taste leads him to take an active part in conversation. Dandyism is unknown among their men». (p. 53).

e) *An account of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal.*—Londres, 1749. Udal ap Rhys.

«This country seing in the Latitude, and contiguous to Spain, the Nature of its climate and Productions in general are much the same; but in that of beautiful Women (which is infinitly the finest that Man can conceive) it is thought to surpass all *Europe*». (p. 219).

f) *Rambles in Madeira and in Portugal in the early part of 1826.*—Londres, 1827.

«The Portuguese ladies (Lisboa), even of the higher class, I believe, do not pay much attention to the cultivation of intellectual accomplishments; at least we hear strange stories of the deficiency of the most rudimental instruction among them». (cap. XII, pp. 282).

g) *Portugal of Portuguese.*—Aubry Bell. Londres, 1915.

«... women are not always treated with consideration, and in some parts of the country are little better than slaves». (cap. I, p. 7).

h) *Croquis de Voyage en Italie, Espagne, Portugal.*—Armand Dayot. Paris, 1887.

«... le Portugais est en général un excellent mari et un bon père de famille». (p. 149).

«La lenteur des trains au Portugal est proverbiale». (p. 150).

i) *Histoire universelle de J. A. Thon.* — Londres, 1734 (trad. do latim).

«Antoine Govea... étoit Portugais de naissance, et il disoit ingénuëment qu'il étoit François par adoption. André Govea son oncle l'ayant amené en France lorsqu'il étoit encore enfant, et qu'il n'avoit pas les premiers élemens des belles lettres; il étudia si bien, et avec tant de succès les humanités, que personne n'écrivoit plus purement que lui en Latin, et ne faisoit mieux des vers. Il fit ensuite de si grands progrès, dans la Philosophie d'Aristote, qu'il entreprit dans sa grande jeunesse de défendre ce Philosophe contre Pierre Ramus, ou de La Ramée, son grand aversaire: il remporta beaucoup de gloire et de louange dans ce combat. Il sembla que son esprit étoit également capable de toutes les sciences et qu'il pouvoit reussir dans toutes ensemble, comme d'ordinaire tout homme peut reussir en une seule; Emilie Ferret qui enseignoit le Droit civil à Avignon, voyant Govea occupé à Lyon à des études particulières, l'invita de venir dans son école apprendre cette science si embarrassé, si laborieuse, et si difficile. Govea y fit en peu de tems des progrès si rapides et si étonnans, qu'il trouva le moyen d'expliquer par l'antiquité les questions les plus épineuses du Droit, avec tant de netteté et de précision, que Jacque Cujas écrivant il y a plus de onze ans à Toulouse sur les titres d'Ulpien, témoigna que si on lui demandoit son sentiment sur les interprètes ou commentateurs du Code de Justinien, il donneroit la palme à Govea sur tous ceux qui ont été et qui sont encore. Au moins ai-je ouï dire à Cujas même, lorque j'étudiais sous lui à Valence, et souvent depuis qu'il craignoit même alors qu'il ne lui enlevât la gloire qu'il espéroit acquerir dans cette profession; il l'a depuis meritée, de l'aveu de tout le monde, par une étude continuelle, et par le travail infatigable d'une longue vie. Ainsi Govea enseigna le droit civil à Toulouse, à Cahors, à Valence, et à Grenoble. Il ne s'attacha point aux Interprétes ou commentateurs, dont le nombre est infini; et par tout il eut très grande quantité d'auditeurs et de disciples. La guerre s'étant allumée dans ce royaume, qu'il aimoit passionnément, il se retira en Italie, où il trouva, à la recommendation de Marguerite, épouse de Philibert duc de Savoye, un honnête repos dans sa Cour; il fut reçu conseiller au conseil secret de ce Prince. Govea mourut à Turin d'une maladie contractée, disoit-on, pour avoir mangé trop de melons. C'est le seul à qui tous les sçavans d'une commune voix ayent accordé

la gloire si rare dans ce siècle, d'être en même tems grande Poete, grande Philosophe, grand Jurisconsulte. Au reste ce grand homme déclaroit par reconnoissance, qu'il étoit redevable de tous ces avantages à l'air de la France, qu'il avoit respiré dès sa plus tendre jeunesse». (t. v, p. 101 e 102).

j) *Essais* (Publiés d'après l'édition de 1588 avec les variantes de 1595).— Montagne.

«Andreas Goveanus, notre principal, comme en toutes autres parties de sa charge, fut sans comparaison le plus grand et le plus noble principal de France». (l. I, cap. XXVI, p. 202).

k) *Souvenirs d'une Ambassade.*— Duchesse de Abrantes. Paris, 1837.

«Le duc de la Foëns eût été un homme supérieur dans tous les pays; dans le sien il grandissait encore au milieu des pygmées qui l'entouraient. Il le savait et ne souffrait. Cela devait être; s'il eût pensé autrement, il n'eût pas été supérieur». (cap. III, pp. 196).

l) *Voyages en Portugal.*— Link.

«José Corréa da Serra... ce savant fait honneur à sa nation, par ses connaissances, son esprit et son instruction. Avec ses avantages, il était tout simple qu'il eût des démêlés avec les moines de l'Inquisition, dont le résultat fut tel, qu'il jugea plus à propos pour lui d'aller vivre chez l'étranger». (cap. XIX, p. 291, 292).

m) *Souvenirs d'une Ambassade.*— Duchesse de Abrantes. Paris, 1837.

«Le passage du cap de Bonne-Esperance! Le genie des tempêtes se dressant devant Vasco de Gama et lui prédisant l'avenir!.. Toutes les fois que je lis en Camoëns cet admirable passage, je suis en respect à la vue de cet élan de l'esprit humain qui rapproche l'homme de la divinité!... (pp. 280, cap. IV).

n) *The discoveries of Prince Henry the Navigator and their resulte.*—Richard Henry Major. Londres, 1877.

«When we see the small population of a narrow strip of the Spanish Peninsula, limited both in means and men, become, in an incredibly short space of time, a mighty maritime nation, not only conquering the islands and Western Coasts of Africa and rounding its Southern Cape, but creating empires and founding capital cities at a distance of two thousand leagues from their own homestheads, we are tempted to suppose that such results must have been brought about by some freak of fortune, some happy stroke of luck. Not so; they were the effects of the patience, wisdom, intellectual labour, and example of one man (D. Henrique), backed by the pluck of a race of sailors who when we consider the means as their disposal, have been unsurpassed as adventures in any country or in any age. (Prefacio, p. VII e VIII).

A. Reis Machado.

SEGUNDA SERIE

(Prof. Pedro d'Azevedo)

I

1602

O Entre Douro e Minho mais galego que português—Causa da despovoação de Portugal.

«La (parte del reyno) que cae entre el Duero y Miño, tiene innumerable gentio, pero pobre, y que simboliza mas con los Gallegos con quien confinan, que con los Portugueses. Fue todo este reyno mucho mas poblado que lo es agora, de lo que an sido la causa las muchas, grandes y lexissimas impresas que los Portugueses an abarcado, del Brasil, Etiopia, Indias, Malaca, Maluco, e de otras infinitas islas, en las quales entre idas, bueltas, peleas, y negocios, se pierden todos los años tanta muchedumbre de Portugueses, y sin esto se quedan en los susodichos

lugares tantos a vivir de assiento, que se queda su patria debil y casi sin fuerças».

Jayme Rebullosa, *Descripcion de todas las provincias y reynos del mundo*, Barcelona, p. 24. Já em 1595 dissera o mesmo Giuseppe Rosaccio, *Il mondo e sue parti*, Florença, p. 50.

II

1681

Bons marinheiros e militares fora da pátria.— Causa da despovoação de Portugal.

«Les Portugais sont excellens hommes de Mer, et si l'on en vouloit douter, les conquestes qu'ils ont faites en plusieurs endroits suffiroient pour le prouver. Ils sont aussi courageux, et capables de bien faire à la guerre. Mais l'on a remarqué qu'ils réüssissent mieux hors de leur païs, que quand ils ont la veuë du clocher de leurs Villages. Ce païs est beaucoup mieux peuplé que la Galice, que les Asturies, et que la Biscaye, mais il perd beaucoup de ses hommes en voulant conserver les Indes, les Isles de l'Afrique, & le Bresil, parce que plusieurs meurent en ces Navigations, et ceux qui mettent le pied dans ces Provinces, en reviennent rarement, parce que la liberté y est plus grande, et le moyen de s'enrichir n'y manque point du tout».

Louis du May, *Le prvdent Voyageur*, I partie, Geneve, p. 465.

III

1682

Bons marinheiros e militares. Menos orgulhosos que os castelhanos.

«Ils sont ordinairement plus portés à la navigation, au Commerce et à la Guerre qu'aux belles lettres quoyqu'ils aient naturellement l'esprit subtil... Ils traffiquent avec tous les peuples du Septentrion, et ils s'enrichissent dans peu de tems.

Quoy qu'ils soient naturellement fiers la necessité des Colonies, des voiages, etc. les rend plus courtois, que les Castillans

des quels l'orgueil leur a toujours été insupportable. Ils savent vivre avec les Etrangers, s'ils n'en sont pas mesprisez, ou prévenus contre eux par l'interest, ou par quelque faux bruit... Il n'est point de sujets plus fideles à leurs Roys legitimes que le sont les Portugais».

P. G., *La Covronne dv Portvgal,* Paris, p. 62.

IV

1695

Soberbos — Bons marinheiros — Sobrios.

«Les Portugais sont extrémement affectionnez à leur Roi, qu'ils estiment au dessus de tous les Monarques du monde. Ils ont une superbe incroyable, une présomption ridicule de leurs propres merits, et un mépris insuportable pour tous les autres peuples. Ils sont fort sobres en leur maniere de vivre, propres en leurs habits, et extrémemente ménagers dans leurs dépenses. Ils sont entreprenans, courageux, bons soldats sur mer, et fort expérimentéz. Les conquêtes qu'ils ont faites dans les païs Etrangers en sont des preuves convaincantes. Ils étoient autrefois bien plus puissans qu'ils ne sont pas á present dans les Indes, et sur d'autres côtes de l'Asie et de l'Afrique; mais leur nom est autant haï aujourd'hui dans ces contrées, qu'il étoit autrefois en estime».

Robbe, *Methode pour apprendre facilement la geographie,* Paris, livro 1, p. 468.

V

1699

Corteses.— Vingativos.— A lingua.

«Les Portugais sont polis, genereux, et très-braves. Ils se mettent en colere avec peine; mais irrités, ils veulent se venger. Ils sont honnêtes et affables avec les Etrangers... Les Dames y sont tres-accomplies et tres-vertueuses...

La Langue portugaise est composée de la Latine, de la

Françoise, et de la Castillanne. Lorsque le Comte Dom Henri vint dans le Portugal, on y parloit un Latin corrompu».

(Maugin). *Abregé de l'Histoire du Portugal,* Paris, P. 2 e 3 da *Description du Royaume du Portugal.*

VI

1700

Protecção de França.

«But upon a Review of the Transactions that have pass'd between the two Crowns, it will perhaps be found that the obligations of *Portugal* to *France*, have not been so very great as the World is apt to imagine. It cannot be denied, but that the *French* have all along exceeded other People by far in their Professions of kindness to this Nation, but it will appear that those Professions, have not always been accompanied with suitable Effects, and it must have been some other means besides real Acts of Friendship, whereby they have ve supported their Interest and Party in this Kingdom. I shall in conclusion of this Chapter, show as well as I am able what those means were».

An Account of the Court of Portugal, Londres, II, p. 63.

VII

1703

Intriguistas — Soberbos — Crueis.

«Nun müssen wir auch von denen Sitten und Neigungen der Portugiesen etwas anführen, und um alle Partheylichkeit zu vermeiden, die Wort der Scribenten, so hievor Meldung gethan, mit einrücken. Der wegen seiner Aufrictigkeit berühmte Franzoss *Thuanus*, legt ihnen folgenden Lobspruch bey: Der Sinn und Trieb der Portugiesischen Nation ist sothanig beschaffen, dass sie denen unerfahrnen Gefahren, die sie nie gesehen, sich

nicht entziehen, die sie aber vor sich sehen, klüglich zu vermeiden wissen ([1]).

Der Genuesische Edelmann Canestagius sagt von ihnen ([2]): es sey diese Nation lobwürdig, indem da sie in ein kleines und durchaus nicht gar zu fruchtbahres Königreich eingeschrenkt, dannoch durch gutes Regiment, Sparsamkeit und tapfern Muth erlicher ihrer Könige, die Sache so hoch getrieben, dass es nicht nur allen Spanischen Königreichen das Gleich-Gewicht gehalten; sondern auch mit unsterblichen Nachruhm viel Jahr mit den castilianern Krieg geführen, deren Königreich und Macht, doch Portugal und andere benachbarte Königreich weit übertroffen. Noch grössere Proben ihres unerschrockenen Muths haben sie auch ausserhalb des Vatterlands von sich spühren lassen, so wohl in Africa, als auch in Indien. Der Herr Puffendorff meldet ([3]), dass an Hochmut und Eitelkeit denen Spaniern nichts nachgeben; doch aber so klug und verschlagen, als diese nicht gehalten werden; dann bey guten Glück leben sie Sorgloss und ohne kluge Vorsicht, bey auscheinenden Gefahren aber sind sie verwegen und unbedächtig. In denen ihrer Herrschafft unterwürssigen Landschafften, lassen sie insgemein harte Schärfe mit etwas Unmenschheit vermischt, von sich sehen. Wucher Eigennutz, und Geitz sind ihre herrschende Lüste und Laster. Geld zusammen zubringen, sind sie alle Winckel der Welt durchschlossen. Einige wollen ihnen auch einige Bosshasstigkeit, und übelgesinntes Gemüth zueignen; welches sie durch den Umgang und Handel mit so unzehlichvielen Jüdischen Familien, so unter ihnen sich eingeschlichen und vermischt anererbt haben sollen.»

Adlerhold, *Die Macht des Portugiesischen Scepters*, Franckfurt, p. 378.

VIII

1704

Sociaveis com os estrangeiros.— Audaciosos no mar.— Abundancia de Judeus.— Vestuário.

«Les Portugais ont un amour pour leur Roi digne de

([1]) *Hist. libr. 78.*
([2]) *Hist. de la Revolution du Royaume de Portugal.*
([3]) *Seiner Einleitung.* P. I, cap. 3.

löuange; ils ne sont ni si superbes ni si presompteux que les Espagnols, et les Etrangers trouvent beaucoup plus de societé avec eux qu'avec leurs voisins. Ils sont fort entreprenants sur Mer, les conquêtes qu'ils ont faites dans les Indes Orientales et Occidentales en sont des preuves convaincantes; et quoique les Espagnols, les Anglois et les Hollandois leur aient enlevé quelques unes de leurs Colonies, ils n'ont pû y éteindre leur reputation ni leur langue qui est la plus generalement reçûe dans les Indes. Nous devons aux Portugais l'invention de naviger par la hauteur du Soleil.

La Religion Catholique Romaine, est la seule permise en Portugal, quoique cependant il y ait quantité de Juifs qui ne se font pas connoître pour tels, et qui s'y tiennent pour participer au gain du grand commerce des Portugais: comme ils craignent toujours de tomber entre les mains de l'Inquisition qui les fait brûler vifs, ils ne vont guere par la ville sans un gros chapelet à la main, et frequentent des Eglises par politique.

Les Juifs qui ont embrassé le Christianisme, ni leurs enfans ne peuvent exercer aucune charge de Justice que par une grace special du Roi, ou pour de signalez services rendus à l'Etat. Cependant il s'en trouve plusieurs que la Majesté Portugaise emploit, et j'ai connu très particulierment son Resident à Amsterdam, qui professe ouvertement le Judaisme.

Les Portugais sont tous habillez de noir avec le manteau, l'épée et le poignard au côté, à peu prés comme les Espagnols; mais le Roi et la Cour sont habillez à la Françoise».

Mr. de B. F., *Voyages historiques de l'Europe*, t. I. Paris, p. 90. Em 1699 publicou Talandern uma obra em alemão intitulada *Curieuse und historische Reisen durch Europa*, no vol. I, p. 270 entra a descrição de Portugal absolutamente igual à da presente obra. O autor da obra alemã declara que o seu trabalho foi traduzido do francês.

IX

1704

Indolencia.

«Je ne mets point de différence entre les troupes et le peuples de Portugal, et le peuple y paraît troupes, à moins qu'elles ne soient sous les armes. Les uns et les autres y vivent dans

une fainéantise égale. Le peuple ne s'adonne à aucun commerce, et le laisse faire aux étrangers, pour s'épargner la peine qu'il y faut prendre; et les troupes ne peuvent qu'aux moyens d'éviter la guerre, et qu'à y commetre leurs alliés, pour s'en épargner les fatigues et les dangers».

Mémoire touchant le rovaume de Portugal... par le sieur de Caixon, in *Mémoires sur le Portugal,* Paris, Floreal an IX, p. 141.

X

1705

Soberbos.— Sobrios.

Les Portugais sont fort zeles pour leur Roi, ils l'estiment au dessus de tous les Monarques de la terre; c'est un peuple extrêmement superbe et presomptueux, qui a beaucoup de mépris pour les Etrangers; ils sont sobres, propres, ménagers, et ne manquent pas de courage et d'experience dans les ocasions, comme ils l'ont fait voir en plusieurs conquêtes; ils étoient plus puissans autrefois dans les Indes, particulièrement sur les Côtes d'Asie et d'Afrique; à cause qu'ils se sont faits hair dans ces contrées, et que les Hollandois leur ont enlevé les meilleurs places, comme *Malaca, Cochin, Negapatan,* et quelques autres».

De la Croix, *Nouv. Metode pour aprendre la geographie,* 2 a edit, III, p. 79.

XI

1706

Orgulhosos.— Sobrios.— Bons maritimos.

Les Portugais étoient autrefois fort puissans en Asie; mais les Hollandois leur ont enlevé une bonne partie des Places qu'ils y tenoient.

La Religion Catholique est la seule qui soite permise en Portugal: l'Inquisition y est plus sévère qu'en aucun autre endroit.

Les Portugais sont sobres dans leur manière de vivre, et

assez experimentés sur Mer et dans le commerce; ils ont beaucoup d'orgueil et de présomption, et sont fort avaricieux».

A. D. Fer., *Methode abregée et facile pour apprendre la geographie*, La Haye, p. 275.

XII

1706

Orgulhosos.— Bons marinheiros e soldados.— As mulheres. — A língua.

«Le Royaume de Portugal est un des plus petits Etats de l'Europe, mais en même temps un des plus considerables par sa fertilité, ses bons ports sur l'Ocean, le commerce de ses habitans dans toutes les parties du monde, leur conquête en Asie, en Afrique et en Amerique qui rendent cette Couronne très puissante sur mer, et très riche sur terre, et enfin par leur prudence et leur valeur à secouer le joug que leur imposoit une des plus fameuses Monarchies de l'univers».

«Les Portugais sont bienfaits, assez robustes, bons soldats, fort experimentez sur mer, adroits au commerce, avares, jaloux, méprisans, hautains, d'un orgueil insupportable, fort entêtez de leur merite, mais très affectionnez à leur Roi, qu'ils estiment au-dessus de tous les Monarques du monde, et l'élevent jusqu'à l'apotheose: les femes y sont belles, spirituelles, fines, violentes, imperieuses, et forts galantes; on les accuse même de ne pas faire un trop bon usage des momens de liberté, qu'elles peuvent dérober à la vigilance de leurs maris, qui les gardent à vûe, et l'on peut même dire qu'elles y sont plus gênées qu'en aucun autre pays de l'Europe, si l'on en excepte la Turquie; et cette contrainte est apparemment une des principales sources de leur penchant à s'oublier dans l'occasion.

La Langue Portugaise derivée de la Latine, est moins belle que l'Espagnole, elle a même quelque chose qui paroît grossier; mais elle abonde en expression naturelles et palpables, même la plûpart semblent être affectées à des mots particuliers, et n'auroient point de force pour d'autres».

De la Forest de Bourgon, *Geographie historique*, Paris, II, pp. 350, 354.

XIII

1706

As Universidades causadoras da pouca população.— Bons militares.—Indolentes.

«The Universities have contribued no less towards depopulating the country, drawing thence great numbers with the hope of Preferment, or defite of a more easie Life... They have formerly been Famous for Martial Affairs, Learning, Zeal towards Religion, and Love to their Native Princes, besides other notables Qualities their Author assign them, wich we shall pass by in silence. They are easily Provoked, and when anger'd become Cruel. In boasting of the Nobility, a Fault natural to all Men, they exceede most Nations. But it is a needless and ungrateful task to describe the Tempers of Nations, whom to extol looks too like Flattery, and to decrey has the Air of Prejudice. All Countries produce good and bad of both Sexes, and this has no peculiar Priviledge to be exempt from the Failings of the rest».

The ancient and present State of Portugal, Londres, pag. 9.

«The Men are tall and well-shaped, but very sworthy, and herd-featur'd, naturally Grave, yet affecting it to a Prodegy, be their Business ever so urgent, or the Rams ever so violent, they never hasten their Pace, but walk stift as without Joints, and seem to number each Step they take».

Id. p. 14.

XIV

1709

Comerciantes.— Orgulhosos.— As mulheres.

«Die Einwohner in Portugall haben ietzo, wie zuvor, ihre meiste Gedancken auff die Kauffmannschafft, welche sie biss anhero nicht nur in Europa, sondern auch in Asia, Africa und America, und also in allen vier Theilen der Welt, sehr vortheilhafftig zum Stand gebracht haben.

Die Portugisen haben wohl etwas von der Spanischen Art,

dass sie langsam und Ehrbegierig sind; Doch sind sie nicht so moröse als die Spanier, sondern scharffsinnig, dabey aber ziemlich hochmüthig, tapffer, bissweilen aber unbesonnen und tückisch, welches sich bey den Kriegen von An. 1700 biss 1707 ausgewiesen. Insonderheit haben sie diese Art der Spanier, dass sie sehr eigensinnig seyn, dabey dem Geitz ergeben, und dahero wenden sir mehr Fleiss auf Künst, Feldbau und Kauftmannschafft, lassen aber die Studia liegen. Sie sollen sehr misstrauisch seyn, dass sie auch die Jungfern nicht gerne alleine zur Messe gehen lassen. Das Frauenzimmer ist so galant schön und wohlgestallt, dass sie das Italiänisch und Spanische, auchwohl alles andere Europäische Frauenzimmer nur Auswurff und Hülsen nennen».

Mellissantes, *Geographia Novissima*, Erster Theil, Franckfurt, p. 80.

XV

1710

Orgulhosos.— Crueis.— Avarentos.— Pouco numerosos e receosos de guerras.

«§ 8. Pour dire maintenant quelque chose de l'humeur et du génie des Portugais, de leurs forces et de la nature de leur païs, il faut sçavoir prémierement qu'ils ne cédent aucunement aux Espagnols en orgueil et en vanité; mais que neantmoins ils ne passent pas pour aussi sages et aussi prudens qu'eux. Car dans la bonne fortune, ils vivent sans soins et sans précaution: et dans les périls éminents, ils sont téméraires et malavisez. Dans les païs qui sont soûmis à leur domination, ils en usent ordinairement avec beaucoup de rigueur et d'inhumanité. L'usure et l'avarice sont leurs vices dominans Pour amasser de l'argent, ils se sont allez fourrer par tous les coins de la Terre. Outre cela il y en a qui leur imputent d'être fort malicieux, et d'un très méchant naturel: ce qu'ils ont contracté par l'habitude et le commerce, qu'ils ont avec cette multitude de familles Juives, qui sont melées parmi eux.

Le Portugal à proportion de son étendue est un païs assez peuplé: particulierement si l'on considére combien il y a de Portugais, qui se sont allé établir avec leurs familles dans le Bresil, sur la côte d'Afrique et dans les Indes Orientales. Cependant leur grand nombre ne pourroit pas sans le secours des

étrangers, fournir assez de monde pour mettre de grandes armées sur pied, ni pour équiper de puissantes flotes. Car ils ont mêmes assez de peine à bien munir leurs forteresses, et à trouver assez de gens pour monter leurs vaisseaux marchands dans les voyages de long cours».

«§ 10. Il paroît donc maintenant par tout ce que nous avons dit, que la prospérité de Portugal dépend principalement du commerce, qu'ils font aux Indes Orientales, dans le Bresil, et dans quelques places, qu'ils ont encore en Afrique. Mais d'ailleurs on voit aussi manifestement que les forces de ce Roiaume, en comparaison d'autres puissans Etats de l'Europe. ne sont pas suffisantes pour en attaquer quelqu'un en guerre ouverte, ni pour entreprendre d'y faire quelque invasion. C'est pourquoi aussi l'interêt de cette Couronne consiste a chercher les moiens de s'y conserver dans l'état présent, où elle est; et de ne point s'engager dans la guerre avec aucune Nation, qui soit formidable par mer, de peur qu'elle n'allât envahir ses Provinces éloignées».

Pufendorf, *Int. à l'histoire des principaux Etats... trad. de l'original Allemand... par Claude Rouxel*, Amst. I, 141.

XVI

1712

Ignorantes.

«Sonderlich liegen die *Studia* sehr darnieder, und bey dem vorigen langwierigen Frieden halten sie auch die Tapfferkeit im Kriege ziemlich vergessen, desswegen in dem letzten Kriege mit Spanien, die Engeländischen und Holländischen Auxiliar—Trouppen das beste haben thun müssen».

Johann Hübners, *Kurtze Fragen aus der neuen und alten Geographie*. Leipzig, pág. 31.

XVII

1714

Orgulhosos e indolentes.

«**Caractère des Portugais.** — **Cette heureuse tranquillité**

convenoit parfaitement à des peuples présomptueux, aussi remplis de bonne opinion d'eux-mêmes que de mépris pour les étrangers, paresseux, sans force, et réservant pour ainsi dire leur courage pour la défense de leurs pays, pleins de valeur quand ils sont attaqués, mais inférieurs aux autres hommes quand il faut entreprendre et sortir des limites du Portugal. Ils trouvoient encore des avantages réels dans le repos qu'ils devoient à leur indolence, plutôt qu'à leur politique: car il dépendoit d'eux de profiter du commerce que la guerre interdisoit ou rendoit difficile aux principales puissances de l'Europe».

Mémoire pour servir d'instruction au sieur Abbé de Mornay, allant à Lisbonne en qualité d'embassadeur du roi suprès du roi de Portugal.

Le V.[te] Caix de Saint — Aymour, *Recueil des Instructions*, etc. Paris, 1886, p. 245.

XVIII

1716

Orgulhosos.— Sobrios.

«Les Portugais sont pleins de feu. Ils passent pour être naturellement fiers et présomptueux. Ils sont sobres dans leur manger, propres dans leurs habits. Ils ont la réputation d'être bons soldats; et ils ont donné des preuves de leur valeur par les conquêtes qu'ils ont faites dans les Pays étrangers. Ils sont très-attachez à la Religion Catholique, qui est la seule dont on permette l'exercice en Portugal, où l'Inquisition est encore plus sevère qu'en Espagne».

Abregé de geographie ou methode pour apprendre, etc.— Rouen, p. 62.

XIX

1716

Semelhantes aos hespanhois.

«Les Portugais on les mêmes moeurs que les Espagnols à cela près qu'ils sont plus avares; mais aussi plus experimentez sur mer et dans le negoce».

Methode poue étudier la geographie, t. II, Paris, p. 190.

XX

1722

Ignorantes.

«I Portughesi sono per lo più intenti a i negozi Mercantili, da loro stabiliti non solo nell'Europa, ma anche in tutte le quattro parti del Mondo, e perciò sono dati a tutte quelle virtù, e vizi che vanno congiunti con questa Professione.

Quanto agli Studi, dicesi ch'al presente siano in notabile decadenza; e toccante il militare, pare ch'abbiano dimendicato l'antico valore».

Antonio Chiusole, *Il Mondo antico, moderno e novissimo*, Venezia, t. 1, p. 25.

XXI

1730

Orgulhosos e vingativos.

«Les Portugais sont grands, biens faits et robustes; mais la plûpart fort bazannés: c'est l'effet du climat et encore plus de leur mélange avec les noirs, qui est fort ordinaire dans le vulgaire. Cette opinion se justifie en voyant la Noblesse, qui n'étant point sujette à ce mélange, conserve entre elle un fort beau sang. Ils sont jaloux au suprême degré, dissimulés, vindicatifs, railleurs, vains et présomptueux sans sujets, n'ayant, si on en excepte la Noblesse, qu'une éducation très-mediocre, la lecture y étant peu en usage et ne voyageant presque pas ailleurs qu'au Brezil, en Afrique et aux Indes Orientales dont ils ont fait les premières découvertes».

Description de la Ville de Lisbonne, Paris, p. 90.

XXII

1730

Ignorantes.—Finanças.

Ce n'est pas seulement dans la magnificence et dans la

parure que les Portugois sont vains. Ils veulent passer pour savans, quoiqu'ils ne soient que de parfaits ignorans. Je n'ai jamais ouï dire qu'aucun Portugois se soit fait une réputation par son savoir, du moins depuis très longtemps. Les Ecclésiastiques, les Jurisconsultes, les Medecins et plusieurs autres, veulent passer pour étre fort studieux».

Voyage de Mons. de Saussure en Portugal, ed. le Vicomte de Faria, Milan, 1909, p. 33.

«Une branche considérable du commerce des Anglois dans ce païs ici, c'est de prêter l'argent au Roi. Comme il fait de grosses dépenses, il arrive souvent que l'argent lui manque, alors il a recours à eux». P. 43. Ibiden.

XXIII

1738

Decadência industrial.

«Portugal takes from us Broadcloth, Druggets, Bays, Longells, Callimacoes, and all other sorts of Stuffs, as well as Tin, Lead, Leather, Fish, Corn, and other English Commodities.

England takes from them great Quantities of Wine, Oyl, Salt, and Fruit; by which Means their spare Lands (since they have the Supplying us with Wine) are greatly improved; and though we may allow a considerable Balance to be brought us, yet is not so great as some imagine.

The Portuguese have much abated of their Industry since the finding out the Gold ond Silver Mines in the Brazils; and well they may, the Working those Mines turning to better Account than their planting Sugar and Tobacco; the importing of which from our Plantations, has beat those of Portugal and Spain out of the Nortern Ports of Europe, or a little Encouragement and good Regulations would do in the Mediterranean; and we gave now a fair Opportunity of enlarging our Commerce, provided we make use of it. Of which in its proper Place».

Joshua Gee, *The Trade and Navigation of Great-Britain*, London, p. 16.

«Portugal is a perpetual Instrument for weakning Spain». Palavras de Colbert. Gees, *The trade*, etc. P. 224.

XXIV

1748

Degenerescência.— Más qualidades.

Les Portugais autrefois si renommés pour leur science de la navigation, et pour les vastes découvertes, dont le monde leur est redevable, ont bien dégéneré de la vertu de leurs ancêtres. Quelques auteurs ont pris plaisir à les caractériser ainsi: prenez un de leurs voisins (un naturel Espagnol) retranchez—en toutes les bonnes qualités, ce qui est bien—tôt fait; ce qui reste composera un Portugais complet. On regarde en général les Portugais comme des gens traitres les uns envers les autres, mais surtout envers les étrangers; extraordinairement rusés dans leurs procédés, adonnés à l'avarice et à l'usure, cruels jusqu'à la barbarie quand ils ont la superiorité; le petit peuple parmi eux est universellement porté au larcin; indépendament de toutes ces qualités on prétend que ce peuple est fort méchant, et que c'est un reste du sang des Juifs mêlé avec celui des Portugais».

Le langage des Portugais est un composé de François et d'Espagnol, mais principalement d'Espagnol».

Gordon, *Grammaire geographique... traduit de l'Anglois.* Paris, p. 113. Em 1750 houve nova edição desta obra.

XXV

1752

Semelhantes aos hespanhois.

«Ces peuples comme les autres Nations, ont du bon et du mauvais dans leurs moeurs; ils sont à peu près semblables aux Espagnols; quoique riches ils sont plus ménagers, très expérimentés dans la Marine, aimant et entendant bien le commerce, fort attachés à leur Roi dont le Gouvernement est Monarchique».

«D'ailleurs la Religion Catholique y est maintenue par L'Inquisition, autrefois plus sevére qu'elle ne l'est aujourdhui. Cependant il y a des Juifs qui judaïsent en secret, et qui s'échappent lorsqu'ils en trouvent l'occasion. L'étude des Let-

tres s'y est renouvellée sous le Roi Jean V, qui y a établi une Académie».

Nouveau traité de Geographie, t. II, Paris, p. 218 e 224.

XXVI

1752

D. João V e as artes e sciências.

«La paix qui a régné dans le Royaume a engagé le Roi Dom Jean à tourner les vûes de ses sujets du côté des Sciences et des Arts. Ce prince qui avoit beaucoup de goût, a fait rechercher dans l'Europe un grand nombre de gens habiles en tout genre, et leur a fait dans ses Etats des avantages considerables, pour les engager à perfectionner les Portugais dans les Sciences, le Roi n'epargnent rien pour faire jouir ses Sujets des douceurs de la paix, et pour les mettre sur le même pied que les Nations voisines, il n'est pas étonnant que sous un Roi amateur et bienfaiteur, les études s'y soient renouvellées».

Langlet du Fresnoy, *Principes de l'Histoire*, Paris, t. v, p. 249.

XXVII

1755

Corteses.— Vingativos.— Vestuário.— Maus agricultores.— Língua.

«Les Portugais sont polis, généreux, bons soldats et oeconomes, mais vindicatifs; ils ne sont ni si vains, ni si présomptueux que les Espagnols; ils sont très-sociables, quoiqu'aussi jaloux de leurs femmes, et les étrangers trouvent parmi eux plus d'affabilité que parmi leurs voisins. Ils sont habillés de noir avec le manteau, l'epée et le poignard, à peu près comme les Espagnols, mais le roi et les courtisans sont habillés à la Françoise; ils ont naturellement de la sagacité pour les sciences, de l'habilité pour le négoce, et de l'intelligence pour la navigation; aussi s'appliquent-ils plus au commerce et aux voyages maritimes, qu'à l'agriculture, qu'ils négligent trop. Ils sont hardis et entreprenans

sur mer... Les Portugais se sont mis aujourd'hui dans le goût des sciences, sur-tout de l'histoire».

«La langue Portugaise dérive du Latin: elle approche beaucoup de la Castillane, qui, avec le François, a beaucoup servi à la former à la fin du XI. siècle: elle est grave et élégante».

Vaissete, *Geographie historique, ecclesiastique et civile*, t. VIII, Paris, p. 406.

XXVIII

1756

Riquezas aproveitadas pela Inglaterra.— Inquisição.

«Depuis la découverte des Mines, c'est-à-dire, depuis environ soixante ans, il est sorti du Brésil deux milliards, quatre cens millions. Ceci est un fait, les manifestes de chacune des Flottes qui ont porté l'or en Europe depuis Pierre II, sont en Portugal entre les mains de tout le monde.

Ce capital immense a passé presque en entier en Angleterre.

C'est sur cette nouvelle richesse que les Anglois ont fondé le colosse de cette grandeur qui surprend aujourd'hui toute l'Europe, et qui nourrit tant d'arrogance.

....

C'est le Portugal qui a fourni les moyens à l'Angleterre de payer de grands subsides à la Savoye, d'acheter des Alliances en Allemagne, d'entretenir de nombreuses armées, de former une marine redoutable; en un mot, d'agir, de s'intriguer, de pénétrer, de s'initier dans les grandes affaires de notre Monde Politique, et d'y jouer à la fin un premier rôle» (p. 58).

«Des avis secrets de Londres assurent qu'il y a un projet sur le tapis pour envoyer, du consentement du Portugal, un Flotte Angloise au Brésil, sous prétexte que ce Royaume depuis son malheur n'est point en état de quelque tems d'espédier les siennes. Je n'ai qu'un mot à dire là-dessus: si cela arrive, non seulement le Portugal est perdu, mais l'Europe entiére est en suffrance. Que ce commerce soit également partagé entre l'Allemagne, l'Italie, la France, l'Angleterre, tout sera en paix, et dans un prudent équilibre» (p. 175).

«L'Inquisition a causé plus de dommage en Portugal que tous les tremblements de terre.

C'est l'Inquisition qui étouffe l'industrie, qui arrête le progrès des Sciences, et qui met obstacle à la population» (p. 210).

Discours politique sur les avantages que les Portugais pourroient retirer de leur malheur; et dans lequel on developpe les moyens que l'Angleterre avoit mis en usage pour ruiner le Portugal. Lisbonne (sic).

XXIX

1757

Corteses e vingativos.

«Les Portugais sont polis, généreux, braves, spirituels, très propres aux Sciences et au commerce, très attachés à leur Religion et à leur Souverain: ils passent pour êtres vindicatifs».

Laurent Echard, *Dict. géographique portatif. Traduit de l'anglois par* Mr. Vosgien, Paris, p. 469.

XXX

1758

Valentes e sobrios.

«La Religion Catholique est la seule qui soit permise en Portugal; l'Inquisition y étoit même plus sévere qu'ailleurs: mais le Roy de Portugal, dernier mort, en se faisant nommer grand Inquisiteur, a trouvé un sage moyen pour tempérer l'autorité despotique de ce terrible Tribunal.

De Roi Joseph lui a encore donné des bornes plus étroites, en assujettissant les jugemens portant condamnation de mort, â la révision de son Conseil.

Les Portugais sont braves, sobres, plus laborieux que les Espagnols, et plus expérimentés pour la mer et pour le Commerce».

Methode abrégée et facile pour apprendre la géographie, Paris, p. 289.

XXXI

1762

Inquisição.

«La Religion Catholique est la seule qui soit permise dans ce Royaume; il a cependant beaucoup de Juifs cachés. L'Inquisition y étoit très sévère; mais les choses sont bien changées, depuis que le feu Roy Jean V a publié un Ordenance en 1728, pour en modérer la rigueur, et lui a prescrit l'ordre de la justice la plus exacte».

L'Abbé Nicolle de la Croix, *Geographie moderne*, t. 1, p. 390.

XXXII

1767

Semelhantes aos hespanhois.— Lingua.

«Les Portugais ont à-peu-près les mêmes moeurs et la même caractere que les Espagnols leurs voisins. Ils sont fort zelés pour leur Roi, et pour la Religion Catholique-Romaine, qui est la seule que l'on professe dans ce Royaume. Ils sont bons Pilots et bons soldats. On les accuse d'être superbes et de trop aimer la volupté.

La Langue Portugaise paroît plus douce que l'Espagnole, dont elle participe. Elle n'a point, comme celle-ci, de *jota* ou d'j long, ni de *x,* qu'il faille prononcer du gosier; et elle a quantité de mots, qui approchent beaucoup du François».

L'abbé Expilly, *Le Geographe manuel.* Paris, p. 131.

E' quási repetição do que vem em *La Polichrographie,* Avignon, 1756, p. 81, assim lá diz: «qu'ils n'aiment pas (les Espanols), et ils se familiarisent encore moins qu'eux avec les Etrangers».

XXXIII

1770

Imprevidentes.

«Thus live the Portuguese without thinking much of the-

morrow, that plaguy *to-morrow,* along with *liberty,* is always uppermost in the head of an Englishman. In general they are healty and full of spirits, and live long, if we may judge by the great number of old people that one sees in their metropolis».

Barretti, *A journey from London to Genoa through England, Portugal, Spain, and France,* vol. 1, (London) p. 304.

XXXIV

1772

Protecção inglesa.—Indústria.—Más qualidades.—Ignorância.

«The foreign trade of Portugal is very considerable, but particularly with England, from whence they have most of the woolen manufactures, with which they furnish their subjects in Asia, African, and America; and in return for which the English take the wines, salt and fruit of Portugal. By several treaties the british merchants in that kingdom enjoy considerable privileges, which of late years have been greatly infringed by the creation of new companies, and other oppressive regulations; and, notwithstanding, repeated complaints have been made from our court to that of Portugal, there has never been the least redress granted, or concession made. This new mode proceeding is the more astonishing, as that kingdom, in a great measure, depends upon Great Britain, as the chief maritime power, for protection; and consequently it must be entirely contrary to her true interest to take any step, whatever, that may be prejudicial to that nation upon which her own safety depends, or that may tend to weaken those ties, which have hitherto entitled her to such protection; and, in lieu of it, rouse the resentment of a power, which could so easily avenge itself».

The manufactures in Portugal are very inconsiderable, and consist chiefly of wool and silk; but the cloths, etc., of the former are of so indifferents and coarse a nature, that they are only worn by the meaner ranks of people: and the silks, though in some places much better than in others, are far inferior, both in beauty and goodness, to those of Spain».

«This nation is generaly accused of being haugthy, treacherous, and crafty in their dealings; malicious, cruel, and vindictive in their tempers; much given to avarice and usury, and

the meaner sort extremely addicted to thieving. This character, thoug bad, may in a great measure be just, but charity obliges us to suppose that it is not general, and that, among such a number of inhabitants, many may be found, whose sentiments and manners are an honour to their country; for it is certain that no people whatever, are less beholden to reports of historians and travellers than the Portuguese.

In their manner of living, customs, and diversions, they nearly resemble the Spaniards, but they are if possible, more superstitious, and affect great state».

«About the middle of the sixteenth century, and for some time after, the Portuguese were possessed of more true knowledge, with regard to astronomy, geography, and navigation, than any other nation in the universe; but bigotry has plunged them into a deplorable state of ignorance, from whence some weak efforts have of late been made to extricate them; for it is universaly allowed, that this defect is not owing so much to a want of genius as a proper education. It is however, to be feared, that while the papal power, and that of the ecclesiastics continue at such a height, though greatly inferior to what it was, real learning will make but a small progress, notwithstanding the laudable endeavours of a few enlightened genuisses.

«The king of Portugal is absolute, though the appearance of liberty is still preserved in the meeting of the cortes, or states, already mentioned in Spain: but they have long since sold their part in the legislature to the crown, and now only serve to confirm or record such acts of state as the court resolves upon...».

«The Portuguese forces, both by sea and land, are very inconsiderable, owing to their dependence upon England for protection».

«Soon after the signing of the Family Compact between the Spaniards and French in 1762, the house of Bourbon attempted to force his most faightful majesty to join in that alliance... A few battalions were accordingly sent to Portugal... But favours, however great, are often soon forgotten. His Portuguese Majesty, though he owed the existence of his kingdom to the noble intrepidity and conduct of the British forces, has been so far from giving the English any advantages in their trade, that he has done every thing in his power to distress and ruin them. The French are preferred on every occasion; and it is said, that he has since joined in the Family Compact».

Jones, *A new and universal geographical Grammar*, p. 28 e sg.

XXXV

1774

Semelhantes aos hespanhois.— Protecção inglesa.

«Ce Royaume este beaucoup plus peuplé que l'Espagne, et ses habitans infiniment plus industrieux. Quelques Auteurs veulent nous persuader que les Portugais sont de très-méchantes gens, et ils se fondent sur ce proverbe: «Depouillez un Espagnol du peu de bonnes qualités qu'il a, et vous en ferez un Portugais». Ces réflexions nationales sont pour d'ordinaire mal fondées, et l'on ne doit les rapporter, que pour en montrer la fausseté». (P. 270).

«Pendant que la guerre continuoit, le commerce du Brezil devint plus florissant que jamais, à cause des mines d'or qu'on exploita; et comme dans ce tems-là il y avoit un commerce ouvert entre les Nations, les Marchands Anglois employerent une partie de cet or dans la fabrique des étoffes qu'ils fournissoient aux Portugais. Le Roi Jean fut extrêmement fâché de voir passer les richesses de ses colonies dans les mains étrangeres; et ses Ministres qui pensoient comme lui, chercherent des expédiens pour l'empêcher. Ils n'en trouverent point d'autre que celui de prohiber l'exportation des étoffes étrangers, et l'ordre auroit été executé, si le Lord Galway, qui commandoit nos troupes en Portugal, ne l'eût prévenu.

Le Roi de Portugal l'aimoit beaucoup à cause de sa probité, et il lui demanda son avis là-dessus.

Le Lord lui représenta que le remede qu'il vouloit employer, seroit pire que le mal; que la même Providence qui avoit donné de l'or à ses Sujets, avoit pareillement donné aux Anglois le talent de l'employer, et que l'échange n'étoit pas si mauvais qu'il le croyait; qu'en défendant ce commerce, il obligeroit peut-être ceux qui étoient ses amis à devenir ses ennemis, et à employer leur marine, qui étoit infiniment plus fort que la sienne, à leur enlever de force ce qu'il leur accordoit volontairement.

Il lui représenta encore, que quelque tournure que la guerre prît, le Portugal auroit toujours besoin de l'Angleterre pour se mettre à couvert des entreprises des Maisons d'Autriche et de Bourbon; et que par conséquent il valoit mieux que ses sujets commerçassent avec des gens dont ils avoient tout à esperer,

qu'avec d'autres dont ils avoient tant à crainde. Le Roi, qui étoit raisonable et juste, et qui n'avoit en vue que le bonheur de ses Sujets, sentit toute la force de ces raisons, et abandonna un projet, qui dans le fond, n'étoit ni just ni praticable» (p. 284).

Quant aux premiers, ils consistent à maintenir la paix, ce que Sa Majesté a toujours fait, aussi ses Sujets ne se sont-ils point ressentis des troubles qui ont agités l'Europe. Comme le Portugal a raison de craindre la puissance de la France, il lui convient de vivre en bonne intelligence avec les Puissances maritimes, surtout avec l'Angleterre. Il y a environ un siécle qu'elle subsiste, et il y a lieu d'espérer qu'elle subsistera encore long-tems, puisque leurs intérêts s'y trouvent. Le Portugal n'aura jamais rien à craindre, tant que les Anglois conserveront leur supériorité sur mer» (p. 292).

«Je fais ces réflexions à l'occasion d'un Edit que donna le Roi de Portugal, peu de tems avant sa mort, pour réformer le luxe, et qui porta un coup funeste au commerce. Il paroît par-là que Sa Majesté Portugaise changea de sentiment, ou qu'il oublia ce que lui avoit dit Lord Galway» (p. 298).

«J'ai démontré ci-dessus, autant que ce sujet est susceptible de démonstration, que la sûreté, l'indépendance et la prospérité du Portugal, consistent à vivre en bonne intelligence avec ses Alliés naturels, où à mettre sa marine en état de se soutenir par lui même, et de passer de leur secours; mais comme ce dernier article est difficille, il ne lui convient point de s'exposer à aucun risque en se brouillant aveç eux. J'ai pareillement démontré que jusqu'à ce que le Portugal ait une marine supérieure á celle de ses voisins, il doit compter sur celle de la Grande-Bretagne, et par conséquent il pécheroit contre ses intérêts s'il faisoit quelque démarche préjudiciable à la puissance, dont sa sûreté dépend, ou capable d'affoiblir les liens qu'elle fait par expérience, être assez forts pour lui procurer son secours dans le besoin.

Tout ce qui affecte le commerce qui subsiste entre l'Angleterre et le Portugal, est préjudiciable à cette derniére Couronne, parce qu'il affoiblit nos forces navales, qui sont fondees sur le commerce, et qu'il rompt les liens qui unissent les deux Nations, et qui sont d'une égale conséquence pour toutes les deux... Le Portugal est nécessairement obligés de tirer ses marchandises de l'étranger, mais il ne s'ensuit pas de-là qu'il lui soit indifférent de les tirer d'un pays ou d'un autre. Il peut se faire qu'une partie de leur commerce tombe entre les mains des Sujets d'une Puissance, dont les intérets sont contraires aux siens, qui ne

considerent que les leurs, et par conséquent il convient aux Portugais de savoir avec qui ils commercent. Cet argument est concluant car le commerce n'est avantageux à une Nation, qu'à proportion des avantages qu'il en retire» (p. 301).

Les Portugais sont nos anciens Alliés et nous avons profité de leur commerce, de même qu'ils ont profité de notre amitié. Le Portugal est une Puissance dont l'intérêt est de rester attaché à la cause commune, je veux dire la liberté et l'indépendance de l'Europe, de maintenir chaque Etat dans ses droits» (p. 304).

Histoire général de l'Etat présent de l'Europe, t. II, Londres e Paris.

XXXVI

1775

Colónia inglesa. — Indolência. — Ignorância. — Semelhantes aos hespanhois.

«Les Anglois en font la plus grande partie, et on peut regarder Lisbonne comme une colonie Angloise, à cause du nombre considérable de familles de cette nation qui sont les plus riches de cette ville, et à cause de leur influence dans les affaires politiques et dans le gouvernement» (p. 33).

«La misére est le moindre des maux dont les Portugais se laissent accabler volontairement, plutôt que de travailler: restreints à un nécessaire presque insuffisant, ils ranpent et languissent dans la crasse, la peine, l'ignorance, le malaise et la superstition» (p. 55).

«Le Portugais est naturellement ennemi de l'application, les grands ont peu de disposition au militaire... Les obligations que les Portugais ont aux étrangeres depuis l'acclamation de 1640, ne peuvent être égalées que par leur ingratitude; ils paroissent avoir pour principe de les appeler en tems de guerre pour réparer les sottises qu'ils ont faites pendant la paix; l'ardeur et le zèle militaire renaissent à l'arrivée de ces aventuriers. La guerre cessant, le zéle s'éteint, les épeés se rouillent, les étrangers sont chassés, persécutés, meurent ou désertent, accablés par l'injustice, les dettes et la misére, et les Portugais retombent dans leur ignorance et leur engourdissement. Cette absurde conduite s'est déjà renouvellée plusieurs fois depuis

l'époque que je viens de citer, il est probable qu'elle se renouvellera encore souvent» (p. 108).

«Le caractère de la nation Portugaise est â peu près le même que celui des Espagnols, le même fonds de paresse et de superstition, le même genre de courage, la même fierté, mais plus de politesse et de fausseté ce qu'ils doivent à la rigueur du gouvernement présent; le même zèle nationale, et par dessus l'esprit d'indépendence le plus decidé... (P. 167).

«... à Lisbonne, les habitans sont voleurs, avares, traitres, brutaux, fiers, de mauvaise humeur, et aussi vilains du corps que d'esprit». (p. 168).

«Les lettres et la librairie sont èn fort mauvais état en Portugal, quoique cependant ce peuple ait de l'esprit et de la disposition». (P. 213).

«L'état politique du Portugal est forcé, il n'admet point de choix, et cette nation ne peut pas consulter ses passions, ni dans ses inimitiés, ni dans ses alliances; c'est ce qui arrive aux plus faibles». (P. 288).

Dumouriez. *État présent du royaume de Portugal.* Lausanne. Na edição de 1797 repetem-se as mesmas palavras.

XXXVII

1776

Corteses.— Vingativos.

«Les Portugais passent, aux yeux des autres Nations, pour être polis, généreux et braves. Autant ils sont lents à se mettre en colere, autant la soif de se venger devient pressante. Ils sont honnêtes et affables avec les Etrangers, réussissent également dans les sciences et les armes. Leur zèle pour la Religion et leur attachement à leur Souverain sont sans bornes. Leurs fastes citent une foule d'Héroïnes célebres dans la littérature et les armes».

Masson de Morvilliers, *Abrégé élémentaire de la géographie universelle de l'Espagne et du Portugal.* Paris, P. 377.

XXXVIII

1777

Valentes. — Orgulhosos. — Indolentes.

«Es ist schwehr den Karakter einer Nation überhaupt zu bestimmen, den einmüthigen Zeugnissen zerschiedner sowohl portugiesischer als answärtiger Schriftsteller zufolge aber, sind die Portugiesen ehrgeizig, müssig, wenn sie in die Enge getrieben werden, tapfer, standhafte Freunde, und bey sich ereignender Gelegenheit grossmüthig. Hingegen werden sie auch beschuldigt, dass Faulheit, Wohllust, auch zuweilen gegen die Natur laufende, und unerträglicher Hochmuth, ihre eigenthümliche Laster seyen. Vermuthlich sind solche von den Mauren auf sie vererbt worden, bey welchen solche noch heutiges Tages eben so sehr in Schwange gehen».

C. H. R., *Merkwürdigkeiten von Portugall, 1 Stück*, Frankfurt u. Leipzig. p. 38.

XXXIX

1778

Despotismo. — Ignorância. — Pobreza da nobreza.

«The nature of this Government may be fairly pronounced the most despotic of any kingdom in Europe; and I believe I have hinted to you in former epistles, that the established law is generaly a dead letter, excepting where its decrees are carried into execution by the supplementary mandates of the Sovereign, which are generaly employed in defeating the purposes of safety and protection, which law is calculated to extend equally over all the subjects.

Considering the incredible degree of ignorance in which the Sovereign Princes of Portugal have been educated, at least ever since the rash and unfortunated King Sebastian, considering the singular degree of imbecility, and want of talents, which have so remarkably distinguished the reigning family of Bragança, from the first King Don John the Fourth (who would not have dared to accept the crown his people held out to him, had not his

wife, a high-spireted Spaniard, urged him on to that act of rebellion against her native country) to the present moment, in which any hopes of bettering their situation, by a favourable prospect of the future, are sadly precluded, by the dispositions of the Heir Apparent, the present Prince of the Brazils, not to say a word of the two Royal Personages who actually fill the throne, and with the utmost despotism reign over, and have three millions of people submit to their weak government.

....

Such is the exact situation of this country at present, if we add to it the support of the meanest and most rampant race of Nobility that ever disgraced the Court, all concurring to the same end — the oppression of the subject and the elevation of the tyrants.

The poverty of the whole Nobility of this country can only be equalled by the meaness and pusillanimity of their dispositions, and the narrowness of their understandings, very unlike our Spanish Hidalgos in this, as in most other respects;...».

A. W. Cortigan, *Skeches of Society and manners in Portugal,* Londres, 1787, 1779, vol. II, pp. 397, 402.

XL

1779

Despotismo. — Ignorância. — Decadência do comércio nacional.

«Les rois de Portugal gouvernent comme ceux de l'orient et disposent arbitrairement l'argent, les recompenses et les coups de bâton sur la plante des pieds à tous leurs sujets, aux grands comme aux petits». (P. 7).

«Les universités, les académies qui subsistent, pourroient s'anéantir, sans que l'Europe savante y perdit. Divers Portugais se sont distingués dans les belles-lettres et dans quelques sciences; mais ces universités ne les ont point formés. Elles sont l'asile des pédans des cathégories d'Aristote, elles enseignent à être savans plus qu'à être raisonnables, et chargent les mémoires, sans étendre l'esprit. Il n'y a pas longtems qu'on eût été traité comme hérétique, en soutenant le mouvement de la terre. En général les Portugais ont de l'esprit, mais ils sont ignorans,

et croient ne pas l'être, moyen sûr de l'être long-tems... Le commerce se fait aujourd'hui presque tout par les étrangers; ce sont les Français, les Hollandais, les Anglois qui commercent à Lisbonne; les Portugais font leur cour, recherchent les emplois, jouissent de ce qu'ils possèdent en languissant dans la misere». (P. 13).

«Les étrangers ne font le commerce dans le Bresil que par contrebande. Dépendans des étrangers, ils excedent leur indolence par les égards qu'ils leur doivent; s'ils laissent dans le sein de la terre le plomb et l'etain que leurs provinces renferment, c'est pour ne pas nuire aux Anglois; s'ils négligent leur cuivre, c'est pour plaire aux Suédois dont ils achetent celui qu'ils employent; s'ils ne font point de salpêtre, c'est pour faire un compliment aux Hollandais que le leur fournissent; des fruits confits, des ouvrages de paille, des toiles, quelques étoffes grossiers, c'est ce que produit l'industrie des habitans». (P. 14).

Geographie de Busching... retouchée par M. Berenger, t. VI, Lausanne.

XLI

1780

Degenerescência.—Ignorância.—Opressão do comércio inglês.

«The modern Portuguese retain nothing of that adventurous enterprising spirit, that rendered their forefathers so illustrious 300 years ago. They have, ever since the house of Braganza mounted the throne, degenerated in all their virtues, though some noble exceptions are still remaining among them, and no people are so little obliged as the Portuguese are to the reports of historians and travellers. Their degeneracy is evidently owing to the weakness of their monarchy which renders them inactive, for fear of disobliging their powerful neighbours, and that inactivity has proved the source of pride and other unmanly vices. Treachery has been laid to their charge, as well as ingratitude, and above all, an intemperate passion for revenge.

They are, if possible, more superstitious, and, both in high and common life, affect more state than the Spaniards themselves. Among the lower people, thieving is commonly practised, and all ranks are accused of being unfair in their dealings, especially with strangers. It is hard, however, to say what alteration

may be made in the character of the Portuguese, by the expulsion of the Jesuits, and the diminution of the papal influence among them, but above all, by that spirit of independency, with regard to commercial affairs, upon Great-Britain which, not much to the honour of their gratitude, is now so much encouraged by their court and ministry.

The Portuguese are not so tall, the rather better shaped than the Spaniards, whose habits and customs they do not now imitate so much as the English and French, and the Portuguese quality affect to be more gayly and richly dressed. The Portuguese ladies are thin and small of stature. Their complexion is olive, their eyes black and expressive, their feature generally regular, and they walk very flow and gracefully. They are esteemed to be generous, moderate, and witty». (P. 480).

«Learning and learned men. There are so few, that they are mentioned with indignation, even by those of the Portuguese themselves, who have the smallest tincture of litterature. Some efforts, though very weak, have of late been made by the Portuguese, to draw their countrymen from this deplorable state of ignorance; but what their success may be, I shall not pretend to say. It is universally allowed, that the defect is not owing to the want of genius, but of a proper education. The ancestors of the present Portuguese, were certainly possessed of more true knowledge, with regard to astronomy, geography and navigation, than all the world besides, about the middle of the 16 th. century, and for some time after. Camoens, who himself was a great adventurer and voyageur, was possessed of a true, but neglected poetical genuis.

Universities. — There are Coimbra, founded in 1291 by king Dennis; and had, till of late, fifty professors, but it is now entirely new modelled by Mr. William Elsden, an English gentleman, and colonel in that service». (P. 481).

«Commerce and manufactures. There, with these seven or eight years, have taken a surprising turn in Portugal. The enterprising minister there has projected many new companies and regulations, which have been again and again complained of, as injust and oppressive to the privileges which the British merchants formerly enjoyed by the most solemn treaties. (Pg. 482).

«The Portuguese government depends chiefly for protections on England, and therefore they had for many years shamefully neglected both their army and fleet. Their troops were without discipline or courage, and their regiments were thin (P. 483).

«Notwithstanding this eminent service performed by the English to the Portuguese, who had been so often saved before in the like manner, the latter, ever since that period, cannot be said to have beheld their deliverers with a friendly eye. The most captious distinctions and frivolous pretences have been invented by the Portuguese ministers for cramping the English trade and depriving them of their unquestionable privileges; not to mention that his most faithful magesty is said now to have become a party in the famous family compact of the house of Bourbon». (P. 487).

William Guthrie, *A new geog. hist. and com. Grammar,* Dublin.

XLII

1780

Decadência.

«Quelque étrange que puisse paroître l'assertion, on ne peut nier que le Portugal ne se trouve encore dans un état d'enfance, pour ne pas dire de barbarie, au milieu des nations les plus policées de l'Europe. Avec la chûte de leur commerce, les Portugais ont perdu l'esprit d'industrie, la connoissance des arts, l'exercice de leur raison, et jusqu'aux principes de la saine politique». (P. 13).

Lettres écrites de Portugal, sur l'état ancien et actuel de ce Royaume, Londres.

XLIII

1782

Decadência.

«Les Nations brillantes s'éclipsent; on les voit ensuite reprendre leur éclat et le perdre de nouveau; telles sont les vicissitudes humaines, telle est en raccourci l'histoire du monde, telle est celle des Portugais: ils n'ont en Europe que des possessions très-bornées pour l'étendue. Actifs, prudens, braves, bons marins, ils pousserent bien loin leur navigation, multiplièrent leurs conquêtes en Afrique et dans les deux Indes, formerent de riches établissemens: leur commerce s'ouvrit rapidement; il devint immense, et versa dans leurs mains tous ses trésors.

....

Le Portugal mettoit aussi à contribution l'Egypte, L'Arabie; et comme il manquoit de bras, il tiroit du coeur de l'Afrique un nombre prodigieux d'hommes dont la couleur faisoit tout le crime, et qui, pour cette raison, privés de leur liberté, alloient périr ou plus lentement dans les plantations à sucre et dans les sucreries ou plus vîte dans les rudes travaux des mines.

Depuis que les Portugais ont découvert le Brésil, quoiqu'ils en aient tiré plus de deux milliards six cent millions, les besoins et les dettes de l'Etat ne cessent de croître toutes les années. La raison en est simple. Les mines d'or producent annuellement soixante millions, et l'Etat en dépense soixante-dix pour les marchandises qu'il reçoit de l'Etranger. D'après cet exposé, on doit conclure que le Portugal est un Royaume épuisé d'hommes et d'argent, roulant sans cesse d'un profond abîme dans un abîme plus profond; autant effrayé de son état futur que tourmenté par sa situation présente; ne soulageant quelques momens la pauvreté que par la triste ressource des emprunts qui le plongent bientôt plus avant dans les horreurs de la misère; maître en apparence, si l'on veut, de lui-même, mais réellement esclave de tous les peuples qui lui fournissent les subsistances; sans émulation, sans vigueur, sans mouvement, destitué d'agriculture, et comme assuré de ne jamais recueillir de riches récoltes, malgré la beauté du climat, l'égalité des saisons, la fertilité du sol; dépourvu de manufactures, quoique l'excellence et la qualité de ses matières brutes invitent, pour ainsi dire, à les travailler, et semblent promettre à l'état de grands avantages...

Eblouis de l'or du Brésil, les Portugais ne penserent plus qu'à jouir tranquillement de leur opulence; ils ne regarderent plus l'industrie et le travail comme des trésors inépuisables; ils se crurent en droit de les mépriser, d'y renoncer, de les reléguer chez d'autres peuples qu'ils croyoient n'avoir pas de meilleures ressources pour échapper à la misère, et se défendre contre la pauvreté...

Á la dépopulation s'est joint l'épuisement des finances: malgré les trésors que le Portugal puise dans le Nouveau-Monde, les coffres de l'Etat sont toujours vides; dans tout le pays, il ne circule pas plus de quinze à vingt millions. Ce capital seroit encore bien moindre, si le gouvernement n'avoit pas eu le soin de faire fraper une monnoie d'argent de mauvais aloi, qui restent toujours dans le Royaume, parce que les Etrangers refusent de la prendre en paiement. . . . .

D'un seul trait je puis faire un tableau qui présentera la vérité dans son jour le plus vrai. Les Portugais ne trouvent pas dans leur patrie de quoi se vêtir ni de quoi se nourrir: des le tems de Cromwel, ennemis déjà des Manufactures et dés Arts, ils demanderent à la Grande-Bretagne de leur fournir les vêtemens. Tròp éclairés sur leurs propres intérêts, les Anglois n'eurent garde de se rendre difficiles; ils se hâterent d'accepter la commission: il fut le premier anneau de la chaîne qui devoit attacher si fortement le Portugal à l'Angleterre, et forcer l'un de n'avoir plus de mouvement que sous la direction ou par l'impulsion de l'autre.

....

Les Anglois vinrent d'eux mêmes au secours des malheureux: ils eurent soin de les rassurer contre la disette, leur proposerent de leur épargner toute sollicitude, et leur promirent de partager avec eux les abondantes récoltes de leur Isle. Ces offres, bien plus intéressées qu'obligeantes, n'avoient rien qui pût rebuter un peuple que ne démandoit qu'à vivre sans rien faire. De part et d'autre on s'accorda facilement, et le traité fut signé. On peut dire que dès ce moment les Anglois prirent possession du Portugal.................................
...il n'est rien moins que redoutable sur mer; ses armées navales, qui autrefois porterent si loin la terreur dans les trois autres Parties du monde, ont disparues et n'ont jamais été remplacées; leur marine se réduit aujourd'hui à quelques vaisseaux de guerre, la plupart peu considérables, et mal entretenus.

Les forces maritimes des Anglois couvrent elles seules le Portugal et en conservent les conquêtes: celui-ci est donc dans une dépendance entiere de ceux-la; il le reconnoît, il se persuade même que sans eux il ne pourroit plus subsister: sa conduite prouve assez qu'il est dans cette persuasion. Le Portugal ne forme plus de lui-même ni projet, ni résolution, ni entreprise.

....

La Grande-Bretagne regne par le fait sur le Portugal avec un empire encore plus absolu qu'elle n'a jamais pu le faire sur ses propres Colonies, et sur la plupart de ses autres sujets. Non seulement elle influe sur la politique de ce Royaume, mais elle la dirige, elle la regle, elle la corrige; et lorsqu'elle le juge à propos ou nécessaire, elle la commande.

La cour de Lisbonne ne traite jamais des affaires d'Etat sans l'aveu de la Cour de Londres.

....

On peut dire en un mot que le sceptre du Roi de Portugal est entre les mains du Roi d'Angleterre.

....

Si le Portugal a changé de face, cette révolution toute nouvelle est l'ouvrage du Marquis de Pombal (1).

Conde d'Albon, *Discours sur l'histoire*, tom. IV, Genebra, p. 201 e sgg.

XLIV

1784

Falta de energia.

«Les Portugais, par sa taille, la couleur de la peau et son peu d'enbompoint, ressemble à l'Espagnol. On lui croit ordinairement moins de goût pour les sciences et moins d'énergie. Les vertus y sont aussi plus faibles. Cependant on ne peut refuser du génie, du jugement, de la finesse aux Portugais; on les accuse même d'astuce. Je ne dissimulerai pas que les étrangers n'en ont pas une idée très-avantageuse; mais je présume que les défauts qu'on leur impute, ou qu'on leur soupçonne, ne se rencontrent que dans un certain nombre d'individus, et que chez beaucoup d'autres, c'est une suite de l'influence du gouvernement qui n'a pu encore arriver à donner à la nation toute l'énergie dont elle est capable. On l'a cependant vu porter les vertus guerrières jusques à l'heroïsme. Il faut espérer que l'exemple des autres nations de l'Europe influera sur le bonheur de cet état». (P. 127).

«Malgré le commerce considérable que se fait dans les ports, où abondent les vaisseaux de toutes les nations, la navigation portugaise n'a pas encore à beaucoup près, atteint le degré de connoissance de cet art au point où il est parvenu aujourd'hui. En géneral, les Portugais connoissent peu les mers; leur navigation est peu sûre et plus onéreuse; aussi leur cabotage, l'ame du commerce, est presque tout entier entre les mains des étrangers. La marine marchande manque d'encouragement, d'activité et moyens, et les étrangers en profitent pour s'emparer

---

(1) É muito curioso o que este autor diz das relações de Portugal com a Inglaterra, durante o Ministério de Pombal e da crueldade e da cupidez dêste ministro.

du bénéfice de la navigation, sur-tout en tems de guerre et de neutralité de la part du Portugal. (P. 161).

«Les Portugais sont peu actifs, et ce qu'ils appellent aimer la tranquilité, seroit traité chez nous de nonchalance. Ce n'est qu'une absolute nécessité, le besoin pressant de pourvoir à leur existence qui peut les tirer de cette apathie. Ils sont peu industrieux, et la plupart des artistes et des ouvriers sont des étrangers. Mais, bien loin d'être jaloux de leur succès, des avantages que leurs talens leur procurent, ils y applaudissent et les encouragent, paraissant craindre, en quelque sorte, que ces ressources venant à leur manquer, ils ne soient obligés de se les procurer par eux-mêmes. De-là l'extrême pauvreté du peuple, et quelquefois même s'écarte-t-il plus aisément qu'ailleurs des principes d'une exacte intégrité». (P. 178).

«Les Portugais bien enveloppés en leurs manteaux, tant en hiver qu'en été, passent une bonne partie de la vie appuyés à leurs fenêtres, immobiles et sans soucis». (P. 179).

«D'après ce que je viens de dire du genre de vie des Portugais, on juge bien que plusieurs doivent être peu instruits, peu laborieux et superstitieux. Privés des ágrémens de toutes dissipations intérieures, leur caractère prend quelque chose de concentré qui rend leurs passions plus fortes et plus sombres. De là leurs dispositions à la jalousie, à la vengeance et même à la cruauté. Ceux qui manquent de courage ou d'audace pour arriver à leurs fins, n'y renoncent pas cependant; mais ils prennent des moyens cachés, que nous traitons en France de trahison, et qu'ils se justifient à eux-mêmes par l'assurance du succès. (P. 182).

Mentelle, *Géographie comparée ou analyse de la géographie ancienne et moderne. Portugal moderne.* Paris.

XLV

1786

Influência nefasta dos jesuítas.

«Une lettre écrite par le Prof. Don Vandelli de Coïmbre au chevalier de Linné, en date du dix-septieme mai 1772, et qui a été imprimée, assure que les jésuites avoient causé la décadence des sciences en Portugal, et qu'après leur expulsion on avoit pris de sages mesures pour en augmenter les progrès. L'auteur

de *l'Etat politique du Portugal en l'année 1766*, trouva que la classe de grec à Coïmbre n'avoit que sept étudians; mais les jeunes gens de condition paroissent goûter infiniment les écrits de Voltaire et de Rousseau, qui ont été aussi traduits en Portugais».

Büsching, *Geog. universelle traduite de l'allemand* tom. III, p. 500.

XLVI

1789

Reino de frades.

«Portugal is, at present, little less than a kingdom of priests, monks, and nuns, who entirely devour the substance of the country. Its crown is hereditary, and government absolute. The Popish religion is practised here with all it's ridiculous superstitions in the highest degree.

The people are treacherous, ungrateful, and intemperate in their passions for revenge».

«Nov. I, 1755, it was laid leved with the ground by a tremendous earthquake, which was succeded by a general conflagration, owing to the great number of lights burning at the altars in churches and convents for the festival of the *Auto de fé,* or Act of Faith, and to incendiaries, who, to pillage the city with greater security during the calamity, set fire to it in many parts. The English inhabitants making it a rule to retire into the country the day before the celebration of this festival, to avoid being insulted as Protestans, were preserved».

«It is supposed that the kingdom received it's name from this wine».

Turner, *A new and easy introduction to universal Geography*, London, p. 83.

XLVII

1790

Indolência.—Ignorância.—Falta de aceio.

«Les Portugais ressemblent beaucoup aux Espagnols, quant à l'extérieur, et même, dans leur façons de vivre. Ils ont les cheveux noirs et le teint bezané, du moins les hommes; car on

dit que les femmes ont une très belle carnation; de fort belles dents et de fort beaux cheveux. Elles vivent dans une grande retraite: on ne le voit qu'aux spectacles, qu'y sont fort rares et dans les églises, qu'y sont fort communes. On ne donne pas un trop bon caractère aux Portugais: on les dit, surtout ceux des Provinces méridionales, trompeurs, fort vindicatifs, cruels, indolens, paresseux, fort sales, peu communicatifs, fort ignorants, fort bigots etc. On prétend qu'ils ont le même genre de courage et la même fierté que les Espagnols, avec plus ruse et de fausseté. On dit que, dans les Provinces septentrionales, ils sont fort hospitaliers, et que, même, dans celles de *Tra-los Montes et d'Entre Minho-Douro,* il n'y a point d'auberges.

....

Ils ont quelques traductions de pièces Françoises et Italiennes, mais défigurées, surtout par la dureté de la langue. La danse chez le peuple, est des plus indécentes et ordinairement, au son de la guitare. Les maisons, en général, sont mal bâties, incommodes et fort mal-propres; les cousins, les puces, les poux, les punaises et autres insectes, avec les ardeurs de l'été, en rendent le séjour insuportable aux Européens septentrionaux. On y est aussi mal garanti du froid, en hiver. Les rues sont remplies d'immondices, et point éclairées la nuit. Vers les 8 heures du soir, (dit un voyageur moderne) tout le monde sort et se tient devant sa porte, recitant le rosaire, avec une espèce de plein chant; vacarme qui dure environ une heure; après quoi les rues sont inondées de voleurs, de sbires, de chiens et de pots de chambres».

Des Combes, *Géographie Universelle,* II, Lausanne. p. 562.

XLVIII

1798

Atraso.— Govêrno tirânico.

«Le Portugal est arrieré de plus d'un siècle en égard aux autres nations de l'Europe; il conserve encore une grande partie de ses anciennes moeurs, de ses anciens usages.

Les moeurs y paroissent douces et elles y sont agrestes; les esprits y paroissent tranquilles, modérés, et les passions y sont violents: le Portugais paroît prévenant, et ses prévenances ne

sont que des mots; il est prodigue de caresses envers les étrangers, et il les éloigne de sa maison et de ses sociétés; il est prévenu en sa faveur, en faveur de son pays, en faveur de ses usages; il les élève au-dessus de tout; il veut afflicher la modestie, et l'orgueil éclate dans tous ses discours, dans tous ses gestes, dans toutes ses actions». (p. 76).

«Le gouvernement portugais peut être comparé à un enfant que la crainte des verges rend humble, soumis, docile, bas, rampant envers son maître, et qui se venge de la contrainte qu'il s'est faite et des humiliations qu'il a reçues sur des êtres plus faibles, ou soumis à ses volontés, et qui ne peuvent lui résister.

Le gouvernement toujours asservi sous le joug de ses voisins, fléchit sous la loi, souvent humiliante, qu'ils lui imposent, il est presque anéanti sous le poids de l'obeissance servile qu'ils en exigent: mais il se venge de sa contrainte, de ses humiliations, de son avilissement, sur les faibles individus qui sont hors d'état de lui résister; il dévelloppe sur eux une énergie d'autant plus terrible qu'elle a été plus contrainte; il les frappe d'une verge de fer; il triomphe alors de sa force; il est tout fier d'avoir pu frapper à son tour; il oublie, dans l'exercice des actes d'autorité, sa foiblesse, son inertie et sa nullité.

Le Portugal est le royaume le plus petit, le plus foible, le plus nul de l'Europe. Il est dans un état de crise continuelle entre deux puissances supérieures, qui pourroient chacune l'anéantir dans un instant. L'Angleterre qui attire à elle tout l'or des Portugais, qui les appauvrit et les méprise, dicte des lois au gouvernement; on les reçoit humblement; ou les exécute avec une précision. L'Espagne, moins exigeante en apparence depuis les mariages qui ont réuni les deux maisons royales, n'eu pas moins à son but; elle est moins impérieuse que l'Angleterre; mais elle ne veut point être refusée; elle dirige souvent le cabinet de Lisbonne; sur-tout dans les affaires où les Anglois ne sont point intéréssés.

La politique de ce gouvernement est celle de tous les états foibles et d'une existence précaire. Elle ne connoît, elle n'emploie que des petits moyens tortueux, ténébreux, des petites intrigues sans combinaison, sans suite, dont le mobile, la marche et les effets s'etendent rarément au-delà des murs que le prince habite.

Le systeme actuel est de n'en avoir aucun, de vivre, pour ainsi dire, du jour à la journée, de changer tous les jours de plans, de maximes, d'opérations, selon les circonstances, les variations continuelles prêtent au ridicule; elles découvrent la foi-

blesse de l'état et l'incapacité des ministres; elles détruissent la confiance des nationaux et des étrangers; elles font naître des murmures; elles inspirent un mépris du gouvernement. (P. 146).

(Carrère). *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne, en 1796*. Paris.

XLIX

1800

Govêrno despótico. — Influência inglêsa.

«Ce petit royaume, connu anciennement sous le nom de *Lusitanie,* a beaucoup de ressemblance avec l'Espagne;... tous deux, jadis célèbres dans tout l'univers par leur bravoure et leur commerce, sont tombés dans une sorte de nullité politique: l'un et l'autre enfin ont perdu leur constitution, et sont aujourd'hui gouvernés par un pouvoir absolu».

«... le roi de Portugal le gouverne comme il lui plaît, en se conformant toutefois aux préjugés nationaux, qui en tout pays, même les plus despotiques, dominent les rois comme le vulgaire, et avec les simples ménagements sans lesquels tout despote est en danger».

«Cet état de langueur est l'effet des anciennes fautes de son gouvernement, du système de monopole qu'il a imprudemment adopté, et où il s'est toujours opiniâtré, et principalement du traité onéreux qu'il a fait avec l'Angleterre, en lui accordant exclusivement l'entrée de toutes ses marchandises dans ses ports, sous la condition que les vins du Portugal, dont les Anglois achèteroient tous les ans une quantite determinée, paieroient à leur entrée dans la Grande-Bretagne, un tiers de droit de moins que ceux de France, avantage chimérique dont les ministres d'Angleterre ont ébloui le gouvernement portugais, puisqu'ils avoient excessivement augmenté le droit sur les vins de France, afin de diminuer l'importation, depuis qu'ils s'étoient apperçus que leurs prix et le défaut d'extraction des draps d'Angleterre, nuisoient à la balance de leur commerce.

Il est arrivé de là, que le Portugal s'est mis entièrement sous la dépendance des Anglois. Ceux-ci sont véritablement les maîtres de ce petit royaume; ils sont en possession de tout son commerce, de son or, de son argent, de ses diamans et des ses productions européennes et coloniales. La majeure partie des maisons de commerce, dans les villes de Portugal, appartiennent

à des Anglois. Ils est obligé de tirer de l'étranger, tous les ans, pour plus de soixante millions de marchandises, et notamment de trois quarts de blé qu'il consomme». (P. 365).

«L'industrie nationale est lente à se former à Lisbonne, soit par défaut de goût de la part des habitans, soit parce que les Anglois, alliés depuis longtems du Portugal, fournissent à cette grande ville les objects de consommation à un prix au dessous de celui auquel pourroient les donner les fabriques portugaises».

Nicolle de la Croix, *Géographie moderne et universelle. Nouvelle édition, par* Victor Comeiras tom. I; Paris, p. 578.

L

1801

Clericalismo.

«Les ecclesiastiques jouissent d'une considération affligeante aux yeux de la raison. Non-seulement parce que l'étát ecclésiastique absorbe une population de plus de 200.00 personnes, mais aussi parce qu'égoïste par nature, il entretient la superstition qui consolide son pouvoir».

Mantelle, *Cours de cosmographie, de géographie, etc.* tom. II, Paris, p. 460.

LI

1802

Degenerescência.—Ignorância.—Despotismo.

«On peut dire encore aujourd'hui que le Portugal a reçu de la nature tous les avantages qui peuvent lui procurer des moyens abondans de subsistence; mais une foule de vices moraux et politiques concourent à lui enlever la jouissance de tant de bienfaits. Long temps le Portugal s'est suffit à lui-même; aujourd'hui les autres pays lui fournissent une partie du blé nécessaire à sa subsistance; mais c'est moins la faute de la terre que celle des hommes, dont les Anglais ont mis à profit la paresse pour les tenir dans leur dépendance.

....

On sait que c'est de Bourgogne que vient le plant de vigne

de Portugal; mais le climat y étant trop vigoureux, le vin qu'on y recueille est fort éloigné de la délicatesse du Bourgogne».

«Plusieurs causes expliquent ce défaut de population; la chaleur du climat et le luxe de la nature, qui produisent dans les jeunes gens des deux sexes une précocité dont ils abusent presque tous, l'horrible dépravation des moeurs du pays, le grand nombre d'individus qu'absorbe la multitude des couvens...».

«Les Portugais actuels ne conservent rien de cet esprit entreprenant et hardi qui rendit, il y a 300 ans, leurs ancêtres si illustres. Ils sont dégénérées de leurs anciennes vertus, depuis que la maison de Bragance est montée sur le trône, quoiqu'on trouve encore parmi eux quelques nobles exceptions à cette dégradation morale, et qu'aucun peuple n'ait été moins flatté dans les récits des historiens et des voyageurs.

Leur abaissement actuel est dû incontestablement à la foiblesse de leur monarchie, qui les rend inactifs, dans la crainte de déplaire aux puissances voisines; et cette inactivité est devenue chez eux la source de l'orgueil et d'autres vices indignes de l'homme. On leur a reproché de la perfidie aussi que de l'ingratitude, et sur-tout une soif effrenée de vengeance et une vanité insupportable. Ils sont très superstitieux, et dans les classes élevées, comme dans les plus basses, ils affectent plus de pompe que les Espagnols mêmes. Le vol est très commun parmi le petit peuple et on leur reproche à tous de ne pas apporter de loyauté dans leurs transactions, particulièrement avec les étrangers. Il est difficile cependant de dire quel changeant peut résulter dans le caractère des Portugais, de l'expulsion des jésuites et de la diminution de l'influence da clergé sur ce pays, et de calculer l'essor que pourroit prendre le génie de la nation, si elle parvenoit à secouer le joug de l'Angleterre dans ses relations commerciales et politiques».

Les savans sont en si petit nombre, que ceux même des Portugais qui ont la plus légère teinture de littérature, n'en parlent point sans indignation. On convient universellement que ce déplorable état d'ignorance est dû seulement à l'éducation qu'ils reçoivent, et non au manque de génie; ce qui le prouve, c'est que les ancêtres des Portugais actuels possédèrent certainement vers le milieu du onzième siecle plus de vraies connoissances dans l'astronomie, la géographie et la navigation que tous les autres peuples de l'Europe».

«On peut dire, sans hésiter, que la nature du gouvernement portugais est plus despotique que celle d'aucune autre monar-

chie de l'Europe. La loi établie est communément une lettre morte, excepté lorsque son exécution est commandée par les édits supplémentaires du souverain; et ces édits sont donnés communément pour détruire les effets de la sûreté et de la protection, que la loi, par la manière dont elle a été rédigée, étend également sur tous les sujets.

Ici, le peuple n'a pas plus de part dans la direction du gouvernement, et dans la confection des loix et réglements relatifs à l'agriculture et au commerce, qu'il n'en a en Russie ou en Chine».

«Le gouvernement Portugais se reposant de sa sûreté sur l'Angleterre, depuis nombre d'années a considérablement négligé des armées et ses flottes».

Guthrie, *Nouvelle Géographie Universelle. Nouvelle édition française, soigneusement revue,* tom. IV, Paris, p. 103.

LII

1803

Ignorância.

«Tous les Portugais sont grands parleurs. Les gens de condition cachent ordinairement un coeur faux dans les dehors les plus trompeurs. Ils sont autant au-dessus des Espagnols de leur classe, que le bas peuple de Portugal est au dessus de ses voisins. Le défaut de connaissances et de goût dans les arts; un gouvernement qui n'a jamais su tirer parti des sentimens généreux; la proximité continuelle et la domination de la nation anglaise, fière de sa supériorité; le décadence entière de la littérature dans ce pays, voilà je crois, les causes qui, en comparaison des autres nations, mettent les nobles portugais à quelques exceptions près, au dernier rang de leur classe».

Link, *Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1799,* tom. 2. Paris, p. 272.

LIII

1805

Leviandade e loquacidade.

«On doit attribuer quelques traits caractéristiques à la nation

portugaise. Ils sont de la légèreté, de la vivacité, de la loquacité et de la politesse».

Link. *Voyage en Portugal par M. le Conte de Hoffmansegg.* Paris, p. 336.

LIV

1807

Indolência.

«The Portuguese are indolent, and so fond of luxury, that they mostly spend their wealth in the purchase of foreign merchandise».

John Walker, *The Universal Gazetteer,* London, verbo Portugal.

LV

1808

Um dos países mais desagradáveis.

«With little regret I embarked on board the packet for England, without seeing more of Portugal; which, from want of splendor in the privileged orders, and want of character among the people, must at this time (1803) be reckoned one of the most uninteresting and unpleasant countries in Europe».

«*Travels through Spain and part of Portugal,* vol. II, p. 232.

LVI

1809

Influência inglesa.

«En assez d'autres circonstances il faut blâmer cette nation (l'Angleterre) mercantile, pour reconnaître son élan à livrer des marchandises dont la facture ne seroit vraisemblablement jamais acquitté.

Elle prodigua ses «commis» afin de soutenir l'honneur de la raison sociale: une *menée* d'agents vient s'abattre en Espagne».

Geoffroy de Grandmaison, *L'Espagne et Napoléon,* 1804, 1809, Paris, p. 349.

LVII

1810

Decadência. — Superstição. — Influência inglesa. — Judeus.

«Les Portugais ne sont ni aussi grands de taille, ni aussi bien proportionnés que les Espagnols. Leur teint est couleur d'olive; ils suivent le costume espagnol, à cela près qu'ils s'habillent plus richement. C'étoit autrefois une nation guerrière entreprenante, célèbre dans les fastes de la navigation; mais, depuis plus d'un siècle, la faiblesse de son gouvernement l'a rendue inerte et paresseuse; et l'influence de la superstition a fait avorter tous les germes de génie et de talens qui ont distingué autrefois cette nation».

«Le gouvernement portugais était depuis le commencement du dix-huitième siècle sous une espèce de garantie de l'Angleterre en temps de guerre; ce qui était cause que les forces militaires n'étaient point considérables».

«Les Juifs habitaient autrefois en grand nombre, le Portugal... Plusieurs de ces familles juives ont été admises dans le corps de la noblesse, du haut clergé, et même de l'inquisition».

«La langue portugaise est un composé d'ancien espagnol, de latin barbare, de mots celtiques, arabes et grecs; mais il est dur à l'oreille».

«... les arts et les sciences sont totalement abandonnés dans cette belle contrée».

Aspin, *Geo-Chronologie de l'Europe, traduit de l'anglois,* Paris, p. 129.

LVIII

1812

Falta de sociabilidade. — Superstição. — Obediência.

«The foreign merchants residing in this city, are particularly hospitable and attentive to strangers, who would otherwise be much at a loss; as the higher ranks in Portugal are little inclined to associate even with each other. This may, in some degree, be accounted for by the extreme indolence, which forms a prominent feature in the character of this nation, and is repugnant to the laws of polished society.

The Portuguese are more superstitious than the inhabitants of any other Catholic country and are remarkably fond of all religious processions and ceremonis.

....

No people in the world are more docile and submisse to the order of their magistrates and superiors; and this ready obedience was found of the greatest consequence, as facilitating in many instances, the operations of campaign.

They are remarkably sober, and seldom indulge in any excess».

William Stothert, *A narrative of the principal events of the campaigns of 1809, 1810, and 1811*, London, p. p. 52, 53.

LIX

1815

Indolência.

«The Portuguese are indolent, and spend all their wealth in the purchase of foreign luxuries. The women are addicted to gallantry, that men are jealous of their wives, and allow them but little liberty».

Brookes, *The general Gazeteer or compendious geographical dictionary,* London, in v.° Portugal.

LX

1817

Degenerescência.

«The Portuguese are not handsome, and though brave, they have greatly degenerated from the heroism of their ancestors; they are mostly superstitious, revengeful, indolent, etc.

Picquot, *Elements of universal geography*, London, p. 125.

LIX

1817

Sobriedade. — Más qualidades.

«... où le peuple est sobre, fort brave, superstitieux, pres-

que sauvage sur quelques points, et sur-tout dissimulé, silencieux, discret...».

Thiébault, *Relation de l'expédition de Portugal*, p. 110.

LXII

1817

Comparação com os hespanhoes.

«Les portugais ressemblent beaucoup par le physique aux espagnols; ces deux peuples ont dans leurs habitudes et dans leurs expressions quelque chose d'oriental. Le portugais est plus gai, plus agile, moins vain, moins indolent, aussi spirituel et plus instruit; dans le cours de la vie, l'espagnol est grave, humain, fidèle et loyal le portugais est plus poli, mais en même temps il est un peu *fin;* il a ce trait de commun avec les andalous. Vivement reconnaissans envers ceux qui les obligent, les espagnols et les portugais sont aussi vindicatifs, perfides et cruels envers leurs ennemis... Le portugais se laisserait plus facilement abattre par l'adversité, mais les succès ne l'enivreraient pas aussi vîte».

Guingret, *Relation hist. et militaire de la campagne de Portugal*, Limoges, p. 12.

LXIII

1820

Indolência. — Govêrno despótico. — Inquisição.

«The indolence of the people is most strinking; — you can scarcely get a shopkeeper to give himself the trouble to serve you. It pervader all classes: — arts, science, literature, — every thing languishes at Lisbon.

The Portugueses are worthy of better things; but they are bowed down by a despotic government, and hood-winked by a besotted superstition. The priests seem to fear that the growing spirit of inquiry will destroy the foundation of their power and therefore they do all they can to keep the people in a state of ignorance, in which they are supported by the Inquisition, which prohibits the circulation of all writings, tending to excite relgious investigation».

Henry Matthews, *The Diary of an Invalid* etc. London, p. 23.

LXIV

1823

Colónia inglesa.

«Les Portugais passent pour entreprenans, amoureux de la gloire, fidèles à leur religion, à leurs coutumes et à leur roi, difficiles à irriter, téméraires dans l'adversité, et jaloux de leurs femmes...

Ce royaume conquérant qui découvrit les *Indes*, et de vastes régions en *Afrique,* cet état dont le pavillon flottait sur toutes les mers, et qui possédait la branche la plus précieuse du commerce de l'univers, est maintenant dans une espèce d'esclavage honteux; et la patrie des Gama, des Castro et des Atayde, peut être regardée, quant à ses relations politiques et commerciales, plutôt comme une colonie anglaise que comme un royaume indépendant».

Don Isidore Autillon, *Géographie physique et politique de l'Espagne et du Portugal... traduite et l'Espagnol* sur la dernière édition, Paris, pp. 148 e 149.

LXV

1829

Comparação com os hespanhoes.

«... quelques mots sur le caractère des Portugais ne seront pas déplacés ici.

Il est semblable à celui des Espagnols; seulement leur position, toujours sur la défensive contre leurs voisins, y a mêlé généralement la jactance des Andalousiens par laquelle l'orgueil des faibles et des petits cherche à se donner envers les plus forts un air d'importance. Si quelque chose distingue l'Espagnol, le Portugais prétend le posséder à un plus haut degré. Le premier traite le second de *Finchado* (présomptueux), et raconte beaucoup d'anecdotes sur cette présomption».

De Shépeler, *Hist. de la revolution d'Espagne et de Portugal.* Traduit sous les yeux de l'auteur. Liège, tom. I.

LXVI

1849

Odio aos estrangeiros. — Os ingleses.

«... les Portugais quoique ennemis des Espagnols qui en détestent d'autres. A la vue des Français, ils avaient bien senti qu'ils étaient de cette race de Maures chrétiens qui habitaient la Péninsule, et haïssent tout ce qui est au delà...

Mais en apprenant le soulévement de l'Espagne, en entendant dire aux Espagnols qu'ils avaient vaincu les Français, ils avaient conçu naturellement le désir de suivre un pareil exemple, et il ne leur fallait plus que la vue de leurs vieux alliés les Anglais, alliés et tyrans à la fois, pour déterminer parmi eux une insurrection générale».

Thiers, *Histoire du Consulat et de l'Empire*, tom. IX, p. 207.

LXVII

1860

Enfraquecimento.—Ociosidade.—Dependência da Inglaterra.

«Pour tous les deux (Portugal et Espagne), l'âge moderne en décidant de l'élévation de leurs rivaux, s'est changé en une période d'affaissement et de déclin, sous la compression d'un absolutisme théocratisant assombri par l'esprit monacal et pétrifié par d'absurdes systèmes économiques». (P. V).

«On a dit et répété à satieté que le Portugal n'était qu'une ferme d'Angleterre». (P. VIII).

«... l'habitude contractée de bonne heure de vivre sur la richesse des colonies, le joug oppressif de l'Église et son intolérance, la calamité de la domination espagnole, la dépendance de l'Angleterre dans laquelle le Portugal tomba ensuite, et le manque de relations avec les autres peuples... toutes ces causes réunies, en plongeant la nation dans l'oisiveté, l'ignorance et la superstition, concoururent à miner aussi de toutes parts les bases de sa prospérité économique». (P. 48).

«C'est devenu presque un lieu commun de dire que, parmi les causes persistantes de sont état arriéré, l'indolence et l'ignorance continuent aussi de former deux sérieux obstacles au progrès». (P. 52).

«Dans les classes moyennes l'instruction commence à se répandre davantage; mais, comme leur esprit se nourrit presque exclusivement de la lecture des journaux, elle profite moins au travail productif qu'à une politique oiseuse». (P. 52).

Vogel, *Le Portugal et ses colonies*, Paris.

LXVIII

S. D. (1900?)

Abatimento.

«Le peuple portugais, autrefois si fier de son indépendance, était incapable de la moindre résistence. Wellington essaiera plus tard de le ramener à la vie; mais n'y réussira qu'en partie, tant est lent le reveil d'un peuple».

Bagès, *Étude sur les guerres d'Espagne*, p. 32.

ADENDA

1579

LXIX

Más qualidades dos cristãos novos e soberba dos velhos.

«Gli abitatori di Lisbona saranno come 250000: questi sono cristiani vecchi, cristiani nuovi, e schiavi. I cristiani vecchi son divisi né *fidalghi* e altro popolo minuto, e i cristiani nuovi sono gli ultimi giudei che clessero di rimanere qui, e battezzarsi: sone gente poco meglio che infame, cattivi, perfidi, senza fe, senza onore o cosa che buona sia, se non uno intendimento sottilissimo, che, congiunto alle sopra dette qualità, fa una composizione, che chi ha a trattare con esso loro e non vi lascia del suo, é uomo che si puó mandare per tutto, e dargli, come si dice, la briglia sul collo. É cristiani vecchi per lo contrario sono gente che sa poco, e molto superba, e tutto fanno loro, e da loro depende ogni cosa, e la loro terra è la meglio del mondo, e si pongano a provarlo con l'induzione. Sono loquaci, e gente vana; e se egli assannano uno, bisogna far conto di fare la parte degli ascoltanti, e tre quarti delle parole consistono in V. M., e in giuramenti, che non credo che si trovi dove piú si giuri. Giurano per *los Sanctos Evangelios*, e, quando vogliano aggiandíre e procacciarsi piú fede, arrogeno *y mas por estas barbas*, o *por esto rostro;* e toccansi la barba o il viso, non senza muovere chi gli vede a riso».

Filippo Sassetti, *Lettere... raccolte e annotate da Ettore Marcucci* Firenze, 1855, p. 121.

TOPONIMIA PORTUGUESA

(ESBOÇOS)

(Continuação da Revista Lusitana, vol. XVII, página 114-134)

26 — Alcabideque

É esta a pronúncia popular do nome de uma povoação da freguesia e concelho de Condeixa-a-Nova, chamada *Alkapdec* em doc. de 967 (1) e *Alcabdech (ch=c* duro) em outro do fim do seculo XII (2). No seculo XIII aparece correntemente já a grafia *Alcabedeque* (3).

Existe nesta povoação um importantissimo manancial constituido por tres olhos de água, cujo farto caudal já na época romana abastecia a velha cidade de *Conimbriga*, onde era levado por um grandioso aqueduto, de que restam belas ruinas.

As águas d'esse manancial, que movem ainda hoje, logo ao surgir, varios moinhos e lagares, eram recolhidas num vasto reservatorio ou *mãe de água*, d'onde passavam aos canos do dito aqueduto. Sobre esse reservatorio, que ainda existe tambem, erguia-se uma forte torre de guarda, cujos restos os autores do seculo XVIII chamam *castelo* (4).

À «torre e água de Alcabedeque» se refere o *Livro da Fazenda* da Universidade de Coimbra, Ms. de 1570, do respectivo cartorio. Delas e do reservatorio dão ideia perfeita a descrição e gravuras publicadas em *O Archeol. Port.*, VIII, 152-5. De uma parte do aqueduto ha gravuras na mesma revista, IV, 306-8.

Explico este nome *Alcabideque* pelo lat. *caput* ou antes em acusativo * *capite- aquae*, com próstese do art. arábico *al*. É um topó-

---

(1) *Dipl. et Ch.*, n.º 94.

(2) *O Archeol. Port.*, IV, p. 307, nota.

(3) Inquirições inéditas de 1220-22, Ms. da T. do Tombo, G. 3, M. 10, n.º 7. *Discurso a favor do Cabido & Provas*, Lisbôa, 1777, doc. de 1281.

No censo da Extremadura de 1527 vem, de certo por erro, *Alcabedeas* (*Arch. Hist. Port.*, VI, 243).

(4) P.e Carvalho da Costa, *Corogr. Port.*, II, 34-5; P.e Cardoso, *Dic. Geogr.*, I, 126; *O Archeol. Port.*, III, 231; J. B. de Castro, *Mappa de Port.*, 3.ª ed. I, 94; Simões de Castro, *Guia hist. do viajante em Coimbra*, p. 265.

nimo mozarabe, portanto, como *Alviela* e outros que já citei nesta *Revista*, vol. XVII, p. 133.

Caput-aquae (d'onde provêm o ital. *capo d'acqua)* era o termo técnico latino para significar arca-de-agua, mãe-d'agua (1) — «aquae fons, aquarum caput et origo», como diz o *Glos. Med. et Inf. Latinitatis*, de Ducange, que nos oferece tambem as formas *caputaqua* e *capdaque* do baixo latim. Outro termo para indicar o mesmo era em lat. *castellum* (P.e Bento Pereira e Ducange).

Quanto á conveniencia de uma tal denominação não pode ser mais completa, em face do que deixo dito.

Foneticamente, porem, pode opor-se alguma objecção ao étimo apontado. Porque não evolucionou o *q* intervocalico para *g*? Como explicar a passagem anormal do *a* tonico para *e*?

É de notar que este nome pertence á região do Sul do Mondego, que esteve sujeita ao dominio dos mouros desde a invasão da Peninsula até 1064 e onde a influencia da glote arábica transtornou em alguns casos, segundo parece, as leis evolutivas da fonetica romance (2),

Seria essa influencia que, em meu conceito, fixou o valor do *q* de *aquae*, impedindo o seu desenvolvimento normal em *g*, consoante que, de resto, não tem correspondente no alfabeto arábico. Facto identico se deu com o lat. *praeco quum*=*praecocum* e *rubrica*, vocábulos que, através da fonetica arábica, nos chegaram sob as formas *albricoque* e *arrebique* e com os topónimos espanhoes *Luque*, *Antequera*, *Ateca*, *Arbeca*, cujas formas primordiaes eram respectivamente *Lucus* (3), *Anticaria*=*Antiquaria*, *Attacum*, *Urbi-*

(1) Alem destes dois nomes vulgares portugueses para traduzir o latino, ocorrem ainda os de *caixa de água* (P.e Bento Pereira, *Prosodia*, s. v. *cataracta)*, *cabeça de agoa* (Id., *Thesouro*, s. v.) e *guarida da agua* (P.e Carvalho da Costa, obra cit., I, 343).

(2) No antigo territorio de Coimbra podem talvez atribuir-se a essa influencia nem só a manutenção do *n* intervocalico no topónimo *Alcaniz*, nome de um ramo da serra do Carvalho, no concelho de Poiares (sec. X e XI *Alquinitia*; cp. os nossos nomes de lugares *Alcainça* e *Alcains)* e o *q* nos de Chão de *Ourique* e Vala de *Ourique* (sobre os quaes vid. David Lopes, *Os árabes nas obras de A. Herculano*, cap. V), mas tambem a queda do hiato final átono do lat. vulgar *monesterium* (por *monasterium)*, de que provêm o topónimo *Almoster* (sec. XIII *Almoester)*, facto comparavel a *Setúbal*<ar. *Xetubr*, de *Cetobria* (=*Cetóbriga)*, tratado pelo Sr. D. Lopes no citado estudo (Bolet. da 2.a classe da Acad. das C. de Lisbôa, vol. III, p. 227) e talvez a *Alter*<ant. *Elterium* ou *Abelterium* e outros topónimos do Sul do pais terminados em *-er*.

(3) Simonet, *Glosario* cit., s. v. *luc*.

cua, onde *c-q* intervocalicos, a não ser aquela influencia perturbante, estariam hoje representados por *g*.

Quer dizer, o *q* ou *c* duro, entrado no falar dos arabes antes de degenerar em *g*, correu a sorte das letras que na sua lingua mais particularmente lhe correspondem *(kaf* e *qaf)* e que, quer intervocalicas, quer finaes, se mantiveram geralmente nos vocábulos transmitidos ás linguas peninsulares, como pode ver-se nos glossarios de Dozy e Yanguas, s. v. *acequia*, *achaque*, *alfabaca*, *alfaqueque*, *almocávar*, *enxaqueca*, *maquia*, *tabique*, etc. Comparem-se ainda os nomes tópicos *Alcarraques*, que mais adiante estudo no art. sobre *Ombres*; e *Alfandaque*, casal da freguesia de Lorvão, que deve ser irmão gêmeo do espanhol *alhandac*, *alhandaque* «barranco, torrente, vale» e provir do ar. *al-khândaque* com deslocação do acento (1).

Sobre outros nomes, terminados em-*ique*, vid. o cap. V do interessante estudo do Sr. David Lopes, citado na penúltima nota.

Nos termos expostos, um topónimo *Caput* ou *Capite-aquae* assumiria na boca dos invasores islamitas a forma *Alcabedac*. Por outro lado, o conhecido fenomeno do *imala* ou *imela*, isto é, a pronuncia, corrente entre os árabes da Peninsula, do *a* tonico como se fosse *e* (e mesmo *i)* conduziria á forma actual *Âlcabedeque*, como de *Tagus*>*Tâgu* conduzio a *Tejo*, como de *Paga* (<Paca< Pace)>*Bâga* conduzio a *Beja*, etc. (2) Comparem-se mais os termos comuns *almucela* (ant. *almuzala)*, *almécega*, *alfaqueque* (ant. *alfaquaque)*, que representam o árabe literario *al-moçalla*, *al-máçtaca*, *al-faccaque*.

Na Espanha arabe havia uma povoação com o nome de *Alcabdec*, em outra notação *Al-quibdaq*, mencionada pelo geografo Edrici; é hoje *Alcaudete*, provincia de Jaén, e tem já a forma *Alcabdet* e *Alcabdete* em doc. espanhol de 1252 (3). Ha tambem no pais vizinho *Alcaudete de la Jara* (Toledo) e ainda *Alcaudique* (Almeria), supondo eu que estes topónimos teem o mesmo étimo que proponho para *Alcabideque*.

Com o mesmo sentido de *caput aquae* encontram-se em Por-

---

(1) Eguilaz Yanguas, *Glosar.* cit., s. v. *alhandac*. Sobre a deslocação do acento cfr. David Lopes, *Toponymia Arab.*, 38-40.

(2) Vid. David Lopes, *Os arabes*, etc., no cit. Boletim da Acad. das C., p. 219 e 229-31; e notas á sua edição da *Historia de Port.* de A. Herculano, VIII, 293, 298 e 303; Dr. Leite de Vasconcelos, *Lições de Philol. Port.*, p. 37.

(3) Fernández y González, *Estado social y politico de los mudejares de Castilla*, p. 331.

tugal os topónimos *Arca de Agua* nos concelhos do Porto, Aveiro, Coimbra, Setúbal e Beja; *Mãe de agua* (Escadinhas da) em Lisbôa; e, na Ilha da Madeira, *Madre de agua*. Na mata ou lagôa de Minde (Alcanena) há um sítio chamado *Cabo d'agua*, mas talvez no sentido de «extremidade onde chega a agua de réga».

Em Italia *Capaccio* é uma ant. *Caput aquae*, séde do bispado *Caputaquensis*, sufragáneo do arcebispado de Salerno [1], no seculo XVII.

27—Alfora

Povoação extinta, hoje simples sitio habitado com moinhos na freguesia de Cepins, concelho de Cantanhede.

«Ha aqui, diz o P.e Luis Cardoso em 1747, um olho de agua de que bebe o povo e no inverno deita quantidade bastante para fazer moer um moinho que junto dele está» [2].

A forma deste nome era no seculo XI *Alfauara, Alphauara* [3]; no seculo XIII *Alfoara* [4]; e no censo da Estremadura de 1527 já *Alfora* [5].

O étimo está evidentemente no vocábulo arábico *al-fauwara* «o bolhão, o manancial ou olho de agua, que sae borbotando» [6], que deu em cast. arcaico *favara* e *alfaguara*, «manancial copioso» [7].

Devem provir da mesma origem os topónimos *Alfovara, Alfovar* ou *Alfouvar* de Baixo e de Cima [8], povoações da freguesia de Almargem do Bispo; e Casal de *Alfouvar*, na freguesia de Monte-Lavar, todas no concelho de Sintra; e não sei se tambem *Alfaura*, nome de uma *villa* no Campo de Mouregos, ao O. de Coimbra, mencionada em doc. de 967 [9].

Em Espanha há *Alfaguara*, nome de uma fonte em Loja (Granada) [10] e *Alfahuara*, povoação (Almeria).

---

(1) Fr. Pedro de Poyares, *Dic. Lusitanico Latino de Nomes Proprios*, p. 46.

(2) *Dicion. Geogr.*, s. v. *Alfora*.

(3) *Dipl. et Ch.*, n.os 444 e 805.

(4) Citadas inquirições inéditas de 1220-22.

(5) *Arch. Hist. Port.*, VI, 244.

(6) Yanguas, *Glosar. Etimol.* cit. s. v. *alfaguara*; A. Cherbonneau, *Legende territ. de l'Algerie*, s. v. *Fouwara*.

(7) *Dic. Enciclopedico Espano-Americano*, s. v.

(8) Vem *Alfovara* na *Corogr.* do P.e Carvalho, III, 84; *Alfouvar* no *Dic.* do P.e Luis Cardoso. *Alfovora* na *Chor. Mod.* é erro.

(9) *Dipl. et Ch.*, n.o 94.

(10) Yanguas, *Glosar.* cit. s. v.

28 — Alvalade — Alvade

Varios documentos dos seculos X e XI falam-nos de uma *villa* hoje desaparecida, perto de Coimbra, cujo nome é variamente escrito *Albalat, Alvalad, Alvalat, Abbalat* (1); no seculo XII *Alvaladi* e *Alvalati* (2).

Um dos documentos, do ano 976, sitúa essa *villa* — «secus civitas Conimbrie discurrente ribulo Mondeco. Et dividet cum villas prenominatas Fonte Auria et Bollon».

Outro, de 933, tinha sido mais minucioso, confrontando-a — «cum villa Bolon. Et per ubi dividet cum agro de Nausti et inde per carraria maiore que discurrit ad civitate Conimbrie. et inde per senrra de Episcopo per medio valle usque in arca que est in ipsa Llagona. et inde usque in illo porto que dividet cum quinione de Fonte Aurea. et de alia parte in campo per ubi dividet cum Bollon ...usque in Mondeco».

Dei-me á tarefa de procurar o *ubi* deste extinto povoado, quando estudante da Universidade, e consegui sabe-lo, porque subsistem os necessarios pontos de referencia: *ribulo Mondeco,* o Mondego Velho; *Bollon,* campo do Bolão; *Fonte Aurea,* sitio da Fontoura; e *carraria maiore,* que é a antiga estrada real, leito anterior ao seculo XIX.

Guiado por estas indicações verifiquei que o proprio nome *Albalat* perdura ainda, reduzido segundo as leis foneticas da lingua, no do actual Campo ou Terras de *Alvade,* que ficam á margem do ribeiro de Eiras, 3 ou 4 quilómetros ao Norte de Coimbra, entre a actual estrada real a L. e a via férrea a O.

A velha *villa de Albalat* foi neste local.

A *carraria maiore* ainda atravessava a um lado terrenos seus e transpunha aí o citado ribeiro de Eiras sobre uma pequena ponte, que no seculo XIV se chamava *ponte d'Alvaade* (3).

Sobre o étimo deste topónimo discorreu o Sr. David Lopes no seu interessante trabalho *Toponymia Arabe de Portugal,* pag.

(1) *Dipl. et Ch.,* n.os 39, 40, 50, 92, 117.

(2) M. Ribeiro de Vasconcelos, *Not. hist. do most. da Vacariça,* etc., P. II, 79; Fr. Leão de S. Tomás, *Benedictina Lusit.,* I, 341.

(3) O foral do reguengo do Bolão de 1393-4, traçando os limites deste pelo nascente, marca-os: «indo contra a Pedrulha e par e à *ponte dAlvaade* e des hy passa a *estrada* pera çima e esso mesmo a augua que veem dEiras e vay entestar nAdemea...» (Aires de Campos, *Questões Forenses,* n.º 3, p. 252).

20-21, pronunciando-se por que ele é provavelmente uma forma arábica — *al-balat* — do vocábulo latino *palatium* (paço, palacio), forma que se lê, por exemplo, em Almacari, para designar o *palacio* de Rodrigo, ultimo rei visigótico, em Córdova. Essa forma provaria tambem, em sua opinião, que no seculo VIII ainda — *ti* latino seguido de vogal se não tinha assibilado, mantendo o *t* o valor de consoante explosiva.

Em *Os arabes nas obras de A. Herculano* reitera esta opinião (1).

Pedindo venia ao distinto arabista, oponho toda a duvida tanto ao étimo que ele defende para *Albalat-Alvalade*, como ao que diz relativamente ao valor de *-ti*.

Em primeiro lugar, é um facto averiguado que, quando os árabes invadiram a Peninsula, havia muito já que *-ti* nas condições indicadas soava como *ci* (2). Comprovam-no á farta, alem dos factos e argumentos aduzidos pelos autores citados na nota e outros, os nomes geograficos da Espanha *Vivatia* (seculos VI e VII *Biatia, Beatia)* (3), hoje Baeza, *Segontia*, hoje Sigüenza, *Pallantia*, hoje Palencia, *Valentia*, hoje Valencia, etc., todos anteriores á invasão e nos quaes *-ti* foi pelos invasores ouvido, pronunciado e transmitido como soando *ci* e com esse valor, através do seu dominio, chegou até nós.

Na propria região a que pertence *Alvade = Albalat*, temos exemplos iguaes: *Ançan*, povoação do concelho de Cantanhede, seculo X *Anzana*, sem duvida deve ser uma primitiva *villa Antiana* da época romana, e *Larçan*, povoação da freguesia do Botão, concelho de Coimbra, seculo X *Larzana* (4), ascende certamente a uma primitiva *villa Lartiana* da mesma época — sendo estes nomes formados dos gentilicios latinos *Antius* e *Lartius* com o sufixo adjectival feminino *-ana*.

Em segundo lugar, duvido que *balat*, representando a palavra latina tão corrente *palatium*, tivesse sido entre os árabes e mozá-

---

(1) Citado *Boletim da 2.ª classe da Ac. das C. de Lisbóa*, vol. III, p. 230-31.

(2) Ha provas certas desta assibilação de *-ti* na Peninsula já nos sec. II e III. Nos sec. IV e V esse fenomeno é geral. Cfr. Carnoy, *Le Latin d'Espagne*, 2.ª ed., pp. 144-5; M. Lübke, *Introd. al estudio de la linguist. romance*, trad. espanhola, p. 197; Leite de Vasconcelos, *Lições* cit., p. 128; J. J. Nunes, *Gramat. Hist.*, p. 137 n., e *Rev. Lusit.*, III, 288.

(3) Carnoy, obra cit., p. 132.

(4) *Anzana* e *Larzana* vem nos *Dipl. et Ch.*, n.os 27, 58, 73, 75, 149, 351 e 531.

rabes da Peninsula vocábulo vivo, comum e geral até ao ponto de originar os numerosos tapónimos *Alvalade* e *Albalate*, que ha em Portugal e Espanha, em pontos diversissimos.

Aquela forma parece-me simples transcrição em arabe de um nome peregrino, não usado ou entendido pelos arabes, e tanto que Almacari, na passagem citada pelo Sr. David Lopes, o traduz previamente pelo sinónimo *alcacer:* «alojou-se no alcacer chamado palacio *(balat)* de Rodrigo» (1). *Chamado*—pelos hispano-godos... É um caso semelhante ao que se dá em português quando dizemos, v. g. *rio denominado Odemira* ou *Guadiana*. A circumstancia de no nome proprio do rio ir incluso o vocábulo *ode, guad* = ar. *uadi*, rio, não prova (antes pelo contrario) que este seja usado comumente ou mesmo compreendido.

Em terceiro lugar, sendo os mais antigos documentos ou autores, em que aparece *balat* pelo lat. *palatium*, apenas dos seculos XI e XII *(Ajbar Machmua* e um *codice canonico arábico* do Escurial, segundo vejo em Simonet) (2), estes não podem ter grande peso para provar um fenomeno da fonetica romance do seculo VIII...

Finalmente, a 16.ª letra do alfabeto arábico *(ttá* ou *tha)*, ultima de *balat*, que aqui se representa por *t*, está longe de corresponder fielmente a esta explosiva na pronúncia, como o ilustre professor muito bem sabe; ela tem antes um valor bastante semelhante ao *th* inglês e por isso não pode servir para basear uma afirmação, que contraria tudo o que sabemos, sem controversia razoável, a respeito da assibilação de *-ti* seguido de vogal, na época da invasão arabe. Simonet, que translitera sempre essa letra por *th*, diz que a pronúncia dela se aproxima ora do *t*, ora do *z* castelhano (= ç), como sucede, v. g., em *firmetha*, transcrição aljamiada do vocábulo espanhol *firmeza* (3).

Confirmação frisante d'esta pronúncia, aproximada de *z* = *ç*, é o facto de o próprio nome *Al-Balat* (ou *Al-Palath*, como translitera Simonet) dado por Ibn Alcatibe no seculo XIV a uma granja dos arredores de Granada, corresponder a *El-Palaz* em escrituras

---

(1) *Topon. arabe de Port.*, p. 20, n. 5: palacio de Rodrigo = *balat Ludrique*. Como simples curiosidade lembrarei que num discutido e suspeito códice da igreja de Roda (Espanha), atribuido ao sec. IX, e que contêm um *Cronicon* de Afonso III de Leão, se fala deste palacio real, mas dizendo que — «a Caldeis *Uallat Ruderici* est vocitatus». (Fernandez Guerra, *Caida y ruina del imperio visig. esp.*, p. 42 n.)

(2) *Glosario* cit., s. v. *palath*.

(3) Idem, p. CCXVII.

cristans dos seculos XV e XVI [1]. E contraprova da mesma é ainda o vocábulo português e castelhano *mazmorra*, que herdamos dos arabes e onde o *z* é o sucessor legitimo do seu *ttá*.

Estas considerações, se infirmam, como creio, o pretendido valor explosivo de *-ti* seguido de vogal ainda no seculo VIII e tornam inverosimil o étimo que o Sr. David Lopes propôs para *Alvalade*, não querem todavia dizer que, na maioria dos casos, a pronúncia do *ttá* se não aproximasse da do nosso *t* e até por este está representada em numerosas palavras, que passaram ao vocabulario peninsular: — *tarimba*, *Ota*, nome de lugar (< ar. *uata*, sitio baixo, baixura) [2] *alfaiate*, etc.

Sucede mesmo que é num vocábulo arabe graficamente semelhante, i. é *al-balate* «a via, estrada, calçada» [3], que ponho a origem do topónimo em questão. Tal denominação tem toda a plausibilidade e vinha a proposito com referencia á *carraria maiore*, que atravessava em parte a antiga *villa Albalat*. E temos prova de que nesse vocábulo a pronúncia do *ttá* rondava pela do nosso *t*, pois que d'ele, sem o artigo, provêm o castelhano-arcaico *balate*, «senda ou vereda estreita nos extremos das herdades, que lhes serve de linda e franqueia a passagem de umas a outras» [4].

Este étimo satisfaz nem só topografica e historicamente, mas tambem no ponto de vista fonetico: *t* evoluio em *d* como em português *alcarrada* (arrecada) < ar. *al-carrata*; *ataúde* < ar. *at-tabute*; o *l* intervocálico caio na passagem para *Alvaade*, *Alvade*, como no português *maquia* < ar. *maquila*, foão < ar. *fulan*, etc.

Em Espanha ha bastantes povoações com os nomes de *Albalate* e *Albalat*, que devem ter a mesma etimologia indicada para *Alvade*. Quanto a *Alvalade*, que ocorre varias vezes no Sul de Portugal, ha tambem razões para a aceitar como provável.

Na verdade o Campo de *Alvalade* ás portas de Lisbôa (hoje Campo Grande e Campo Pequeno) — «loco qui dicitur *Alvaladi*» já em documentos do seculo XIII [5], era por onde entrava na cidade a via militar romana e mais tarde a estrada real, que sobre

---

(1) *Glosario* cit., s. v. *palath*.

(2) Esta etimologia, com que me conformo, é de Sousa nos *Vestigios da l. arábica*, s. v. *Ota*.

(3) Eguilaz Yanguas, *Glos.* cit., s. v. *balate*.

(4) Idem, obra e vocábulo citados. O *balate* castelhano corresponde á *linda* do nosso Alentejo, conforme a descreve Picão na *Portugalia*, I, p. 274 e *passim*.

(5) Ribeiro, *Mem. para a hist. das inquirições*, Doc. p. 12.

ela assentou e que, prolongando-se pelo interior, vinha dar nome á *Calçada de Alvalade*, na freguesia dos Anjos (1).

A serra de *Alvalade*, junto de Arraiolos, era atravessada pela velha estrada real que ia de Lisbôa por Montemor-o-Novo, Estremoz, etc., até Elvas e Badajoz.

A vila de *Alvalade*, no Campo de Ourique (de que tirou nome uma ribeira que a banha, afluente do Sado) ficava em uma das antigas vias de comunicação de Lisbôa com o extremo Sul do pais. J. B. de Castro marca por ela roteiros para tres pontos: *a)* para Messejana; *b)* para o Campo de Ourique; *c)* para Albufeira (2).

A manutenção do *l* intervocalico nestes nomes obriga comtudo a alguma reflexão. Como o desaparecimento ou queda dessa consoante em taes condições parece ter-se dado no decorrer do seculo XI (3), eles devem por ventura considerar-se de introdução na lingua geral ou de formação posterior a esta época. Este caso da conservação do *l* deve ser identico ao dos nomes comuns *atalaia, azémola, alféloa, ceroulas* e ao dos outros topónimos do Sul, como *Arraiolos, Alpeaçoulo, Alcolobra, Alcalate, Loulé, Selir* (4). Todos

---

(1) P.e Carvalho, *Corogr. Port.*, III, 418; J. B. de Castro, *Mappa de Port.*, 3.a ed., III, 139. Um doc. de 1398 fala de *Alvalade o Pequeno*, perecendo referir-se ao Campo Pequeno (O *Arch. Port.*, V, 214).

Ao Campo de *Alvalade*, onde no sec. XVI haveria já alguma ampla praça de touros, se refere Camões em uma passagem do *Auto d'El-rei Seleuco*, em que, para recomendar que cada espectador procurasse tomar o menor espaço na plateia de um teatro ou côrro, faz dizer a uma personagem: — «se todo o côrro se ha-de gastar em palanques (i-é, *camarotes*), será bom mandar fazer outro *Alvalade*». (*Obras complectas de L. de Camões*, Porto, 1874, VI, 170). Nas edições, que conheço, vem esta ultima palavra com *a* minusculo e daqui resultou, por uma má compreensão, consignarem na 5.a ed. do *Dic.* de Moraes, no *Dic.* de Frei D. Vieira e noutros um vocábulo comum *alvalade* com o sentido de «camarote, cadafalso; circo, páteo» — vocábulo que, a meu ver, nunca existio. O *Novo Dic.* de C. de Figueiredo define «campo ou páteo murado»! E continuará...

(2) Cit. *Mappa de Port.*, III, 324-5, 329 e 353. Tambem no rio Guadiana, secção fronteira ao concelho d'Elvas, ha um *pego de Alvalade*, assim chamado do nome de um castelo medieval, que existio aí perto, mas em territorio espanhol. (Victorino d'Almada, *Dic. d'Elvas*, s. v. *Alvalade*).

(3) Dr. L. de Vasconcelos, *Lições* cit., p. 295.

(4) O assunto carece de ser mais esclarecido do que está. Presumo que *Arraiolos* assenta em *Arroiolos*, com dissimilação do *o* pretónico e representa o plural de um apelido mozarabe. Simonet (*Glosar.* cit. s. v. *Royol*) aponta varios individuos da Espanha arabe, nos sec. IX a XI, chamados *El Royol*, Ibn *Ar-Royol* e *Ar-Royola* (forma feminina), sendo estes nomes diminutivos de *royo* (< lat. *rubeus*), roxo. Cp. os nossos topónimos *Roxo, A do Roxisco, Ruivos, Ruvisco, Brancos* e *Branquinhos*.

os que conheço provêm da lingua arábica, ou sofreram a influencia dela.

Veja-se o que a tal respeito diz J. J. Nunes na *Gramat. Hist.*, p. 175.

Aproveito a ocasião para esclarecer aqui o que, a propósito do topónimo *Povolide*, deixei dito nesta *Revista*, XVII, p. 121. O étimo deste nome será, não directamente o lat. *populetum*, de *populus*, choupo, mas sim * *popelletum* (em genitivo) choupiqueira, formado sobre * *popellus*, choupico, diminutivo regular d'aquele *populus*. E assim fica resolvida a dificuldade, que tinha enunciado, da conservação do *l* simples intervocalico.

29 — Antanhol — Paiol — Eirol

Antanhol é povoação e freguesia do concelho de Coimbra, «que antigamente se chamou *Antanhol dos Cavalleiros*, por ter sido da familia dos Cunhas... e para diferença de outros lugares do mesmo nome, que hoje se chamam diferentemente» (1).

Alcolobra no concelho de Abrantes e *Alpeaçoulo* (diminutivo de *Alpeaça* = *Alpearça)* são afluentes da esquerda do Tejo.

Não cito, a proposito da conservação do *l*, os nomes *Mértola, Caiola* e outros da nossa raia de L., porque pode ter havido neles influencia do castelhano, lingua em que *l* intervocalico se mantêm.

Quanto a *Grândola* este nome é pura e simples reprodução do de homónima vila italiana da provincia de Como (Lombardia), trazido ou imposto, como devem ter sido tambem os de *Pavia, Saboia* e talvez *Avis* (de *Avise* ou *Avisio* na Italia? cp. o apelido *Assis*, que provêm de *Assisi* no mesmo pais, patria de um S. Francisco),—todas no Alentejo, por alguma colonia ou individuo d'ali oriundo, quando os reis portugueses na idade-media procuraram promover o repovoamento do Sul de Portugal com colonos atraidos de fóra.

É o caso igualmente de *Oriola* no concelho de Portel e *Tolosa* no de Nisa, que ambas mantêm o *l* e reproduzem os nomes *Orihuela* e *Tolosa*, cidades espanholas.

Na sequencia destes estudos tratarei ainda em especial desta classe de nomes importados.

Os topónimos verdadeiramente antigos do Sul, de origem latina, perderam o *l* intervocalico como os do Norte. Apesar da escassez de documentos, posso citar, v. g. — rio *Cobres*, afluente do Guadiana, cujo nome aparece escrito no sec. XIII *rivulo de Colubris* (vid. o que já disse nesta *Rev.*, XVI, p. 156) e certamente *Sado* < lat. *Salatus*, tambem nome de rio nosso, comparável a *Salado*, rio da Espanha.

(1) P.e Cardoso, *Dic. Geogr.*, s. v. A afirmação deste autor carece de certa rectificação. Não me consta que no pais tenha havido qualquer outro lugar com o nome de *Antanhol*. Este, de que me ocupo, é que era antigamente constituido por

As mais antigas formas deste topónimo são *Antoniol* e *Antuniol* em varios documentos dos seculos XI e XII (1).

No século XIII ainda aparece *Antonol*, mas já quasi sempre *Antanhol* (2) com assimilação do primeiro *o* ao *a* inicial, como em *alvaroço*<*alvoroço*; *Salamão*<*Salomão*; *Cantanhede*<*Cantoniedi*, etc.

Considero *Antanhol* como derivado do nome pessoal *Antoniolus*, diminutivo de *Antonius*, formado com o sufixo vulgar *-olus* (3).

Pode todavia tratar-se antes de um diminutivo toponimico tirado, por meio do mesmo sufixo, de *Antunio*, nome antigo de um monte que lhe fica proximo — *monte de Antunio* em documento de 1087 (4).

Este nome *Antunio*, sob cuja grafia se oculta por ventura uma pronúncia vulgar *Antunho*, é simples variante do nome pessoal *Antonio* (cf. *testemunho*<lat. *testimonium*; *caramunha*<lat. *quaerimonia)* e dela deriva o patronimico *Antunes*. Tambem nos documentos medievaes aparece a forma contrata *Antun* a par de *Anton* = Antão.

O derivado *Antunianus* é nome de um bispo de Basti (Espanha) no século VII (5).

---

varios casaes e prazos, de que uma parte, a maior, tinha por senhorios os Cunhas, *cavaleiros-fidalgos*, e era por isso chamada *Antanhol dos Cavaleiros*; outra pertencia ás monjas de Semide; e outra era dos frades cruzios de Coimbra, chamando-se *Antanhol dos Frades*. (Fr. N. de Santa Maria, *Cron. dos Cónegos Regrantes*, 292).

Antanhol dos Cavaleiros lhe chama tambem o censo da Extremadura de 1527 *(Arch. Hist. Port.*, v, 244) e outros doc. dos sec. XVIII e XIX (Aires de Campos, *Questões Forenses*, p. 141). Sobre o apelativo vid. o *Elucidario* de Viterbo, s. v. *cavalleiros* e cp. os nossos topónimos: Macedo de *Cavaleiros*, Enxara dos *Cavaleiros*, Varzea dos *Cavaleiros*, Fonte dos *Cavaleiros*, Figueira dos *Cavaleiros*, Corte de *Cavaleiros*, Montinho de *Cavaleiros*, Corte dos *Fidalgos*, Oliveira de *Frades*, Vilar de *Frades*, etc.

(1) *Dipl. et Ch.*, n.os 568, 586, 591; *Livro Preto* (original na T. do Tombo), fl. 2 v. e 31.

(2) Citadas inquirições inéditas de 1220-22; *Livro das Kalendas* da Sé de Coimbra (copia na Bibl. da Univers.), fl. 28; J. P. Ribeiro, *Dissert. Chronol.*, v, 81.

(3) Sobre nomes pessoaes formados com sufixos diminutivos vid. R. Mowat, *Etudes d'onomatologie comparée*, p. 47 e seg., e *Les noms familiers chez les rom.*, p. 9 e seg.

(4) *Livro Preto* (copia do Cabido da Sé de Coimbra), fl. 32 v. No mesmo doc. se fala da igreja de *S. Martinho* (do Bispo) e de *Talaveir* (hoje Tàveiro), *porto de Arenas*, etc.

(5) Godoy Alcantara, *Ensayo* cit., p. 95. O tema fundamental destes nomes é *Antu-* — talvez de origem celtica. Outros derivados antigos são *Antulus*, *Antullus*,

Aquele sufixo vulgar *-ŏlus* deu em português *-ol* (a par de *ô)* que aparece não só no vocabulario comum, v. g. em *rouxinol, lençol, labaçol, cerol, anzol, castanhol* e até em nomes etnicos como *reinol* (cf. francês *cevennol*, de Cevennes, italiano *romagnuolo, campagnuolo*, de Romagna, Campagna), mas tambem na nomenclatura geografica, como em *Arranhol = Arranhô; Albarrol* (do baixo lat. *barríolum* com próstese do artigo arábico *al)* ao lado de *Barrô; Parisol*, quinta ou casal perto de Ançan ([1]), que é um diminutivo de *Paraiso* ([2]), *Estremol, Picanhol, Almourol*, etc.

Muito semelhante na formação a *Antanhol* é o topónimo *Paiol*, povoação, casal e *monte* nos concelhos de Alenquer, Marvão e Santiago de Cacêm, que deve comparar-se a *Palayol (Casal do)* e *Payoo (Casal de)* no Norte, sitados nas Inquirições do seculo XIII, provindo todos do nome pessoal *Payol, Palaiol*, que ocorre nas mesmas ([3]), e é simples forma evolutiva de *Pelagiolus*, diminutivo de *Pelagius*, hoje Paio.

Outro nome, tambem derivado de um antropónimo e em que

Antuleius, Antulinus, Antoninus, Antonianus — e ainda * *Antonus* e * *Antunnus* (Jubainville, *Recherches* cit., p. 172 e 562).

Uma *villa Antolini* figura em doc. nossos dos sec. X e XI perto de Recardães e Espinhel (Águeda); pelo nome pessoal *Antonina* ou *Antulina* deve talvez explicar-se o topónimo *Antoinha*, que ocorre nos concelhos de Braga e Monção. *Antonhaes*, nome de povoação do concelho de Braga, provêm com desnasalação, de *Antonianes*, que é a sua forma na carta do couto de Braga de 1128 (Herculano, *(Hist. de Port.*, 5.ª ed., I, p. 498) e este relaciona-se decerto com o nome pessoal *Antonianus*. Cp. *Antoñanes*, povoação de Espanha (Leão).

É tentador aproximar dos indicados o nome *Antuan*, que teve uma antiga vila e tem um rio, que a banhava, no distrito de Aveiro, concelho de Estarreja — chamados já em doc. dos sec. X e XI *Antuana* e *Antoana*. A vila parece ser a chamada *Antonana* ou *Antunana* (variantes de alguns códices: *Astusiane* e *Astrucione)* na suspeita divisão dos bispados de Teodomiro — sec. VI (Brito, *Mon. Lusit.*, ed. da Acad. R. das Ciencias, VI, p. 262; Argote, *Mem. para a hist. eccles. do arceb. de Braga*, t. II, p. 804, 812 e 850; *Anaes do mun. de Oliveira d'Azemeis*, Porto, 1909, p. 317). O nome será formado sobre * *Antonus* com o sufixo feminino *-ana*, que já vimos em *Anzana*, e *Larzana?* Cp. em Espanha *Antoñan* (Leão) e *Antoñana* (Oviedo), nomes formados sobre *Antonius*, mas onde há o grupo-*nia*-que não pode haver no étimo de *Antuan*.

(1) *Port. Ant. e Mod.*, X, 161. Em doc. de 1229 (G. Barros, *Hist. da Adm. Publ.*, III, 573), encontrei o topónimo *Paraisul* na Beira Baixa.

(2) Este topónimo, muito vulgar no pais, indica uma quinta ou vivenda amena ou de recreio. Julio Pollux *(Onomast.*, lib. IX, cap. III) diz que na idade-media se chamava *paradysus* a uma «quinta de recreio nos arredores das cidades» Em ant. gal. encontra-se *pariso*, hoje *praiso*, por *paraiso*. (G. de Diego, *Gram. hist. gallega*, p. 38).

(3) Vid. Cortesão, *Onom. Medieval*, s. vv.

figura o mesmo sufixo *-ŏlus*>*-ol* é *Eirol*, povoação e freguesia do concelho de Aveiro, sobre o rio Vouga.

A mais antiga grafia de *Eirol* é *Auriol*, que encontro varias vezes no seculo XII (1); *Ourol* nas inquirições ineditas, que tenho citado, de 1220-22 (2); *Oyrol*, mas tambem já *Eyrol*, nas inquirições de 1282 (3). No foral manuelino de Segadães de 1516 e no censo da Extremadura de 1527 aparece já sempre *Eiroll* (4).

Conclue-se, assim, que o étimo deste topónimo é o nome pessoal *Aureŏlus* (diminutivo de *Aureus)*, outrora muito usado e que, alem desta, assume nos documentos medievaes portugueses e espanhoes as formas *Auriolo*, *Oriolo*, *Auriol*, *Oriole*, *Oriol* (5).

O ditongo prètonico *oi* da forma antiga *Oirol* passou a *ei*, como nos nossos topónimos *Eiteiro*, *Eiroso*, por Oiteiro, Oiroso = Ouroso. Em que condições? Dissimilação? Tambem temos o vulgarismo *lavoeira* (na Bairrada e creio que em todo o distrito de Aveiro, Coimbra e Viseu) por *lavoira*.

A toponimia da Galiza acusa *Orol* e *Ourol* (Lugo) e *Ourolo* (Corunha, ayuntamiento de Rianjo).

No Sul da França há um nome identico: *Auriol* (no seculo X *villa Auriolo*, seculo XI *Auriol*, *Aureol)*, lugar do cantão da Roquevaire, arrond. de Marselha (6).

Persiste uma incognita: — nos nomes tratados *Antanhol*, *Paiol*, *Eirol*, o étimo directo é o nome pessoal no caso vocativo, isto é, *Antoniole*, *Pelagiole*, *Aureole* (7), ou no caso genitivo, isto é, *Antonioli*, *Pelagioli*, *Aureoli* (sc. *villa)*? Fique a duvida a Apolo, como diria o nosso ilustre D. João de Castro.

---

(1) *Scriptores* (P. M. H.), p. 69, 70, 71; *Rev. de Historia*, X, p. 277 e 278.

(2) T. do Tombo, Ms. da G. 3, M. 10, n.º 17.

(3) Idem, Ms. da G. 8, M. 2, n.º 9.

(4) Franklin, *Mém.* cit., s. v.; *Arch. Hist. Port.*, VI, 273.

(5) Cortesão, *Onom. Medieval*, s. vv.; Godoy Alcantara, *Ensayo* cit., p. 97. Vê-se das formas medievaes que o nome *Eirol* nada tem com *eira* ou *eiró*, como já se tem aventado; e que é tambem fantastica a aproximação que P. Leal *(Port. Ant. e Mod.*, s. v. Eirol e Águeda) aventurou entre este topónimo e o nome de um rio do Languedoc, que ele escreve *Erool* e não é senão o *Herault* (ant. *Arauris)*, aproximação que, transformada em facto assente, vae sendo por inercia e inepcia reproduzida como oiro de lei em varios trabalhos, v. g. no dicionario *Portugal*, s. v. Agueda; em Ad. Portela, *Agueda*, p. 66-7 — e promete continuar!

(6) Mortreuil, *Dict. topographique de l'arrond. de Marseille*, p. 29.

(7) Sobre nomes pessoaes provenientes do vocativo, em castelhano e galego, cfr. M. Pidal, *Man. Elem. de Gram. Hist. Esp.*, 1.ª ed., p. 106; G. de Diego, *Gram. Hist. Gallega*, p. 91.

Sobre o sufixo *-ol<olus* vid. Dr. Leite de Vasconcelos, *Estudos de Philol. Mirandesa*, I, 92, e J. J. Nunes, *Gramat. Hist.*, p. 67-69.

30 — Belcouce — Alcouce — Couce — Cousso

Na cerca das velhas muralhas mouriscas da cidade de Coimbra havia, entre outras (1), uma porta arqueada, virada á ponte do Mondego e encimada por um arco triunfal *romano*, a que se dava o nome de Porta (e arco) de *Belcouce*. Ficava ao fundo da rua das Fangas (hoje de Fernandes Tomás), perto da intersecção desta com a Couraça de Lisbôa e era dominada por uma alterosa torre quinaria tambem chamada de *Belcouce*, construida ou mais provavelmente reconstruida em 1209. Tanto á torre como ao arco chamava-se tambem no seculo XVIII da *Estrela* ou de *Santo Antonio*, aplicando-se ainda hoje aquele nome aos restos da torre que foi demolida, em parte, no seculo XVI. O arco romano e porta de *Belcouce* foram demolidos em 1778 e 1842 (2).

A esta porta chamam as inquirições inéditas de 1220-22 *de Avalcozi* (3); um documento de 1230 di-la *dc Avalcouze* (4); e um outro do seculo XII *de Valcouce* (5).

Um documento em latim bárbaro do mesmo seculo XII, lançado no *Livro Preto*, fala de uma *rua* que conduz á «*porta quae arabice dicitur Alcous*» (6). É a rua de *Belcouce*, a que aludem documentos posteriores, e que não pode bem averiguar-se a qual das de hoje corresponde, segundo afirma Aires de Campos.

A grafia deste nome nos seculos XV e XVI é já *Belcoyce* (7).

Guiando-se apenas pela forma actual, o ilustre Gonçalves

(1) Na época arabe tinha Coimbra tres portas, como se vê do geógrafo Edrici (B. de Figueiredo, *Coimbra Ant. e Mod.*, p. 267).

(2) Aires de Campos, *Indice Chronol. dos Pergam. e Foraes da C. de Coimbra*, p. 32, e *Indices e Sum. dos livros e doc. da mesma*, p. 53, 92 e 120; B. de Figueiredo, *obra* cit., p. 12, 14 e 229-30; L. R. D., *Roteiro Illustr. do Viajante em Coimbra*, p. 42.

(3) T. do Tombo, Ms. da G. 3, M. 10, n.º 7.

(4) Biblioteca da Univ. de Coimbra, Ms. n.º 636, fl. 221 v.

(5) *Livro 3.º de traslados dos pergam. que tem prazos avulsos*. Ms. do arquivo do Cabido da Sé de Coimbra, sem numeração de fls. e com a marcação: Est. 1.ª Armario 2.º

(6) Citada copia do Cabido de Coimbra, II, 466 v.

(7) Aires de Campos, obras e pp. citadas.

Viana, nas suas *Apostilas*, I, 36-7, interpretou este nome pelo arabe *bal-qaus*, isto é, «no arco», expressão em locativo formada com a preposição *be*.

As formas, porem, mais antigas com *a* inicial — *Avalcozi*, *Avalcouze* não abonam essa etimologia e postulam antes como tal o arabe *abual-qaus*, «o sitio do arco».

O termo arábico *abu* (em forma contrata vulgar *bu*), que propriamente significa «pae», encontra-se com frequencia, quer na composição de alcunhas, quer na de topónimos dos paises islamicos, indicando, no primeiro caso, «aquele que tem ou se distingue por alguma coisa», expressa no vocábulo seguinte, «o da», «o do», v. g. *Abu-xoarebe*, pae das barbas, isto é, o barbaças; *Abu-querxe*, pae da barriga, isto é, o barrigana; *Abu'l-fadaîl*, pae dos beneficios, isto é, o bemfeitor ou liberal, etc. (1); e, no segundo caso, «o sitio de, o lugar em que existe ou se nota alguma coisa», v. g., na nomenclatura territorial da Argelia, — *Bu-alam*, o sitio da bandeira; *Bu-farique*, o sitio do trigo-temporão; *Bu-ghula*, o sitio da bruxa; *Bu-nura*, o sitio das flores; *Bu-guern*, o sitio do corno (rochedo corniforme) e muitos outros (2).

Ao tratar deste nome, ocorrem naturalmente á lembrança, pela parecença gráfica e sónica, os de *Alcouce*, *Couce* e *Cousso*, todos largamente difundidos na nossa toponimia.

Toca-los-hei, pois.

Com o nome *Alcouce* designam-se actualmente, segundo o *Dic. Postal e Chorogr.*, onze povoados do pais.

Por este largo emprego torna-se evidente que tal palavra deve ter sido, em tempos antigos, corrente na linguagem comum com um sentido, é claro, bem diverso do unico, que hoje conserva, de «prostibulo», Este sentido imoral contribuiria mesmo para o desaparecimento do outro, qualquer que ele fosse.

Mas qual seria?

O arabe tem, como vimos, *al-qaus*, «o arco, a abóbada» (3), e por este vocábulo pretendeu Fr. José de Santo Antonio Moura inter-

---

(1) Sousa e Moura, *Vestigios da lingua arab. em Port*, p. 3-4. Cfr. G. de Tassy, *Mem. sur les noms propres et les titres musulm.*, 2.ª ed., p. 25-26.

(2) A. Cherbonneau, *Légende territor. de l'Algerie*, s. v. *Bou*. Aportuguesei a transliteração francesa deste autor nos topónimos indicados.

(3) É curioso notar que o lat. *fornix*, sinónimo de *al-qaus*, tambem tem os dois sentidos de arco e lupanar.

pretar o nome de lugar *Alcouce* (1). A solução é realmente tentadora, pois não só satisfaz no ponto de vista fonético, senão tambem na plausibilidade do sentido, havendo no pais tantos lugares chamados por vocábulos sinónimos — *Arco, Arcos, Abóbada* e *Bobadela* (2).

Mas tem um contra. Como explicar que tal nome de lugar, sendo de ascendencia arábica, só se encontre da bacia do Mondego para o Norte, pertencendo mesmo tres dos povoados que o levam a concelhos absolutamente excluidos, segundo parece, de qualquer influencia directa dos arabes, como são Vila Nova de Famalicão, Povoa de Lanhoso e Monção?

E note-se que na vizinha Espanha sucede o mesmo; seis lugares que nela encontro com este nome *Alcouce* ficam todos na provincia da Galiza (3), havendo dois *Alcoz* em Oviedo e Navarra. Teremos no caso algum vocábulo romance de aspecto arábico, como o são *alcance, almôço,* etc.? Haverá relação com o étimo de *Couce,* que adiante trato?

Como elementos de estudo deste nome, acrescentarei que a povoação de *Alcouce,* no concelho de Condeixa, a mais meridional de todas as homónimas, é já chamada dessa forma num assento do *Livro das Kalendas* da Sé de Coimbra, relativo a 1212, e *Alcauzi* noutro relativo a 1172 (4). Na copia, porem, que mandei tirar das inquirições de 1220-22, a que varias vezes me tenho referido, escreveu-se *Alcoexa,* o que não sei se merece confiança; o censo de 1527 traz *Alcoeice* (5), talvez com erro de *ei* por *u,* que é facil; e o *Dic. Geogr.,* do P.e Cardoso, no seculo XVIII, traz *Açouce,* na devida ordem alfabetica, forma talvez dada pelo informador por se desviar intencionalmente da grafia exacta (6), pois pouco antes lhe chamara *Alcouce* o P.e Carvalho na sua *Corogr. Port.,* II, 33.

---

(1) Souza e Moura, *Vestigios* cit., s. v.

(2) O port. *abóbada,* ant. *bóbeda* (cast. *bóveda,* fr. *voûte)* assenta num lat. vulgar * *volvita,* volta, arcada, de *volvere.* Sobre a forma *volvita* vid. M. Lübke, *Introd. al estudio de la ling. romance* cit., p. 174. Nas inquirições de 1258 figura o nome de lugar *Volveda (Inquisit.,* p. 388).

(3) *Dic. Enciclop. Espano-Americano,* Barcelona, s. v.

(4) Citada copia da Bibliot. da Univers. de Coimbra, fls. 145 e 152.

(5) *Arch. Hist. Port.,* VI, 244.

(6) Nesta alteração de *al* para *a* inicial podia contudo não intervir a intenção de afastar o vocábulo da forma mais pura, de sentido vulgar malsinavel, pois tambem temos *Acubela, Afouves, Ajaz* e outros, por *Alcubela,* etc., como já disse nesta *Revista,* XVI, 151.

Um documento do mosteiro de Alpendurada de 1065 (1) traz *Alcouze* como nome apelativo de homem; e nas inquirições de 1220 e 1258 figura como apelido geografico: Gunsalvus Petri de *Alcouze* (2), na freguezia de S. Salvador de Infesta (Celorico de Basto).

Quanto ao topónimo *Couce,* que aparece simples ou como sobrenome, em Quinta de *Couce* (Celorico da Beira), *Couces* (Chaves), Foz do *Couce* (Arganil), Chão do *Couce* (Figueiró dos Vinhos) (3), Fonte de *Couce* (Alcácer do Sal), Vale-*Couce* (Oliveira de Frades (4), *Ribeiro do Couce* (Pedrógam Grande), etc. — devemos buscar a sua etimologia em um antigo vocábulo português (5), paralelo do galego *couce,* castelhano *cauce* e *caz* (derivado *caucera = cacera),* em Burgos *calce,* antigo castelhano *calce* e *calze* «álveo de corrente, levada, vala de réga» — cuja base comum é o lat. *calice* —> *cal'ce* (6). Cp. *Souzelas* < *salicellas,* diminutivo plural de *salix,* salgueiro (7).

Um documento nosso de 1085 menciona um *Agro de Calce* no territorio de Arouca; nas inquirições de 1258 encontra-se mesmo um *Valle de Couzi* (8) igual ao *Vale-Couce* supra.

---

(1) *Dipl. et Ch.*, n.º 449.

(2) *Inquisit.*, p. 51, 137 e 649.

(3) A uma *hereditate de Couze* ou *herdamẽto de Couce,* no *Chão de Couce,* que D. Afonso II trocou com D. Marinha, viuva de D. João d'Aboim, pela leziria de *Alcõelha,* se referem documentos de 1263 e 1306 *(Livro de D. João de Portel,* p. 35 e LXXXV). Relativo á pessima estrada que passava neste lugar, há no adagiário nacional o ditado seguinte, referido por Gil Vicente e Delicado: «Em Chão de Couce — Quem não puder andar, choute». *(Portugalia,* I, 520).

(4) O P.e Cardoso chama-lhe *Alcouce,* certamente por engano do informador *(Dic. Geogr.,* s. v.) Os topónimos *Vale Couço* e *Vale de Couço,* que tambem se encontram, creio-os alterações de *Vale de Couce,* até prova em contrario.

(5) Em port. ant. achou M. J. J. Guerra *cálice* «nascente de água ou rego dela» *(Dic. Topographico,* Lisboa, 1872, s. v.); e nos foros de Alfaiates e Castelo Bom de 1188 e 1230 ha *calze* por «rego de fonte». *(Leges,* 743 e 809).

(6) Num doc. espanhol de 933 ou 967 lê-se *calices monilarius* por «levadas de moinho». (D. Eduardo Jusué, *Cartulario de Santillana del Mar,* Madrid, 1912, p. 16 e 122).

(7) O caso de *Souzelas* < *Sauzelas* < *Salzelas* < *Salizelas* < *salicellas,* em que se deu a conversão do *c* em *z* antes da queda do *i* precedente, não é, porém, inteiramente identico ao de *calice* > *cal'ce* > *cauce* > *couce* em que, como se vê, a queda do *i* se deu antes de tal conversão, impedindo esta.

(8) Cortesão, *Onom. Medieval,* s. v.

Na toponimia espanhola figuram hoje *Couz* e *El Couz* (Oviedo) e *Cauce* (Corunha e Santandér).

Cousso, por sua vez, é o nome de muitos lugares e sitios de Portugal. Só o *Dic. Postal e Chorogr.* e a *Chorogr. Moderna* trazem 26; alem de mais 8 com o nome de *Coussos* e 1 com o de *Côsso*, este na raia (Sabugal).

Vulgarmente vê-se escrito *Couço*, *Côço*, o que é erro. Na verdade as grafias antigas destes topónimos apresentam sempre *s* ou *ss* e não *ç* ou *z*.

Assim:

Cousso, povoação da freguesia de S. Pedro da Cova (Gondomar) é já *Kauso* em doc. de 897 (1), com referencia ao monte em cuja falda está situado o lugar, e á respectiva *ecclesia* de S. Pedro ai existente.

Cousso, antiga paroquia e hoje simples aldeia da freguesia de Moreira (Maia) é chamada *villa de Causo* em doc. de 978, *villa Causo* em outro de 1069, *villa Causso* em outro de 1094 e *Cousso* nas inquirições do seculo XIII (2).

Cousso, lugar da freguesia de Louredo (Póvoa de Lanhoso) tem a forma *Causo* e *Couso* nas inquirições de 1220 (3).

Ha ainda *Coussus*, sitio ou casal na freguesia de Santa Tecla de Basto (Celorico de Basto) nas inquirições de 1258 (4).

Todos estes nomes assentam num lat. vulgar *causum*, *caussum* (= *cautum*) «couto, coutada, lugar ou terreno imune ou defeso», que Ducange recolheu no seu *Glossarium*, derivado de *cavere*. Um documento de Sahagun de 1104 refere-se, em um pleito, a uma herdade «de *Causo* que jacet intus in cauto» (5).

É sabido que dos verbos da segunda conjugação latina uns fazem o supino em —*sum*, outros em —*tum*, e alguns o tem mesmo duplo. Assim se explica que, de *cavere*, tenham existido os supinos *causum* e *cautum*, tendo prevalecido este ultimo.

Talvez o gal. *couso* «sitio à proposito para correr y hacer monteria y caceria» (6), provenha directamente de *causum*, embora

---

(1) *Dipl. et Ch.*, n.º 12. Na carta corografica de Portugal de $\frac{1}{100:000}$, folha 7, inscreveu-se o nome desta povoação com a grafia errada *Couce*.

(2) *Dipl. et Ch.*, n.ᵒˢ 124, 481 e 804; *Inquisit.*, 538.

(3) *Inquisit.*, 143.

(4) Idem, 640.

(5) Vignau, *Indice* cit., p. 337.

(6) Nos dicionarios galegos de Valladares Nuñez e Cuveiro Piñol, s. v.

com influencia do cast. *coso* (port. *côsso*) < lat. *cursus*, no significado que se lhe atribue e que inicialmente seria apenas «lugar defeso, tapada, coutada para montaria».

Côsso, nome do lugar de concelho de Sabugal, deve ser forma dialectal de *Cousso*, influenciada pelo castelhano.

Na Espanha do Norte ha muitos lugares com o nome de *Couso* (Lugo, Orense, Pontevedra, Corunha), *Couselo* (Pontevedra), *Coso* (Zamora), etc.

31 — Buçaco

Serra, mata e antigo mosteiro bem conhecido no concelho da Mealhada, junto a Luzo. Escrevem hoje em geral este nome com *ss* em vez de *ç*, o que é erro, mas já dificil de extirpar (1).

Numerosos documentos medievaes falam do *monte* ou *alpe de Buzacco*, a começar num de 919, graças a ter ele sido tomado como ponto de referencia topográfica para marcar a situação de bens e *villas* das suas cercanias. As grafias que encontro nos *Dipl. et Ch.* são: — *Buzaco* nos n.os 22 e 113 de 919 e 974; *Buzacco* nos n.os 448, 671 e 890 de 1037-64, 1086 e 1098; *Buzzako* no n.º 196 de 1006; e *Muzacco* (2) no n.º 656 de 1086. *Busacu* (com *s*, naturalmente por engano) vem num documento do seculo XI em Fr. Manuel da Rocha, *Portugal Renascido*, p. 396.

Este nome, como abaixo se verá, tem larga representação na toponimia portuguesa ao Norte do Tejo e na do Norte da Espanha, pelo que deve ter sido vocábulo comum.

Sugestionado um pouco pelo provençal *buzac*, ital. *bozzago* infra indicados, explico *Buçaco* por um lat. vulgar * *butiaccu*, vocábulo que se formaria do lat. *butio* = *buteo*, «açor, gavião», com o sufixo *-accu*, port. *-aco*.

Este sufixo ocorre tambem em buraco = furaco, ruivaco, fojaco, morraco, velharaco, cavaco, velhaco (adj.) bolhaca, ervilhaca, bor-

---

(1) Vid. *O Archeol. Port.*, XVI, 167-9, artigo do Dr. Leite de Vasconcelos. Aí se nota que numa obra de D. Bernarda Ferreira de Lacerda de 1634 ainda se escreve *Buçaco*, mas já num doc. oficial de 1638 aparece *Busaco*.

Na *Benedictina Lusitana* (1644), na *Corogr. Port.* (vol. II, de 1708) e na *Chrónica dos Carmelitas Descalços* (1721) sò se encontra a grafia *Bussaco*.

(2) A troca de *b* por *m* acusada nesta forma aparece tambem em outros topónimos: *Muçdmedes* < ant. *Abuzdmates*; *Mostarenga* = *Bostarenga* (P.e Cardoso); *Bormela* e *Murmela* a par de *Borbela*, etc. Em alguns casos é devida a assimilação ou dissimilação.

jaca; — e nos topónimos *Fojaco, Fujaco, Fijacos, Poçacos, Bulhaco,* e talvez *Subaco, Menaco, Cidacos, Fatacos* e *Batacas.* Identicamente o castelhano tem: — furaco, bellaco, libraco, mostaco, verraco, pajaraco, etc.

Ha muitos nomes de aves formados sobre um tema latino ou românico por meio de sufixos semelhantes. Assim: — *marreco* (= *marneco* < lat. v. *-marineccu* —), *maçarico, matrôco* (Bairrada: milhafre ou papa-pintos), *abelharuco, mioto* ou *minhoto* (cat. gal. *miñato), garçoto, gaivota, falcato,* etc.

Em português não existe hoje, que eu saiba, representante do lat. *butio;* mas ficou em prov. *buzac,* em ital. *bozzago* (e *abuzzago)* «gavião», a que Korting assinala esse étimo (1); nos falares do Sul da França, além de *buzac,* ha *busac* e *busoc* (2); em fr. *buse, buson* e *busard;* em cast. *buzo* e *buzon* — que todos designam a mesma ave de rapina ou especies proximas, dos generos *buteo* e *falco,* L., manifestando que o termo latino foi popular.

Os açores e gaviões não são raros no Buçaco; já os tenho ali visto. Na serra ha mesmo uma altura, da parte do Norte, que tem o nome de *Açor* ou *Ninho de Açor.* E muitos montes do país tiram a sua denominação das aves que os frequentam, como são v. g. a serra do *Açor,* a do *Carapito,* a do *Ninho de Águia,* a da *Cabeça de Águia,* o *Monte-Minhôto,* o monte do *Côrvo* (Mondim da Beira) e outros que traz J. M. Baptista na introdução á sua *Chorographia Moderna.*

O *Dicion. Postal e Chorogr.* consigna, como nomes de lugares: — *Monte Grifo, Monte Vilhano* (aliás *bilhano* = *milhano), Serra do Minhôto, Serra do Guincho,* etc.

Ampliando e aproveitando as indicações já dadas a respeito do topónimo *Buçaco* pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos em *O Archeol. Port.,* XVI, p. 168, eis aqui uma lista de denominações locaes, que devem conter o mesmo nome ou ser dele derivadas:

Buçaco, povoação da freguesia de Távora (Arcos de Val-de-Vez).

Buçaco, casal no concelho de Guimarães.

Buçaco, monte de 541 metros de altitude na freguesia da Torre d'Eita (Viseu), segundo a Carta de $\frac{1}{100:000}$, folha 11.

Buçaco (Vale do), sitio e vale na freguesia de Valongo do Vouga (Águeda), já chamado *Vale de Bucaco* (sic) em documento de 1326.

---

(1) *Lateinisch-roman. Worterb.* s. v. *buteo.*

(2) L. Boucoiran, *Diction. anal. et etymol. des idiomes méridionaux,* Nimes, 1875, s. v. *busac* e *buzac.*

Buzacum (Castellum —), antigo castelo ou altura entre os rios Aravil e Elgas, na área da actual freguesia da Zebreira (Idanha), mencionado no seculo XIII nos foraes dos antigos concelhos de Idanha-a-Velha e Salvaterra do Extremo, ao fazer a indicação dos limites destes. *(Foralia,* p. 615 e 618).

Buçacos, povoação da freguesia de Figueiró (Paços de Ferreira), já nomeada sob a forma *Busacos* nas inquirições de 1220 (1).

Busecos (sic), povoação mencionada pelo P.e Cardoso *(Dic. Geogr.,* s. v.) na freguesia de Freamunde, do mesmo concelho, e que é *Buzacos* nas ditas inquirições (2).

Buçaqueira, povoação da freguezia de Òvádas (Rèsende) chamada em documentos de 1147 e do seculo XIII *Buzaqueira* e *Buzaqueiras* (3). Cp., a respeito da formação, os topónimos *Açoreira, Gavieira, Minhoteira, Abitureira* (< *vulturaria), Aguieira, Gralheira.*

Buciqueira, campo na freguesia de S. João da Madeira (Oliveira de Azemeis) (4) e talvez *Baçaqueira,* casal da freguesia de Lamas (Cadaval) podem ser variantes deste ultimo nome.

Quanto a uma *Villa de Bussaco,* na freguesia de Oeiras, que J. B. de Castro menciona no seu *Mappa de Portugal* (3.a ed., III, 281) deve ser a mesma que o P.e Cardoso chama *Busicos (Dic. Geogr.,* s. v.), e o P.e Carvalho *Villa de Bucicos (Cor. Port.,* III, 648), sendo estas ultimas as formas dignas de confiança. Este topónimo parece ter desaparecido e nada tem com o de que trato (5).

Bocequinhos (Casal de) na freguesia de Avessadas, concelho de Marco de Canaveses, pode estar por *Buçaquinhos* e ser um diminutivo toponimico de *Buçacos* supra.

Na Espanha existem:

Buzaco, duas povoações na provincia da Corunha, uma delas com a forma antiga *Botiacu* (6).

Buzacos, povoação da provincia de Orense.

---

(1) *Inquisit.,* p. 562; *Corpus Codicum* da Câmara do Porto, I, 323.

(2) *Inquisit.,* p. 563; *Corpus Codicum* cit., I, 324.

(3) Cortesão, *Onom. Medieval,* s. v.; Bibliot. da Univ. de Coimbra, Ms. n.o 636, fl. 30 v.; J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.,* I, 237.

(4) P. Leal, *Port. Ant. e Mod.,* V, 22, onde escreve *Bussiqueira.*

(5) *Bosico* é apelido nosso antigo. Um Menendus *Bosiquo* figura em doc. de 1162, no cit. Ms. n.o 636 da Bibl. da Un. de Coimbra, fl. 159. Na freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, há um Casal de *Buciculo* (Dic. Postal) ou de *Buciculos (Chor. Mod.,* VII, 591), que talvez seja o mesmo que P. Leal (obra cit. IX, 663) chama Casal de *Bussicolos* e põe na freguesia de Runa, tambem do concelho de Torres Vedras.

(6) G. de Diego, *Elem. de Gram. Hist. Gal.,* p. 56.

Buzaca, povoação da provincia de Pontevedra.
Buseco, duas povoações da provincia de Oviedo.

O caso deste ultimo nome, apesar da alteração do sufixo e de ter *s* por *z*, pode ser comparavel ao de *Buzacos* na freguesia de Freamunde, que é *Busecos* no P.e Cardoso, conforme disse, e por isso o aponto, embora com desconfiança (1).

32 — Camoeira — Galeguia, etc.

Camoeira é hoje, no concelho de Évora, nome de duas herdades e de um *monte* (casal) — nas freguesias de S. Marcos da Abóbada, Graça do Divôr e S. Bento do Mato.

Um destes topónimos deve corresponder ao «morgado da *Camoeira*, que foy dos Camões e o possue hoje o Conde de Villa Verde» no termo de Évora — a que se refere em 1708 o P.e Carvalho da Costa, *Corogr. Port.*, II, 428.

Depois de falar do confisco de varios bens, que o Mestre de Avis fez a Vasco Pires de Càmões em 1384, por este se pronunciar pelo rei de Castela, escreve o Sr. Teófilo Braga: — «Ainda lhe deixou numerosas doações, taes como as herdades de Évora, Estremoz e Avis, de que fez varios morgados conhecidos por *Camoeiras*. Em Évora dava-se o nome de *Camoeiras* ás casas do recolhimento de Santa Maria Magdalena, assim chamadas por terem pertencido a descendentes de Vasco Pires de Camões (2); o morgado das *Camoeiras (aliás, da Camoeira...)* pertenceu a um seu bisneto, Lopo Vaz de Camões, e no termo de Alemquer existio outra propriedade com o titulo de *Quinta de Camões*» (3).

---

(1) Um *Abuzacum* que traz o Itinerario de Antonino e é *Abudiacum* em Ptolomeu e *Avodiaeco* nas Tábulas de Peutinger, correspondendo talvez á actual Epfach na Alemanha (Fortsmann, *Altdeutches Namenb.*, s. v. *Abudiacum); bem como Buciacus* na Gallia, sec. VII, e as varias *Bussac* e *Boussac* da França actual (ha uma *villa Buciacum* e em *castrum de Bussaco* em doc. de 1260 e 1323, em Ducange, *Gloss.* cit. s. v. *moia* e *mirare* 2), pertencem a uma categoria diversa do nosso *Buçaco:* são formados sobre gentilicios galo-romanos com o sufixo *acum (c* simples). Vid. Jubainville, *Recherches* cit., pp. 157 n. 9, 161, 170 e 202. Na Sardenha ha *Busachi* (e *Busachino)*, que não sei em que relação está com estes nomes. *Mazarabuzaque* na Espanha é árabe: «o lagar de azeite *(mazara)* de *Abuzhac*» (Abu-Içhac, nome pessoal).

(2) Fonseca, *Évora Gloriosa*, 233 (Nota de Teófilo).

(3) Teófilo Braga, *Camões — Epoca e vida*, Porto, 1907, p. 145. Referindo-se ás herdades dos descendentes de Vasco Pires de Càmões escreveu Severim de Faria: «ás quaes pelo apelido dos seus possuidores deu o povo nome de *Camoeiras*». *(Discursos Varios*, Lisboa, 1791, p. 274).

Deduz-se desta passagem, claramente, que o nome *Camoeira* se formou sobre o apelido *Càmões* com o sufixo *-eira*, indicando este, a respeito da propriedade, casal ou herdade assim designada, uma relação de posse ou dominio da respectiva familia ou individuo: *Camoeira* = *herdade dos* ou *do Càmões*.

Tal sufixo com esta função, isto é, a de indicar dominio ou posse ou ainda colonização por um individuo ou grupo familiar, a cujo nome ou apelido ele se liga, parece ter tido bastante uso em tempos idos, em especial no centro e Sul do país e posteriormente á Reconquista.

Por ele se explicam os nomes de varios outros povoados, como *Frazoeira, Galvoeira, Falcoeira, Gatoeira, Baroeira, Melroeira, Cendoeira* (1) (hoje Sandoeira), *Jardoeira, Baboeira, Canoeira, Bandalhoeira, Tiroeira, Chapoeira* — provenientes dos apelidos Frazão, Galvão, Falcão, Gatão, Barão e outros terminados em — *ão*, — *ões* ou — *ôa*.

Ha muitos mais: — *Clergueira, Delgadeiras, Gosundeira* (por Gosendeira), *Parracheira, Pastaneira, Galegueira, Pinteira, Rechaldeira* (2), *Godinheira, Ermigeira, Mendeira, Gracieira, Rebaldeira, Fanequeira* (hoje Faniqueira), *Freixofeira* (3), *Rouxeira* (hoje Rocheira), *Gavinheira*, etc. (4), formados sobre os apelidos ou nomes pessoaes Clérigo, Delgado, Gosendo, Parracho (5), Pestana, Galêgo, Pinto, Richalde (6), etc.

---

(1) *Cendon, Zendoni* (e *Cendus, Zendo)* são nomes pessoaes e apelidos antigos. Cortesão, *Onom. Med.* s. vv.

(2) Com *x* por *ch* na *Chorogr. Mod.* e no *Dic. Postal.*

(3) Este nome parece provir do apelido *Frejufe*, com influencia do nome comum *freixo*, por etimologia popular. *Frejufe* é povoação nossa do Norte, donde nasceu certamente aquele apelido, e contêm o antropónimo antigo *Frejulfo* = *Fraiulfo* = *Frojulfo*, em genitivo.

(4) *Lobagueira* pertence tambem a esta classe? O censo de 1527 menciona a «Aldea da Lobageira dos Lobatos» (gei = guei), hoje na freguesia de Machial (Torres Vedras), já assim chamada tambem — *Lobageira* — em doc. do sec. XIV *(Livro de D. João de Portel*, p. 181). Ha outras povoações do mesmo nome no pais e na Galiza (Lugo) e já nas inquirições do sec. XIII figura *Lobagaria* no Norte (Cortesão, *Onom. Med.* s. v.) o que pode fazer hesitar sobre se o radical deste topónimo será um apelido. Em todo o caso deve relacionar-se mais ou menos directamente com o vocábulo *lobo*. *Lobaz* é apelido antigo em Cortesão, obra cit.; *Lobo* e *Lobato* são ainda vulgares. Sobre a formação cp. os topónimos *Palhagueira, Fumagueira, Pedregueira*, etc.

(5) Apelido que conheço de Aveiro e Ilhavo.

(6) *Richalde* e *Richarte* são formas nossas antigas do francês *Richard*. José *Richalde* Pereira de Castro era desembargador do Paço em 1763. (F. d'Almeida, *Hist. da Igreja*, IV, P. 3.ª, p. 340).

Quasi todos os topónimos referidos são tirados do censo da Extremadura de 1527, publicado no *Archivo Historico Português*, vol. VI, e pertencem ao territorio dos modernos distritos de Leiria, Santarêm e Lisbôa, ao Norte do Tejo.

A par de *-eira* foram empregados, certamente para o mesmo fim, e sobretudo tambem na Extremadura, os sufixos *-ia* e *-aria*, que ocorrem nos topónimos *Galeguia* (cp. *Galegueira), Fanadia, Freiria, Raposia, Barreiria, Goucharia, Gordaria, Rechaldia* (cp. *Rechaldeira), Touria, Pinheiria, Corbachia* (cp. *Corbacheira, Gondomaria, Rabaldia* (cp. *Rebaldeira), Pombaria, Ramalharia, Gataria, Guisandaria, Francaria* (cp. *Franqueira), Gansaria, Bofoaria, Calvaria*, — que assentam nos apelidos ou nomes pessoaes Fanado, Freire, Rapôso, Barreiros, Goucho (1), Gordo, Calvo, Touro, Pinheiro, Corbacho, Pombo, Ramalho, Franco, etc.

Em França usou-se tambem na idade media dos sufixos *-ière* e *-erie*, correspondentes aos mencionados *-eira* e *-aria* para formar topònimos derivados de nomes pessoaes ou apelidos e assim se encontram na sua nomenclatura territorial povoados com o nome de *La Martinière, La Bernardière, La Richardière, La Guillotière*, e outros com o de *La Guilloterie, La Bombarderie*, etc., que provêm de Martin, Bernard, Richard (antropónimos), Guillot, Bombard (apelidos). Os mais antigos exemplos conhecidos do uso de *-ière* para este efeito remontam aos seculos XI-XII, e os de *-erie* aos seculos XII-XIV (2).

Sobre a origem do apelido *Càmões*, que entrou em Portugal em 1370-71 com o já mencionado Vasco Pires de Càmões, fidalgo galêgo, 3.º avô do imortal autor dos *Lusiadas*, vid. Dr. Leite de

(1) O apelido *Goucho* é muito vulgar em Alcanena. Tambem sei que se usa pelo menos em Rio Maior e Alcobaça.

Ha hoje na Extremadura seis povoações de nome *Goucharia*, uma delas na freguesia e concelho de Alcanena.

(2) Vid. Jubainville, *Recherches* cit., p. 613-14; L. Berthoud et L. Matruchot, *Etude etymol. et hist. des noms de lieux habités... de la Côte-d'Or*, II, p. 8 e 9; III, p. 88-9; M. Lecomte, *Origine et formation des nomes de leeux habites de l'arrond. de Provins*, p. 84 e 87.

Alberto Sampaio (*Portugalia*, I, 286-7) já se referio a este processo de formação onomastica, mas de um modo muito ligeiro e inexacto, pois em vez de *-eira*, forma feminina do sufixo, unica que para os fins indicados acho ligada a nomes pessoaes e apelidos, admite lat. *-arius* (*=eiro*) e o exemplo que cita dos eu emprego é só *Briteiros* (no sec. X *villa Britteiros)* que não pertence á classe dos nomes em questão, representando simplesmente, a meu ver, o plural de um nome gentilico com o significado de «os naturaes ou habitantes de uma povoação chamada *Brito*». No pais ha varios lugares e uma freguesia com o nome de *Brito*».

Vasconcelos, *Lições de Philol. Port.*, 162, e *Philologia Portuguesa*, prelecção publicada no *Jornal do Comercio* de Lisbôa, de 22 de Março de 1907, 1.ª pag.

Deste nome *Càmões* tratarei tambem em outra parte.

Em Portugal ha presentemente um logarejo dito *Càmões* na freguesia de Sarzedas (Castelo Branco); uma *Herdade do Càmões*, uma *Horta dos Càmões* e uma *Quinta do Càmões*, estas na freguesia da Sé, da cidade de Évora. Todos tiraram o nome do apelido dos seus povoadores ou proprietarios.

33 — Cantanhede — Cantonha — Nomes em -êde e -ônho

Importante vila e concelho do baixo distrito de Coimbra, *Cantanhede* figura já com as formas *Cantoniedi* e *Cantonied* em documentos dos seculos XI e XII (1), *Cantonidi* no seculo XII (2), *Cantonetu, Cantonhedo, Cantanhede, Cantanedi* e mesmo já *Cantanhede* no seculo XIII (3), e daí por diante sempre com a forma actual (4).

O nome original deve ter sido *(villa) Cantonieti* «quinta da canteira ou pedreira de cantaria» — genitivo, e não locativo como se tem dito, de um substantivo colectivo em *-etum* formado sobre o lat. vulgar ** cantonius = cantonus, cantunus, canto, -onis* «lapis angularis et quodvis saxum quadratum angulare». Estas tres ultimas formas, mas não a primeira, vem em Ducange, *Glossar.* cit., com o mencionada definição.

Não encontrei ** cantonius*, mas não hesito em o admitir como derivado com o sufixo *-onius, -oneus* (port. *-ônho)* do substantivo *canto*, pedra, que foi vulgar em antigo português (ainda usado por Càmões, *Lus.*, I, 91) e existe em galêgo e castelhano, significando «qualquer bloco de pedra e em especial de cantaria». *Canteira* — pedreira, *canteiro* — lavrante e *cantaria* são derivados ainda corren-

(1) *Dipl. et Ch.*, n.os 677, 687 e 918; *Livro Preto*, copia cit., I, fl. 19 v., documento de 1168.

(2) *Livro Preto*, cop. cit., II, fl. 468, documento de 1129.

(3) Inscrição coimbran de 1282 em B. de Figueiredo, obra cit., p. 142; rol das igrejas do bispado de Coimbra de 1235-45 na T. do Tombo, Ms. da G. 19, M. 14, n.º 7; citadas inquirições inéditas de 1220-22.

(4) Rol das freguesias de 1320-21 em F. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, II, 670; censo de 1527 no *Arch. Hist. Port.*, VI, 279.

tes, *cancho* (= pedregulho, de * *cantulus)* (1) vive no Alto-Alentejo e tambem na lingua castelhana, onde outrosim ocorrem *cantal, canchal, cantizal, canchorral* (2) para indicar lugares onde ha muitas pedras maiores ou menores, pedregaes». Este ultimo nome assenta em * *canchorro,* em que aparece o sufixo peninsular *-orro.* Cp. ainda ital. *cantone* (antigo francês *canton),* pedra angular, de cantaria; e asturiano *canton,* marco de pedra.

O nome *canto* é de origem obscura, talvez céltica. Quanto ao sufixo *-oneus, -onius* vid. M. Lübke, *Gram. des l. rom.,* II, 349. Este sufixo figura em bastantes adjectivos portugueses: — *risonho, tristonho, medonho, guardonho;* e em substantivos com sentido aumentativo e pejorativo: — *vidonho, medronho — madronho* (< lat. * *maturoneus) cotonho* (Bairrada: «articulação saliente dos dedos quando se fecha a mão»; em Alcañena diz-se *catunho* < lat. * *cubitoneus), patonha* (grande pata ou pé), *caronha* (em Trás-os-Montes: caroço) (3).

Em topónimos temos: — *Cidadonha,* sitio em Val-Paços, junto ao castro de Monsalvarga (4), de *cidade; Piconha,* antigo castelo em Trás-os-Montes, segundo o *Port. Ant. e Mod.,* s. v., de *pico; Terronha,* var. *Torronha,* fonte e sitio nos arredores da cidade de Miranda (5); *Medonha,* nome de duas povoações (cp. gal. *medoña,* medorra, modorra, mamoa, < lat. *meta.* L. de Vasconcelos, *Est. de Philol. Mir.,* I, 23); *Lagonha,* lugar da antiga abadia de Castro Vicente, em Trás-os-Montes (6), talvez de *lago; Antônhas* (antigamente *Antinhas)* e *Castiçonha,* nome de dois sitios no concelho de

(1) O grupo latino *t'l* (equiparado a *c'l),* precedido de consoante, dá *ch.;* cfr. *cincho* < lat. *cinct'lu-, chincha,* rêde < lat. *cinct'la, acha* < *ast'la, macho,* instrumento de carpinteiro (e *machado)* < *mart'lu-. Cancho* vem no *Novo Dic.* de C. de Figueiredo e na *Chor. Mod.,* v, 108.

(2) Vid. estes vocábulos no *Dic. Enciclop. Espano-Amer.* (Barcelona).

(3) *Caronha* (no *Novo Dic.* de C. de Figueiredo) está por *coronha,* como *caroço* por *coroço* e a base dos dois nomes é o lat. *cor,* coração, centro, núcleo. Cp. o cast. *corazon,* fr. *coeur,* ital. *core, cuore,* que todos significam «*caroço*». Em galego, segundo o *Dic.* de Valladares Nuñez, diz-se mesmo *corozo* a par de *carozo.*

(4) *O Arch. Port.,* v, 167. O foral do velho concelho de Mós (Moncorvo) de 1162 fala, entre os limites deste, de uma «*Cidadona* Vedra de Susana». *(Foralia,* p. 391). P. Leal refere-se a um *castro da Cidadonha* na freguesia de Noura, concelho de Murça *(Port. Ant. e Mod.,* VI, p. 177).

(5) Dr. L. de Vasconcelos, *Est. de Philol. Mir.,* I, 122; P.e Carvalho, *Cor. Port.,* I, 480. A base do nome será *terra* ou *torre.* Há mais no pais: *Terronhas* e *Terronha.* Em *O Arch. Port.,* VI, 160, menciona-se uma *cidade de Terronha* em Quintela de Lampaças.

(6) P.e Carvalho, obra cit., I, 460.

Paredes de Coura ([1]), de *antas* e *castinça* (castanheiro bravo); *Mindonha*, de *Minde* ([2]). Tambem *Pedronho* podia aproximar-se do b. lat. *petrunius* «penhasco» ([3]) derivado de *petra* e que aparece em antigos documentos da Espanha, se a existencia de outro nome de lugar *Pedronhe*, a que adiante me refiro, não fizesse preferir outra etimologia.

Já na Hispania romana o nome *Tagonius* (de *Tagus* + sufixo *-onius)*, hoje Tajuña, dado a um afluente do Tejo, manifesta o emprego do mesmo sufixo.

Devo lembrar que a região de Cantanhede constitue desde remotas eras o maior centro de exploração de cantaria branca e pedra de cal da provincia da Beira. Mesmo junto á vila existem vastas pedreiras dela e a pouca distancia ficam as antiquissimas canteiras de Ançan e Outil, célebres em todo o pais. Este facto dá particular plausibilidade ao étimo que proponho.

Do nome comum *canto*, pedra, devem provir os topónimos:— *Fonte de Cantos*, já em 1181 dita *Fonte de Cantis* ([4]), granja da freguesia de Freixeda do Torrão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo; *Fonte dos Cantos*, povoação da freguesia de Proença-a-Velha (Idanha); *Cantos*, dois lugares dos concelhos de Vila Real e Penalva do Castelo; *Quinta das Cantarias*, junto de Bragança, na estrada para Mirandela ([5]). Em *Monte dos Cantos*, concelho de Monforte, se o primeiro nome está por «casal de herdade», este ultimo pode ser antes o plural do apelido *Canto*, que tem outra origem.

Na nação vizinha ha tambem, como nomes de lugares, *Canton*, *Cantero*, *Canteria de Cantos*, *Cantera Blanca*, *Canto Blanco*, etc.

No baixo distrito de Coimbra e proximidades de Cantanhede nota-se um grande numero de topónimos terminados em *-êde*, que assentam em genitivos de nomes latinos em *-etum* da especie a que pode servir de tipo o topónimo biblico *mons Oliveti* (monte do olival, ou *das oliveiras*, como tambem se diz) em Jerusalem. Eis aqui alguns:

---

(1) Narciso A. da Cunha, *Paredes de Coura*, Porto, 1909, p. 462-3.

(2) *Minde* é povoação do concelho de Alcanena, onde corre o seguinte ditado popular: — «Minde, *Mindônha* | mar sem água |, serra sem lenha | homens sem barba |, mulheres sem vergonha».

(3) Serrano y Sanz, *Noticias y doc. histor. del condado de Ribagorza*, p. 14, n. 2. Em Ducange ha *petronus* «montão de pedras».

(4) *Rev. Lusit.*, XIII, p. 5; *Rev. de Historia*, II, 185-6. Já tambem chamada *Fonte de Cantos* nos foros de Castelo Melhor de 1208 *(Foralia*, p. 897).

(5) *Instituto*, vol.?, p. 144, n.

Murtêde, nos séculos X e XI *Mirteti* e *Mortede* (1), que provêm com certeza de *villa myrteti*, «quinta do murtal».

Arazêde, nos seculos X e XI *Arazed* e *Arazedo*, século XIII *Araceti* e *Arazidi* (2), que deve ser uma primitiva *villa ericeti*, «quinta do urzal» (lat. *erice*, urze).

Eimêde, antiga povoação, hoje simples sitio deshabitado perto e ao Norte de Buarcos, no seculo XI *Alimedi*, *Alamedi*, *Alemede* (3), século XII *Haimedi*, *Aimedi*, *Eimide*, *Eymede* (4), que entendo representar uma primitiva *villa halimeti*, «quinta das salgadeiras» — nome formado sobre o lat. *halimus*, gr. *alimos*, salgadeira, planta dos terrenos maritimos e arenosos (*atriplex halimus*, L.) que abunda naqueles sitios (5).

Lemêde, povoação da freguesia de Cantanhede (6), que está talvez por *Alemede* (cp. *lameda* = *alameda*) e se formaria sobre *álemo*, *álimo*, *álamo* (pop. *almo*), nome de arvore, castelhano *álamo*, de étimo ainda duvidoso, com o mesmo sufo *-ctum* em genitivo.

Freixêde (7), antiga *villa* no Campo do Mondego, a Noroeste de Coimbra, junto de Alcarraques, hoje sitio deshabitado, nos seculos X e XI *Fraxineti* e *Freixeneti* (8), que é originalmente *villa fraxineti*, «quinta do freixial».

Aljazêde, sitio, quinta e antiga mata junto do mosteiro de Santa Maria de Seiça, freguesia de Lavos, 1 legua a N. O. de Louriçal (9), que é *Algizidi* em documento de 1175 (10) — e con-

(1) *Dipl. et Ch.*, n.os 62, 444, 805.

(2) Idem, n.os 94, 444, 658, 677; T. do Tombo, Ms. de G. 3, M. 10, n.º 17. O n.º 918 dos *Dipl. et Ch.* traz *Anazeti*, com erro certamente de *n* por *z*. No foral de Montemor-o-Velho de 1516 diz-se *Arzede*, segundo Franklin, *Mem.* cit., p. 134 e 192.

(3) *Dipl. et Ch.*, n.os 770 e 906; *Livro Preto*, copia cit., I, fl. 43 v.

(4) *Rev. de Historia*, X, 272-6; J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, III, P. I.a, 125.

(5) Cfr. Bento Pereira, *Pros. Lat.* s. v. *halimus*; Bluteau, *Vocab. Port.* s. v. *salgadeira*; Pereira Coutinho, *A flora de Port.*, p. 189; J. A. Henriques, *Esb. da flora da bacia do Mondego*, p. 116.

(6) Já dita *Lemede* no censo de 1527. O P.e Cardoso, *Dic. Geogr.*, II, p. 356 escreve *Lemeda*.

(7) Já com esta grafia em doc. do sec. XII (*Livro das kalendas*, copia cit., fl. 40).

(8) *Dipl. et Ch.*, n.os 104, 444 e 809. Creio ser o mesmo sitio uma *Frexeneda*, que aparece em doc. de 972 citado nas *Mem. de Litterat.* da Acad., VII, p. 188, *Freizenda*, *Freiseneda*, *Freixeneda* em doc. dos sec. XI e XII no *Livro Preto* copia cit., I, fl. 225 e *passim*. Mas não tenho a certeza.

(9) P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*, IV, p. 459.

(10) Viterbo, *Elucid.*, s. v. *carril*. A mata de *Algezida* (sic) foi doada por D. Afonso Henriques aos cruzios em 1162 (Bibliot. Nacional, Ms. n.º 161, fl. 69).

sidero vocábulo mozarábico formado sobre o b. lat. *gypsetum* (1) com próstese do artigo arábico *al*, como em *Alcanede, Alpedrede, Alferrarede, Almoster, Albarrol*, etc. Ha outro *Aljazede*, povoação da freguesia de Alvorge, concelho de Ansião, já com este nome no censo de 1527 (2).

Podia acrescentar ainda a este rol os nomes *Antuzêde* no concelho de Coimbra, que é *Antozede* em documento do seculo XII (3), *Antosidi* no seculo XIII (4) e *Amtosede* no censo de 1527 (cp. os topónimos *Antosido* e *Entocido); Treixêde*, ant. granja do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no termo de Monte-mor o Velho (5), *Traisedo* em documento do seculo XII (6); finalmente *Tavarêde*, freguesia do concelho da Figueira da Foz, que é já mencionada com as grafias *Tavaredi, Tavarede* e *Tavaredo* em diplomas dos seculos XI a XIII (7) — que todos devem pertencer á mesma classe, ignorando porém os nomes em que estes assentam.

Quanto a *Cantonha*, povoação da freguesia da Costa, concelho de Guimarães, antigamente *Cantonhe*, nas inquirições do seculo XIII *Cantoni* (8), o caso é outro, devendo tratar-se certamente

(1) *Gypsetum* derivado do lat. *gypsum* vem em Ducange significando «gessal, mina de gesso natural, sitio onde ele se extrae». Daquele vocábulo ou do gr. *gypsos* fizeram os árabes *jeçç*, donde o port. *giz*, cast. dialectal *algez* e *aljez* (catal. e val. *algeps*) «especie de rocha gessosa» e daqui os derivados *aljezar, aljezeria* (val. *algepsar)* «gessal». Cfr. Simonet, *Glosar.* cit., s. v. *algeps, algepsar* e *chebs;* Eguilaz Yanguas, *Glosar.* cit., s. v. *algez.*

O nosso topónimo *Algez* ás portas de Lisbôa provêm daquele ar. *al-jeçç*. Em Espanha ha *Aljezar, Aljezares, Yesar, Yesera*, etc., que devem o nome á mesma rocha. Perto de Torres Novas conheço um sitio com o nome de *Barreira da Cré*, por que a rocha é aí ou se parece com gesso-cré.

(2) *Arch. Hist. Port.*, VI, p. 243.

(3) *Livro Preto*, copia cit., I, fl. 241, v.

(4) T. do Tombo, cit. inquirições inéditas de 1220-22.

(5) *Livro Preto*, copia cit., I, fl. 260, documento do seculo XII; *Quintã de Treixede* no censo de 1527 *(Arch. Hist. Port.*, VI, 281). *Couto de Trexedi* nas inquirições de 1220-22 que tenho citàdo.

(6) M. R. de Vasconcelos, *Not. Hist.* cit., P. II, 79.

(7) *Dipl. et Ch.* n.os 770 e 907; *Rev. de Hist.*, X, 264 e 272, artigo de José Jardim; T. do Tombo, Ms. da G. 19, M. 14, n.º 7. *Tavaredo* vem em documento do seculo XII em M. R. de Vasconcelos, obr. cit., P. II, p. 79. Este nome nada tem com *Taveiro, Taveira, Tavares*, que tem aberto o *a* átono da 1.ª silaba. Em Peso da Regua ha uma *Quinta de Tavarêde (Chor. Mod.*, VII, 38).

(8) *Inquisit.*, p. 85 e 737; a p. 726 aparece o casal ou sitio de *Cantono* na vizinha freguesia de Azurêm. Na Galiza ha *Cantoña* (Pontevedra).

de uma primitiva *villa Cantonii* «quinta de um individuo chamado Cantonio».

O gentilicio *Cantonius*, que provêm de um *cognomen* Canto,-onis (< tema adjectival celtico *canto-s*, que parece significar «branco» e é núcleo de uma numerosa familia de nomes pessoaes) figura em uma inscrição romana da Peninsula (1). No seculo IV aparece com o nome *Cantonius* um bispo de Urci, na Espanha (2).

Nomes pessoaes em *-onius* são muito vulgares na onomastica da época romana (3). E foram usados tambem em larga escala na Peninsula nem só nessa época, mas ainda posteriormente — como, além dos diplomas dos seculos VIII a XI, onde são vulgares, comprovam numerosos topónimos deles derivados. Umas vezes aparece nestes o gentilicio em acusativo — a nosso ver talvez com caracter adjectival qualificando os substantivos (subentendidos ou não) *fundus, praedium, casale, colonia, villa*, etc.; outras aparece em genitivo, indicando posse e determinando os mesmos substantivos.

Sobre nomes geograficos assim formados de gentilicios, vid. Jubainville, *Recherches* cit., p. 344 e seg.

Eis alguns da citada terminação, que oferece a nossa nomenclatura territorial:

Pedronho, que, nos termos expostos, deve assentar em *(fundum) Petronium; Pedronhe* em *(villa) Petronii.*

Oronho (tambem ha *Casaldronho)* (4) < *f. Eronium* (= *Ederonium)*; e *Oronhe*, no seculo XIII *Eroni*, < *v. Eronii.*

Casconho < *f. Cosconium*; e *Casconha* < *v. Cosconia.*

Ferronho e *Ferronha*, que identicamente provêm do nome pessoal *Ferronius.*

Ordonho e *Ordonhe*, do nome pessoal *Ordonius* (5), derivado do *cognomen* romano Ordo,-onis.

Mouronho, de *Mauronius.*

Zonho (ant. *Osonio)* de *Osonius* = *Ausonius*, como disse nesta *Rev.*, XVI, p. 154 e n. 7.

---

(1) *Corpus Inscr. Latinar.*, III, n.º 4838; *Rev. Lusit.*, I, 367.

(2) F. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, I, 641.

(3) Sobre nomes em *-onius* vid. R. Mowat, *Etudes d'onom. comparée*, p. 7 e *Les noms familiers chez les rom.*. 21-2.

(4) Isto é — *Casal de Oronho*, na freguesia de Valdige (Lamego).

(5) Tambem o topónimo *Bordonhos* (S. Pedro do Sul) que é *villa de Iben-Ordoniz* ou *de Iban-Ordonis* em documentos do seculo XI *(Dipl. et Ch.* n.os 268 e 885) representa o plural de um nome composto mozárabe *Ibn-Ordonio*, ou talvez melhor, em vista das referidas formas antigas, o patronimico mozárabe *Iben-Ordóniiz.*

Da mesma forma certamente se devem explicar *Lonho, Pedonho, Sandonho* (nome de uma serra sobranceira a Vila Pouca d'Aguiar) (1); e *Carantonha,* nome que no seculo XIII e XIV tinha a actual freguesia de Telhado (Fundão) (2), de *Carantonius* (3); *Gasconha* e *Vasconha,* de *Gasconius = Vasconius* (se não são antes derivados do nome etnico *gascones = vascones* com o suf. *-ĭa); Saldonha, Arriconha, Noronha, Mendonha* (4), *Monha, Bergonha* e *Borgonha,* etc.

Da Espanha lembrarei *Logroño* (ant. *Lucronio), Toroño* (ant. *Toronio, Turonio), Bretoña* (ant. *Brittonia), Santoña* (ant. *Santonia),* etc.

Para estudo mais demorado dou uma lista dos topónimos em *-oño, -oña* que existem na Galiza, segundo o respectivo *Nomenclátor* oficial, sublinhando os que se relacionam com os nossos acima indicados e notando, desde já, que alguns podem não provir de nomes pessoaes.

Provincia de Pontevedra: — Casardoño, Artoño, *Cantoña, Loño, Medoña Picoña, Piloño, Pedroño, Torroña.*

Provincia de Orense: — Coloño, *Loña,* Piroño, Vecoña.

Provincia da Corunha: — Beldoña, Bertoña, Baroña, Brandoñas, Broño, Basoñas, Camboño, *Carantoña,* Centroña, Coroño, Dioño, *Doroña, Droña,* Foloña, Ledoño, Leroño, Lestimoño, Loroño, Loutoño, Mangoño, Mantoño, Maroñas, *Ousoño,* Ortoño, Pregontoño, Taragoña, Toroño, *Trasdoroña,* Vioña, Visantoña, Vizoño.

Provincia de Lugo: — Ferroños.

34 — Soure — Sourões

Soure ou *Soire* é nome de uma vila do distrito de Coimbra e de um rio que a banha, afluente da esquerda do Mondego.

Nos *Dipl. et Ch.,* n.º 327 de 1043, vem a doação ao celebre mosteiro da Vacariça do *monasterium Saurio,* que existia naquela

(1) Bluteau, *Vocab. Port.,* VIII, 492; *Port. Ant. e Mod.,* XI, 901 e n.

(2) *Santa Maria de Carantonha,* no rol das igrejas do bispado da Guarda de 1320-21 (F. d'Almeida, *Hist. da Igreja,* II, 700; J. G. da Cunha, *Apontam. sobre o Fundão,* p. 55). Na Galiza ha S. Martin de *Carantoña* (Corunha).

(3) Não encontrei este gentilicio, mas ha o cognomen *Caranto,-onis* bem como *Carantonus* e, a par, *Carantus, Carantius, Carantillus, Carantinus, Carantinius,* de base celtica (cfr. Jubainville, *Recherches* cit., 132, 566 e *passim;* Berthoud et Matruchot, obr. cit., II, 46; Dottin, *La langue gauloise, passim).*

(4) Casal na freguesia de Filhadela (Vila Real). *Chor. Mod.,* VII, 45.

vila, o qual figura de novo no doc. n.º 444 de 1064 sob a forma *monasterium Sourio.*

Outras grafias antigas são:

Saurium no foral de 1111 em latim e *Soyre* na sua tradução em vulgar do seculo XIV *(Foralia,* 357-8).

Castrum quod appellatur Saurium numa doação de 1112-1125 (J. P. Ribeiro, *Dissert. Chronol.,* 2.ª ed., IV, P. 1.ª, p. 176).

Opidum Saurium, Saurii castrum, opidum sauriensium na Vida de S. Martinho de Soure, que é do seculo XII. *(Scriptores,* 60-61).

Saurium, Sorum e até... *Soria* num documento pontificio de 1184 ou 1185. (M. Ribeiro de Vasconcelos, *Not. hist. do mosteiro da Vacariça,* etc., P. 2.ª, pp. 66-8).

Sauri no rol das igrejas do bispado de Coimbra em 1235-45; *Souri* em documento de 1265. (Cortesão, obr. cit.)

De acordo com o exposto, tenho para mim que a forma original deste topónimo é *Saurium* e que *Soure* resultaria do genitivo epexegetico desse nome em frases correntes e frequentes como *Saurii castrum, villa Saurii,* ou outras semelhantes.

Ha muitos casos de explicação identica: — *Dume* (Braga) que nos documentos antigos desde o seculo VI é sempre *Dumio, Dumium,* deve provir imediatamente de *Dumii monasterium* «mosteiro de Dumio»; *Peniche* assentará em * *Pennisc'lae castrum* «castro da peninha» como creio ter explicado o Dr. Leite de Vasconcelos [1] — sendo **penniscula* deminutivo de **penna,* penha. Cp. ant. cast. *peñiscola* e *peniscal,* penhasco. Citei mais exemplos no meu artigo sobre *Cantanhede.*

Considero aquele *Saurium* vocabulo pre-romano. Pomponio Mela *(De situ orbis,* L. III, cap. I) cita um rio *Saurium* no norte da Galiza, numa época em que é pouco provavel que os romanos tivessem exercido qualquer influencia na nomenclatura fluvial dessa parte da Peninsula. Pelo menos todos os outros nomes de rios do norte da Hispania, que esse autor menciona — e não são poucos — tem aspecto indigena. Aquele mesmo rio conserva o nome *Saurium* numa escritura da Sé de Mondonhedo de 985, publicada por Florez *(Esp. Sagrada,* Trat. 59, cap. 3.º, n.º 26). Chama-se hoje rio *del Sor,* separa as provincias de Lugo e Corunha e entra no mar na ria de Vares.

---

(1) Vejo agora que foi na *Rev. Lusit.,* IV, 132, onde todavia considerou * *Pennisc'lae* como locativo e não como genitivo.

Por seu lado, duas outras escrituras da Sé de Lugo se referem a *Saure* na mesma região: uma de 897 menciona *in Saure ecclesiam Sancte Marie;* outra de 998 fala de bens situados *in Saure. (Esp. Sagrada,* T. 40, apend. 19 e 24).

Em ambos estes casos se trata, a meu ver, de alguma povoação ribeirinha daquele rio *del Sor,* sendo curioso verificar como o nome primitivo em questão sofreu cá e lá um tratamento gramatical e fonético tão igual, que as formas actuaes — port. *Soure,* gal. *Sor* — se correspondem inteiramente, como a antiga.

Idêntico a *Saurium* me parece que deve considerar-se o nome da cidade espanhola de *Soria,* a qual só foi restaurada no seculo XII, mas deve ser muito mais antiga. Quanto á alteração da terminação, cp. o nome *Caurium,* que é a forma do da actual cidade tambem espanhola de *Coria,* na época romana, e *Dianium* da mesma época representado hoje por *Denia.*

Advertirei aqui que em Franklin, *Mem. para servir de indice dos foraes,* 2.ª ed., pp. 137 e 242, se menciona no termo do antigo concelho beirão de Nespereira um lugar com o nome de *Soure* da Madalena, que é errado. O nome verdadeiro é *Moure* da Madalena, na freguesia do Campo, concelho de Viseu.

Os nomes gentilicos correspondentes a «habitante de Soure» são *sourense* e, mais vulgar, *sourão = soirão.* Deste ultimo provêm os topónimos: *Sourão* ou *Soirão,* povoação da freguesia de Litêm (Pombal) chamada no censo de 1527 *Souram* (1); e *Sourões* povoação da freguesia de Alcobertas (Rio Maior) no mesmo censo escrito *Sourrãos* (2).

Ha outro *Sourões* no concelho de Abrantes, e Casal ou Monte de *Sourão* no do Crato.

35 — Souropires — Ceirogato — Soeiro

Souropires, ou *Soropires* como tambem se acha escrito, é frèguesia do concelho de Pinhel.

No rol das freguesias do bispado de Viseu, a que pertenceu, em 1320-21 chama-se-lhe «aldeia de S. Lourenço de *Soeiro*

(1) *Arch. Hist. Port.,* VI, 245.

(2) Idem, idem, 263.

Pedro» (F. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, II, 665). Deve notar-se que esse rol, na forma por que o conhecemos hoje, é tradução feita no seculo XVIII do original em latim, e naturalmente neste o nome do lugar estava escrito *Sueiri Petri* em genitivo, que devia traduzir-se «de Soeiro Pires» e não como se fez.

Do seculo XIII tenho, nos meus apontamentos, para esse topónimo a forma *Sueirus Petri*, colhida não sei agora onde.

No «Livro de todos os beneficios e comendas» de Portugal, Ms. de 1528, n.º 117 da Colecção Pombalina (Biblioteca Nacional) chama-se áquela freguesia *Soeiro Pĩz.*

Na segunda metade do XVIII o *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro (3.ª ed. Tom. III, p. 342) traz a forma *Soilo Pires*, com dissimilação do primeiro *r*.

Vê-se do exposto que *Souropires* é originariamente *Soeiro Pires*, nome pessoal e patronimico, que seriam os do fundador ou povoador inicial ou de um antigo proprietario da quinta ou casal, que serviu de núcleo á povoação. Cfr. P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*, IX, 437.

Explico a forma actual pela assimilação ao *o* inicial do *e* de *Soeiro* depois de este se tornar átono pela aglutinação do nome ao patronimico, isto é, *Soeiropires* > * *Sooiropires* > *Soiropires*, e depois *Souro-* e *Sôropires* pela equivalencia *oi* = *ou* = *ô* no falar do povo (1). Casos idênticos são *mosteiro* < * *moosteiro* < *moesteiro*; *courela* = *coirela* < * *cooirela* = *quoirella* < * *coeirela* < *quairella* (do lat. v. *quadrella*); *tartoirada*, palavra corrente na Bairrada a par de *tortueirada*, «paulada com pau tosco, arrochada» que creio assentar em * *tortuarius*, de *tortus* (cp. *tortual* e *tortueiral*), etc.

A nossa toponimia oferece tambem *Souralvo* (Águeda) que interpreto por *Soeiro* + *Alvo*; e *Sourinho* ou *Soirinho*, sitio de moinhos no concelho de Alcanêna, que em escrituras do seculo XVII se escrevia *Soeirinho*, como ainda hoje se ouve. Ha mais *Sourinho* ou *Soirinho* no concelho de Barcelos e *Soeirinho* no da Pampilhosa. O nome *Sueirino*, *Sueirinus*, *Sueirío*, deminutivo de Soeiro, aparece nos nossos documentos do seculo XIII. (Cortesão, *Onom. Med.*, s. v.)

As formas mais antigas do nome pessoal Soeiro coleccionadas por Cortesão, obr. cit., são *Suarius* e *Soarius* (doc. de 897 e 979). Logo aparece *Suerius*, *Sueirmus*, *Suero* (doc. de 983, 1016, e

---

(1) Lembro que o apelido raro *Soropita*, usado pelo primeiro editor das Rimas de Camões (1595) — Fernão Rodrigues Lobo *Soropita* — se explicaria tambem por *Soeiro* + apelido *Pita*.

1057) que representam já, com mais ou menos firmeza gráfica, a forma actual.

O étimo respectivo deve ser o lat. *suarius* (de *sus*, porco) «porqueiro, o que cuida dos porcos, o maioral dos porcos» ([1]). Cp. o sinónimo *Porcarius*, nome de um abade de Lerins (França) martirizado pelos bárbaros no seculo VIII e que a Igreja festeja a 12 de agosto; e ainda *Opilio* (em lat. «ovelheiro») nome de um cónsul romano, parceiro de Vincomalo em 453; *Asinarius* (em lat. «burriqueiro, o que cuida dos asnos») antropónimo usado na Peninsula nos seculos X e XI, segundo Godoy Alcántara, obr. cit., p. 97; *Armentarius* (em lat. «vaqueiro, pastor de gado grosso») que está no mesmo caso e pelo seu genitivo possessivo explica o nosso topónimo *Armental* (seculo X *villa Armentari*); *Abrario*, nome pessoal recolhido por Cortesão em documento de 1013, que julgo dever explicar-se pelo lat. *aprarius* no sentido de «caçador de javalís» ([2]) e pode ser origem do nosso topónimo *Abreiro* (Mirandela) etc.

O antropónimo em questão teve em Portugal bastante voga como prenome, e ainda a tem como apelido. Isto dá a razão de haver muitos lugares nossos com o nome de *Soeiro*, *Soeiros*, *D. Soeiro*, na forma feminina *Soeira* ([3]). Deve, porém, notar-se que este ultimo pode, em alguns casos, representar *Sô-eira* «sob a eira» e pertencer portanto ao numeroso grupo de topónimos do tipo de *Suatorre* sobre o qual vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 67.

Outro nome de lugar, que a meu ver o inclue, é *Ceirogato* (Oeiras) — já *Ceyrogato* na *Cor. Port.* do P.e Carvalho, III, 649 —. Julgo que esse nome é composto de *Soeiro* + apelido *Gato*, devendo então escrever-se com *S* inicial. Godoy Alcántara, obr. cit.,

---

(1) Julgamos, pois, inaceitavel a explicação que Diez (*Grammaire des lang. rom.*, trad. fr., II, 284) dá do nome *Soeiro* pelo gótico, com o sentido de «pesado»; bem como a hipótese de Mr. Lubke (*Die alt-port. person.*, p. 48), que considera *Suarius* nome germánico composto, tendo *-arius* o gótico *harijs* «exército», como 2.º elemento, mas não explicando o 1.º

(2) Cp. tambem *Lupario*, nome pessoal em documento de 1039 (Cortesão, obr. cit.) do lat. *luparius*, «caçador de lobos».

(3) Temos ainda *S. Soeiro* na freguesia do Torrão (Alcácer do Sal) apesar da Igreja não ter canonizado varão algum deste nome; — e na freguesia de Rana (Cascaes) cita o *Dic. Chorogr. de Port.* de F. A. de Matos, Lisboa, 1889, p. 812, uma povoação de *São Soeiros*. Este ultimo topónimo é, porém, em outros autores modernos escrito com mais correcção *Sassoeiros*, *Sassueiros*; no P.e Carvalho, obr. cit., III, 50, *Sessueyros*; e no censo de 1527 *Çeçoeiros* (*Arch. Hist. Port.*, VI, 257). Assim *São Soeiros* e natutalmente S. *Soeiro* são casos de etimologia popular, nada tendo na verdade esses nomes com *são* (santo) nem verosimilmente com *Soeiro*,

p. 176, dá *Seyro* como forma divergente do antropónimo *Soeiro* em documentos medievaes da Espanha, certamente galêgos. Ela resulta do lat. *Suarius*, como *esteiro*, *janeiro* de *aestuarium*, *januarius*, etc.

36 — Arosa — Arada — e outros derivados de «hera»

Arosa (de Baixo e de Cima) são dois lugares da frèguesia de S. Clemente de Basto no concelho de Celorico de Basto. A algum deles se ha-de referir o doc. n.º 755 dos *Dipl. et Ch.* — ano 1091 — o qual entre varios bens situados «sub urbis Cellorico et territorio Basto» menciona um *in Heerosa*.

Tambem nas inquirições do seculo XIII no termo desse Celorico ha referencias a *Horosa* (sic), *Heerosa* e *Herosa*, que deve ser a *Arosa* supra. (*Inquisit.*, 655, 656, 661).

Outra *Arosa* é freguesia do concelho de Guimarães. No censo de 1531 chama-se-lhe *Erosa*. (*Arch. Hist. Port.*, III, 272). As inquirições do seculo XIII mencionam na freguesia da Agrela (Fafe), que é limitrofe desta, uma herdade de certo Petro Diaz de *Erosa*. (*Inquisit.*, 78).

Ha ainda outra *Arosa* na freguesia de Lobão (Feira) cujo nome se escrevia no seculo XIII *Erosa* e *Erossa* em documentos de que tive nota presente ao esboçar este artigo, mas que por agora me desapareceu.

A gradação das formas *Arosa* < *Erosa* = *Herosa* < *Heerosa* postula assim como étimo natural destes topónimos o lat. *hederosa* «abundante de heras», subentendido um substantivo como *terra*, *villa*, *hereditas*, ou outro idóneo.

A passagem do *e* átono inicial a *a*, devida á influencia do *r*, é o mesmo fenómeno que se observa em *arvoado* < lat. * *herbulatus*, *arrotar* < lat. *eructare*, *arame* < lat. *aeramen*, *Armamar* < *Ermamar* (seculo XII), etc.

Outro derivado do mesmo nome de planta é o topónimo *Arada*, freguesia do concelho de Ovar, que em documentos do seculo XIII se escreve *Erada*, *Herada* (*Nova Malta*, I, pp. 363 e n.

e 452; *Corpus Codicum* da Camara do Porto, I, 536). Um documento do mesmo seculo sumariado nas *Dissert. Chron. e Crit.*, 2.ª ed., V, 47, chama-lhe *Hereda*, que deve ser erro por *Herada*.

Tambem *Aradas*, freguesia do concelho de Aveiro é chamada *Erada* em documento de 1219 (P.e Cardoso, *Dic. Geogr.* I, 515) assim como numas inquirições ineditas da T. do Tombo (Gav. 3.ª, Maço 10, n.º 17) e noutros documentos do seculo XIII. No rol das freguesias do bispado de Coimbra, que costumo referir a 1235-45, lê-se a forma *Eirada*.

O étimo comum a estes dois topónimos é o lat. *hederata* «povoada ou coberta de heras».

Um documento do seculo X referente a S. Miguel de *Palatiolo*, nas margens do Ave, cita um local com o nome de *Petra Ederata*, isto é, «penedo coberto de heras» *(Dipl. et Ch.*, n.º 29).

Ha mais povoações no país chamadas *Arada* e *Aradas;* mas como na lingua comum existe tambem o substantivo *arada*, «campo lavrado» será este em alguns casos o respectivo étimo e não o lat. *hederata*. Só grafias antigas poderão resolver a dúvida.

Outro tanto ha-de dizer-se para os nossos topónimos *Aral* e *Araes*, que foneticamente tanto podem assentar no ant. port. *aral*, *arale*, «terra que de novo se lavrou ou reduziu a cultura, noval», como num lat. *hederale*, «sitio onde crescem muitas heras». Este último é sem dúvida a origem dos nossos nomes de lugares *Edral*, *Eiral* e *Eiraes*.

A *hera* comum (hedera helix, L.) é planta vulgarissima em Portugal onde, além deste, se lhe dão ainda os nomes de *eira*, *ereira* = *hereira*, *aradeira* = *heradeira* e (em Trás-os-Montes) *edra* = *hedra*. Em galêgo diz-se *edra*, *hedra*, *hera* e em cast. *yedra*.

Além dos que ficam indicados devem a sua origem a essa planta mais os seguintes topónimos portugueses: — *Era*, *Eras*, *Erada*, *Ereira*, *Eireira*, *Eirosa*, *Edrosa*, *Edroso;* e talvez tambem *Areiras*, *Areda*, *Aredo*, vistos os casos *Arosa* < *Erosa* e *Arada* < *Erada*.

Quanto a *Eiroso* na freguesia de Ribas (Celorico de Basto) hesito em metê-lo na lista, porque se diz tambem *Airoso*, segundo o *Dic.* de Silva Lopes; *Airoso* se chama igualmente outra povoação do mesmo concelho, na freguesia de Vale do Bouro; e nas inquirições do seculo XIII figura o nome tópico *Aeroso*, na freguesia de Ribeiros (Fafe) vizinha da de Ribas *(Inquisit.*, 49).

Pode, pois, tratar-se aqui do adj. corrente *airoso*, «que tem

bom ar ou graça, vistoso, galante» com aplicação plausivel tanto a um local ou vivenda, como a uma alcunha pessoal. Este ultimo é decerto o caso de Casal do *Airoso* (Moura) e talvez o de *Airosa* aldeia no concelho de Estremoz.

Na nomenclatura toponimica da Espanha ha *Erosa* (Lugo e Orense), *Arosa* (Pontevedra), *Herada* (Santander), *Edrada* e *Edreira* (Orense), *Hedrada* (Oviedo), *Hedradas* (Zamora), *Hedroso* (Orense e Zamora), *Hedreiro* (Corunha), *Adrada* (Ávila, Burgos e Segovia), *Adrado* (Oviedo), *Adrados* (Leon e Segovia), *Adrales* (Oviedo), além de *Edra, Hera, Heras, Hiera, Yedra, Yedras,* nomes que pertencem todos, segundo creio, á mesma familia, devendo a sua origem ás heras.

37 — Verdemilho

Povoação na frèguesia de Aradas — concelho de Aveiro.

As formas antlgas deste nome são:

Villa de Milio em documento de 1166 *(Rev. de Historia,* X, p. 277).

Villa de Milio nas inquirições inéditas de 1220-22 (T. do Tombo, Ms. da G. 3, M. 10, n.º 17).

Villa de Milho no testamento de D. João II de 1495 *(Hist. Geneologica, Provas,* tomo II).

Villa de Milho no foral de Ilhavo de 1514 (Franklin, *Mem.* cit., p. 119 e 249).

Vila de Milho no censo de 1527 *(Arch. Hist. Port.,* VI, 277).

Verdimilho na *Corogr. Port.* do P.e Carvalho, II, 141.

«O lugar da *Villa de Milho* vulgarmente chamado Verdemilho». (P.e Cardoso, *Dic. Geogr.,* I, 514, 2.ª col. s. v. *Aradas).*

O significado original deste topónimo é, pois, «quinta *(villa)* do milho».

Cp. *Terra do Milho,* casal na frèguesia de Bugalhos (Alcanêna) e *Vale de* ou *do Milho,* nome de varias povoações do país.

Villa em próclise reduziu-se a *Vil:* — *Vil de milho* (cp. *Vil de Ferreiros, Vil de Matos, Vil de Moinhos).* Daqui veio *Verdemilho* por etimologia popular — *Verde Milho,* como tambem ás vezes se vê escrito.

A povoação está ainda hoje cercada de terras de milho.

Alcanena.

JOAQUIM DA SILVEIRA.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação da Revista Lusitana, vol. xxiii, página 107-130)

XLVII

Pão e nozes [ou *com nozes*] **sabe a casar.**

Ou: **Nozes com pão, sabe a casar.**

Var.: (Alentejo) **Passas e nozes sabe a casar** (1).

Eduardo Sequeira, no livro *Lendas dos vegetaes* (2), informa ter ouvido á gente do povo, no Pôrto, que no dia de S. Miguel *nozes com regueifa* (3) *sabe a casar.* — Cfr. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnogr.*, iii, 343.

*

A noz — diz Pedro Saintyves, no seu livro *Virgens depois do parto*, cap. 3.º (4) — teve sempre significação fálica. No Antinois, acrescenta o mesmo autor, há um dito popular, que significa, que as raparigas que nascem num ano em que a colheita de nozes é abundante, teem temperamento em demasia livre; ou, então, que em tais anos os filhos naturais são mais abundantes.

Em França há um adágio de significação idêntica, mas referido ás avelãs: *Année de noisettes, année de mariages.*

O dicionário de Bescherelle, vb. «noix», refere que entre os Romanos os jóvens recém-casados atiravam nozes ao povo, depois da cerimónia nupcial, dando assim a entender que renunciavam ás puerilidades da mocidade, para de futuro se entregarem a mais sérias preocupações. Este costume — diz ainda o mesmo dicionário — conservou-se em diversas regiões do meio-dia, onde, após a

(1) A. Tomás Pires, *Subsídios para o falklore português*, in *O Elvense* n.º 347 (de 29-v-84) e seguintes.

(2) Não possuo mais elementos de referência com relação a esta obra.

(3) Diz Leite de Vasconcelos *(Rev. Lusit.*, iv, p. 232) que «regueifa» é um pão de rôsca, que se fabrica nos arredores do Pôrto.

(4) Refiro-me a uma tradução portuguesa, de certa edição barata, ácêrca da qual não possuo outros elementos de indicação.

bênção nupcial, a jóven esposa lança, como outrora, nozes e amêndoas sôbre os espectadores.

Esta informação conjuga-se com a de Fernando Nicolay [1], segundo a qual, entre os Romanos, o noivo, antes de entrar na mansão conjugal, colocava-se diante da porta e, aos punhados, *(spargite nuces)*, atirava nozes aos rapazes, como demonstração de que desde então renunciava ás puerilidades da mocidade; ao passo que, com o mesmo intuito, a noiva oferecia as suas bonecas e mais brinquedos a Vénus, ou aos lares paternos de que se separava.

Gubernatis *(Mythologie des plantes)* fornece idêntica versão: Na maior parte das vezes, as nozes são consideradas como propícias ao casamento e à propagação da espécie e, por isso, os jóvens esposos romanos espargiam-nas pelo caminho, como símbolo evidente da fecundidade. Na Modica (Sicília) — diz ainda Gubernatis — espalham-se nozes e trigo à passagem dos jóvens noivos; na Grécia, estes distribuem nozes e amêndoas aos circunstantes; e na Rumania os assistentes à solenidade do casamento também espalham nozes.

Gubernatis cita o ditado piemontês: *Pan e nus, vita da spus* (pão e nozes são a vida dos esposos).

Nos hábitos tradicionais que acabo de enumerar, o trigo significa a abundância, certamente em virtude das extraordinárias propriedades de produção que outrora lhe eram atribuidas [2].

No já citado livro *Lendas dos vegetaes*, menciona Eduardo

---

(1) *Historia de las creencias, sepersticiones, usos y costumbres (según el plan del decálogo)* por Fernando Nicolay, vertida al castellano por Juan Bautista Enseñat — Barcelona, 1904.

(2) De uma obra intitulada *Traité historique et critique de l'opinion*, par M. Gilbert — Charles le Gendre (Paris, MDCCXLI), tômo 6.°, p. 492, extraio estas indicações: «Aucune plante n'est égale au blé pour la fertilité. Pline observe qu'un muid de froment, semé dans les meilleures terres, en rend cent cinquante; qu'on envoïa d'un canton d'Afrique à Auguste une plante de froment, où il y avoit près de *(a)* quatre cents rejettons attachés à une racine, & que du même endroit on en apporta une autre à Néron, qui avoit aussi trois cents soixante chalumeaux sortis d'un grain: que dans la Sicile, la Boeotie, & l'Egypte, les terres ordinaires rapportent cent pour un: ce qui a été observé par Théophraste dans les mêmes termes».

Diz o *Evang. de S. Mateus* (XIII, 8) que os grãos semeados em boas terras produziam uns cem, outros sessenta e outros trinta por um: *«Alia autem ceciderunt in terram bonam. Et dabant fructum, aliud centesimum, aliud sexagesimum, aliud trigesimum»*.

(a) A obra insere esta nota: «Ex uno grano (vix credibile dictu) quadrigenta paucis minùs germina: extantque de eâ re epistolae. Misit & Neroni similiter 360. stipulas ex uno grano. *Plin. lib. 18-c-10. C'etoit plus de deux mille pour un»*.

Sequeira o costume popular portuense de se comerem nozes com trigo, em dia de S. Miguel, o que dá a felicidade e a abundância.

Como vimos, pela informação de Gubernatis, em Modica (Sicília) esparge-se trigo á passagem dos noivos. Segundo Pitrè (apud Teófilo Braga, *Povo Portuguez*, I, p. 250), na Sicília não só se espalha trigo, mas também farinha, e, ás vezes, pão.

Em Portugal houve, igualmente, o costume de espalhar trigo, como se vê desta passagem de Gil Vicente, na *Farça de Inês Pereira*, representada em 1523:

LEONOR: — Ora dae-me essas mãos cá:
Sabeis as palavras? Si!
PERO: — Ensinarão-mas a mi,
Porem esquecem-me já.
LEONOR: — Ora dizei como eu digo.
PERO: — E tendes vós aqui trigo
Para nos geitar por riba?

Esta tradição conserva-se ainda em algumas das nossas províncias, segundo Alberto Pimentel, na sua edição das *Obras do poeta Chiado*, p. 92, em nota a êste passo do mesmo poeta, no *Auto das Regateiras*:

PADRINHO: — . . . .
— Digo eu, Lourenço Corigo,
que com vontade singela
recebo a vós Beatriz Varella,
por mulher.
COMADRE: — Que fazeis? Deitai-lh'o trigo.

Leite de Vasconcelos (*Trad. pop. de Portugal*, § 333, *h)* refere o costume de se lançarem açafates de grão de trigo sôbre os noivos, em Vila Cova-á-Coelheira (Beira Alta). Cfr. o mesmo A., *Ensaios Ethn.*, II, 197-202.

Em muitas das nossas aldeias é ainda costume apresentarem-se nos banquetes de casamento (onde são indispensáveis) uns bolos, em forma de ferradura, a que dão no Cadaval o nome de «bolos de casamento», e que são feitos de farinha de trigo, ovos, açúcar, erva doce e canela. Neste costume parece persistir a ideia de «abundância», atribuida ao trigo e à farinha.

O simbolismo do arremêsso de nozes nos casamentos, permanece em muitos centros rurais de Portugal, onde o noivo, ou os padrinhos, deitam confeitos aos rapazes, os quais, atraídos pela gulodice, acompanham o cortejo nupcial até á residência dos noivos.

Na *Crónica d'el-rei D. João I*, part. II, p. 17-21, cap. 9.º, narra Fernão Lopes a recepção que os portuenses fizeram áquele monarca, e diz que «... as donas, que estavam ás janellas, fallavam altamente que o mantivesse Deus muitos annos e bons, e que muita fosse sua vida e boa e outras taes rasões, e bem dizendo isto lançavam de cima muitas rosas e flores, milho e trigo e outras cousas» (1).

O espargimento de trigo sôbre o rei, significava, certamente, os votos dos portuenses pelas prosperidades e pela abundância do país, que o monarca representava.

O cronista fala também de flores, as quais, efectivamente, são o atributo da divindade alegórica a *Abundância*, que se representa sob a figura de uma bela mulher, coberta de flores, tendo na mão direita uma cornucópia cheia de flores e de frutos, a que se chama *corno da abundância* (2).

XLVIII

Ao quinto dia verás || que mês terás.

Variantes:

a) **A Lua nem sempre como pinta, quinta || ; mas, se quinta como pinta, trinta**; *b)* **Assim como quinta, pinta || ; assim como pinta, trinta**; *c)* **A Lua, como quinta || assim pinta**; *d)* **Onde quinta ||, daí trinta, || se aos nove não desquinta** (3).

Isto é: *o quinto dia da Lua é mais ou menos semelhante, quanto ao estado do tempo, aos restantes dias do mês.*

Desde remotíssimos tempos está radicada no espírito popular a crença — até certo ponto sancionada pela sciência — da acção da Lua sôbre o tempo. E ainda hoje quási toda a gente faz intervir as fases da Lua nos seus comentários e conjecturas sôbre o estado da atmosfera.

---

(1) Apud. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens e letrac*, II, 65.

(2) Veja-se M. N. Bouillet, *Dictionnaire universel d'histoire et de géographie*, vb. «Abondance».

(3) Esta variante diz-se em Guimarães, e, como se vê, exige mais que o nono dia do mês não dê indícios contrários ao quinto. (D. Leite de Castro, *Folk-Lore*, in *Rev. de Guimarães*, IV, 1887, p. 43).

Segundo Plínio, conhece-se ao quarto dia da Lua qual o tempo que reinará durante essa lunação. A êsse dia chama Vergílio *certissimus auctor.*

O escritor da obra onde encontro citados estes dois autores (1), acrescenta: «M. Vassali-Eandi a trouvé que, sur douze fois, ce prov. s'était vérifié six en 1809, sept fois en 1810, et cinq fois en 1811. J'ai trouvé le même résultat moyen, c'est-á-dire, six fois sur douze. *Quinta qualis, tota talis*».

O célebre marechal Bugeaud tinha estabelecido um sistema, que conservou o seu nome e pode resumir-se na regra seguinte: o tempo é o mesmo onze vezes sôbre doze durante toda a Lua como foi no quinto dia da Lua, se no sexto dia o tempo for o mesmo que foi no quinto; e nove vezes sôbre doze como o quarto, quando o sexto dia for semelhante ao quarto. Esta regra é inútil se o quinto ou sexto dia não se assemelhar ao dia precedente, o que sucede em outubro, fevereiro, março e abril. Nos oito meses restantes, segundo Bugeaud, a sua lei é invariável (2).

A idade-média tinha também o seu prognóstico lunar.

Era o seguinte:

Primus, secundus, tertius nullus:
Quartus aliquis:
Quintus, sextus qualis:
Tota Luna talis.

Tanto à regra de Bugeaud, como à do prognóstico medieval, a sciência não concede foros de invariáveis e positivas. A primeira até sofreu uma contestação séria da parte do sábio Buys Ballot, director do Real Instituto Meteorológico de Utrecht (3).

Franceses: a) *Au cinq de la lune, tu verras quel temps dans le mois tu auras;* b) *Au cinq de la lune on verra quel temps tout le mois donnera;* c) *La lune est périlleuse au cinq, au quatre, six, huit et vingt.*

Em Hernan Nuñez, *Refranes:* a) *La luna quinta, qual la vieres, tal la pinta;* b) *La luna como quinta, assi trinta.*

Na colecção de Bento Pereira, p. 59: *Quinta dies lunae reliquit tibi nuncia mensis.*

---

(1) *Recueil des proverbes météorologiques et agronomiques des Cévennois, suivi des prognostics des paysans Languedociens sur les changemens de temps;* par Mr. L. A. D. F. — Paris, 1822.

(2) J. A. Lopes Cardoso, *A previsão do tempo* (vol. 176 da *Biblioteca do Povo e das Escolas),* p. 48.

(3) Idem, *ibid.,* p. 48-49.

XLIX

Ladrar à Lua

Vociferar contra pessoas a quem não se pode fazer mal; fazer ameaças vãs

Esta locução tem orígem na crença popular de que os cães ladram à Lua. Do fundamento dessa crença conheço apenas a seguinte lenda, publicada no *Almanaque de Lembranças*, de 1867, p. 256: A Lua não tinha, em tempos antigos, simplesmente uma feição celeste, mas, também, outra infernal. Os cães sabem isso, e sabem também que a irmã de Apolo era a deusa do Erebo, que Diana caçadora era a Hécate de cabeça de cão e à qual se sacrificavam cães. Esta hecatombe antiga excitou, como é fácil de supor, as iras da canzoada. Transmitiu-se o ódio de pais a filhos, e hoje, que já estão extintos os sacrifícios, ainda nas horas mortas da noite os cães erguem a voz para injuriar a tríplice deusa, e vingar por essa forma a sua vélha ofensa.

Diz-se em França que os cães ladram à Lua, porque o brilho do nosso satélite lhes turva a vista. (Dic. de Bescherelle, vb. *lune*). E com isto condiz o provérbio ceiloense, incluido por Tavares de Melo no seu *Folklore ceiloense*, in *Revista Lusitana*, X, 110: *O mais luster o lumiar, o mais cachorros te ladrà.* (Quanto mais luzir a Lua, tanto mais os cães ladram).

Em França há também a crença de que os lobos uivam à Lua, e por isso se diz: *Dieu garde la lune des loups.*

Quando a Lua é encoberta por uma nuvem, dizem que foram os lobos que a comeram, para poderem entregar-se aos ataques e aos roubos. (E. Rolland, *Faune populaire, Mammifères*, p. 123.

Francês: *Aboyer à la lune.*
Hespanhol: *Ladrar á la luna.*
Inglês: *To bark at the moon.*

Cf.: *Ladros de gôzo não chegam á Lua.*

L

Pôr a calva à mostra [ou descobrir a calva] (a alguém)

Revelar os seus fracos; dar a saber os seus defeitos morais, ou as suas culpas: «Perder uma ocasião daquelas para *pôr a calva à mostra* ao clero!» (Eça de Queiroz, *Crime do Padre Amaro).*

Antigamente era desonra ser-se calvo. Era êsse o sentir do povo. No *Levítico*, XIX, 27, se vê a proibição do corte do cabelo: *Neque in rotundum attondebitis comam: nec radetis barbam.*

No livro IV dos *Reis*, II, 23, uns rapazes zombam de Eliseu, dizendo-lhe: *ascende calve, ascende calve!*

Em todos os tempos e em todas as nações — diz o Padre António Pereira de Figueiredo (1) — se teve por injúria chamar calvos aos homens.

Os povos de orígem germânica usavam os cabelos compridos, como sinal de nobreza. Daí veio, parece, a ideia de tornar infamante o corte dos cabelos, e o estabelecimento, no antigo direito penal, da pena de decalvação, em que vai filiar-se a locução *pôr a calva à mostra.*

Essa pena, que consistia em cortar os cabelos dos condenados, existiu nos códigos dos Visigodos, dos Francos, dos Árabes (pelo menos nos da Espanha) e nos dos Gregos do Baixo-Império, dos Índios e dos Judeus.

Na idade-média, o cabelo curto foi o sinal das raças degradadas. Diz a História, que D. João I, de Castela, ao ser derrotado pelos Portugueses em Aljubarrota, lamentava, sobretudo, a vergonha de ter sido batido pelos «chamorros», denominação zombeteira que os Castelhanos deram aos Portugueses, por estes usarem o cabelo cortado muito curto.

Na Catalunha, os Moiros foram obrigados a cortar o cabelo. Em Portugal, Judeus e Moiros eram também obrigados a trazer o cabelo cortado.

Em França, as Ordenações de Luís XII (1499), Carlos IX (1560)

(1) N'*A Bíblia Sagrada*, traduzida e anotada pelo mesmo sacerdote, nota ao livro IV dos *Reis*, cap. II, 23.

e uma declaração de Luís XIV (1682), expulsavam do reino os boémios, ou ciganos; e, em caso de resistência, os homens seriam mandados para as galés, de barba e cabelos cortados, cortando-se também os cabelos às mulheres

Na idade-média cortaram-se os cabelos ás adúlteras. No *Livro Velho das Linhagens*, um marido, D. Gonçalo, pelo crime de adultério «filhou sa mulher e trosquiou-a e... posea em cima d'hum sendeiro dalbarda o rostro contra o rabo do sendeiro e hum home com ella...» (1).

No *Cancioneiro da Vaticana*, em uma canção de Martim Soares, acha-se uma alusão á pena infamante da decalvação, ou tosquia:

praz-me con el, pero tregoa lhes dey,
que o nom mate, mays trosquiarey
como quem trosquia falso traedor (2).

A tosquia tem nas perlengas infantis um sentido degradante, e à criança que aparece com o cabelo cortado dizem-lhe as outras:

¿ Quem te tosquiou
que as orelhas te deixou,
por trás e por «diente»
como o burro do Vicente? (3)

Diz Teófilo Braga *(Povo Português*, I, 365) que nas aldeias as raparigas que teem o seu êrro cortam o cabelo, como por desprêzo de si mesmas.

Não há ainda muitos anos que os académicos da Universidade de Coimbra cortavam o cabelo aos «caloiros», com intuitos depreciativos e em obediência a uma tradição provavelmente ramificada na penalidade da decalvação, da qual aparece ainda outro vestígio na locução *apanhar uma tosquia* (ser censurado, criticado; ficar logrado).

Os Franceses usam a expressão: *Je veux qu'on me tonde*, como forma de juramento de uma asserção, que se não receia ver desmentida.

---

(1) *Mon. Hist.*, II, 190. (Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 263).
(2) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 264.
(3) Idem, *ibid.*

LI

A quem doer o dente, vá a casa do dentista

Antigamente dizia-se:
a) *A quem doer o dente, vá a casa do barbeiro;* b) *Quem lhe doe o dente é que procura o barbeiro.*

Em Portugal, o barbeiro acumulou durante séculos, com as funções do seu ofício, as de cirurgião, sangrador e tira-dentes. Em muitas localidades da província, ainda hoje o barbeiro desempenha estes misteres, embora disso lhe não provenha já o prestígio que em outras eras o chamava a colaborar, com o pároco e o regedor, na solução dos mais transcendentes problemas tocantes aos interêsses da paróquia.

No concelho de Leiria, e nos concelhos limítrofes (e por êsse país fora), pululam os curandeiros, a quem o povo — por afêrro à tradição — ainda chama *barbeiros*, mesmo que êles se não entreguem à indústria de *esfola-queixos*.

Nem só em Portugal os barbeiros teem desempenhado as funções de cirurgião. Segundo Luís Figuier *(Vie des savants illustres)* em França, como no resto da Europa, na época da renascença a cirurgia estava exclusivamente nas mãos dos barbeiros.

Por dignidade profissional, os médicos entregavam a sangria, o curativo de chagas e de feridas, etc., aos barbeiros, os quais com o manejo da navalha, tinham adquirido uma perícia especial. Por isso o barbeiro tomava orgulhosamente o título de *mestre cirurgião-barbeiro*, chegando a classe a formar em Paris uma corporação importante, que gozava de privilégios e de vantagens consideráveis. O *mestre cirurgião-barbeiro* recebia na sua tenda a sua dupla clientela: nobres e escudeiros para embelezar, barbear e pentear; enfermos para sangrar ou curar.

Entre os homens ilustres saidos da classe dos *cirurgiões-barbeiros*, figura Ambrósio Paré, considerado como pai da cirurgia francesa e como primeiro operador do seu tempo (1517-1590).

Da confusão das funções de barbeiro com as de cirurgião, resultou que, ao passo que os médicos, ou os físicos, eram estimados nas côrtes dos reis de Portugal, os cirurgiões eram excluidos da sociedade mais distinta e tidos quási na categoria de barbeiros, cujo ofício alguns também exerciam. Ainda em 1763 dizia o regu-

lamento do conde de Lippe, no § 4.º do capítulo XVII: «Os capitães devem contentar-se do cirurgião que segue a sua companhia, *se fizer a barba aos soldados todas as vezes que for preciso,* etc.» (V. *Panorama,* tômo VI, p. 40 (1).

Fr. Nicolau de Oliveira, no seu *Livro das grandezas de Lisboa* (Lisboa, 1620), enumerando os indivíduos das diversas artes e ofícios que havia na capital, dá notícia da existência de cento e cincoenta e três *barbeiros de lancêta, que teem tendas.*

O romance *Minha mãe mandou-me à fonte,* publicado pelo sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no seu *Romanceiro Português,* p. 16, e por êle colhido em Matela (Trás-os-Montes) em 1883, termina assim:

Ó minha mãe, não me bata
Com varas de marmeleiro,
que eu estou muito doente,
mande-me chamar o *barbeiro.*

O *barbeiro* já ali vem,
com a lancêta na mão,
para sangrar a menina
na veia do coração.

Malo hajas tu *barbeiro,*
e mais a tua navalha!
Foste sangrar a menina.
na veia mais delicada.

Hespanhol: *Al que le duele la muela, que se la saque.*

Italiano: *A chi duole il dente, se lo cavi.*

Crioulo de Cabo Verde: *Quên tên dôr de dente é que tâ bâ na casa de butecon.* (Quem tem dor de dente é que vai a casa do boticão (2).

(1) O compromísso da Misericórdia de Lisboa (1619) faz distinção entre cirurgião e físico, quando diz: «Visitarão (dois irmãos) os pobres do seu distrito, o que farão todas as semanas, provendo-os de dinheiro, e de vestido e cama... e de fisico e surgião da casa...» (Apud José Felix Henriques Nogueira, *O Municipio no século XIX,* capítulo VII).

(2) Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *O crioulo de Cabo Verde* no *Bol. da Soc. de Geografia de Lisboa,* série n.º 6, p. 325.

LII

Não dês o dedo ao vilão, || porque te tomará a mão.

Variantes:

a) **Ao vilão, || dá-lhe o dedo, tomar-te há a mão;** *b)* **Ao vilão, || dá-se-lhe o pé e toma a mão;** *c)* **Se deres o dedo ao vilão, || tomar-te há a mão.**

Num códice do século XVI: *O vilão, dae-lhe o dedo, elle toma a mão* (1).

Em António Prestes:

me praz usar do rifão:
dae-lhe o pé... (2)

«Tu tens infinda razão!
Dizes verdade: assim é.
Mas *ao villão, dá-lhe o pé,*
e tomar-vos-ha elle a mão».

(CHIADO, *Auto das Regateiras)* (3).

«E agora logo tão cedo
Quiz mostrar a condição
De rustico e de villão!
Dando-me ventura *o dedo,*
Lhe quero tomar a mão».

(CAMÕES, *Filodemo,* acto I, scena I) (4).

Hespanhol: *Al villano, dale el pie y tomará la mano.*
Francês: *Si on lui en donne long comme le doigt, il en prend long comme le bras.*
Holandeses: a) *Als men hem den vinger geeft, neemt hij de geheele hand.* (Dá-lhe o teu dedo, e êle tomar-te há a mão); b) *Geeft*

(1) Sousa Viterbo, *Subsídios para a formação do refraneiro ou adagiário português,* in *Portugália,* I, pág. 533, n.º 437.
(2) Idem, *ibid.,* pág. 521, n.º 11 *a).*
(3) Alberto Pimentel, *Obras do poeta Chiado,* pág. 78.
(4) De uma edição popular, de A. L. Leitão, Lisboa, 1880, pág. 60.

hem een talie, en hij zal een el nemen. (Dá-lhe uma polegada e êle tomar-te há uma vara); c) *Zoog ij een gek de vingers bied, 't is vreemd neemt hij de vuisten niet.* (Oferece o dedo ao rústico, e êle tomar-te há o punho) (1).

Inglês: *Give him an inch, and he'll take an ell.*

Latino: *Digitum stulto ne permittas.*

LIII

Pecados de nossos avós, || fazem-nos êles e pagâmo-los nós

O pecado dos primeiros pais passa a todos os seus descendentes, com as suas desgraçadas conseqüências.

Por causa do pecado original — assim chamado porque nós o contraímos em virtude de sermos descendentes ou originários de Adão — foi o homem condenado á morte. Todavia, não foi só o castigo que se nos transmitiu, mas o próprio pecado, a própria falta de Adão, pois seria ímpio pensar que Deus nos punia se fôssemos absolutamente isentos dessa falta (2).

Todos pecamos em Adão (3).

*

A teoria da responsabilidade dos descendentes pelas culpas dos ascendentes predominou durante séculos na nossa legislação.

As Ordenacões Afonsinas (1446), livro 5.º, título 2.º, § 29, fundando-se numa lei de D. Afonso II, preceituavam: «E no caso que a maldade seja cometida contra ElRey, assy como dito avemos nos Capitulos da primeira cabeça, honde os filhos lydemos som exclusos da herança do Padre, em tal caso todos seus filhos baroões devem ficar por enfamados pera sempre, de maneira que nunca poderom aver honra de cavallaria, nem d'outra dignidade, nem officio, nem poderom herdar a parente que ajam, nem a outro estranho que os estabelleça por herdeiros, nem aver cousa algũa que lhes seja dada antre vivos, ou leixada em testamento alguũ, ou qualquer outra postumeira voontade, salvo sendo primeiramente

(1) Estes três adágios véem em Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

(2) Francisco Spirago, *Catecismo popular católico,* tradução de Manuel Abúndio da Silva, Lisboa, 1908, 1.º vol., págs. 177 e 179.

(3) *Novo Testamento, Aos Romanos,* v, 12.

per nós restituidos aa sua primeira fama, e estado: e esta pena devem aver polla maldade, que seu Padre fez» (1).

Esta penalidade foi conservada nas Ordenações Filipinas (1603), livro 5.°, título 6.°, § 13.

O título 13.° do mesmo livro mandava queimar os culpados de sodomia e reduzir o seu corpo a pó, pelo fogo, confiscava-lhes os bens e declarava os seus filhos e netos «inhabiles e infames, assi como os daquelles, que cõmettem crime de Lesa-Magestade».

Da aplicação da penalidade aos descendentes dos criminosos de lesa-magestade, temos um bem conhecido exemplo na sentença que condenou os Távoras, e outros, como autores da conjuração contra D. José I, e que mandou fôssem confiscados os bens dos reus, derribados e picados os brazões dos que eram nobres, arrazadas a todos as próprias habitações, e decretada a *infâmia perpétua e indelével para a sua descendência e geração.*

Não sei até quando durou a penalidade. A disposição do nosso Código Penal, hoje em vigor, e segundo a qual as penas não passarão, em caso algum, da pessoa do delinqüente, encontrava-se já na Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa (1826), art. 145.°, § 19.° e no Código Penal de 1852, art. 102.°

Aludindo á penitência dos filhos pelos pecados dos pais, diz um adágio italiano, já corrente no século XVIII: *Tal pera mangia il Padre, che al figliuolo allega i denti.*

LIV

Malhar [ou bater] no ferro emquanto está quente

Variantes:

a) **Quando o ferro está acendido, | então há de ser batido;** *b)* **A ferro quente, || malhar de repente.**

A colecção de Rolland traz as duas primeiras fórmulas e insere, ainda: *Não se fará, se não se malhar no ferro, quando está quente.*

Alemão: *Das Eisen schmieden, weil es warm ist.*

Dinamarquês: *Man skal smede Jernet medens et der hedt.* (Bate emquanto o ferro está quente) (2).

---

(1) Transcrevo da edição de Coimbra, 1786.

(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

Francês: *Il faut battre le fer pendant qu'il est chaud.*

Hollandês: *Smeed het ijzer terwijl heet is.* (Bate emquanto o ferro está quente) ([1]).

Inglês: *To strike the iron while it is hot.*

Italianos: a) *Il ferro va battuto quando è caldo*; b) *Batti il ferro quando è caldo*; c) (século XVIII) *Battere il ferro mentre egli è caldo*; d) (Veneziano) *Bater el fero fin que l'è caldo* ([2]).

Latino: *Dum calet, hoc agitur.*

LV

Mais vale um gôsto, que quatro vinténs

Augusto José Vieira, no seu *Minho Pitoresco*, I, 155, escreveu: *Mais vale um gôsto na vida, que seis vinténs na algibeira.*

Como a superstição popular fazia pendurar ao pescoço das raparigas, como símbolo e penhor da virgindade, moedas de três vinténs em prata, admite Oscar de Pratt — no seu folheto *Frases feitas: Breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro* (Lisboa, 1910), pág. 10 — a possibilidade de que ás moedas de oitenta réis, cunhadas no reinado de D. João III, a crendice popular atribuisse igual poder sobrenatural. E, assim, diz Oscar de Pratt que no adágio a expressão «quatro vinténs» parece relacionar-se com a ideia de virgindade.

Não me parece aceitável a hipótese. Julgo-a, até, demasiadamente fantasiosa.

A meu ver, o adágio fala de «quatro vinténs», como poderia referir-se a 5 réis, a um vintém, a um pataco, ou a outra moeda de pouco valor. «Quatro vinténs» é uma referência a certa quantia, e nada mais.

Na locução *não vale um pataco*, — que ainda hoje se usa para ridicularizar o valor insignificante de um objecto, a pouca importância de um caso, etc., — o «pataco» aparece como moeda de pouca consideração. É natural que, para se denotar certo aprêço pela realização de um capricho, ou de uma vontade, e para se não sair da regra, geralmente seguida nas nossas locuções, de se aludir a pequenas quantias (cf. *não ter ceitil, não ter cheta, não ter vintém, não*

(1) Idem, *ibid.*

(2) Joaquim de Araujo, *Provérbios venezianos*, in *A Tradição*, IV, 12.

valer 5 réis, não valer bazaruco, não valer uma de x), a fixação do «pataco» fôsse considerada mesquinha e, por isso, elevada aos «quatro vinténs» do adágio.

Mas, o que principalmente me leva a crer infundada a suposição de Oscar de Pratt, são as duas seguintes circunstâncias: 1.ª: Ter o adágio a variante que acima transcrevi do *Minho Pitoresco*, e, ainda a variante recolhida por Delfim Guimarães no seu livro *Ares do Minho*, pág. 41: *Mais vale um gôsto na vida... que duas moedas na algibeira*; 2.ª: Existir em Roveredo (Tirol) o adágio: *Val più un gusto che cento dobele (doppie)* — que se encontra em Pitrè, *Proverbi Siciliani*, I, 11.

Tanto êste adágio como as formas portuguesas, citadas, são inteiramente inadaptáveis á suposição de Oscar de Pratt, e contéem referências de carácter puramente monetário.

Hespanhol: *Más vale un gusto, que cien panderos* (1).

LVI

Parece que se arrombou o Limoeiro! (2)

Diz-se quando se vê passar um grupo de homens mal trajados ou de aspecto suspeito; e, por gracejo, comenta-se com esta frase o aparecimento de um grupo formado por homens da nossa intimidade, ou das nossas relações.

Parece que a evasão dos presos do Limoeiro era acontecimento vulgar noutros tempos — e daí pode ter provindo a locução. Júlio César Machado, na introdução ao *Novo guia do viajante em Lisboa* (Lisboa, 1880), referindo-se aos progressos da capital e comparando-os com a civilização de tempos transactos, de que diz recordar-se, escreve: «De vez em quando vinha algum episódio

(1) [A expressão *mais vale um gôsto que quatro vinténs* foi já objecto de um estudo de João Ribeiro, nas *Frases feitas*, II, 259, e de artigos publicados na *Rev. Lusit.*, XVI, 289-299, e XX, 162, por Oscar de Pratt, por Cláudio Basto, e por quem subscreve esta Nota. — J. L. DE V.]

(2) Perde-se nas trevas dos tempos a origem dêste edifício de Lisboa, mas sabe-se que D. Fernando I o constituiu morada régia, que nenhuns paços dos nossos reis da primeira e segundas raças foram mais vezes habitados por êles, e que o Conde Andeiro foi ali morto pelo Mestre de Avis, em 1383.

Segundo Alexandre Herculano (no 2.º capítulo do seu romance histórico *Arras por fôro de Hespanha)*, aqueles paços foram conhecidos sucessivamente pelos nomes de *paços de el-rei, paços dos infantes, paços da moeda* e *paços do Limoeiro*. Tam-

justificar a lei da harmonia, e dar maior feição ao génio melodramático da quadra. Abriam-se, por exemplo, as portas do Limoeiro, e aí rompia pela cidade inteira a vasta cambada de malfeitores. Ferviam os tiros por essas ruas: tropa para um lado, tropa para o outro; daqui facínoras, dacolá soldados; vivia a cidade em sustos».

LVII

Pelo escuro da Conceição ‖ entra mais de um quarteirão

Ouvi êste adágio em Leiria, a um caçador, que me explicou: "A galinhola é caça de arribação, que vem invernar em Portugal, Hespanha, Itália, etc. Aí por Outubro chegam a Portugal as primeiras. Depois continuam entrando, mas a maior abundância chega nos princípios de Dezembro; e o povo, que liga a reminiscência de muitos acontecimentos a datas de festividades religiosas, fixa a grande entrada das galinholas pela «Conceição», isto é, pelo dia de N. S. da Conceição (8 de Dezembro). A expressão «pelo escuro» — diz o mesmo informador — é porque as galinholas viajam melhor pela lua nova, noites escuras.

Em algumas publicações avulsas (como, por exemplo, no *Diário de Notícias* de 1 de Novembro de 1908) tenho lido: *Pela escusa da Conceição, entram mais de um quarteirão.*

Variante? — Êrro tipográfico de *pela escusa* em vez de *pelo escuro*? Não sei.

---

bém se chamaram *paços de a-par S. Martinho* e, por motivo do assassinato acima referido, *palácio do Conde Andeiro*. Esta última denominação ainda hoje se emprega.

No reinado de D. Manuel I, estabeleceram-se no antigo paço a Casa da Suplicação e a cadeia civil.

Em 1775, o terremoto arruinou o edifício, que o Marquês de Pombal reconstruiu e adaptou a cadeia, conservando-se dos antigos paços apenas uma parte.

Sucessivas gerações de criminosos teem passado pelo Limoeiro. Os mais célebres facínoras, os meliantes mais audazes, os criminosos mais repelentes, por ali passaram e ali viveram. Era ali que cumpriam as penas de prisão agravadas, quando não eram acompanhadas de degrêdo e de prisão em África.

A criação da Penitenciária acabou com isso. Os condenados a prisão maior, só ali se conservam até o momento de seguirem para o seu destino. Hoje, o Limoeiro apenas serve para detenção de presos até serem julgados, e para expiação de penas correccionais. É só para indivíduos do sexo masculino.

LVIII

Parece que viu lôbo [ou que viu bicho]

Diz-se de uma pessoa muda de susto, ou com o cabelo hirto ou eriçado

É corrente a crença de que, quando um lôbo fita uma pessoa sem esta o ter visto primeiro, essa pessoa perde a fala. Segundo M. C. de Méry *(Histoire générale des proverbes*, I, 69), tal crença existia já na antiga Grécia.

Na *Romania*, X, pág. 289, M. Darmesteter menciona a mesma superstição em Plínio, Santo Ambrósio, Isidoro de Sevilha, Teócrito, Platão, Vergílio, e no Avesta (1).

Rolland *(Faune, mammifères*, pág. 13) cita a crença: «La vue d'un loup rend un houme muet». (2).

Francês: *Avoir vu loup.*

Holandês: *Hij heeft den wolf gezien.* (Êle viu lôbo) (3).

Italiano (século XVIII): *Egli ha veduto il lupo.*

LIX

Parece que vai livrar [ou salvar] o pai da fôrca

Diz-se de alguém que se apresenta muito açodado, ou que vai caminhando muito apressadamente.

Alude ao milagre de Santo António, quando êste taumaturgo, achando-se em Pádua a prégar um sermão, e sabendo, por inspiração do Espírito Santo, que seu pai fôra injustamente condenado á morte como assassino de um homem, ficou inclinado no púlpito durante algumas horas, aparecendo ao mesmo tempo em Lisboa, no momento em que seu pai ia a caminho da fôrca, e fazendo que o assassinado se erguesse na sepultura e declarasse a inocência do acusado, o qual, assim, foi restituido á liberdade.

---

(1) Apud Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, p. 187, nota

(2) Idem, *ibid.*

(3) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

Aludem ao milagre as cantigas populares:

a) Santo António já foi frade,
já foi frade, já prégou;
ao pedir as Ave-Marias
seu pai da fôrca livrou.

b) Santo António, que livraste
da fôrca a vosso pai:
de quem perdeu a vergonha
n'este mundo nos livrai.

c) Santo António é bom filho,
que livrou seu pai da morte;
bem pudera Santo António
livrar-me duma má sorte.

d) Santo António é bom filho,
que livrou seu pai da morte;
¡ó, que ditoso pai
ter um filho de tal sorte! (1)

O milagre é objecto de uma interessante lenda, que o dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo recolheu no seu *Romanceiro do arquipélago da Madeira*, e que vem transcrita a pág. 475 do *Almanaque de Lembranças* de 1896.

Cf. a comparação popular: *É como Santo António, que está em toda a parte.*

LX

Não estavam todos os Judeus na Rua Nova (2)

Recolhido por Adolfo Coelho, no seu trabalho *Pedagogia do*

(1) Transcrevo as tres últimas quadras de um artigo de J. S. F. de Lacerda Carvalho, intitulado *Das tradições populares de Santo António nos Açores*, e publicado na *Enciclopèdia das Famílias*, 10.º ano, pág. 694.

(2) A Rua Nova, cuja origem remontava quási ao berço da monarquia, era, já no tempo de D. Fernando I, a mais opulenta e formosa rua da capital *(a)* o centro da actividade comercial, freqüentado por estrangeiros de diversas nacionalidades que vinham buscar o nosso trato e comércio. Ali se encontrava a maior inten-

(a) A. Herculano, *Monge de Cister*, I, cap. X.

povo português, in _Portugália_, I, 495, onde diz que o ditado nasceu, provavelmente, de algum caso histórico.

---

sidade comercial, não só com produtos do país, mas especialmente, com artefactos de nações estrangeiras.

Em tôrno da Rua Nova — soberba das suas arcarias e da sua fonte — havia um dédalo de ruas escuras e labirínticas, que nos tempos primitivos da monarquia formavam o bairro dos judeus, e de que o terremoto de 1755 e a restauração empreendida pelo Marquês de Pombal não deixaram nem vestígios.

Durante o cêrco de Lisboa pelos Castelhanos, em 1373, a Rua Nova — outrora empório do grosso trato que já então se fazia em Lisboa com os estrangeiros — transformou-se num verdadeiro campo de peleja. Os Castelhanos, depois de saquearem a cidade, puseram-lhe fogo em muitos sítios, e a Rua Nova ardeu toda *(a)*.

Reedificada, voltou aquela rua a ter a sua antiga importância e nomeada, pois que, em 1584, o jesuíta português Duarte de Sande — encarregado de conduzir a Portugal a primeira embaixada do Japão á Europa — ao descrever, no diário da sua viagem, a cidade de Lisboa, diz: «Temos diante de nós as suas principais ruas. A primeira que se nos apresenta é a Rua Nova, a melhor de todas, por sua largura, comprimento, casas de muitos sobrados e concorrência de povo. É tanta a sua largura que, a uma parte dela distinta com grade de ferro se ajuntam todos os homens de negócio, que mercadejam com os de vastas cidades da Europa, e especialmente com os de Sevilha, Burgos, Valladolid, *Metirnia*, Veneza, Génova, e outras muitas praças. É incrível a riqueza das lojas desta rua, nas quais se encontra não sòmente grande variedade de lanifícios de todas as qualidades, mas também fazendas de seda, veludo e damascos lisos e lavrados ou bordados, em tanta abundância e qualidades diferentes, que o valor do que tais mercadores teem exposto á venda, orça pelo valor de muitos milhões de oiro. Há nesta rua, além de outras coisas, edifícios admiráveis, de tantos pavimentos e com tantos inquilinos, que não se conhecem uns aos outros, nem de cara nem de nome» *(b)*.

Em 1580, quando Portugal caiu nas mãos de Filipe II de Hespanha, a república de Veneza enviou dois embaixadores ao feliz monarca, para lhe darem os parabéns pela nova conquista que fizera. Eram êles Tron e Lippomani, que deixaram uma relação da sua viagem, na qual se lê esta referência á Rua Nova: «Quanto ás ruas em geral são más e incómodas para andar, assim a-pé como em coche, tanto é fácil, deleitosa e bela a Rua Nova, pelo seu comprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas, cheias de diversas mercadorias para uso da nobre e real povoação» *(c)*.

Camões, no prólogo de *El-rei Seleuco*, alude á «casa do boticário da Rua Nova», que, ao que parece, era um centro de cavaco e de má língua: «E diz que quem se della (a comédia) não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e

(a) V. Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, I, 243 e 251.
(b) V. Pinheiro Chagas, obra cit., IV, 250 e 251.
(c) A. Herculano, *Arqueologia portugueza — Viagem de Tron e Lippomani, Panorama*, vol. 7.º, págs. 82 e 98. (Apud Pinheiro Chagas, obra citada, IV, pág. 256).

LXI

Merecer uma Índia

Merecer a pena de degrêdo. Merecer um castigo severo

A pena de degrêdo para a Índia acha-se determinada em diversas disposições legais antigas, entre as quais o decreto de 16 a Março de 1641, contra os vadios achados nas casas de jôgo; a lei de 27 de Novembro de 1684, quanto aos que viessem do Bra-

Barreiro, ou converse na Rua Nova em casa do Boticario; e não lhe faltará que conte» *(a)*.

Os Judeus lá iam negociar á Rua Nova, como diz Júlio de Castilho, na sua *Mocidade de Gil Vicente*, pág. 62: «A Rua Nova era, com efeito, uma síntese da Lisboa mundana. Ali se via, já naquele final do século XV, o galante vistoso e aprumado, que ia mostrar-se a colear no seu cavalo magnífico; o mercador da Guiné, que ia sondar cauteloso o câmbio das praças europeias; o viajante empreendedor, aportado aqui de longes terras, de caminho para a Madeira ou para a Mina; o morgado provinciano, que ia embonecar-se aos algibeteiros e vestimenteiros de mais nome; o tratante *(b)* judeu, que ia aperceber-se do marfim ou almíscar de algália para os ir revender nos mercados de Flandres; o arrais das caravelas da carreira de Tânger, que ia avistar-se com os armadores mais de sua feição; o clérigo estudioso, que procurava livros; o especulador forense, que ia farejar ganâncias ás almoedas; a dama embiocada, que ia apreçar cassequins e brocados, águas rosadas e pivetes, ou mercar alguma peça de ourivesaria. Em suma: a Rua Nova, empório imenso, inesgotável, continha tudo quanto podiam entornar numa cidade populosa as cornucópias do comércio».

Parece não estar bem averiguado o ponto exacto onde corria a Rua Nova.

Pinheiro Chagas, na sua *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, IV, pág. 251 (nota), escreve que a rua tinha sessenta palmos na sua maior largura, fôra obra de Denis e «corria exactamente por onde hoje se estende a Rua Nova de El-rei, vulgo dos Capelistas».

Alexandre Herculano *(Monge de Cister*, I, cap. X) não é tão positivo, pois diz que a Rua Nova era pouco mais ou menos naquele sítio.

No seu livro *As muralhas da Ribeira de Lisboa*, pág, 60, Augusto Vieira da Silva esclarece que na segunda metade do século XV se abriu perto da antiga Rua

(a) *Comédias de Luís de Camões*, ed. de A. L. Leitão, Lisboa, 1880, pág. 2.

(b) Em tempos antigos, a palavra «tratante» teve o significado que hoje se dá a «negociante». Igual significação se deu ao vocábulo «traficante». Com o decorrer dos tempos, o sentido daqueles vocábulos foi-se modificando, a ponto de ambos passarem a ser afrontosos. A palavra «negociante» tende também a entrar nos domínios da sematologia, ou semântica. Já não é sem intenção depreciativa que muitas vezes se fala de «negócio» e «negociata». *Aquilo é um negócio!* — diz-se freqüentemente, para aludir a um contracto em que há trapassa mais ou menos grossa.

sil e tomassem pôrto estrangeiro sem urgente necessidade; e o alvará de 20 de Outubro de 1763, relativo aos que indevidamente usassem uniforme militar (1).

A locução *merecer uma Índia* usava-se ainda nos fins do século XVIII.

Num entremez de cordel, intitulado *O castigo bem merecido á peraltice vaidosa* (encorporado no vol. 3004, vermelho, da Biblioteca Nacional de Lisboa), o peralta Armindo, ao ser repreendido por seu tio Pantaleão, diz em áparte: «Não ha mais remedio que obedecer-lhe, se resisto sertamente prega comigo na India».

Mais adiante, Pantaleão, referindo-se ao sobrinho, exclama: «Elle o que *merecia* era *huma India*».

Noutro entremez de cordel, intitulado *As desordens dos tafues* (Lisboa, 1788, no vol. 3003, vermelho, da dita Biblioteca) há este diálogo:

SILV. — Para isto veio cá?
Ainda espero dar-lhe o premio.

LUC. — Sim, primeiro em huma India
hade deixar o esqueleto.

Presententemente, as condenações em degrêdo são para as possessões africanas, e a locução usual, eqüivalente a *merecer uma Índia*, *é merecer a costa de África.*

Nova uma nova rua, a que se deu o nome de Rua Nova de El-rei. Á antiga Rua Nova passaram a chamar Rua Nova dos Mercadores, e é do ano de 1481 o primeiro documento em que aparece assim designada. Baseado numa das estampas que ilustram a obra, conclui o autor que a Rua Nova atravessava em diagonal da Rua de S. Julião para a Rua de El-rei (Rua dos Capelistas, hoje Rua do Comércio) pelo sítio em que agora estão prédios, havendo por isso tanta razão para dizer que ocupava de uma, como da outra das citadas ruas.

Informa a mesma obra que é geralmente atribuida a D. Denis a abertura da Rua Nova, e que a carta de contracto para a factura do muro, datada de 1294, é talvez o mais antigo documento que a menciona.

(1) V. Joaquim José Caetano Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, pág. 123, 151 e 184.

LXII

Matar o bicho [ou o bichinho] do ouvido [ou da orelha] (a alguém)

Importuná-lo com rogos, instâncias, queixas, lamentações, insinuação de uma ideia, etc.:
«Anda-me aqui há dois meses a *matar o bicho do ouvido* com a mesma cega-rega: que é infeliz, que nunca teve sorte...»

(Barros Lobo, *Tristes*).

Nota curiosa:

«As orelhas estão postas sobre os ossos petrosos, e são feitas de cartilagem, para instrumento do ouvir; e em os animaes, que tem orelhas, se lhe acha dentro dellas hum bicho a que o vulgo chama bicho do ouvir; e destes bichos carecem os homens, segundo opinião dos mais dos authores, os quaes negão tal haver; e por isso affirmão que as creaturas os não tem».

Êste trecho lê-se a pág. 54 de um livro intitulado *Tesouro de Lavradores*, por Alexandre Dias Ramos. O exemplar que consultei não tem frontispício, o que me inibe de citar a edição. As licenças do Santo Ofício são dos anos de 1734 a 1737. Vendia-se na Rua Nova, na loja de João Carvalho.

Cf.: a) *Quebrar o bichinho do ouvido a alguém*; b) *Quebrar os ouvidos a alguém.*

LXIII

O hábito não faz o monge

Não devemos formar conceito de alguém pela posição que ocupa, pelo trajo que veste ou pelos modos que inculca; não nos devemos regular pelas aparências.

Êste adágio foi apresentado pela senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos como já corrente no século XIII: «Dice S. Geronimo: *el monje faze el habito, ca non el habito al monje*». (1).

Num códice do século XVI: *O hábito não faz o frade* (2). É esta, também, a forma registada por Bento Pereira.

---

(1) Apud Pedro A. de Azevedo, in *Rev. Lusit.*, x, pág. 161.

(2) Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, pág. 534, n.º 540.

Primitivamente o adágio empregou-se para exprimir que um simples noviço ainda que revestido do hábito da ordem, não podia gozar um benefício regular.

Lê-se no *Dictionnaire Universel*, de Furetière (Rotterdam, 1708) vb. «moine»: — «On dit aussi, que *l'habit ne fait pas le Moine*; pour dire, que ce n'est pas assez de prendre un habit de Moine, il faut aussi vivre selon sa Regle. Ce proverbe est ancien, & se trouve dans le Roman de la Rose, & vient de la question qu'on a agitée autrefois, s'il suffisoit du Noviciat & de l'habit pour être capable d'un Benefice Regulier. Il a été jugé que non, & qu'il faut être Profés: ce qu'on doit entendre pour les collations ordinaires; car il en vient plusieurs de Rome *pro cupiente profiteri*, ce qui oblige seulement à se faire Moine dans six mois».

Esta versão é reproduzida, quási textualmente, por M. C. de Méry (1), e perfilhada por L. Martel no seu *Petit recueil des proverbes français*, § 327.

Francês: *L'habit ne fait pas le moine.* (Segundo o dicionário de Bescherelle, vb. «moine», êste provérbio é uma imitação do antigo: *La robe de lin ne fait pas le prêtre).*

Hespanhol: *El habito no hace al monje.*

Ingleses: a) *All hoods make not monks;* b) *'Tis not the cowl that makes the friar.*

Italianos: a) *L'abito non fa il monaco;* b) (Siciliano) *La tonaca nun fa lu munacu* (2).

Latino: *Vestimenta pium non faciunt monachum* (3).

LXIV

Ser da companhia do ôlho-vivo

Andar associado com outras pessoas para a prática de roubos

Esta locução alude a uma companhia de ladrões, altamente relacionados, que no tempo de D. José I se entregavam á indústria da falsificação de letras, de obrigações de dívida e de outros documentos. A companhia chegou a ser poderosa. Tinha delegados nas nossas principais possessões ultramarinas e, até, nas praças estran-

(1) *Histoire générale des proverbes*, (Paris, 1828-29), II, pág. 314.
(2) Pitrè, *Proverbi Siciliani.*
(3) Colecção de Bento Pereira.

geiras. Sacava letras, falsificadas com tanta perfeição, que eram logo prontamente pagas em toda a parte; e, quando o não fôssem, a companhia recorria com o maior descaramento aos tribunais, compelindo os supostos devedores a pagar judicialmente.

Em 1753, tendo a companhia praticado roubos que montavam a centos de contos de réis, a justiça fêz uma devassa, sendo indiciados e presos José Nicós e vinte e dois seus camaradas. Uns foram condenados á morte e outros a degrêdo, excepto dois, que foram absolvidos.

LXV

Estão verdes... ou Estão verdes, não prestam...

Diz-se para ridicularizar o desdém de outrem por uma coisa que êle deseja mas não pode obter.

A primeira forma emprega-se, também, para significar que alguém não possui merecimentos, habilitações, idade, ou qualquer outro predicado necessário para obter aquilo que supõe poder conseguir.

Estão verdes... diz a raposa, da fábula de Lafontaine *A raposa e as uvas*, falando das uvas pendentes de uma parreira e ás quais ela não podia chegar. É o tema da fábula clássica *Vulpes et uva*, e ao qual as locuções aludem.

Alemão: *Die Trauben sind sauer, sagte der Fuchs.*

Franceses: a) *Ils sont trop verts;* b) (século XV) *Ainsi dist le renard des mures quand il n'en peult avoir: elles ne me sont point bonnes* (1); c) (século XVIII) *Il fait comme le renard des mûres.*

Hespanhol: *Agrillas eran, dijo la zorra.*

Hollandês: *De druiven zijn zuur, sprak de vos, maar hij kon er niet bij.* (As uvas estão agres, disse a raposa, quando não podia chegar-lhes) (2).

Ingleses: a) *Foxes, when they cannot reach the grapes, say they are not ripe;* b) (Escócia) *Soor plums! quo'the tod, when he couldna climb the tree* (3).

Italiano: *La volpe dice che l'uva è agresta.*

Em Hernan Nuñez, *Refranes: Assi dixo la zorra a las vuas no pudiendolas alcançar, que no estãuam maduras.*

(1) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*
(2) Idem, *ibidem.*
(3) Eugène Rolland, *Faune Populaire de la France.*

LXVI

Essa é de cabo de esquadra!
ou Essa é de Oeiras!

Diz-se para comentar um grande desconchavo ou asneira, que outrem profere, ou faz:
«Essa agora *é de cabo de esquadra!* Queres levar luz para servir de chamariz? Sempre discorres como a tua cara!»

(AUGUSTO SARMENTO, *Contos ao Soalheiro.*

O dicionário de Fr. Domingos Vieira explica que estas locuções provêem de «serem os cabos de esquadra oficiais de bem pouco saber, mas já com fumos de comando».

Conta José Daniel Rodrigues da Costa, no seu *Almocreve das Petas* (1798-1799), vol. I, parte III, que um cabo de esquadra, tendo sabido que seu pai morrera em Oeiras e não lhe deixara nada, fôra áquela localidade para tomar satisfação ao pai, e que desta asnática resolução nasceram as locuções *essa é de Oeiras e essa é de cabo de esquadra.*

Cf. *razões* [ou *lógica] de cabo de esquadra.*

No mesmo sentido dizem os espanhóis: *Eso no se le ocurre ni al que asó la manteca.*

LXVII

Esperar pelo homem das botas

Esperar por uma pessoa que jámais chegará, por uma coisa que nunca poderá aparecer, por um acontecimento que nunca se poderá realizar.

Segundo a lenda, uma mulher casada, que se via desprezada pelo marido, recorreu a uma Moira para fazer que aquele voltasse ao bom caminho. A Moira aconselhou a inditosa consulente a obter uma hóstia consagrada. A mulher foi á igreja de Santo Estêvão, em Santarém, a horas de não ser vista, e do sacrário tirou uma hóstia, que, embrulhada numa baeta, levou para casa. Uma vez ali, foram ouvidos cânticos e vistas luzes, anjos em adoração e uma arca aberta, onde a hóstia estava entre um resplendor de brilhante luz.

Propagou-se a notícia do milagre, e os padres de Santo Estêvão recolheram a divina partícula e começaram as festas.

A hóstia estava manchada de sangue, pela ofensa feita de ter sido subtraida e transportada para fins de bruxaria..

Os padres questionaram depois a posse da hóstia. Queriam-na os Dominicanos, queriam-na os padres de Santo Estêvão, e, finalmente, exigia a sua posse a freguesia da mulher que a subtraira. Por fim ficou com a sagrada hóstia, por decisão episcopal, á igreja de onde havia sido subtraida.

Quando os Franceses, no princípio do século XIX, invadiram o nosso país, assaltando e roubando tudo quanto podiam, os Santarenos, receiosos de que êles lhes arrebatassem o Santo Milagre, levaram-no em segrêdo para a capela do patriarca, no palácio da Mitra, em Marvila, próximo do Poço do Bispo.

Após a retirada dos Franceses, em 1811, os Santarenos quiseram reaver o Santo Milagre, mas, dizia-se, os Lisboetas não consentiam.

Uma bela manhã, em 30 de Novembro de 1811, nas esquinas de Lisboa apareceu o seguinte anúncio:

Noticia ao publico

Um oficial do exercito britanico, tendo apostado 500 libras esterlinas, que hade passar á travessa do rio Tejo na segunda-feira que vem, á uma hora depois do meio dia, em um par de botas de cortiça, principiando o seu passeio pela Torre de Belém, e d'ahi á Torre Velha. Estas botas são de uma construcção admiravel e curiosa; foram inventadas pelo mesmo official que faz o passeio.

Lisboa

Na officina de Joaquim Thomaz d'Aquino Bulhões, 1811. Com licença do desembargo do paço.

Na segunda-feira, 2 de Dezembro de 1811, o dia designado no aviso, todo o povo de Lisboa correu a Belém para ver o *homem das botas*; e, então, os Santarenos, que tinham arranjado aquele ardil para distrairem as atenções do Santo Milagre, meteram-no em uma falua e foram-se Tejo acima até Santarém, deixando o povo de Lisboa á espera do *homem das botas*.

A partida tem graça e revela engenho dos Santarenos, mas maior ainda êle é se se disser que os Lisboetas não se opunham a que êles levassem o milagre, mas que os Santarenos fingiram êsse

mêdo, que não tinham, para não fazerem grande despesa com a condução da relíquia sagrada com grandeza e pompa.

*

O *homem das botas* já tivera um predecessor, no século XVI, como se vê de um memorial dirigido a D. João III por um tal João Rodrigues, homem habilidoso e que oferecia o seu préstimo em muitos serviços de utilidade pública, o qual, dizendo ter descoberto o meio de extrair objectos do fundo das águas, acrescenta que *dará ordem como vá hum homem abaixo até estar lá espaço que possa fazer o que for necessario.* Imaginando que sua alteza o não acredite e lhe ponha objecções, pondera João Rodrigues que *não é este o caso do homem de Alcochete, que afiançára vir a Lisboa por baixo de agua* (1).

*

Caminhar sôbre as águas com botas especiais não é já hoje uma utopia, mas sim uma coisa absolutamente realizável, a dar-se crédito á seguinte notícia, inserta na fôlha parisiense *Le Journal*, de 16 de Abril de 1914: «**Bottes pour marcher sur l'eau.** *Berlin (par le fil spécial). — L'inventeur Joseph Keiler* a expérimenté avec succès des bottes pour marcher sur l'eau, et en compagnie du sous-officier Schnabel, du 1.er bataillon du génie, il a couvert en trois heures trente minutes une distance de 20 kilomètres sur le lac de Chiem, en Bavière».

Não sei se trata da mesma invenção, ou de outra semelhante, a seguinte notícia-reclamo publicada no jornal *A Imprensa* (2), de 30 de Junho de 1919: «**Andar sôbre as ondas.** Estamos decididamente na época das grandes realizações. O que não passava dos domínios do milagre ou da fantasia é hoje uma realidade. O caminhar sôbre as ondas de personagens bíblicas ou do homem das botas de cortiça encontra a sua verosimilhança na *idro-sky*, uma espécie de piroga minúscula, que se calça nos pés e nos permite pôr a caminho sôbre a água. Em Roma isto já é hoje um género de *sport.* As fotografias que mais flagrantemente reproduzem os

(1) Sousa Viterbo, *Escafandros*, in *Serões*, III, 16.
(2) Publicou-se temporariamente em Lisboa, por ocasião de uma grève do pessoal gráfico de todos, ou de parte, dos jornais da capital.

últimos exercícios de andar sôbre as ondas veem na *Ilustração Portuguesa* de hoje, que também publica etc.»

*

Segundo os Evangelhos, Jesus Cristo e S. Pedro andaram sôbre as ondas, em ocasião de grande tempestade, no lago de Genezaré. (*S. Mateus*, XIV, *S. Marcos*, VI e *S. João*, VI) — o que destitui de toda a novidade as subseqüentes excursões sôbre as águas — com botas ou sem elas.

LXVIII

Pelo sim, pelo não, || leva o chapelão

Variante:

Pelo sim, pelo não, || leva o teu gabão

Diz-se para prevenir alguém de que se acautele, para não ser iludido na sua boa fé

Com relação á primeira forma, ouvi no Cadaval a seguinte versão:

As raparigas de certa aldeia eram todas bonitas, mas de reputação muito duvidosa. Por isso, quando se efectuava algum casamento, o noivo levava na cabeça um enorme chapéu (o «chapelão»), para ocultar os vestígios que o mau procedimento anterior da noiva podesse produzir...

Na aldeia havia apenas uma rapariga tida por honesta e, como tal, respeitada por toda a gente.

Começou a cortejá-la um rapaz, a quem todos os outros olhavam com inveja, por ser o único da terra que não precisava de «chapelão».

Chegado o grande dia, e estando os noivos já prontos para irem para a igreja, a noiva reparando que o rapaz, ao contrário do uso da terra, levava um chapéu muito pequeno, disse-lhe: *Pelo sim, pelo não, leva o chapelão.*

A história da variante *pelo sim, pelo não, leva o teu gabão*, é muito semelhante á anterior, e encontro-a narrada por A. de Jesus e Silva em *O Povo de Pôrto de Mós*, de 31 de Dezembro de 1914.

Eis a sua súmula:

Um páraco, sabendo que na sua paróquia as mulheres conspurcadoras da honra de seus maridos se contavam ás dezenas, disse á missa conventual que, por ordem superior, intimava os seus fregueses a quem as mulheres não fôssem fiéis, a irem no domingo seguinte á missa, de capote, sob pena de 10:000 réis de multa.

Á noite, á lareira, José da Silva Ramos disse á mulher:

— Já que temos vagar contemos os que irão de capa á missa, principiando na nossa rua. O José da Estima terá de levar capote, porque a mulher arreganha a taxa para o mestre-escola. O Manuel da Bernarda terá de levar capa, porque a mulher faz muitas festas ao boticário. O João da Henriqueta irá de capa, porque a mulher foi á feira e o estudante comprou-lhe lá um cordão. O Aniceto... (era o paroquiano que se seguia ao Ramos).

— E Ramos, observa a mulher.

— Então se errâmos, diz o marido, contemos outra vez.

E começou de novo pelo José da Estima; e, ao passar pela sua porta e dar o salto para casa do Aniceto, diz outra vez a mulher:

— E Ramos.

Responde o marido:

— Tornemos a contar.

Três ou quatro vezes a mulher lhe disse — E Ramos — sem que o homem percebesse a alusão, até que ela lhe falou assim:

— Pelo sim, pelo não, leva o teu gabão, não queira o diabo que pagues alguma condenação.

E no domingo seguinte, José da Silva Ramos lá foi a caminho da igreja, *diademado* como o José da Estima, o Manuel da Bernarda, o João da Henriqueta e o Aniceto, e, como êles, levando nos ombros o seu capote.

*

Bohn, no seu livro *A polyglot of foreign proverbs*, cita esta forma hespanhola, similar: *Por si ó por no, señor marido, ponéos la capilla* — e explica que a mulher assim respondeu ao marido quando êste lhe disse que uma lei nova determinava que todos os maridos «cucos» usassem capuz.

LXIX

Pedra movediça [ou roliça] não cria bolor

Variantes:

a) Pedra movediça, não cria musgo; b) Pedra movediça || nunca môfo a cobiça; c) Pedra movediça nunca ajunta limo; d) Pedra muito bulida não cria bolor; e) Pedra quêda, musgo cria.

Num códice do século XVI: *Pedra movedissa não cria musgo* (1).

Alemão: *Wälzender Stein wird nicht moosig.*

Dinamarquês: *Den Steen der ofte flyttes, bliver ikke mossegroet.* (Pedra movediça não ajunta musgo) (2).

Francês: *Pierre qui roule n'amasse pas mousse.*

Hespanhol: *Piedra movediza, nunca moho la cobija.*

Holandês: *Een rollende steen neemt geen mos mede.* (Pedra roliça não ajunta musgo) (3).

Inglês: *A rolling stone gathers no moss.*

Italiano: *Pietra mossa non fa muschio.*

LXX

Apanhar um bico (4)

Embriagar-se.

Hespanhol: *Pillar un lobo.*

Loures, Março de 1922.

José Maria Adrião.

(1) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, pág. 533, n.º 472.

(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

(3) Idem, *ibid.*

(4) Ocorreu-me os seguintes sinónimos de «bico», ou «bebedeira», que se empregam em locuções semelhantes: *mona, moafa, peruca, pifão, piela, carraspana, cardina, opa* (Minho), *caroça* (Minho), *borracheira, cabeleira, gata, gateira, gatosa, berzundela, perua, nena, piteira, cachorra, pisorga, tachada, tiorga, touca, turca, açorda, raposeira, trabuzana, broega, chiba, camoeca, tósguinha, tertúlia, resina* (cf. *estar enresinado) bêbeda (estar com a —), veneno, graxa, grossura, borrasca, marnoia, carapanta, rôsca, zangurriana, senisga, gimbrinha, osga, ardinosa, cega, morrinha, cegonha.*

Toponimia árabe de Portugal

Com êste título, ambicioso, publiquei há muitos anos [1] um estudo sôbre alguns nomes de lugar de origem árabe. Dou a seguir alguns mais [2].

Açumar. Vila do c. de Monforte. Êste nome significa em árabe «o junco», «lugar onde há junco», «junqueira», como *Alfeizirão* e *Adiça* [3]. É o junco usado no fabrico das esteiras. É *Santa Maria do Açumar* em Fernão Lopes [4]. A escrita *Assumar* é incorrecta.

Adiça. Nome de uma mina de ouro no c. de Almada, na Fonte da Telha, em exploração desde D. Sancho I até D. João III [5]. Nome também de um lugar do c. de Moura, hoje mais conhecido por Sobral ou Aldeia do Sobral; e ainda da serra assim chamada do dito lugar. É vocábulo árabe, *addiça*, nome de certa espécie de «junco», comestível para os cavalos e utilizável para cordoaria: é a gramínea «ampelodesmos tenax», vulgaríssima em todo o norte de Africa.

Num documento de 1310 êste nome tem a forma *Aldiça*: «Carta a favor de... que tinha a villa de Almada em razão do abuso que faziam do seu privilegio em prejuizo daquella villa os da Aldiça» [6]. Esta palavra existe também em castelhano como nome comum, *aldiza* [7]. Nos dois casos o *l* não é etimológico, mas intercalado por analogia com o vocábulo *aldeia*, segundo parece.

---

(1) Em 1902, na *Revue Hispanique*, t. IX.

(2) Títulos completos de algumas obras citadas abreviadamente: Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes*; Dozy e Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*; Sousa e Moura, *Vestigios da lingua arabica em Portugal*. Os *Portugaliae Monumenta Historica* são citados pelos títulos das colecções que os formam: *Scriptores*, *Leges* e *Diplomata et chartae*.

(3) Dozy, *Supplément*, I, p. 682.

(4) *Crónica de D. João I*, cap. XCVII e *Crónica do Condestabre*, cap. XXIX.

(5) José Bonifácio de Andrade e Silva, *Memórias da Academia*, V, P. I, p. 151.

(6) João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, V, p. 391.

(7) Dozy e Engelmann, *Glossaire*, p. 97.

Alafões. Já estudei êste nome [1], mas volto a êle para completar a explicação que dei. É realmente o dual árabe *Alahauān(e),* «os dois irmãos», nome de dois castelos fronteiros, perto de Viseu. Outras designações geográficas da mesma natureza: na margem direita do Reno há dois castelos *Liebenstein* e *Sternberg,* perto de Caub, a que chamam *Die Brüder;* na província de Sevilha há também uma povoação com o nome de *Dos Hermanos,* como junto de Tremecém (Argélia) havia uma fonte e um monte chamado *Açahrahān(e),* «os dois penedos».

Formas antigas: *Alahobeines, Alahoen, Alahouen, Alahoein, Alafoeis,* etc.

De *Alahauān(e)* formou-se regularmente o singular *Alafom* (e *Alafão),* com a passagem de *h* para *f* e *-uān* para *-om,* segundo uma lei fonética que hei de dar oportunamente (como *od-* de *uād,* em *Odeleite, Odemira,* etc.) O *a* que precede *-om* deve ter sido absorvido no *o.* O nome *Alafom* deve ter sido dado a cada um dos castelos separadamente, e aos dois conjuntamente deve ter-se aplicado o plural, isto é, *Alafões.*

Alcáçovas. Do árabe *alcaçba,* pronúncia vulgar do clássico *alcāçaba,* que está no vocabulário comum com a significação de «cidadela», e significa também, como aqui, «cana». O *s* é acrescentado como em *Algeciras,* em Espanha.

É vila do distrito de Évora. Cf. Canas de Senhorim.

Alcochete. Plural árabe *alcoxete:* o s. é *alcoxa,* «forno». Vila do Ribatejo. Ainda hoje ali há fornos de cal. Cf. Fornos de Algodres.

Alfafar. Nome de povoação do c. de Penela. O foral de Germanelo [2] fala de uma «fonte de Alfafar». Do árabe *alfahār,* nome de ofício, «oleiro». Com mudança de *h* em *f,* como é de regra. Existe em espanhol na forma actual *alfahar* [3]. Na nossa toponímia é muito freqüente o nome *Oleiro.*

Alfeite. Segundo creio, é o vocábulo latino *filictu,* forma portuguesa antiga *feeito,* hoje *feto:* nome de planta, comum, e por isso recebeu o artigo árabe. Há muitos exemplos destas formações na

(1) *Toponímia,* p. 15.
(2) *Leges,* p. 433.
(3) Dozy, *Glossaire,* p. 100.

toponímia e na língua comum: *Almostèr*, *Alporão*, etc. Perdeu o *o* final porque tal terminação não existe em árabe. Normalmente os vocábulos árabes terminam em consoante, à qual as línguas peninsulares juntam ora *e*, ora *a* ou *o*, conforme o nome é feminino ou masculino, ou se a consoante é *n* converte-se em ressonância nasal. Assim, os Árabes peninsulares chamavam ao *lobo lub (lup)* e êste termo conservou-se em *Guadalupe*, «rio do lobo», povoação da província de Cáceres, Espanha. Outros exemplos: *Rudericu* é em árabe *Luderic*, *Mondecu* é *Mondec*, etc. Edricí tinha um modo particular de representar êste *o* nos nomes peninsulares (1).

Alfeizirão. Povoação do c. de Alcobaça. É o nome árabe *al-fēzeran(e)* por *alfēzuran(e)*, forma clássica, que significa «a cana», ou lugar onde ela abunda. Os *ee* ditongaram-se em *ei* e *-ān(e)* deu *-ão*, segundo a regra. A gente do lugar chama-lhe, de facto, *Alfeizeirão* («pão de ló de Alfeizeirão»), mas o *ei* da sílaba *zei* deve condensar-se em *i*, como sucedeu com *Leiria* e *Iria*. Ver *Trafaria* (2).

Assim se chamava a mãe do califa abácida, Harune Arraxide. As mulheres muçulmanas tomam muitas vezes nomes de plantas, de flores, de pedras preciosas, etc.

Algez. Assim se deve escrever êste nome de localidade do c. de Oeiras e arrabalde de Lisboa. «Reguengo de Alguez», diz um documento de 1305 (3), mas «Reguengo de Algez» num de 1318 (4) e noutro de 1545 (5) e em muitos outros.

Do árabe *algeç*, «gipso, pedra de gesso», que é o latim *gypsu*, o qual parece ser o étimo do vocábulo árabe citado. Em castelhano é nome comum com esta mesma forma e significação. Junto de Fez havia uma pedreira dessas, de *algeç* (6).

Algodor. Do plural árabe *algódor* (s. *gadir)*, com deslocação de acento, natural em nomes acabados em *-or*: sinónimo de *alverca* que também está na topomínia portuguesa. Nome de lugar em Por-

---

(1) Nosso estudo *Os Arabes nas obras de A. Herculano*, p. 39.

(2) Pina na *Crónica de Afonso V*, cap. XLV, escreve *Alfazeirão*, forma hoje vulgar.

(3) João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, V, p. 382.

(4) *Arqueólogo português*, XVIII, p. 73.

(5) Sousa Viterbo, *Diccionario dos architectos*, III, p. 126.

(6) Bel, *Zahrat el-Âs*, p. 65 da tradução.

tugal (c. de Mértola) e em Espanha (estação do caminho de ferro Badajoz-Madrid, onde começa o ramal de Toledo).

Algodres (Fornos de). É, talvez, êste mesmo vocábulo sem deslocação de acento e com acrescentamento de *s* de pl. português.

Algueirão. Povoação do c. de Sintra. É o plural árabe *alg(u)erãn(e)*, do singular *algar*, «cova, gruta, barranco». Na forma do s. é nome comum e da topomínia em Portugal. Esta deu nome ao cabo do sul da Andaluzia, *Trafalgar*, isto é, «ponta do algar». Na forma portuguesa do pl. o *e* ditongou-se como em *Alqueidão*, *Azeitão*, etc. A desinência *-ān(e)* dá *-ão* normalmente. É nome de lugar na Tripolitânia (1).

Almacave. Nome de freguesia da cidade de Lamego. Do árabe *almacāber*, que significa «cemitério» e deu na linguagem comum *almocáver* e *almocóvar* (2). Em Almeria os cemitérios ainda hoje se chamam *macabes*. Como é sabido, os Mouros e os Judeus tinham os seus cemitérios fora das povoações.

Almafala. Era o nome antigo do que hoje se chama «a Graça», em Lisboa. Dizem-no João de Sousa e Moura (3), mas sem citar fonte, e Herculano (4). Êste nome e a sua variante *Almofala* são vulgares na toponímia do nosso país, mas hoje só na forma última. A uma herdade de «Almafala» se refere um documento de 1221 (5); mas já aparece esta forma num diploma de 907 (6). No Egipto havia uma povoação dêste nome (7).

Do árabe *almahalla*, com passagem de *h* para *f*, segundo a regra: significa «arraial» (ou «acampamento») e também «aldeia»; e é talvez esta a significação que convém a êste nome. No *Cantar de Mio Cid* (8) e em *Leges* (9) a forma mais freqüente é *Almofala*, no primeiro sentido. Em Marrocos designa o bairro dos Judeus,

(1) Nallino, *Norme per la trascrizione italiana...*, p. 34.
(2) *Elucidário*, I, p. 65; Dozy e Engelmann, *Glossaire*, p. 168.
(3) *Vestigios*, p. 54.
(4) *Lendas e Narrativas*, I, p. 92, da 12.ª ed.: «vinha de Almafala».
(5) *Leges*, p. 589.
(6) *Diplomata et chartae*, p. 10.
(7) Edricí, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 188 da tradução.
(8) P. 457, da ed. M. Pidal.
(9) P. 765, 783, 811, etc.

erradamente transcrito *mellah*. É também freqüente nos nossos jornais na forma *mehalla*, no primeiro sentido.

Almagrebe. É uma praia do c. de Aljezur: significa «o ocidente» e é sinónimo de «Algarve». Na sua aplicação particular, designa «Marrocos»; e na sua acepção, geral todo o norte de África, a ocidente do Egipto.

Almaraz. Nome de uma quinta em Almada, ao lado do forte. É o adjectivo árabe *almoarrax* (subentendido o substantivo *alcarme*, «vinha») «trepadeira», isto é, pois, «parreira» (1). Êste passo do viajante Ibne Batuta prova-o bem: «Entre a porta da igreja e a dêste recinto há um caramanchão *(moarrax)* de madeira, muito alto e coberto de videiras» (2).

O nome da cidade de *Larache* (Marrocos) tem a mesma significação e origem, como os tem também o voc. espanhol *alarixes*.

Na forma portuguesa *oa* condensou-se em *a*, os *rr* passaram a singelo e o *x* a *z*, com deslocação do acento para a última sílaba, por virtude desta alteração terminal.

Almargem. Do árabe *almarg(e)*. Já o demos no nosso primeiro estudo sôbre esta matéria, com a significação de «prado». Tem, de facto, esta significação geral, e «Prado» é nome da toponímia portuguesa; mas creio que lhe convém melhor esta outra «paúl» que também tem, como se pode ver em Dozy (3).

Almegue. Segundo parece, do árabe *almeqt(e)*, nome que significa «lugar onde se atravessa um rio, vau, pôrto», sinónimo do termo hoje corrente *almaxra*: com perda do *t* final e abrandamento do *q*.

Pôrto (isto é, lugar de passagem) no Mondego, no caminho de Coimbra para Bemcauta. Na *Eufrosina*, p. 94 da ed. da Academia, há êste passo: «Ajuntaivos ambas no estendedouro contra o pego do almegue». Houve outro Almegue, chamado de Guterre, no rio Zézere. A êle se referem os forais de Figueiró de 1214 e de Pedrógão de 1206: «Et quomodo uadit caril intro in almaegue de guterri» e «Et inde per carril quomodo uertit aquam ad almaegue de goteri» (4).

---

(1) Dozy, *Glossaire*, p. 58 e *Supplément*, II, p. 110.
(2) Dozy, *Glossaire*, mesma página.
(3) *Supplément*, II, p. 578.
(4) *Leges*, p. 528 e 531.

Almofala. Vide *Almafala.*

Almourol. Nome de uma ilha do Tejo, defronte de Tancos. É, segundo me parece, o vocábulo comum latino *moru,* «amoreira», com o sufixo deminutivo *-ola,* o qual deu *morió,* como: *vineola Vinhó, ecclesiola Grijó, lineola Linhó,* etc.; e com o artigo árabe *almorió. Almorió* foi tratado como os nomes árabes acabados em *-á, -é* e *í: arsenal, alvanel, ceitil,* em que o *l* é acrescentado, e recebeu também *l* final. Não conheço nomes árabes nas mesmas condições, por não haver vocábulos assim terminados que passassem para português; mas em espanhol há *alcabor,* de *alcabô* (1). Arabizado existe, todavia, um, segundo creio: é *Albarrol,* nome de lugar, nos c. de Miranda do Corvo, Gavião e Niza, de *Barró,* também nome de lugar do c. de Rèsende, que é deminutivo, como o nome que estou estudando.

De *Almoriol* veiu facilmente *Almeirol* de um documento de 1169 (2) e *Almoyrol* de um outro do século XV (3). Na inscrição gravada sôbre a porta da cêrca interior do castelo de Almourol, de 1171, le-se *Almoirel* ou *Almourel,* mas a cópia existente no convento de Cristo, de Tomar, tem *Almoriol* (4). A explicação de Esteves Pereira é inadmissível, por não ser possível a aglutinação do artigo árabe *al-* a um nome de lugar pre-islâmico (5).

Se a minha explicação é boa, *Almourol* quere dizer (ilha da) «Amoreirinha».

Ao sufixo *-ola,* feminino, contrapõe-se o masculino *-olu,* que mais facilmente daria *Almourol,* mas *morus* é fem.

Um documento de 1283 em latim diz: «... de Sena usque Muriellam» (6). Se se trata, efectivamente, do nome que estou estudando, êste é uma variante com o sufixo fem. também e deminutivo *-ella.*

Alpeidão. Nome do cachopo do sul na barra do Tejo. As ondas quebram sôbre êle e parecem da costa fronteira um imenso

(1) Dozy, *Glossaire,* p. 77.
(2) *Elucidário,* II, p. 240: in pelago de Almeirol.
(3) *Scriptores,* p. 169.
(4) Cf. L. Cordeiro, *Inscrições portuguesas,* p. 33; *Revista de Engenharia Militar,* 1896, p. 206-207; *Serões,* 1908, p. 163. *Arquivo Histórico Português,* IX, p. 405.
(5) *Revista de Engenharia Militar,* p. 32-34.
(6) *Elucidário,* I, p. 9.

lençol de grande alvura. Por isso se lhe deu o nome de *albēdān(e)*, «as brancas», que com a mudança de *b* em *p*, como em *xarope* (de *xarāb)* e *acepipe* (de *azebīb)*, ditongação de *ē* em *ei* e passagem de *-ān(e)* em *-ão*, como é de regra, deu a forma que estou a explicar. O seu singular masc. *abiad*, «branco», significa não só «branco» (côr), mas designa vários objectos que têm esta côr, como «espada», «prata» (metal), etc. O s. fem. com o artigo árabe, *albēda*, «a branca», deu nome a várias povoações da Península e fora dela: *Albelda*, «a (cidade) branca» (¹); igualmente de «Casa Branca» em Marrocos; e de uma cidade da Pérsia, terra da naturalidade do célebre comentador do Alcorão, Albeidaní. O pl. *albīd*, «as brancas», significa por si só «mulheres formosas» por serem brancas; assim como o outro pl. *albēdān(e)*, de que falei acima, significa também «os brancos» em oposição a *açūdan(e)*, «os pretos», nome conhecido na forma «Sudão», país dos negros ou Nigrícia.

Alqueidão. Nome de muitas povoações de Portugal. Perto de de Lisboa, no Lumiar, é nome de rua. Era sobretudo nome de propriedade rústica nos c. de Cartaxo e Azambuja, concedida por Afonso Henriques à Câmara de Lisboa, para sustentar 30 merceeiros e merceeiras pobres. Há no arquivo da cidade um livro chamado do *Alqueidão;* e no livro I dão-se as confrontações destas terras (²).

A etimologia deve ser *alq(u)eddān(e)*, com ditongação de *e* em *ei*, e passagem de *-ān(e)* em *-ão*, segundo é de regra. Dozy (³) identifica êste nome com o tufo calcário; sendo assim, como parece, é uma espécie de pedra calcária esbranquiçada e branda que endurece ao ar e por isso se emprega nas edificações, sobretudo usada nas abóbadas, escadas, etc., por causa da sua fraca densidade. Em Fez há um sítio com êste nome (⁴).

Podia pensar-se noutro étimo, *alq(u)ētūn(e)*, aparentemente mais aceitável, que significa na África do norte «tenda» e também «acampamento». Nos *Anais de Arzila* (⁵) aparece na forma *alcaiatão* (o *a* depois do *i* está a mais), «tenda de viagem». Quere

---

(1) Flórez, *España Sagrada*, XXXIII, p. 467.
(2) Freire de Oliveira, *Elementos para a história do município de Lisboa*, I, p. 197-204.
(3) *Supplément*, II, p. 450.
(4) Bel, *Zahrat el-Âs*, p. 74 da tradução.
(5) II, p. 233.

para uma, quere para outra significação, Dozy (1) dá várias fontes.

Em Ibne Caldune (2) há o nome de lugar *Guītūn(e) Zenāta*, «acampamento dos Zenatas». Em Carette (3) também há o nome próprio *Alq(u)ītūn(e)*, que é o mesmo vocábulo.

Pela significação, o primeiro étimo parece-me preferível.

Alvaiázere. Vila e concelho do distrito de Leiria. *Alvayazar* num documento de 1306 (4). Do árabe *albaiāz*, nome de ofício, «falcoeiro», de *baz*, «falcão» (5). Com acrescentamento de *r (re)*, como em *Tânger* (forma antiga, *Tangere*), *Zêzere*, *almiscar*, etc. *Albaicin*, bairro de Granada, é o mesmo nome no plural.

«Falcoeiro» era o indivíduo que criava e ensinava os falcões a caçar. Os antigos reis e fidalgos tinham ao seu serviço criados que se ocupavam na criação e tratamento dessa e outras aves de rapina, como o açor e o gavião. D. Afonso III possuia para êsse efeito três açoreiros e quatro falcoeiros (6).

Na toponímia há outros nomes de ofícios: *Carpinteiro*, *Ferreiro* (e *Ferreiros*) (7) e *Mamposteiro* (quinta no c. de Rio Maior).

Alvalade. Nome de lugar de Portugal e Espanha. Povoação do c. de S. Tiago de Cacém, serra do distrito de Évora e ribeira do de Lisboa. No século X havia perto de Coimbra, junto do Mondego, uma «villa» com êste nome: *Albalat*, *Almalat*, *Alualad* (8). Os nomes antigos dos bairros novos de Lisboa, Campo Grande e Campo Pequeno, eram «Campo de Alvalade Grande» e «Campo de Alvalade Pequeno» (9).

Já tentei (10) explicar êste nome pelo vocábulo latino *palatium*, precedido do artigo árabe, por ser nome comum na origem. Dozy deu algumas fontes árabes (11). A essas acrescentei uma decisiva que se lê em Almacarí: «e êle (Rodrigo, último rei godo) alojou-se

(1) *Supplément*, II, p. 378.
(2) *Histoire des Berbères*, I, p. LXXXIV.
(3) *Kabylie*, II, p. 62.
(4) Publicado no *Arqueólogo português*, XIV, p. 166.
(5) Dozy, *Supplément*, I, p. 133.
(6) *Leges*, p. 200.
(7) Forais em 1210, 1222 e 1258, em *Leges*, p. 546, 591 e 678.
(8) *Diplomata et chartae*, p. 24, 25, 58 e 74.
(9) Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Parte I, cap. LXXV.
(10) *Toponímia*, p. 20-21.
(11) *Supplement*, I, p. 111.

no alcácer (de Córdova) chamado «balāt» de Rodrigo, que dêle tinha o nome». Um outro passo é ainda mais decisivo: (Mugueite chegado a Toledo) instalou-se no «albalāt» que é a morada real [1].

Foi-me contestada esta etimologia por pessoa douta e amiga, por parecer incrível que houvesse tantos «palatium» espalhados aqui e ali. Por isso volto a ela para a reforçar com novas fontes. Encontrei êsses textos no *Elucidário*. Já Herculano [2] disse que «palatium» era a residência do alcaide-mór ou senhor da terra. O *Elucidário* dá novos exemplos dêste emprêgo [3]. Mas Viterbo cita dois passos que alargam o sentido do vocábulo. Numa doação de 1037 à Sé de Oviedo declara-se: «Si homo habitans in haeriditate S. Salvatoris... Cum armis vel sine armis introierit in Palatium Regis vel in Palatium alicujus hominis...» [4]. Noutra doação do nosso Afonso Henriques, de 1139, lê-se: «... et inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium Franciscum... usque in pelago de Godim» [5].

Assim, a significação dêste vocábulo parece ser aqui a de residência senhorial ou casa de campo de fidalgo ou pessoa principal; e ela explica a freqüência do nome em lugares onde não seria de esperar, a dar-se-lhe o sentido clássico. Compreende-se, pois, também o seu pl. *Alvalades*, pov. de Algoz, c. de Silves.

Alvor. Ver *Borratém*.

Alvorão. Ver *Borratém*.

Arraçário (e *Arreçário*). Nome de via pública em Sintra, Castelo-Branco e Castelo-de-Vide. É o vocábulo árabe *arreç*, «a cabeça», e a terminação portuguesa *-ário*. Todavia, não conheço outros hibridismos desta natureza que o corroborem; e isto me faz dar êste nome a mêdo. *Arreç* aqui significa «elevação de terreno entre dois vales, lomba, cumiada» que quadra bem à topografia dos lugares a que se aplica. Em Sintra está restrito ao caminho de encosta que leva do fundo da vila ao coração dela, mas outrora ter-se-ia aplicado a toda aquela parte abaulada do terreno que separa os dois vales que se estendem para baixo da vila.

---

(1) *Analectes*, I, p. 160 e 165.
(2) *História de Portugal*, VI, p. 184.
(3) II, p. 71-72.
(4) II, p. 134, voc. Palacio III. Em Flórez, *España Sagrada*, XXXVIII, fl. 351.
(5) I, p. 339, voc. Francisco.

Esta palavra árabe existe, independente ou não, na língua portuguesa, debaixo de outras formas, com a significação primitiva de «cabeça»: *rez*, sem artigo árabe, «cabeça de gado»; *arrais*, com artigo, «que é cabeça», isto é, «capitão de embarcação»; *roç-*, «cabo», em «*Roçalgate*», «cabo do extremo» *(Raçalhadd)*, cabo da Arábia, ao sul de Mascate, que entra, de facto, muito pelo mar dentro na parte mais oriental daquela Península.

Roçalgate ocorre, por exemplo, em Góis, *Crónica de D. Manuel*, II, cap. XXXI e nos *Lusíadas*, X, 101:

Mas attenta: já cá de estoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras
Começa o reino Ormuz...

Belamarim. Ver *Benafátima*.

Benafátima. Na toponímia portuguesa há bastantes nomes como:

Benafátima, lugar do c. de Silves. Também no c. de Odemira, segundo se lê no foral de Odemira de 1255 (1). Na forma *Fátima*, lugar do c. de Ourém: nome da filha de Mafoma, que casou com Alí, quarto califa ou sucessor do Profeta.

Benagaia, lugar do c. de Silves;
Benafim, idem;
Benagil, idem.

Nomes assim são freqüentes em Espanha:
Benafarces, província de Valladolid;
Benafer, Castellon de la Plana;
Benagalbon, Málaga;
Benagever, Valência;
Benaguacil, Valencia;
Benahadux, Almeria;
Benahavis, Málaga;
Benajarafe, idem;
Benamaurel, Granada;
Benameji, Córdova.

A-par encontram-se em Portugal:
Bensafrim, c. de Lagos;
Bencatel, c. de Vila Viçosa.

(1) *Leges*, p. 664.

Estes dois últimos são nomes de pessoa tornados de lugar; e os anteriores são nomes de família ou de tríbu. *Ben* significa «filho»; *bena* «filhos» (em francês transcrito *beni*). Com *Ben* e o nome do pai formam-se em árabe os patronímicos, como nas línguas da Península com o sufixo *-ici (-ez)*. Como nome de pessoa, muito usado, há *Viegas*, de *Benegas*, «filho de Egas».

Em Marrocos são vulgares uns e outros nomes locativos. Assim, perto de Arzila, ficavam e ficam as serras de *Benagorfate* e *Benamares*, isto é, as serras dos Gorfate e dos Mares (1).

Nos nossos cronistas dos séculos XV e XVI ocorre um nome locativo desta natureza, mas que aparece um pouco modificado. *Belamarim* significa neles o que depois se chamou reino de Fez. «ElRey (D. João I) por serviço de Deos e seu hordenou de hir tomar a cidade de Cepta que he em bella Marim...» (2) Herculano na sua poesia *A perda de Arzila* também usou essa forma:

Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,
Alvejava do mouro o albornoz,
E corria, e corria veloz
O ginete de Bellamarim (3)

Belamarim está por *Benamarim*, que é a tríbu à qual pertencia a família real dos Merínidas, que reinou em África e na Hispânia, após a família dos Almóhadas, isto é, da linhagem de Marim, o antepassado comum. Os Merínidas reinaram em Marrocos até 1465, e de 1471 até 1549 um ramo dessa tríbu, os Oatácidas.

Borratém. Nome de via pública em Lisboa: é *ber atten(e)*, «poço da figueira». Ainda hoje ali esta o poço. Ao lado ficava a «Praça da Figueira», hoje mercado principal da cidade com o mesmo nome de praça. É bem sabido que no nosso país é freqüente haver uma figueira ao pé de cada poço. A forma *borr-* por *ber-* deve ser devida à palavra vulgar e corrente *borra*. Em documentos antigos chama-se-lhe *Baratem* e *Barrotem* (4).

Alvor, vila do c. de Portimão, deve ser *alber*, «o poço», em que *-er* passou a *-or*, como na palavra acima. Há em Portugal e

---

(1) B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 32, 46, 47, 48, 55, 96, etc.

(2) *Crónica de Condestabre*, cap. LXXVII. Cf. F. Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, cap. XXIII; R. Pina, *Crónica de D. Duarte*, cap. XIX; B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 36.

(3) *Poesias*, p. 144 (5.ª ed.)

(4) Pedro de Azevedo, *Arqueólogo português*, V, p. 259.

no norte de África grande número de povoações com êstes nomes de *poço* e *alber*, respectivamente. Sousa [1] explicou «Alvor» com *albūr*, fiado neste passo de António Tenreiro: «Em hum campo, junto á serra, por terra cham, a que os Arabes chamam Albur, que quer dizer campo inculto...» [2], mas parece pouco crível que tal nome fôsse dado ou ficasse a uma povoação.

Alvorão é o mesmo vocábulo no dual, *alberān(e)*, «os dois poços». É povoação do c. de Tôrres-Novas, freguesia de Assentís. Ocorre na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, p. 28, e II, p. 355, publicada pelo Dr. Nunes.

Povolide, lugar do c. de Viseu: quere dizer «Povoa de Olide», como *Campolide*, «Campo de Olide», e *Valhadolide*, em Espanha, «Cidade de Olide». *Olide* é nome de indivíduo em árabe: *Holiti* num documento de 946 e *Holidi* noutro de 1048 [3]. Ocorre já na forma *Pobelide* num diploma de 1127 [4].

Portimão. É de origem latina, *Portu magnu*, que por evolução portuguesa daria *Portumanho*, como *tam magnu* e *quam magnu* deram *tamanho* e *camanho*; e *Fonte magna* deu *Fontemanha* [5]. A forma árabe dêste nome é que o explica, como sucedeu com *Tejo* e *Beja*: ela devia ser *Bortmān(e)*, em que *-ān(e)* deu *-ão*, como é de regra. De facto, entre o Cabo de Palos e Cartagena (Espanha) há um lugar de nome *Porman* (Puerto), que em Edricí [6] se chama *Bortmān(e) alcabir*, isto é, *Bortman o grande*, em que *alcabir* mostra que se quis traduzir para árabe o segundo elemento do nome latino. O *i* do nome português foi intercalado para facilitar a pronúncia.

Queluz. Nome de povoação perto de Lisboa, numa baixa à beira do pequeno ribeiro que com o nome de Jamor entra no Tejo na Cruz Quebrada. É de origem árabe, de *quē* (ou *cā*), «fundo ou baixa de um vale, vale formado pelo leito de ribeiro, vale apertado», e *lūz* (com o artigo árabe *-llūz*), «amendoeira», ou seja «vale da amendoeira».

---

(1) *Vestigios*, p. 54.
(2) *Itinerário da India*, cap. 34.
(3) *Diplomata et chartae*, p. 33 e 221.
(4) J. P. Ribeiro, *Memórias para a história das inquirições*, p. 2.
(5) *Leges*, I, p. 546.
(6) Dozy e De Goeje, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 236 da trad.

Tamarmá. Nome de fonte e calçada de Santarém. Sousa (1) deu-lhe a significação de «água doce», confiado neste passo, que cita, de Duarte Galvão: «Tomárão (os Portugueses) o sumidouro entre Motirás e a fonte de Tamarma, á qual os Mouros assim lhe chamávão pelas aguas dela serem doces» (2).

A «Relação da Tomada de Santarém» (3) chama-lhe Athumarmal que traduz por «aguas amargosas»: «fontem qui propter amaras aquas arabice appellatur Athumarmal».

Já tive ensejo de me ocupar dêste nome e de dizer que nem uma nem outra explicação me parecia exacta (4), sem, todavia, poder explicar convenientemente o vocábulo. Tenho hoje a explicação dêle. Parece-me, realmente, de origem árabe, mas com a significação de «calçada da mãe de água», isto é, *tala*, «calçada» (subida), *mā-lmā*, «mãe de água» (literalmente «água da água»), ou seja *tāmārmā*, em que houve queda do *l* intervocálico de *tala* e passagem de *l* a *r* em *-ālmā*. O acento tónico deve estar na sílaba final, porque é longa; e a prova que assim deve ter sido dá-a a forma *Athumarmal*, com *l* final: é assim também em *arsenal, açacal*, etc. Esta forma *Athumarmal* explica-se com *tulū* e queda do *l* intervocálico, como em *tala*, e ambos os termos são sinónimos. O *a* inicial não é etimológico; pertenceria ao artigo árabe e então a construção gramatical seria errada.

O letreiro municipal diz *Calçada da Tamarma*, sem acento no *a* final, e os santarenos assim pronunciam hoje. Em Lisboa existe uma *Calçada da mãe de água*, que dá para a Rua da Alegria, e uma *Travessa da mãe de água*, em Alfama, na mesma cidade.

Trafaria. Creio que êste nome é formado de *Traf*, «ponta, cabo», como em *Trafalgar* (ver *Algueirão)*, e o vocábulo latino *arena*, que normalmente deu *areia* em português, e no composto referido *-aria*. Exemplos análogos: *Birena* deu *Iria*, *Leirena* deu *Leiria*. A condensação do *ei* em *i* é de regra nas sílabas átonas, como em *Egitania* < *Idanha*, *ecclesia* < *igreja*; mas não se deu no nome *Leiria*, ou deu-se na sílaba tónica.

Todavia, *arena* devia estar no genitivo; e assim *Trafarenae* daria *Trafarém*, como *Sanctirene* deu *Santarém*. Talvez esta anomalia se possa explicar desta maneira: o segundo elemento *(arena)*

(1) *Vestigios*, p. 149.
(2) *Crónica de el-rei D. Afonso Henriques*, cap. 28.
(3) *Scriptores*, I, p. 95.
(4) *Os Arabes nas obras de A. Herculano*, p. 221.

fez corpo com o primeiro *(Traf)* tão intimamente que os dois formaram um todo indistinto, o nome *Trafarena*, que sofreu depois as modificações fonéticas de *Leirena* e *Eirena*, isto é, pois, *Trafaria*. O mesmo sucedeu com *matrem silvae*, *madre-silva*. Do mesmo modo *terraemotum* deu *terramoto*, a-par de *terremoto*. Se o nome fôsse só de mozárabes daria *Trafarém*, porque se não obliteraria a construção latina; mas foi também de árabes, como os nomes *Beja* e *Tejo*, e por isso saíu da fieira regular. Contudo, *Santarém* achou-se nas mesmas condições e nele vingou a pronúncia dos cristãos; mas também existiu a forma *Sanctarena* (1) que se conservou, de facto, em *Santa Iria*, arrabalde de Santarém, ou seja o bairro da Ribeira; e *Erea* foi o nome de uma porta desta cidade (2). É ainda nome de vários outros lugares do nosso país.

A praia que continua a da Trafaria, na direcção do Bugio, chama-se da «Ponta de areia», que é, como vimos, o significado próprio do termo que estou estudando. Edricí regista igualmente uma povoação dêste nome, *Trafarramla*, no país de Tunes (3).

Xarca (a). Assim se chama ainda correntemente ao «Caminho do Forno do Tijolo», isto é, à depressão profunda de terreno entre a Graça e o Monte, em Lisboa. Do árabe *axacca*, com *r* intercalado, *Axarca* (como em «alice*r*ce» «alfe*r*ce», etc.) que significa «fenda, terreno despenhado e apertado, garganta entre colinas», nome que bem convém ao sítio. Como em outros casos, o *a* inicial tomou-se como o artigo feminino português e diz-se por isso a *Xarca*.

Zêzere. Nome do rio afluente do Tejo que nele entra junto de Constança. Existiu na foz dêle um castelo chamado de *Ozezar* que teve foral em 1174 (4). Assim se chama ao rio também nos forais de Figueiró de 1204 e de Pedrógão de 1206 (5). Noutros documentos ora *Ozezar*, ora *Uzezar* (6). Esta forma faz suspeitar que *O* representa a palavra árabe *od-* (ou *ode-* e *odi-)* com a significação

---

(1) No «Chronicon Lamecense», *Scriptores*, I, p. 19-20, ocorre três vezes; também em João P. Ribeiro, *Dissertações cronológicas*, III, P. II, p. 66: «... per mensuram de Sanctarena».

(2) F. Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. LXVI.

(3) *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, p. 151 da tradução de Dozy e de Goeje.

(4) *Leges*, p. 402-403.

(5) *Leges*, p. 528 e 531.

(6) *Elucidário*, II, p. 10, 11, 52 e 237.

de «rio» e *Zezere*, o vocábulo da mesma procedência, mas de origem berbérica, *zēz*, «cigarra» (1), com acrescentamento de *r (re)* final, como em *Alvaiázere*, *Tânger*, a. *Tangere*, *almíscar*, etc. O primeiro elemento veiu a desaparecer por se confundir com o artigo português, como em *Degebe* por *Odegebe*.

Em Marrocos, no Tafilete, existe um rio dêste nome, nas cartas com a forma *Ziz*, *oued Ziz* em francês.

APÊNDICE

Alguns nomes da toponímia marroquina com forma portuguesa antiga

Portugal descobriu e conquistou muitas terras além-mar e deixou vestígios da sua passagem por lá na toponímia delas ou deu à Europa os nomes estranhos numa forma portuguesa. Hoje esquece-se isso com uma facilidade pasmosa; êsses nomes são, todavia, padrões gloriosos que devíamos conservar. Dizemos *Londres* e *Florença* e achariamos ridículo quem dissesse *London* e *Firenze*, como os seus naturais. Pois quere certa gente que assim se faça para nomes já aportuguesados há séculos, porque aos Franceses e a outros povos apraz rectificá-los. É o caso de muitos nomes próprios de Marrocos que os Franceses querem ensinar-nos a escrever de outro modo. Na minha *História de Arzila* eu mostro que alguns dêsses nomes têm forma genuìnamente portuguesa e para aqui transcrevo o que dêles digo nela.

Arzila. O seu nome português e castelhano, e por êle das línguas da Europa, assenta na forma arabizada, *Acila* ou *Azila*, que de ambos os modos se escreve nela. O *r* foi intercalado, como em outras palavras quere de origem árabe, quere de outra, nas mesmas condições: alice*r*ce, alfe*r*ce, Gib*r*altár, est*r*êla, etc. Êste nome ocorre já assim escrito em cartas anteriores à conquista portuguesa e por isso é castelhano, mas modificou-se segundo lei comum: *Ar-*

---

(1) Dozy, *Supplément*, I, p. 619.

zilla no portulano de Petrus Vesconte (de 1318), *Arzila* na carta catalã (de 1375); também assim na carta de Dulcert (de 1339) e outras publicadas pelo Visconde de Santarém no seu *Atlas* e por Marcel no seu *Choix de cartes et mappemondes (XIV.e et XV.e siècles).*

Ceuta. É a forma castelhana da árabe *Cebta* com a vocalização do *b*, como é de regra. A forma portuguesa era *Ceita*, donde *ceitil*, também segundo a regra, como «conceito» de «conceptu». Predominou a forma castelhana: na metrópole temos facto análogo com *Guadiana* por *Odiana*, antiga forma portuguesa, por ser rio fronteiriço. As formas *Ceita* e *Cepta* são as únicas ocorrentes nos séculos XV e XVI, isto é, durante o domínio português na cidade; mas desde que passou ao domínio estranho prevaleceu a outra forma.

Tânger, antiga forma portuguesa *Tangere*. É em árabe *Tanja*: o *r* da forma actual foi acrescentado, como em outros nomes de lugar de origem árabe na metrópole: *Zêzere*, *Alvaiázere*, etc. que estudei atrás. Como em *Arzila* o *r* de *Tânger* é anterior à conquista, como se pode ver nas cartas do Visconde de Santarém e de Marcel.

Marrocos. É igualmente nome correcto: de *Marrācox*. O *ā* tónico tem por vezes o valor de *o* quando precedido de *r*: *xarope* de *xarāb*; *Roçalgate* de *Roçalhadd* (ver *Arraçário*, atrás). Os Franceses usam hoje a palavra *Maroc* para designar o país e *Marrakech* para a cidade, como *Mexico* e *Mexique*, na América, a-pesar de serem na origem a mesma palavra; mas a forma portuguesa é legítima fonética e històricamente. *Ch* representa o nosso *x* e o som correspondente árabe, que quando final de palavra em português é substituido por *s* (o nosso *ch* tem outra origem); além disso, os Franceses deslocam o acento tónico por motivo da sua prosódia, e a acentuação dêste nome à francesa não é aceitável na boca de Portugueses.

Há até incoerência nestas rectificações dos Franceses, porque noutros casos guardam as formas tradicionais: assim *Rabat*, que é uma alteração da forma árabe.

O nome do grande deserto africano, *Saharà*, vai servir-me para mostrar a inconsciência com que a gente portuguesa procede com a nomenclatura geográfica estranha. Em francês, êste deserto chama-se *le Sahara*, porque nesta língua, em regra, os nomes em

-*a* são masculinos: assim, *le choléra, le tapioca*, etc. Por isso o fizemos nós também masculino, mas acrescentámos-lhe o acento agudo para manter o acento francês. Ora em árabe êste vocábulo, *Çahra*, que significa «deserto», é feminino, como o são em regra os nomes árabes em -*a*, que assim passaram para português; e, de facto, a forma correcta portuguesa foi *Zara(a)*, em Barros (*Décadas*, I, liv. I, cap. 13: «... a que os Mouros chamão Çahará e os nossos corruptamente Zàra») e nos *Anais de Arzila*, (II, p. 433), e *Sara(a)* no anónimo português do fim do século XVI publicado pelo Sr. Conde de Castries (*Une description du Maroc*, p. 66); e a forma castelhana do mesmo topónimo é *Zahara(la)*, em Marmol (*Descripción de Africa*, fl. 13 v. e 14). Êste vocábulo está representado também na linguagem comum, *sáfara*, sôbre o qual se formou o masculino *sáfaro*, como de *zarca* se fez *zarco*.

Exemplo bem análogo é o de *sofá*: em árabe é *çoffa(a)*, fem. e com o acento na penúltima sílaba; mas a pronúncia francesa obrigou a fazê-lo masc. e a acentuar a última sílaba.

Lista dos nomes estudados

Açumar, Adiça, Alafões, Alcáçovas, Alcochete, Alfafar, Alfeite, Alfeizirão, Algez, Algodor, Algodres, Algueirão, Almacave, Almafala, Almagrebe, Almaraz, Almargem, Almegue, Almofala, Almourol, Alpeidão, Alqueidão, Alvaiázere, Alvalade, Alvor, Alvorão, Arraçário, Belamarim, Benafátima, Borratém, Povolide, Portimão, Queluz, Tamarmá, Trafaria, Xarca e Zézere.

Apêndice

Arzila, Ceuta, Tânger, Marrocos e Sahará.

Observação ao nome *Povolide*. Acrescente-se: Em *Olide* o *O* foi tomado pelo artigo masculino, isto é, pois, *Povoa-do-Lide*, em que o *l* deixou de ser intervocálico e por isso se manteve.

David Lopes.

FESTAS DE MONCHIQUE

(Continuação da Revista Lusitana, vol. xxii, página 200-210)

IV

Santo-Espirito

No povo de Marmelete, séde da frèguesia do mesmo nome, que pertence ao concelho de Monchique, fazia-se outr'ora a festa do Espirito Santo ou do Santo Espirito (tambem conhecida pelo nome de *folía)*, que áquella povoação atraía muita gente das frèguesias vizinhas.

Deve esta festa corresponder á que, com o nome de *imperio* se fazia no logar do Penedo (Collares), ou á que ainda hoje se faz nas Mercês, proximo do Rio de Mouro, e nos Açores (no domingo do Espirito Santo, nas frèguesias ruraes, e no da Trindade nas cidades) (1).

Estas festas que, segundo parece, foram instituidas por D. Denis e sua mulher a «*Rainha Santa*» e se celebraram pela primeira vez em Alemquer, realisavam-se tambem em Alcabideche, perto de Cascaes, em Eiras, junto de Coimbra e diz-se tambem que em S. Tiago de Cacem.

No Algarve havia as folías do Espirito Santo não só em Marmelite mas em Aljezur, constando-me que igualmente se faziam em Odeceixe, nas frèguesias do Barão de S. João, Bensafrim e Bordeira, todas da comarca de Lagos.

D'estas festas fazia parte integrante o *bodo* ou *vôdo* em que se comia e bebia á farta, tendo havido em Marmelete uma casa pertencente á junta de paroquia, especialmente destinada para esse fim e a que chamavam a casa do «Espirito Santo». Essa casa foi vendida em praça pelo Estado em 1907 ou 1908.

N'uma visitação á egreja de Aljezur lê-se, entre outros, o seguinte decreto (2) do illustre bispo do Algarve D. Francisco Gomes do Avellar, fallecido em dezembro de 1816:

(1) V. Revista «*A Aguia*», vol. XII, 2.ª serie, pag. 50, 51, 52.

(2) V. *Biografia de D. Francisco Gomes do Avellar*, pelo Dr. Ataíde Oliveira, pag. 50.

«Item — somos informados de que n'esta villa se costuma praticar o chamado *vôdo* do Espirito Santo, resultando muitas vezes desordens dos excessos de comidas e bebidas, o que sem duvida é reliquia da gentilidade. É impossivel que taes desordens sejam agradaveis a Deus, principio de toda a Santidade, e para desterrarmos semelhantes abusos, sómente permitimos que se faça a festa com toda a solemnidade e vesperas, sermão e missa cantada, e prohibimos absolutamente que se faça o referido *vôdo*. E se houver alguem que tente contravir esta prohibição, o paroco nos dará parte para procedermos como for de justiça».

Apezar d'esta tão formal prohibição, parece que o *vôdo* se fez posteriormente, em Aljezur por diversas vezes. Não me consta que tivesse sido prohibido o de Marmelete.

A ultima vez que se *levantou a folia* em Marmelete foi em 1903, havendo já muitos annos que tal festa se não fazia ali, e por isso, segundo me informaram, esta festa de 1901 já não foi o que antigamente costumava ser.

Uns velhotes que por lá havia e que foram encarregados de organizar a festa não a chegaram a reconstituir inteiramente, por não se lembrarem já de alguns pormenores. Hoje a difficuldade é maior, por terem já falecido quasi todos os homens que sabiam d'isso a valer. No entanto descreverei a *folia* de Marmelete o melhor que me for possivel, utilizando para isso diversas informações que colhi, principalmente d'um velhote chamado Manoel Francisco Furtado, do Pé do Frio, que foi *folião*, e que portanto tem certa auctoridade na materia. Este velhote, que conta já mais de 70 annos, ainda está rijo e veiu da casa d'elle á minha (uns 12 kilometros) expressamente para me recitar os versos que se cantavam na festa. Chorou o bom do velhote com saudades dos seus tempos, dos amigos e da festa!

A *folia* de Marmelete ou, propriamente a festa, fazia-se no domingo do Espirito Santo, e era precedida d'uns peditorios que começavam no domingo de Pascoa e se repetiam pelos domingos e dias santos que decorriam até o dia da festa.

Ainda se não sabia quando *havèra* de amanhecer, saíam os *foliões*, que eram seis, a cantar a alvorada, fazendo o acompanhamento, segundo o costume, um tambor.

Os *estilos* (musica) que os foliões usavam eram *uns poucos*: para cada serie de versos havia um.

Os estilos que eram de grande e enfadonha monotonia, não passavam de uma melodia de meia duzia de compassos, empregando-se apenas as primeiras quatro ou cinco notas da escala.

Faziam lembrar certos trechos de cantochão, e eram cantados muito vagarosamente, sendo quasi impossivel fixá-los no papel, porque, de cada vez, cantavam de seu modo, já para acomodarem a musica á letra, já por serem muito vacilantes as vozes que ainda os cantam.

Tanto a musica como a letra, no dizer do meu informador, eram muito bem *repisadinhas*, isto é, eram repetidas infinitas vezes, e por tudo isto se poderá fazer uma ideia do que seria aquella *sermôcína* que começava de madrugada, durava quasi todo o dia, e se prolongava pela noite fóra!

Eis os versos da alvorada:

1) Levanti-me esta manhana,
Fui colhê'la hortelana;
Levanti-me esta manhana,
Manhaníta do Natal,
Fui colhê'la hortelana,
Que 'stava no mé quintal;
Levanti-me esta manhana,
Manhaníta de flores,
Fui colhê'la a hortelana,
Ô quintal dos més amores.

2) Alevanta-te, Zabèla (1),
Que manhaníta é;
Levanta-te Zabèla,
D'esse té doce dormir,
Que manhaníta é;
Quer sol relumbrir,
Alevanta-te, Zabéla,
D'esse té doce folgar,
Que manhaníta é,
Quer o sol relumbrar.

3) Alevanta-te, graçála,
Pois el-rê vae á la caça;
Alevanta-te, graçála,
Pois el-rê bêra do rio,
Pois el-rê vae á caça;
De falcões levava cinco.
Levanta-te, graçála,
Pois el-rê bêra do alto,
Pois el-rê vae á la (2) caça:
De falcões levava quatro.

4) Selá-m'este cavalo,
P'ra mé senhor el-rê:
Quem no levará?
Selá-m'este cavalo,
Ponde-le frêo,
P'ra mé senhor el-rê,
Que vae a passêo:
Quem no levará?
Selá-me este cavalo,
Ponde-l'a sella,
P'ra mé senhor el-rê,
Que vae á guerra:
Quem no levará? (3)

---

(1) Diz o homem que esta Zabela é Santa Isabel, chamando a estas cantigas «*do Espirito Santo e Santa Izabel*».

(2) O *a* de *la* é brando como em *lavár* e é pronunciado junto da palavra seguinte, como se fosse a primeira sílaba d'ela.

(3) [Estes quatro grupos de versos têm aspecto de serem fragmentos ou inspirados em romances. Em 1) ha a palavra hespanhola *mañana* (e *mañanita*): cf.

Terminada a alvorada iam almoçar a casa dos mordomos ou d'outras pessoas que costumavam offertar o almoço.

Iam depois á missa, á sahida da qual organizavam um cortejo presidido pelo *rei*, que vestia uma opa encarnada e empunhava o *bastão*. Este cortejo, que afinal era um peditorio, compunha-se dos mordomos, do escrivão, dos foliões e de muito povo. O bastão era um pau, de uns dois metros de altura, pintado de encarnado, enfeitado com rama de laranjeira, e tinha na parte superior um disco, com um espigão de ferro ao centro, em que era espetada uma *queijada*.

O rei ia apresentando o bastão com a queijada aos devotos que nelle prendiam ou depositavam moedas de prata ou ouro, que offertavam, recebendo em troca, ás vezes pela mão da *rainha*, outra queijada tirada d'um cesto grande que acompanhava o cortejo e costumava ser coberto por uma toalha.

Moedas de cobre não se davam nem recebiam, sendo a esmola minima de tres vintens ou meio tostão, que eram as menores moedas de prata que havia.

O tamanho e qualidade das queijadas que davam aos devotos eram regulados pela importancia das offertas. As queijadas eram muito saborosas e semelhantes ás queijadas de Sintra.

Primitivamente havia um só rei, mas depois passou a haver um para cada domingo, o qual era sorteado entre os mordomos porque, dizem, os peditorios assim rendiam mais. A *rainha*, que era irmã ou a mulher do rei, pouco aparecia, limitando-se por vezes a receber em sua casa diversos personagens da festa, convidados, a preparar e distribuir as queijadas, etc.

Terminava o peditorio muitas vezes já de noite, recolhendo o rei e os mordomos á casa do bodo, onde os aguardava o jantar.

Durante os peditorios os foliões que de vez em quando paravam, apoiavam ambas as mãos n'um cajado e com o corpo incli-

---

manhanzinha de o Natal (Tras-os-Montes) no *Annuncio das trad. pop.*, p. 21. Em 2) os vv. 7-8 lembram estes de um romance hespanhol : *Alevanteis, la mi hija, — de vuestro dulce folgar*, em Pelayo, *Antologia*, III, p. 307, e ha o verbo hesp. *relumbrar*, com *relumbrir*, pedido pela alternação das rimas. Em 3) a ida do rei á caça e a menção dos falcões são cousas bem conhecidas em romances populares. Em 4) o rei vai a passeio e á guerra como em 3) á caça. A repetição de versos é pedida pelo canto. — Ha outras frases hespanholas nos versos que adiante se transcrevem. Todos têm caracter antigo, e é neles tambem curiosa a alteração das rimas. — J. L. DE V.]

nado um pouco para a frente, cantavam, alem d'outros, estes versos:

D'onde vêm estes senhores e mais senhoras
Que me vêm cheirando a limas mais a limonas?
D'onde vêm estes senhores e mais senhoras,
Qu'ê bem le digo,
Vêm-me cheirando a limas mais a limonas
E a trevo florido?
D'onde vêm estes senhores e mais senhoras,
É bem le falo,
Vêm-me cheirando a limas mais a limonas
E a trevo granado?

Ôs cantares de la nina
Vae o rê ouvi'la missa,
Ôs cantares de la nina,
Os cantos dos passarinhos,
Vae o rê ouvi'la missa
Com fidalgos e meninos;
Ôs cantares de la nina,
Ôs cantos dos papagaios
Vae o rê ouvi'la missa
Com meninos e fidalgos

Senhor vós sois um cofre
Onde todo o mundo adora;
Senhor sois vós um cofre,
Sois um cofre d'oiro fino,
Onde todo o mundo adora
Sé Mestre Jasus Devino.
Senhor sois vós um cofre,
Sois um cofre d'oiro claro,
Onde todo o mundo adora
Sé Mestre Jasus Sagrado.

Senhora de Monte Branco
Padre, Filho, Espirito Santo,
Senhora do Monte Branco,
Coroada de lo oiro,
Padre, Filho, Espirito Santo,
Nesse tã lindo tesoiro;
Senhora do Monte Branco,
Coroada de la prata,
Padre, Filho, Espirito Santo,
N'essa tã linda órada

Adoramos a santa cruz
Qu'é a bandêra do bom Jasus
Adoramos a santa cruz
Senhores qu'é bem le falo
Qu'é a bandêra do bom Jasus
Onde morré cruceficado

Sarrana, por ond'endéstes,
Qu'é nunca te achê?
Toma lá o que me déstes.
Por d'onde m'irê?
Passeava la sarrana
Pelo rio sem fonte,
Que nã achou quem n'a passasse
Senã os fidalgos da côrte.
Passeava la sarrana
Pelo rio sem barca
Nã achou quem passasse
Senã os fidalgos da praça.

Bom Jasus de Nazaré
A minh'alma é vel-a dou,
A vós sim que a outro não,
E mandava-me o Bom Jasus
Por um anjo mais a dezer
Que le desse é a minh'alma
Quando é quezesse morrer.
A vós sim que a outro não
Mandava-me o Bom Jasus
Por um anjo mais avisar
Que le désse é a minh'alma
Quando quezesse finar
E a vós sim que a outro não

Nós *èmos* tres irmanas
Todas tres d'um parecer:
É m'achi quintado em todas
Que sabe ler tambem escrever
E é c'm' moiro antri em pena
Qu'ê por ellas mais perco a fé
E nos *èmos* tres irmanas
Todas tres d'um semelhára
É m'achi quintado em todas
Que sabe ler tambem notára (1)
E é c'm' moiro antri em pena
Qu'é por ellas mais perco a fé.

Chovia e anevava,
Pela noite escura,
E a ná que vae no porto
Corre la fortuna.
Que me digas marinhêro,
Que navègas no rio,
Na qual d'aquellas naus
Vae o seu diamigo?
Que n'aquella deantêra
Mastro erguido.
Que me digas marinhêro,
Que navègas no alto,
Na qual de aquellas naus
Vae o sé diamádo?
Na sua deantêra
Mastro alçado!

Ó que rua tã comprida
P'ra jogar n'ella a laranjinha!
Ó que rua tã comprida,
Que é a rua d'esta villa,
P'ra jogar n'ella a laranjinha,
Quando èlla está florida!
Ó que rua tã comprida,
Que é a rua d'esta praça
P'ra jogar a laranjinha
Quando ella está granada!

Meimendro, mimendro
Cortarom-me um dedo;
Meimendro, mimendro,
Di a folha comprida,
Cortarom-me um dedo,
Ferírom-me a vida,
Meimendro, mimendro,
Da folha mais larga
Cortarom-me um dedo,
Feriram minh'alma.

Ó que lindo cordão
Que traz Januel na mão
Ó que lindo cordão
De oiro torcido
Que traz Januel na mão
De Jasus Devino!
Ó que lindo cordão
De oiro lavrado
Que traz Januel na mão
De Jasus Sagrado!

Ó que rico mel, senhores (2),
Fêto de todas as flores!
Ó que rico mel, senhores,
S'elle era do mais branco
Fêto de todas as flores,
Fêto das flores do campo!
Ó que rico mel, senhores,
S'elle era do mais claro,
Fêto de todas as flores,
Fêto da flor do cravo!
Ó que rico mel, senhores,
S'elle era do mais fino
Fêto de todas as flores,
Da flor do rasmonino!
Da cera se fez a vela
P'ra alumiar a capela.
Onde é que está o Senhor?
Ó que rico mel, senhores,
Fêto de todas as flores!

(1) Disse-me o Manoel Furtado que tambem se dizia *semelhár* e *notár* mas eu preferi escrever *semelhára* e *notára* por que foi assim que elle disse estas palavras pela primeira vez e por que me pareceu tambem que esta forma era mais expontanea e fiel.

(2) Disse-me o meu informador que estas cantigas eram umas de *dois pés* e outras de *tres pés*. Por exemplo: a cantiga *Ó que lindo cordão* é de dois pês; a seguinte *Ó que rico mel*, *senhores,* é de tres pés. Perguntei-lhe o que isso significava

Quando saiam da igreja cantavam:

É venho da egreja,
Hoje ô domingo:
É venho d'ouvir a missa
Do Santo Es*prito*,
Ó alma minha!
É venho da egreja,
Hoje ô dia santo;
É venho d'ouvir a missa
De Es*prito* Santo.

Ora mande tocá'la cáxa,
Senhor capitão,
Que todos os soldados
Á la guerra vão!
Senhor capitão,
Fidalgo e menino,
Todos os soldados
A la guerra vão,
Vã vencer sé inemigo!
Senhor capitão,
Menino e fidalgo,
Todos os soldados
Á guerra vão,
Vã vencer sua batalha!

Môças do Tolèdo
Chêra la sua roupa.
Môças do Tolèdo
Vão lavar ô rio,
Chêra la sua roupa
A trevo florido.
Môças do Tolèdo
Vã lavar ô alto
Chêra la sua roupa
A trevo granado.

Moças de Lagos,
Em Lagos nascidas,
Brancas e vermêlhas,
E tã floridas!
E môças de Lagos,
Em Lagos creadas,
Brancas e vermelhas
E tã clórádas!

Perequito, mano das manas,
P'ra que m'enganas?
Se fora lo perequito
Pela robêra
S'era falla d'amores
Com uma soltêra;
Se fora lo perequito
Pela alevada
Se fora uma falla d'amores,
Com uma casada;
P'ra que m'enganas
Perequito, mano das manas,
P'ra que m'enganas?

Põe-se o sol põe-se
Lá detraz dos montes;
Põe-se o sol põe-se
Hoje n'esta villa:
Cá fica quem folgue
Com a sua *diamiga!*
Põe-se o sol põe-se,
Hoje n'esta praça,
Cá fica quem folgue
Com a sua *diamada!*

Madre, aquella estrella
Que calor vae n'ella!
Madre, aquella estrella
Que vae relumbrindo,
Calor vae n'ella
Que nos vae ferindo!
Madre, aquella estrella
Que vae relumbrando,
Calor vae nella
Que nos vae matando.

Passarinho e rola
Bebe na redonda;
Passarinho e rola,
Do plôiro erguido,
Bebe na redonda
Sem molhá'lo bico:
Passarinho e rola,
De plôiro alçado,
Bebe na redonda
Sem molhá'lo o papo.

---

e disse-me que não sabia, que era assim que chamavam ás cantigas, conforme eram mais pequenas ou maiores.

Quem te cortou, laranjeira,
Quem te cortou mal le venha!
Quem te cortou, laranjeira,
Laranjeirinha florida,
Quem te cortou mal le venha!
Quem te cortou lá por cima,
Quem te cortou laranjeira,
Laranjeirinha granada,
Quem te cortou mal le venha!
Quem te cortou a ramada!

Que mais que pondere senhora
Nã háves (1) de ser formosa
Que mais que pondere senhora
Em vossa cara dorida
Nã haves de ser formosa
Nem haves de ser querida;
Que mais que ponderes senhora
Em vossa cara doirada
Nem haves de ser formosa
Nem haves de ser amada.

No sabado do Espirito Santo, isto é, na vespera da festa, pela tarde, começavam a juntar-se os foliões, mordomos e mais pessoal que ia assistir á festa ou tomar parte nella para fazerem os preparativos necessarios, armar o mastro, etc.

Em dada occasião iam buscar o prior que ia á casa do Espirito Santo benzer o pão e o vinho. Os foliões então cantavam:

Senhor prior, senhor prior,
Fidalgo e menino,
Revestido vae nas armas
De Nosso Senhor Jasus Devino.
Senhor prior, senhor prior,
Menino e fidalgo,
Revestido vae nas armas
De Nosso Senhor Jasus Sagrado.

Depois da benção iam os mordomos, de opas encarnadas, distribuir certa quantidade de pão e carne pelos pobres, percorrendo todo o povo de baixo e o de cima. Durante essa distribuição os foliões cantavam:

Vamos dá'las esmolas,
Vamos dá'las que é horas.
Vamos dá'las esmolas
Hoje mesmo neste canto.
Vamos dá'las esmolas
Do Espirito Santo.
Vamos dá'las esmolas
Hoje mesmo neste dia.
Vamos dá'las esmolas
Da Virgem Maria.

Á noite havia a ceia em que só se comia peixe, mandado vir

(1) *Haves* parece ser a forma regular da segunda pessoa do ind. do verbo haver *has-de* ou a segunda do plural *haveis*...

de Odeceixe, Aljezur e de *lá de baixo do Algarve* (1) o que nem sempre era facil.

Os foliões, mordomos e alguns convidados iam cear, cantando os foliões:

Convidarom-me a cear
Com tres pexinhos de lo ser
Pela própria falsa
Estava o esparto p'ra acolher,
E estava a rede por fazer,
E estava o pêxe p'ra morrer
Pela própria falsa
Olival, olivalinho verde (2)
Ó que tã verde e verde e olival
Convidarom-me a cear
Com tres pexinhos de lo mar
Estava o esparto p'ra apanhar
Estava o pêxe p'ra matar
Olival, olivalinho verde
Ó que tã verde e verde e olival.

No dia da festa em que tambem se fazia o peditorio com as mesmas cerimonias das queijadas e as mesmas cantigas dos foliões havia então o bodo geral que muitas vezes se prolongava até á terça ou quarta feira seguintes. O *bôdo* constava de pão, vinho, arroz, carne e grãos, chegando a consumir trinta chibatos ou carneiros, dois ou tres bois, cerca de noventa alqueires de pão, não fallando já nos outros generos nem no vinho que havia sempre em abundancia.

Alguns lavradores havia tambem que, por devoção, se reuniam em casa de um d'elles, no campo, onde davam de comer a amigos e conhecidos.

Na chamada «casa do Espirito Santo», situada no povo de baixo, estava a mesa posta durante todo o tempo que durava o bodo e ia lá comer e beber quem queria e quanto queria.

Quando o rei, mordomos, foliões e mais pessoal iam para a mesa do bodo, antes de comer, cantavam os foliões:

(1) É assim que por aqui se falla do Baixo Algarve ou das terras da beiramar cujos habitantes parece não *quererem* tambem que o concelho de Monchique pertença ao Algarve. Dizem até que Monchique não é Algarve, é serra; e aos habitantes de Monchique chamam *monchiqueiros* ou *serrenhos* e nunca *algarvios*.

(2) Alusão ao unico tempero que havia na ceia: azeite.

Quem nos põe as menzas,
Glóiras do ceu le vênhom!
Quem nos põe as menzas
E tambem o pão
Glóiras do ceu le venhom,
Do Esprito Santo!
Quem nos põe as menzas
E tambem o vinho
Glóiras do ceu le venhom,
De Jasus Devino!
Deitae vinho no copo
Fá-vos a colôr no rosto
Nã se vos quer na boca
Dêtae vinho no copo a vinte e cinco
Fá-vos a colôr no rosto
Em louvor do Santo Esprito.

Bebe el-rê, bebe el-rê
Beberemos nós tambem
E bebe el-rê e bebe el-rê
Como era de rezão
Depois d'el-rê beber
Bebe o sé escrivão
E beberemos nós tambem.

Tã penas (1) acabava a cantiga começavam todos a comer e a beber, só enterrompendo uma e outra cousa á chegada do arroz em que os foliões cantavam:

D'onde é que vem a fruta nova,
Que nã na vi senã agora?
D'onde é que vem a fruta nova
Do pomar de la rainha?
Nã na vi senã agora,
Qu'ella é ciara e fina.
D'onde é que vem a fruta nova?
Do pomar de la enfanta.
Nã na vi senã agora,
Qu'ella é clara e lósçâna.

Emquanto cantavam ninguem comia. Tambem havia uma cantiga para o requeijão que não me souberam já dizer.

Quando acabavam de comer ainda cantavam:

Damos le graças ô senhor,
Que ô senhor devemos de as dar,
Qu'elle morreu n'uma cruz
Que morreu p'ra nos salvar.
Damos le graças ô senhor
E damos-le qu'elle as merece
Sempre las *devimos* dar.
Ainda que se nã comesse
E se nã haves comigo
Como é de rezão
Ôs senhores mordomos
Nós pedimos perdão
E se nã haves comigo
Como le mercemos
Com os senhores mordomos
Nós nos perdoemos
Nobres cavalheiros
Formosas donzellas
Dae-nos logar
Lavantaremos das menzas.

Á mesa do bôdo costumavam algumas pessoas entreter-se a fazer uma especie de adivinhações, escondendo um objecto qual-

(1) [«Apenas», «Tão de pressa».]

quer entre dois pratos e dando a adivinhar uns aos outros. Eram os *encerrados*.

Ali tambem por acordo entre os mordomos, era combinado quem devia no anno seguinte exercer os cargos de rei, rainha, mordomos, escrivão, etc. e faziam umas *saúdes* com que mutuamente se iam encravando com o que deviam oferecer para a festa do anno seguinte.

Pegando n'um copo de vinho dizia um: á saude do Snr. F. que ha-de dar tanto (indicava uma quantia, um boi, um chibato, etc.) para a festa do anno que vem. O escrivão apontava e a victima da *saude* ficava sabendo com o que tinha de concorrer para a festa.

Havia tambem ofertas expontaneas de que logo tomavam a devida nota. Se, por estes processos e pelas contas que faziam, arranjavam meios para a festa, ficava desde logo *levantada a folia* do anno seguinte.

Terminada a festa havia ainda a cerimonia do enforcamento do rei que n'esse dia era deposto. Dirigiam-se ao Largo da Fonte, proximo da casa do bôdo, onde estava armado um mastro bastante alto de que pendia uma corda com um nó corredio n'uma das extremidades. O rei apresentava-se metido n'um gabão cujo capuz, em dado momento metia no laço, safando-se logo por baixo do gabão emquanto puxavam pela outra extremidade da corda elevando o gabão até uma altura conveniente.

Sobre a cerimonia do enforcamento do rei e até sobre a sua existencia ha divergencia de opiniões, dando essa informação a titulo de curiosidade, sem que eu me possa pronunciar sobre o assumpto.

De resto em toda esta descripção pode e deve haver alguns erros ou deficiencias pois, como já disse, ha dificuldade em apurar certas cousas com exactidão. No entanto procurei aproximar-me da verdade o mais possivel e creio que não terei errado muito.

No dia da festa e em quasi todos os domingos á tarde iam alguns *devotos, correr á queijada*. Esse divertimento realizava-se no povo de Cima, no adro.

Proximo da egreja collocava-se o rei com uma queijada no bastão e d'ali até á outra extremidade do Largo formavam alas os espectadores deixando livre o espaço suficiente para as corridas. No lado oposto aquelle em que se achava o rei collocavam-se dois corredores em frente um do outro e um d'elles, tocando levemente no peito do outro, dizia: «anda tu que eu cá vou» arrencando-se logo em fuja para o lado do rei.

Era immediatamente seguido pelo outro corredor, que o procurava derribar, dando-lhe uma forte palmada no cachaço, o que por vezes era causa de mangualadas, estoiros e quedas, ou cahiam no chão ficando maltratados quando não sucedia tambem o segundo tropeçár no primeiro e cahirem todos dois.

Se o segundo conseguia desviar o primeiro, era aquelle quem ganhava a queijada; de contrario era o outro, isto é, ganhava a queijada aquelle que primeiramente chegava ao pé do rei.

A muitas pessoas tenho ouvido fallar nas cantigas do *aió*, que havia tambem por occasião d'esta festa.

Apenas consegui obter as que seguem e que, segundo parece, eram todas seguidas pelo mesmo estribilho, acompanhado pelo tum-tum-tum do tambor:

Laranjinha, limão verde,
Aonde fostes aparar?
Á vossa porta menina
Aonde o rê vae passar.
Aió, aió
Vamos a casa da nossa avó.
O que é aquillo que alem alveja?
É a torre da nossa egreja.

D'uma vinha dá-se uma cepa,
D'uma cepa dá-se uma rosa
E d'uma rosa o Redemptor.
Aió, aió
etc.

E a festa do Santo Esprito,
E a vaca morena,
E seu filho mosquito?
Aió, aió
tum-tum-tum
etc.

Como era natural, fallei nestas cantigas ao velhote Manoel Furtado que me disse não as saber.

A sua dignidade de *folião* um tanto melindrada classificava de heresia as cantigas do *aió* que, dizia elle, só cantavam os extranhos á festa, os que andavam sapatejando por lá. Na harmonia da festa ou da folia em que andavam ninguem lá cantava isso, nem tinham nunca ouvido fallar de tal coisa na sua instrucção.

O que é certo porem é que a muita gente nova e velha que assistiu ás festas do Espirito Santo em Marmelete, tenho sempre ouvido fallar no *aió* como sendo até a parte curiosa e typica da festa. Mas, ou fosse zombaria que faziam dos foliões cantando o *aió*, ou fossem cantigas mais ou menos deturpadas e que tivessem pertencido á folia, não ha duvida que se trata d'um costume antigo, que por isso mesmo não quis deixar de mencionar.

Monchique, Junho de 1918.

JOSÉ ANTONIO GUERREIRO GASCON.

A METÁFORA NA LINGUAGEM

É de todos conhecido o grande papel que na linguagem desempenha a metáfora. Mais do que qualquer outra das várias espécies de tropos, ela aparece de contínuo, tanto na fala das pessoas cultas como na das incultas, e mais ainda na d'estas do que na d'aquelas, porque, sendo uma comparação abreviada, de poucas palavras carece. Além de que uma das principais características da língua do povo é a vivacidade; enquanto a dos cultos se cinge mais à rigorosa expressão do pensamento, aquela visa a torná-lo bem perceptível e em certo modo quasi palpável pela vida e movimento que lhe comunica. De aí a multiplicidade de imagens que caracteriza a conversação da gente rude, que podemos comparar a uma verdadeira fita cinematográfica pela sua sucessão e variedade, tanto maiores quanto mais baixa é a sua cultura, o que aliás confirma o estudo da linguagem humana nos seus primeiros e principais elementos, a raiz. E, se de qualquer língua costuma dizer-se que ela é o espelho em que se reflecte a alma do povo que a fala, isso provém em grande parte da metáfora, porque esta nos revela as suas predilecções, o seu modo de ser, a sua labuta de cada dia. Naturalmente às pessoas ou coisas com que lidamos constantemente tomamos-lhes amor a ponto tal que dentro em pouco quasi as consideramos como fazendo parte da nossa existência e por forma tão íntima que as temos de contínuo diante dos olhos e dentro do coração. Vão lá dizer a um velho marinheiro que não pense no seu navio e que ponha de parte as expressões que se referem à sua profissão e êle adoptou pela prática diária das mesmas manobras. Ao que encaneceu na carreira da milícia tirem, se é possivel, a par da postura própria adquirida, as acções, os gestos, as palavras que começou a contrair em verdes anos. Se conversamos com um agricultor, notaremos que a sua linguagem traduz o que o traz de contínuo absorto, o amanho da terra, e o leva a servir-se a cada passo de imagens tiradas da sua ocupação. O mesmo pode dizer-se de toda e qualquer profissão; só pelas suas palavras, quando o não saibamos, poderemos com facilidade adivinhar qual o ofício do que as profere.

Sendo a estructura do espírito humano idêntica em todos os homens e em todos os tempos, não será de estranhar que as mesmas imagens se vão apresentando sempre à mente de quem pensa,

umas vezes tais quais, outras levemente modificadas, e que portanto as encontremos perfeitamente iguais nos que nos precederam há bastantes séculos e falavam línguas, hoje de todo desaparecidas do convívio social, pelo menos na sua antiga forma, como são o grego e o latim.

Pondo de parte as milhares de metáforas, que êsses dois idiomas nos oferecem nos monumentos, uns mais brilhantes que outros, chegados até nós, lembrarei apenas algumas, que nos são comuns com os Romanos.

Quando nos referimos à pessoa ou cousa cujo préstimo é nulo, entre outras comparações, costumamos servir-nos dos resíduos ou sedimentos de qualquer líquido e assim chamamos *de borra* (homem, mulher, objecto). Igual comparação se nos depara em Plauto na sua comédia *Trinummus*, onde um dos personagens, o velho Philto, censurando os costumes do seu tempo, para que seu filho Lysiteles os evitasse, assim se expressa (versos 297 e 298).

Nihil ego istos moror FAECEOS *mores, turbidos quibus boni decorant se* ou, como diríamos em português:

Só tenho desprezo por esses costumes *de borra* e desordem com que a gente de bem se enlodôa.

Como a língua é um dos orgãos que mais contribuem para a produção da fala, dizemos do muito loquaz que a tem *comprida* e ameaçamo-lo por isso de *cortar-lha;* do mesmo modo e com mais propriedade, por quanto restringe essa operação à sua ponta, o avarento Éuclio da *Aulularia,* do citado autor, referindo-se à criada, que suspeita de ter badalado sobre o seu tesouro, usa destas palavras:

Annus hercle huic indicium fecit... quoi ego jam LINGUAM PRAECIDAM... que correspondem pouco mais ou menos ás nossas de hoje:

Não ha que duvidar; a velha *deu com a língua nos dentes,* mas deixa estar que eu lha *cortarei.*

Para reduzirmos alguem ao silêncio, seja qual fôr o meio de que nos servimos, dizemos que lhe havemos de *tapar* ou o que é o mesmo, pôr-lhe uma rolha ou *tampa na boca,* como os Romanos se serviam da locução *linguam occludere* (1).

A ideia contrária, isto é, escutar, representa-se metaforica-

---

(1) Cf. Plauto; Quippe si resciverrint inimici consilium tuom, tuopte tibi consilio *occludunt linguam,* Miles gloriosus, versos 601 e 602.

mente por *dar* ou *prestar ouvidos a alguém*; com igual sentido diziam os Romanos *aures patefacere* (1).

Por que a vista é de todos os sentidos o mais apreciável, quando queremos significar que estimamos muito uma pesssoa, costumamos dizer que lhe queremos tanto como à menina dos olhos: referindo-se ao pardalzinho da sua Lésbia, o poeta Catullo informa-nos que a sua dona a êle *plus oculis suis amabat.*

Com significação idêntica afirmamos da pessoa amada que a trazemos nos olhos ou temos os olhos cheios dela (2); o mesmo quer dizer a frase latina *aliquem in oculis ferre* ou *gestare* ou ainda *alicui esse in oculis* (3). Similhantemente usamos da expressão *meus olhos* para indicar carinho; em Plauto ao homem a quem a mulher com meiguices consegue seduzir chama ela *ocelle mi* (4).

Do mesmo modo que nós, quando nos referimos à retribuïção recíproca, os Romanos diziam uma mão lava a outra ou *manus manum lavat* (5).

Para indicar que se levava ao fim um trabalho, completando-o o mais possível, serviam-se êles igualmente da expressão *extrema manus* no mesmo sentido em que dizemos *(dar) a ultima demão* (6).

Seguindo ainda na sua esteira, comparamos o Estado ora a uma *nau*, ora a um *cavalo* e chamamos portanto à sua direcção *leme* ou *redeas* (7).

---

(1) Assim Cícero, no cap. 26 do seu *De Officiis:* também *aures adhibere, praebere* (Plauto, Casin. 2, 8; Livio, 38, 52) ou *aurem admovere, dare, applicare* (Terêncio, Phormio, 5, 6, 28; Cícero, att. 1, 4; Horácio, odes, 3, 11, 8) etc. Note-se ainda *aures arrigere* (Ter. andr. 2, 3, 3) que corresponde ao nosso *arrebitar as orelhas.*

(2) Por exemplo, na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, cap. XX lê-se *eu ...ho vi sayr da tenda com os olhos cheyos da senhora Aonia.*

(3) Cf. Cícero, *Phil,* 6, 4, 11, *Att.* 6, 25.

(4) Cf. Plauto, *Trinummus,* 245.

(5) *Si quid volueris, invicem faciam; manus manum lavat,* diz Séneca, na sua *Apocol. med.*

(6) Cf. Cícero, *Brut,* 33: *manus extrema non accessit ejus operibus.* Segundo Morais também se diz *(dar) a última mão;* a preposição *de,* que se juntou a *mão,* formando assim uma palavra só, entrou aqui provavelmente como na locução popular *última da hora.* Mais chegado ao latim diz Amador Arrais: obra de *extrema mão.*

(7) É bem conhecida a 14.ª do 1.º Livro das suas *odes,* em que Horácio usa da comparação do Estado com uma *nau.* Em Cícero encontram-se as expressões *ad gubernacula reipublicae sedere* (*Rosc. Amer.* 18, 57) e *habenas (reipublicae) accipere* (*Rep.* 1, 5, 9).

Do que não pode fazer nada dizemos que está de *mãos atadas*, a par de *braços cruzados;* essa ideia exprimia o latim pela frase idêntica *compressis manibus sedere* (1).

O continuado sofrimento produz sempre sôbre aquele em que recai diminuïção de sensibilidade, a qual aumenta constantemente a ponto tal que por fim já quási o não sente; de aí o dizer Amador Arrais «que hum bem tinha a continua infelicidade e era *calejar* e endurecer os que vexa (Morais)», como Horácio, no livro IV das suas *Odes*, a n.º 9, classifica de feliz o que, entre outras qualidades, *duram callet pauperiem pati.* Também do que, pelo excesso de uso ou antes abuso, já nada sente dizemos que está *embotado*, como se se tratasse de um instrumento cortante que houvesse perdido o gume; no mesmo caso está o *hebes* dos Romanos.

Quando nos interessamos por qualquer cousa, costumamos significar que *tomamos calor* por ela, mas, ao contrário, se não nos desperta nenhuma espécie de atenção, êsse estado de indiferença é manifestado pelo modo vulgar de dizer que vem na Eufrosina: *nem me aquenta nem me arrefenta;* igual sentido metafórico teem os verbos latinos *calere* (2) e *frigescere.*

Do que viveu longos anos, nós com os Romanos, comparando-o a um fruto já completamente sazonado, afirmamos, como Camões de D. Denis,

> ... que a dura Atropos cortou (3) o fio de seus dias já *maduros.*

Mas às vezes a comparação diverge algum tanto na maneira, como os Romanos a encaravam e nós a vemos actualmente; assim,

---

(1) Tito Lívio, com a locução *quod aiunt*, que intercala entre *compressis manibus*, dá a entender que o dito andava na língua quotidiana.

(2) Na nossa antiga língua deve ter havido o verbo *caer*, resultante dêste, como se deduz dêste passo de D. Denís *com mia morte oi mais nom m'em cal*, afóra outros que Lang cita na sua edição das obras do rei Lavrador (*Das Liederbuch des königs Denis von Portugal*, pág. 13 e 113): contribuiu de certo para o seu desaparecimento do uso e substituïção pelo incoativo *aquecer*, de *calescere*, a coexistência de igual fórma, mas proveniente de *cadere*, que suplantou aquela, vivendo ainda, mas com passagem à 3.ª conjugação, ou do *e* em *i*. Quanto a *refrigentare*, isto é, do participio *refrigent* mais o sufixo *are*, a queda do *r* no grupo *fr*, motivada pela existência já de igual letra no mesmo vocábulo (dissimilação) e a adjunção do prefixo *a*, tanto do gosto do nosso povo, completaram a fórma *arrefentar*. Exemplos latinos de *calere* e *frigere* ou *frigescere* são, entre outros, êstes: *an ego faciam?* Cic. *Att.* 15, 6, 2; *quod tibi supra scripsi, curionem valde frigere, jam calet*, id. *Famil*, 8, 6, 5. *Non patiamur hoc opus* (i. é, *miserationem*) *frigescere*, Quintiliano, Instit. 6, 1, 28.

(3) Cf. *Aevi maturus Acestes* no livro V, 73 da *Eneida*, de Vergílio.

em quanto nós dizemos *(sair) com as mãos atrás*, eles, servindo-se de uma metáfora, proveniente do tempo em que a agricultura constituia a sua principal ocupação, reproduziam a mesma ideia pela palavra (effugere) *inanem* (1), isto é, sem uma *acna* ou medida agrária de 120 pés quadrados.

Fazer a trouxa quer na nossa linguagem dizer, em sentido figurado, *preparar-se para a grande viagem da morte*; os Romanos serviam-se, com igual significação, de um dito usado na milícia, *sarcinas colligire* ou seja rigorosamente *recolher* (o soldado) *a sua bagagem* (para se pôr em marcha) (2).

Quer-me parecer que um estudo profundo das metáforas de qualquer povo nos elucidaria mais do que a própria história dos estádios de civilização por que êle tem passado, revelando-nos o que constituia o seu principal gôsto e portanto a sua ocupação mais predilecta. Quem ao ouvir um algarvio classificar uma cousa bem feita e trabalhada de *da ponta do gomo*, se não lembrará logo de que é a figueira a sua principal cultura e que dos seus produtos, os melhores, mais polpudos e saborosos são os que nascem na extremidade do ramo onde naturalmente teem condições mais favoraveis de se desenvolverem do que a dentro da arvore, cobertos com as folhas e menos expostos à luz e ao sol? (3)

Mas não são apenas as qualidades que o homem observa nos objectos inanimados que o cercam que êle transfere para si; os animais, sobretudo aqueles com que mais convive, dão-lhe azo a crear outras tantas, senão ainda mais imagens. A observação de factos, atitudes e características idênticas leva-o naturalmente a transferir para si as mesmas expressões pelas quais êles são designados. Raro será o animal a que êle não tenha ido buscar um qualificativo, pedir uma designação para si ou para as suas acções. Na impossibilidade de os citar todos, vou enumerar alguns.

Abelha se chama a mulher astuta (em mau sentido, segundo Morais), certamente da habilidade que este insecto mostra na confecção dos seus favos, habilidade essa que de tal forma escapa à

---

(1) Usa-a ainda Plauto na mencionada comédia *Trinummus*, verso 701.

(2) No comêço do seu livro *De re rustica* assim se exprime Varrão: *annus octogesimus admonet me ut sarcinas colligam antequam profiscar e vita:* cf. o excelente livro de Weise, *Les caracteres de la langue latine*, onde, de um modo tão atraente como instrutivo, o seu autor analisa a língua latina sob os três aspectos, arcaico, literário e popular.

(3) Julgo ainda especial do Algarve o dito *estar no seu parreiral* ou *nas suas sete quintas*, que se aplica a quem se acha extremamente satisfeito ou contente.

inteligência humana que uma cousa de difícil ou impossível compreensão se classifica de *segredo da abelha*. A azáfama que o mesmo desenvolve, saltitando de flor em flor, a chupar-lhe o polen, e que Vergílio pintou magistralmente com a expressão *fervet opus*, tornada popular, deu origem a criar-se o verbo *abelhar-se*, como do facto dêle, nesse constante rodopio, penetrar em toda a parte onde possa encontrar o material com que depois ha de fabricar o mel e a cera proveiu a denominação de *abelhudo* para a pessoa «que se ingere e intromete no que lhe não pertence, sem o rogarem» (Morais).

Com a ave de rapina chamada *abutre*, que costuma refestelar-se nos cadáveres que encontra, já os Romanos comparavam o indivíduo que anda em cata de heranças ([1]); no sentido quasi idêntico do que suspira pela morte de alguem, na intenção de gozar os bens que dêle espera, usou êste termo Amador Arrais, quando no Diálogo IX, cap. 18 diz: «E cuido que só este pensamento é ao enfermo mór enfermidade, vendo-se cercado de... abutres, que, sendo vivo, o tem por morto».

Os flancos ou *alas* de um exército são equiparados às *azas* das aves, e êste mesmo vocábulo, como *adejar*, que dêle deve provir, sem falar em *voar*, *esvoaçar*, etc., a gente o aplica a si em sentido figurado ([2]).

Alvéloa ou *arvela*, na pronuncia popular, é um passarinho de plumagem branca e negra que tantas vezes vemos aos saltos em roda dos arados em procura dos vermes na terra que êles vão sulcando; assim se chama tambem a mulher franzina e delicada (Morais).

Pela sua leveza e fragilidade comparamos às *teias de aranhas* as ninharias, bagatelas, ilusões ou preconceitos que a nossa imagi-

(1) Assim o faz, por exemplo, Marcial nestes versos:

Amisit pater unicum Salanus;
Cessas mittere munera, Oppiane?
Heu, crudele nefas malaeque Parcae?
Cujus vulturis hoc erit cadaver?

(2) O mesmo entre os Romanos, que chamavam igualmente *ala* à parte do braço que fica entre o ombro e o cotovelo (cf. Horácio, *Epist.*, I, 13: ne forte sub ala fasciculum portes librorum), a certa porção de cavaleiros, no exercito, e ainda a outros objectos comparáveis às asas. Cf. também a expressão *palavras aladas* (ἔπεα πτερόεντα), tão freqüente nos poemas homéricos. Em sentido idêntico diz Plauto, *Amphitruo*, I, I, 170: vox mihi ad aures advolavit.

nação forja, dando-lhes não raro importância que na realidade não possuem.

Parece, ou pelo menos é crença geral, que dentre os animais com que diáriamente convivemos é o *asno* ou *burro* o mais estupido, daí o transferirmos êsse nome ao indivíduo falho de inteligência (1).

Bicho é entre o povo a designação genérica sôbre tudo de qualquer insecto; em linguagem mística assim se classifica também o homem, considerado como ser mesquinho e vil; por êsse motivo talvez damos igual designação ao indivíduo que exerce um ofício baixo, daí *bicho da mantieiria*, da *cozinha*. Ainda a mesma designação, só ou acompanhada do qualificativo *do mato*, tenho ouvido dar à pessoa concentrada e metida consigo. Pelo respectivo feminino é conhecida entre o povo a *víbora*, donde aplicarem-se ambos os nomes à mulher de génio violento e irascível.

Sem dúvida porque, à similhança da ave assim chamada, é de noite especialmente que exerce o seu ofício, dá-se o nome de *bufo* ao polícia que, ao contrário dos outros, não usa sinal exterior que o diference dos restantes cidadãos e dificultaria a sua missão de descobrir crimes ou conjuras, envoltos no máximo segrêdo.

De *cabra* é costume alcunhar-se a mulher que, como o animal seu homónimo, *salta* freqüentemente por sôbre as leis da moral e honestidade.

O que muda com facilidade de opinião, consoante os seus interesses, e sabe amoldar-se a todas as circunstâncias, virando a casaca, como se usa dizer, a todo o momento, é comparado ao *camaleão*, que se diz tomar várias cores.

O *cão*, apesar das qualidades que o exornam, tão excelentes que levaram Schopenhauer, se não estou em êrro, a dizer que, quanto mais conhecia o homem tanto mais apreciava aquele; êsse animal duma dedicação invulgar (2), é todavia, desde remota antiguidade, considerado o emblema da impudência e desfaçatez, como o mostra o seu derivado *cínico*, que ainda hoje conserva a primitiva significação. À mulher impúdica e sem vergonha damos o mesmo nome de *cadela*, que a formosa Helena a si próprio apli-

---

(1) Lá diz Plauto no seu Pseudolus 1, 2, 4: *neque ego homines magis asinos unquam vidi.*

(2) Já Homéro na *Odissea* apresenta o Argos, o velho cão de Ulisses, como, contráriamente ao porqueiro Eumeo (xiv, 36), reconhecendo o seu antigo dono, não obstante os farrapos que o cobriam e haver já 20 anos que não o via, e morrendo subitáneamente de alegria (xvii, 291-327).

cava, nos momentos de certo em que sentia os rebates da consciência [1], e ao homem que a procura costumamos apelidar de *cadeleiro*; de cão procede também o verbo *encanzinar*.

Cuco se chama o marido enganado; tal comparação resulta de se crer que a fêmea da ave dêsse nome se mete no ninho doutras, o que não está bem averiguado. Na farsa *Inês Pereira* de Gil Vicente encontra-se essa comparação [2], junta à de *cervo* e *gamo*, animais de notável armação, símbolo do casado a quem tal precalço acontece.

Quando dizemos que um indivíduo *arrasta a asa a uma mulher*, em vez de nos servirmos de *cortejar*, *namorar* ou outro vocábulo de sentido idêntico, comparamo-lo ao *galo* e, como a respectiva fêmea o faz aos ovos, nós *chocamos* por vezes uma ideia, uma doença, quando pensamos na maneira de pôr em prática aquela ou, antes que esta se revele claramente, nos sentimos indispostos e num indefinido mal-estar.

A meretriz tinha já entre os Romanos a designação de *lupa* ou *loba*, donde o chamar-se *lupanar* ao prostíbulo; daí, segundo Tito Lívio (1,4) a conhecida fábula, perpetuada pelo bronze, da amamentação dos fundadores de Roma, quando infantes, por êsse animal [3]. Não se me afigura clara a razão de tal semelhança, a não ser que a mulher em questão costuma devorar os haveres de quem lhe cai nas mãos; é possível todavia que, como afirmam os etimólogos, a palavra *lupa* seja um divergente de *vulpes* ou *raposa*; sendo assim, compreende-se essa assimilação, pois êste animal, em ambos os géneros, e ainda o seu sinónimo *zorra* é desde tempos

(1) Homéro, Ilíada, VI, 344 e 356. Também entre os Romanos *canis* era epíteto injurioso, como se póde ver, por exemplo, em Terêncio, *Eunuchus*, 803: ain vero, canis? e Horácio, Epod. VI: quid immerentes hospites vexas canis ignavus adversum lupos?

(2) *Cuculus* chama Plauto (Trinummus, 245) ao que se deixa embair das carícias da falsa amante.

(3) *Larencia* dizia a tradição chamar-se a mulher de *Faustulo*, o chefe dos pastores do rei *Amulio*. Deve de certo ter havido aqui influência de *Acca Larencia* (ou Larentina), originariamente talvez identificada com a Mãe dos Lares, *Lara Larunda*, que, como *Lupa* ou *Luperca* (donde as festas *Lupercais)*, amamentava os dois espíritos protectores da cidade de Roma, Pico e Fauno, devendo a êste nome de *Luperca* ascender a lenda da loba, que deu de mamar aos dois irmãos. Posteriormente fez-se dela uma personagem histórica e ama de Rómulo e Remo. Mas, porque *lupa* tinha também significação indecorosa (cf., por exemplo, Cícero (*Mil.*, 55): ille, qui semper secum scorta, semper lupas duceret), no intento de explicar a amamentação da loba, fez-se aparecer a ama como meretriz: cf. Tito Lívio, cap. IV, do livro 1.º, nota de Moritz Müller.

remotos tido como símbolo da astúcia e manhas correlativas que caracterizam a mulher que exerce tal profissão e por isso os seus variados nomes ainda hoje são dados ao indivíduo de qualquer dos sexos em que essas qualidades se revelam.

À amante do padre tenho ouvido chamar *mula* (1), ou por que em geral não aparece com filhos, tal qual aquele animal, que o povo classifica de *malina* ou *maninha*, ou antes por ser êste animal o preferido pelos abades, bispos e grandes senhores, quando viajavam.

O homem astuto, sagaz, velhaco, costuma ser equiparado ao *melro*, provavelmente por se crer existirem essas qualidades nesta ave.

Já pelos antigos foi notado, como se vê da fábula, o orgulho que o *pavão* tem na sua, realmente bonita, plumagem; daí chamar-se assim ao inchado da vanglória e também o verbo *pavonear-se* ou *apavonar-se*.

Do costume talvez de, antes de o matar, fazer ingerir vinho ao *perú*, para lhe tornar a carne mais tenra e macia, veiu para a bebedeira a denominação de *perúa*.

De *urso* é alcunhado aquele que evita a sociedade; daí talvez o chamar-se assim também nas escolas ao estudante que sobresai entre os condiscípulos pelos louros alcançados, na maioria dos casos por aplicação constante, que se não coaduna com excessivo convívio.

De uma pessoa que se irrita como a *vespa*, quando a provocam, dizemos que se *abespinha*.

De *serpente* (forma que coexistiu com *serpe*) fizemos *serpentar* ou *serpentear* (a par de *serpear* ou *serpejar*) e, como se me afigura, *sarapantar* ou *assarapantar* (2), isto é, causar susto igual ao que se experimenta ao ver o ofídio, e *sarapintar* ou cobrir de manchas, à similhança do mesmo, devendo, porém, neste último vocábulo ter influido a etimologia popular.

E... fico por aqui, pois, se quisesse enumerar todas as metáforas que ou herdamos com a língua ou criamos pela nossa parte, quási que teria de transportar para aqui todo o vocabulário, tão grande é o número delas.

J. J. NUNES.

---

(1) Morais, citando o dito do *Livro Velho das linhagens*, pretende, a meu ver, sem razão, corrigir em *manceba*, a classificação de *mula d'el-rei de Portugal* que êle dá a uma certa D. Delgradelin: cf. conto intitulado *A ama do padre* na *Revista Lusitana*, II, 322. Catulo chama *mulo* a um homem (83,3), como nós diriamos *besta* ou *cavalgadura*.

(2) Só em Constâncio (Dic.) encontro esta etimologia. Devo esta observação ao meu amigo, snr. Sá Nogueira.

MISCELANEA

Costumes de Braga do seculo XVIII

Numa pastoral de D. José, Arcebispo de Braga, de 1742, ordena-se o seguinte:

a) *Traje eclesiastico:*

Que os ministros da Igreja, dentro de Braga e nas villas do Arcebispado, «uzem *de capa, e loba ou abbatina,* de baeta preta, crepe ou lemiste, ou de outro qualquer fabrico de lã; mas não de seda, nem com chapas nos cabeçoens. Nas jornadas, e lugares menos populosos lhes permitimos o uzo de cazacas, ou roupetas da mesma côr, ou outras tambem honestas, algum tanto mais curtas; mas sem canhoens, bolços, e pregas».

«Nos *chapeus* não uzem de prezilha larga; mas poderão orna-los com fita preta, e prezilha singela».

«Não tragão polvilhos, nem pentes no *cabello,* nem fitas nas *camizas,* nem pedras falsas, ou verdadeiras nas fivellas dos *çapatos.* Nem (passados dous mezes depois da publicação desta) uzem mais de *cabeleiras,* ou *perucas,* sem nossa licença. E no mesmo *cabello* não uzem de compoziçoens affectadas: e determinadamente se evite a *espertadura ou divizão,* que lhe fazem alguns, afastando-o para hum, e outro lado desde a testa até a coroa».

b) *Divertimentos do clero:*

«Alguns ecclesiasticos .. andão de noite tocando viola .. pelos moinhos, seroens, fiadas, espadelladas e outros semelhantes ajuntamentos de mulheres .. ». Proibe isso «sob pena de suspensão .. e 20 cruzados pagos do aljube (ametade para a nossa Sé e Meirinho e a outra ametade para quem em segredo der conta, havendo huma testemunha)».

c) *Mulheres de servir dos eclesiasticos:*

«Mandamos, sob pena de suspensão, e de 20 cruzados pagos do aljube, que em suas casas se não sirvão de criada, ou *escrava,* cuja honra e honestidade algum dia padecesse infamia, nem de mulher algũa, posto que de boa fama, de menos de 50 annos de idade, ainda que sejão filhas ou mulheres de alguns criados seos».

d) *Exorcismos:*

Regula o uso de exorcismos feitos a pessoas «que se sintam *vexadas do Demonio*», não desejando que os façam sacerdotes menos dotado de sciencia e prudencia».

e) *Sermões:*

Manda que por ocasião de sermões não se dêem *escarradas* em applauzo aos prègadores.

f) *Votos:*

Manda que as «romarias, a que chamão *votos*, que de certas frèguezias vão homens e mulheres fazer e cumprir a lugar distante» se façam de modo que as pessoas não pernoitem fóra de suas casas.

g) *Mascaradas nas funções religiosas, e entremeses:*

«Prohibimos o uzo de *mascaradas* que não forem precisamente necessarias ás figuras, de que se compuzerem os *passos* e *bayles* para que damos licenças. Prohibimos tambem as *comedias* e *entremezes* que em algumas frèguezias se costumão fazer nas festividades de alguns santos».

h) *Costumes da Semana Santa:*

Proibe o costume de na semana santa se pedirem «*pastilhas, confeitos* e *amendoas,* e muitas vezes nas mesmas igrejas na presença do Veneravel Sacramento exposto».

J. L. DE V.

O Têno

O «dar o *têno*» fôra outrora costume muito em voga mas hoje completamente banido.

Em casa onde houvesse um «mortorio» coziam logo uma fornada de pão: *bôlos* e *brôas.* Os primeiros eram comidos — e regados com a competente «pinga» — pelos que iam de noite velar o cadaver e as brôas seguiam para a Igreja no dia do funeral.

Depois da saída do «enterro» algumas mulheres com cestos cheios de brôas e garrafões ou cabaços de vinho á cabeça dirigiam-se para a «casinha» que situada ao lado do adro servia para arrumação dos andores e outros artigos de culto, para as reuniões da junta e distribuição do «têno». Ao centro havia uma mesa muitas vezes de pedra e á roda bancos.

Findos os trabalhos do «enterro» quem quisesse vinha para ali comer pão quente e beber vinho — que outra coisa se não bebe nestas terras. Os pobres ficavam á porta e os remediados e demais pessoal do enterro sentavam-se á roda da mêsa. Depois de todos terem comido e bebido a fartar partiam-se umas duas ou três brôas que estavam de lado e dava-se a cada um dos presentes um quinhão — o «têno».

Feita esta distribuição todos resavam por alma do morto. Em geral era o enterrador a quem davam por isso um «têno» maior, que fazia uma longa reza a que todos os presentes respondiam em côro.

Tudo isto se fazia para sufragar a alma do morto, e havia casas que coziam por esta ocasião mais de vinte alqueires de milho.

Só dava o «têno» quem era bastante rico para o fazer. Havia quem fosse ao «têno» ou ao «pão quente» por gulodice.

No testamento de Vasco Pires, Clerigo, datado de 1528, em Elvas, encontra-se: «Mãdo q̃ leuem cõ meu corpo presẽnte (á Igreja) des alqrs de trigo e dous almudes de vynho e mea duzia de pescados» (1).

Devemos notar que no Alentejo o grande cereal panificavel é o trigo; e o «têno» se dava no Minho onde se panifica em grande escala o milho.

Mais tarde, quando caíu em desuso a distribuição do «têno» na Igreja, legava-se uma quantidade de alqueires de milho que panificados eram divididos pelos pobres.

No testamento do P.e Francisco Fernandes Pacheco, de Carreço (Viana do Castelo), datado de 1798, encontrei eu: «No dia do meu primeiro oficio (o testador pedia dois oficios) se cozerão oito alqueires de milho e se repartirão aos pobres em minha casa para que roguem a Deus por mim».

Ainda não ha muitos anos que eu assisti em Outeiro (Viana do Castelo) a um «mortorio» em que se distribuíram pelos pobres vinte alqueires de milho.

«Têno» é sinonimo de «naco», pedaço, e ainda hoje se diz «um têno de pão».

Outeiro (Viana do Castelo).

AFONSO DO PAÇO.

---

(1) V. *Revista Lusitana*, vol. v, p. 301.

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Glossário Luso-Asiático por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, Professor de Sânscrito na Universidade de Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2 volumes, 1919-1921.

A *Revista Lusitana* orgulha-se de poder arquivar nas suas colunas os quatro documentos seguintes, que concernem a uma obra com que um dos mais insignes colaboradores d'ela, Monsenhor SEBASTIÃO DALGADO, enriqueceu recentemente, e honrou, a nossa literatura scientifica.

J. L. DE V.

I.

(Artigo de A. Meillet, Professor do Colegio de França: saiu no *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t. XXI, 2.º fasc., n.º 67, e respeita ao vol. I do *Glossario*).

Mgr. S. R. Dalgado, qui enseigne le sanskrit à l'Université de Lisbonne, s'est fait une spécialité de l'étude des rapports de vocabulaire entre les langues de l'Inde et le portugais — et par là des langues européennes. On connait déjà notamment ses utiles *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* qu'a publiées l'Académie de Lisbonne en 1916, et où il a étudié à fond un certain nombre d'expressions empruntées. Il reprend maintenant tout l'essentiel du sujet en un dictionnaire, dont le volume annoncé ici est la première moitié et qui sera pour le portugais, l'équivalent de ce qu'est pour l'anglais le livre de Yule et de Burnell, intitulé *Hobson-Jobson*. Les renseignements fournis sont riches, et le livre de Mr. Dalgado sera l'un des outils désormais indispensables aux savants qui voudront étudier les sources du vocabulaire européen moderne.

A. MEILLET.

2.

(Artigo de J. Bloch, da Sociedade Asiatica de Paris, publicado no *Journal Asiatique*, fasciculo de Novembro-Dezembro de 1919; respeita ao volume 1.º do *Glossario*).

Tous les orientalistes connaissent et savourent le *Hobson-Jobson*, ce recueil d'abord destiné dans la pensée des auteurs à expliquer les mots indiens entrés dans le langage courant des coloniaux, et devenu un répertoire d'une richesse et d'un intérêt uniques portant sur toute l'histoire des rapports entre l'Europe et l'Extrême-Orient. Mgr. Dalgado acceptera volontiers que l'on mentionne d'abord cet ouvrage en signalant ses travaux, car il se plait à reconnaitre tout ce qu'ils lui doivent, et c'est aussi le moyen d'indiquer immédiatement leur objet.

Que le *Hobson-Jobson* puisse être enrichi et varié, cela découle de sa nature même; et Mgr. Dalgado a toute raison de le reprendre du point de vue portugais. A vrai dire, son dessein est légèrement différent: il ne cherche pas à éclaircir l'histoire des mots ou des objets qu'ils désignent: son travail est avant tout une recherche de lexicologie portugaise. A ce point de vue il intéressera particulièrement les études romanes, et en particulier les études françaises — car un bon nombre de mots coloniaux du français viennent directement du portugais. Mais l'orientaliste y trouvera son profit, car dans les articles correspondant à ceux du *Hobson-Jobson*, les textes portugais sont souvent plus nombreux; et surtout on trouvera ici un grande nombre de mots que le *Hobson-Jobson* ne donne pas, ou donnait de façon différente. On sait en effet que les Portugais ont précédé les autres Européens en Extrême-Orient; par la conquête et surtout par le commerce et par la propagande religieuse ils ont pris contact intime avec la population; le portugais est devenu la langue commune de touts les ports de l'Inde et de l'Extrême-Orient, et a survécu à la domination portugaise: de nos jours encore, on signale à Ceylan un dialecte indo-portugais, parlé par des gens qui n'ont pas une goutte de sang portugais dans les veines, et dont Mgr. Dalgado a donné jadis une étude (1); quant aux vocables portugais entrés dans les parlers d'Extrême-Orient, le nombre en est assez grand pour qu'il ait pu consacrer un volume

(1) *Dialecto indo-portuguès de Ceylão*, Lisbonne, 1900.

à les collectionner (1); un grand nombre en a passé dans d'autres langues européennes par l'intermédiaire des colonies: il suffit, par exemple, de rappeler le nom de la caste. On sait enfin que certains mots indigènes ont subit le même transfert par l'intermédiaire du portugais: tels *palanquin*, *mandarin*, sans doute *bambou* dont l'origine vraie reste inconnue, ou *boy*, qui paraît si essentiellement anglais.

Pour tout le détail de cette histoire, histoire des mots et histoire des choses, on n'aura trop de points de repère. Les mots coloniaux ont des histoires très embrouillées; qui peut dire si *véranda* est sûrement un mot de l'Inde ou un mot portugais? De même, *tank*, qui est devenu une notion européenne, est un mot colonial aussi; mais y a-t-il ou non en anglais collusion de deux mots, l'un portugais, l'autre indien? Le mot portugais est-il venu en Angleterre directement ou par l'Inde? Mr. Dalgado a déjà étudié un certain nombre de problèmes de ce genre dans des publications antérieures (2); en realisant patiemment la vaste littérature des premiers voyageurs, en vérifiant les formes qu'ils donnent, il aura contribué, en même temps qu'a honorer sa langue nationale, à èlucider certains points de l'histoire des rapports entre l'Europe et l'Extrême-Orient.

J. BLOCH.

3.

(Artigo do vice-presidente da Real Sociedade Asiática de Londres, M. Longworth Dames, publicado no «Jornal» da mesma sociedade, de Abril de 1921, e respeitante aos dois volumes do *Glossário)*.

Esta obra admirável, conquanto traga o modesto título de Glossário, é na realidade um tratado que contém enorme soma de investigações sôbre um assunto quási desprezado. Na Inglaterra conhecemos os estudos de Sir. H. Yule sôbre as inter-relações das línguas europeias e orientais nos tempos modernos, dos quais, de sua colaboração clássica com Mr. A. H. Burnell, resultou o *Hobson-Jobson*, mais tarde cuidadosamente reeditado por Mr. W.

(1) *Influencia do vocabulario português em linguas asiaticas*, Coïmbre, 1913.

(2) Outre celles déjà mentionnées, relevons les plus récentes: *Contribuições para a lexiologia luso-oriental*, 1916; *Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiatico-africana*, 1917 (l'une et l'autre publiées par l'Academie des Sciences de Lisbonne).

Crooke. Mgr. Dalgado encarou o assunto sob o ponto de vista Português, e mostrou-se digno sucessor de Yule. A sua obra não é sómente um «Hobson-Jobson Português», mas alguma coisa mais, por isso que o Português, sob êste ponto de vista, ocupa uma posição diferente das outras línguas europeias. Foi primeiramente, no campo de dar e tomar, o meio pelo qual muitos dos empréstimos Orientais se atingiram. Palavras de origem Malayálam, Tamil, Singalêsa ou Malaia penetraram na Europa pelo canal português e conservam a forma que lhes foi dada pela língua portuguesa. E do mesmo modo, palavras europeias, hoje correntes no Oriente, são derivadas do português, e muitas delas se encontram em uso diário não sómente nas costas onde os Portugueses se estabeleceram, mas em toda a parte da Índia. E não foi sómente neste ponto que o português deixou vestígios, mas êle está largamente representado no mapa da Ásia e em nomes como Bombaim, Calicut, Hooghly, Chittágong, Sião, Malaca ou as Molucas; nós continuamos a empregar as formas por que os nomes vernáculos foram pronunciados pelos primeiros aventureiros Portugueses.

Mgr. Dalgado tem, por isso, um vasto campo de observação diante de si, e êle encontra-se bem aparelhado para a tarefa. Fez um estudo detido e cuidadoso das línguas arianas e dravídicas da Índia e do singalês e malaio, e são únicos os seus estudos dos dialectos do Português que ainda se falam no Oriente. Estes dialectos encontram-se fora dos limites dos actuais domínios Portugueses, como, por exemplo, em Ceilão e Negapatão, e o seu estudo é origem frutífera de ensinamentos.

O campo do *Glossário* é suficientemente vasto para incluir não sómente palavras em uso popular, mas ainda outras espalhadas em obras de sciência e investigação, tais como os termos adoptados não sómente em Português, mas em todas as línguas literárias da Europa, ilustrando as ideias religiosas e filosóficas do Oriente. Estas são, principalmente, tomadas do Sânscrito ou Árabe, e a sua elucidação é certamente necessária aos que estudem os credos e as ideias Orientais e não sejam filólogos ou não estejam familiarizados com as línguas orientais.

Um dos mais úteis aspectos desta obra é a cadeia muito completa de citações, tiradas principalmente, mas não exclusivamente, de escritores portugueses, desde a mais primitiva data da chegada dos Portugueses aos mares orientais até ao presente, a principiar pelo *Roteiro* ou livro da memorável viagem de Vasco da Gama e outras narrativas de viagens antigas, seguidas da

correspondência de Albuquerque, o *Livro* de Duarte Barbosa e as importantes obras dos grandes historiadores do século XVI. São dispostas, como em *Hobson-Jobson*, cronologicamente e com uma grande cópia de demonstrações, indipensáveis ao que estudam o assunto.

Um bom exemplo da forma exaustiva adoptado por Mgr. Dalgado se encontrará na palavra *amouco*, que se deve ler junto com o artigo *a-muck* de *Hobson-Jobson*. O primeiro uso desta palavra em português encontraram Yule e Burnell em Duarte Barbosa (cêrca de 1516) e neste fundamento êles basearam a sua opinião de que a palavra estava já em uso entre os Malaios em 1511, quando os Portugueses foram pela primeira vez a Malaca; mas Dalgado diz que no original português foi empregada palavra muito diferente (v. g. *ganiço)*, e que *amouco* só se encontra na versão hespanhola de data muito posterior. A primeira aparição de *amouco* foi, de facto, nas obras de F. Mendes Pinto, e é referida ao ano de 1540, conquanto o seu livro fôsse escrito depois do seu regresso a Portugal, em 1558. E a citação do historiador Castanheda mostra que em 1551 a palavra *amouco* era ainda considerada derivada da Índia. Citações como estas são muito valiosas, afectando a questão do lugar certo de origem da palavra, e a mesma importância se verifica em muitos outros casos. A opinião de Dalgado é que a última origem da palavra é o sânscrito *amókshya*, mas que tinha sido, como muitos outros termos indianos, adoptado na língua Javanena e dado lugar ao termo *ámoq* e ao verbo *meng-ámoq* em malaio, no qual afinal deslocou o velho termo *ganas*, que os Portugueses representaram sob a forma de *ganiço*.

Outro artigo característico a que se pode aludir é o que se refere à palavra *jangada* (cf. H J., s. v. *jângar)*. Esta palavra, derivada do Malayálam *changádam* e ultimamente do sânscrito *sanghatta*, «união ou junção», foi largamente adoptada no português, e é empregada em nada menos de sete sentidos, os quais todos são plenamente ilustrados nas citações.

A mesma nota se pode fazer quanto a *pagode* ou *pagoda*, que tinha sido já estudado pelo autor nas suas *Contribuições para a Lexiologia Luso-Oriental* (Lisboa, 1916). Seus vários significados 1), como imagem ou divindade 2), como templo 3), como nome de uma moeda, e 4) como um festival, são todos tratados exaustivamente, indicando-se que o seu primeiro uso no sentido de «templo» se aplicou sómente aos lugares de culto duma casta particular no Malabar. No último sentido, de festival ou de assem-

blea popular, o uso da palavra limitou-se aos Portugueses, ao passo que nos sentidos 1) e 2) se espalhou por outras línguas. No primeiro sentido tornou-se obsoleto.

Outro estudo interessante é o que se refere à palavra *macaréo*, refluxo da *maré*, que foi primeiramente empregada pelos Portugueses para descrever o fenómeno bem conhecido do golfo de Cambaia pelos historiadores do século XVI, e depois se estendeu para o descrever noutros lugares. A origem desta palavra e as suas relações com o francês *macrée* ou *mascaret* teem sido assunto de controvérsia e foi já tratado pelo nosso autor na sua referência a Gonçalves Viana (1) e nas suas *Contribuições para a Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1917) (2). Parece, certamente, ser de origem indiana, e é referida ao sânscrito *makara*, crocodilo ou monstro marinho. Mas a palavra não é usada no sentido de «refluxo das águas» em qualquer língua indiana. O nosso autor supõe que aos Portugueses fôsse dito que êsse «refluxo» era causado por um *makara* que vinha devorar os homens, e que êles teriam tomado isso por nome vernáculo. Esta explicação engenhosa pode talvez ser correta. Parece claro que os termos franceses derivam do Português, e não o inverso. Mgr. Dalgado pensa que a forma *macrée* foi primeiro adoptada, e *mascaret* formou-se mais tarde com a inserção dum *s*, do mesmo modo como *pateca*, melancia, que se transformou em *pastéque*. As palavras francesas eram desconhecidas antes do século XVI, e não parece que qualquer origem francesa tenha sido sugerida.

Será tarefa difícil descobrir erros ou defeitos nesta obra, mas numa empresa de tão notável magnitude é inútil dizer que alguns deve haver. Posso referir-me apenas a um na palavra *sadi*, termo derivado do persa e usado em Hurmuz por uma importância de 100 *dinars*. O autor compara-o ao *sedeo*, termo que significa dinheiro de conta, usado no Gujarate. Creio, porém, que não há dúvida, como mostrei numa nota sôbre a passagem em que se diz (Livro de Duarte Barbosa, Hakluyt Soc., vol. I, p. 156) que *sedeo* é um êrro por *fedea*, que estava em uso freqüente no século XVI

(1) [Vid. *Bolet. da 2.ª cl.* da Academia das Sc. de Lisboa, t. X, p. 802. D'este artigo fez-se separata com o titulo de *Gonçalves Viana e a Lexiologia portuguesa*, Lisboa, 1916. — J. L. DE V.]

(2) [Longworth diz por equivoco «Philologia» em vez de «Lexiologia»: artigo tambem inserto no *Bolet. da 2.ª cl.*, t. IX, e publicado em separata. O opusculo tem a data de «1916» e não de «1917», como tambem por equivoco se lê acima. — J. L. DE V.]

(veja-se *Hobson-Jobson*, s. v. *Fedea)* e que não tem nenhuma relação com o *sadi* de Hurmuz.

Mgr. Dalgado é conhecido desde há muito pelos seus estudos sôbre as relações entre o português e as línguas do Oriente, não sómente as da Índia, mas as inumeráveis línguas faladas desde a África Oriental até ao Japão. Em aditamento ao seu trabalho sôbre Gonçalves Viana, já mencionado, foram publicados pela Academia das Sciências as seguintes: *Influência do Vocabulário Português nas Línguas Asiáticas* (Lisboa, 1913), *Contribuições para a Lexiologia Luso-Oriental* (Lisboa, 1916). Publicaram-se os seus Dicionários *Concani-Português* e *Português-Concani*, o primeiro em Bombaim (1893), o segundo em Lisboa (1905). Tem também publicado muitos estudos sôbre os dialectos ainda existentes do português na Índia e Ceilão.

Neste monumental *Glossário* está o resultado de todo o seu trabalho compendiado e disposto de forma conveniente; e é de esperar que os estudiosos de Inglaterra e da Índia que não conheçam o português se esforcem por obter suficiente conhecimento daquela língua para poderem aproveitar a grande cópia de ensinamentos valiosos que estes volumes contéem.

M. LONGWORTH DAMES.

(Tradução publicada no *Heraldo* de Nova Goa de 20 de Julho de 1921, e d'aí transcrita para a *Revista Lusitana)*.

4.

(Portaria de Louvor)

Tendo a Academia das Sciências de Lisboa remetido ao Ministério da Instrução Pública um exemplar do *Glossário Luso-Asiático* (2 vols. em 4.° de pp. 535 e 580, Coimbra 1919-1921), composto por MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO, Sócio Correspondente da mesma Academia e Professor da língua e literatura sânscrita na Faculdade das Letras de Lisboa, no qual o seu autor mostra possuir um extenso conhecimento das línguas áricas e dravídicas do Industão, da língua arábica e da persiana e das línguas faladas no Extremo-Oriente;

Considerando que o mesmo *Glossário Luso-Asiático* compreende cêrca de 5:500 vocábulos de origem oriental, que se leem nas obras dos escritores portugueses, que narram os feitos gloriosos dos nossos maiores na Ásia, dando-se dos mesmos vocábu-

los a etimologia e as significações primitiva e usual, comprovadas por numerosas citações de escritores nacionais e estrangeiros, dispostas cronológicamente, e com indicação das obras de que são extraidas;

Considerando que o mesmo *Glossário Luso-Asiático* é não só uma valiosa e extensa contribuição para o dicionário da língua portuguesa, mas também um poderoso auxiliar para a compreensão das obras dos escritores que se ocupam dos negócios do Oriente;

Atendendo a que a Academia das Sciências de Lisboa, que tem manifestado sempre notável zêlo e actividade, promovendo o progresso das sciências e o gôsto das belas letras, considera o *Glossário Luso-Asiático* como uma das mais importantes e úteis das suas publicações feitas nos últimos anos;

Atendendo a que o *Glossário Luso-Asiático* foi anunciado muito favoravelmente no *Royal Asiatic Society*, de Londres, por Mr. Longworth Dames, e na Société Asiatique de Paris por Mr. Jules Bloch:

O Govêrno da República Portuguesa manda comunicar ao presidente da Academia das Sciências de Lisboa que lhe foi muito agradável constatar que a mesma Academia continua a empregar os seus esforços, promovendo a cultura das sciências e das letras e a sua difusão, como principal objecto do seu instituto; e louvar MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO pelo zêlo, perseverança e desinteresse com que perfez tão útil obra, que revela extensos conhecimentos linguísticos e grande erudição da história e etnografia.

Paços do Govêrno da República, 12 de Agosto de 1921.

O Ministro da Instrução Pública,

ANTÓNIO GINESTAL MACHADO.

(Do *Diário do Govêrno* de 18 de Agosto de 1921).

Dr. Leo Spitzer, Privatdocent an der Universität Wien: *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik. Halle a. S., Verlag von Max Niemeyer. 1918.* 8.º, p. 392.

Nesta obra colige o bem conhecido romanista uma série de estudos, já na maior parte publicados em revistas da especialidade ou nas comunicações de um instituto académico.

Eis o assunto dêsses estudos: 1. Para a sintaxe do pronome possessivo italiano. 2. O francês *La conversation... ne sentait point son curé de village;* o português *seu burro.* 3. O fr. *chef d'oeuvre.* 4. O fr. *payer comptant* e locuções análogas. 5. O fr. *vous avez beau parler.* 6. Sôbre o ital. *così.* 7. Sôbre o fr. e o it. *là.* 8. Sôbre o espanhol *que.* 9. O it. *Pazienza.* 10. *Facere* com o infinito, como perífrase do verbo finito. 11. O emprêgo do geral pelo individual (tipos *on va = nous allons; são vaidades; allons donc!).* 12. Sôbre o futuro *cantare habeo.* 13. Sôbre o imperativo em românico. 14. *Persona* pro *re.* 15. Esp. e catalão *y (e).* 16. Sôbre o enquadramento no românico (Ex.: *deixa estar, deixa!)* 17. O românico *Noctem et diem.* As inovações sintácticas dos simbolistas. 19. Uma palavra para substituir «sintaxe». 20. Aditamentos e correcções. Segue-se um índice de matérias e outro de palavras.

O sumário que fica exposto já de per si nos diz que há neste livro alguma cousa que directamente nos interessa; mas na realidade há muito mais do que pode parecer.

O sr. L. S., que conhece, talvez como ninguém, as modernas literaturas românicas e faz entrar no âmbito dos seus estudos os próprios dialectos destas línguas, recheia os *Aufsätze,* como é seu costume, de citações sôbre citações, encadeia assuntos sôbre assuntos, acumula observações sôbre observações, de maneira que a cada passo vemos chamadas à autoria os nossos escritores, encontramos estudadas construções da nossa língua.

Obra de difícil leitura e de trabalhosa consulta, mas obra em que muito se aprende e cujo exame minucioso daria assunto para numerosos artigos.

Limitar-me-hei, por isso, a chamar para ela a atenção dos estudiosos que ainda a não conheçam e a fazer apenas uma ou outra ligeira observação.

Pág. 9. A propósito do adjectivo enfático *matto (doido)* do veneziano *la so mata botilieta de rosolio,* aduz o sr. L. S. a frase alemã *es kostet ein närriches Geld* e interpreta *närriches (doido)* por *ordentliches.* Também temos o adjectivo em português, mas com a significação oposta a esta: *custa um dinheiro doido; fez uma despesa doida,* isto é, uma quantia extraordinária, uma despesa muito fora do usual.

Pág. 9-10. Para «seu burro» admite o sr. L. S. a possibilidade da explicação pelo *suus,* em virtude de uma «transposição mecânica»: «burro de si» = «burro de você», donde «seu burro»; mas não lhe desagrada a opinião da sr.ª D. Carolina Michaelis, que deriva o *seu* de «senior», «senhor», pela fonética sintáctica.

Em abôno do «suus», equipara o sr. L. S. «pobre de você» a «* seu pobre» (¹).

Mas «pobre de você» pertence ao tipo «coitado de mim», «de ti», etc. (em todas as pessoas e números) e «seu pobre» tem uma significação muito diferente, é uma expressão exprobrativa do tipo «seu burro», e, como tal, só se usava inicialmente na terceira pessoa. Se depois a forma «seu» de *senior*, por confusão com o «seu» de «suus», fez aparecer o «meu» («meu burro», «minha besta», «meu besta»), o pronome possessivo da segunda pessoa conservou-se refractário à influência do «seu», por não fazer sentido nenhum (²).

E a confirmação de que «pobre de você» nada tem, quer pelo lado da morfologia, quer pelo da semântica, com «seu pobre», encontra-se no facto, que ao sr. L. S. causa estranheza, de que em todos os exemplos citados por Tobler só aparecer a terceira pessoa: *seu burro, sua besta, seus tagarelas.*

Mas não faltariam a êste escritor exemplos do tipo: *que fazes aí, minha* (ou *meu) besta?*

E esta substituição do «seu» exprobrativo por «meu», tornou-se obrigatória no português, quando se trata por «tu» a pessoa com quem se fala. Não poderíamos dizer, como o ancalús (ou andalusa) do exemplo citado pelo sr. L. S.: *¿Con que no quieres trabajar, so malandron?* O *so* temos de traduzí-lo por: *meu.*

É fundamentada a observação de que em «sua besta», «seus tagarelas» houve pelo menos a influência do «seu» de «suus».

E esta influência, como fica dito, foi mais longe, pois fez aparecer o «meu».

É possível que de *sú asno, sú besta,* pronúncia enfática corrente no Minho, viesse o feminino *sua,* e depois *seu,* e que do *sê* ou proclítico *se,* em «Como vai isso, sê Zé» (ou: «se Zé»), se passasse directamente para o «seu Zé». Cf. «ser Zé», a par de «sor Zé».

Pág. 35. n. da pag. 34. Diz o sr. L. S.: «Não é para mim inteiramente claro o «até ali», de «Boa até ali, meu amigo» (fala-se de uma mulher, cuja bondade se quer enaltecer). E interpreta: «boa que ela é»; «lá isso, boa é».

Há sua diferença. «Boa até ali» diz mais: «é boa, o mais que

(¹) Não se costuma exprobrar a ninguém a sua pobreza e só assim se explicaria o asterisco. Com «seu pobre» cf. «seu pelintra», «seu unhas de fome», etc.

(²) Sabe-se o que quer dizer «seu burro», «meu burro», mas em «teu burro», o «teu» só poderia ser o possessivo: «o teu burro».

é possível»; «dali para cima não há». É uma espécie de superlativo. Nas outras duas frases apenas há uma forma enfática do positivo.

Pág. 67. Supõe o sr. L. S. que neste passo «*Basta o tempo que se demorou já aqui, porque eu cá daria o recado*, o *cá* serve só para reforçar o *eu*, como em: *eu cá sou assim*».

Não é a mesma cousa. O *cá* liga-se a *daria*. Junto ao *eu*, tinha outra significação: *eu cá por mim daria o recado (mas você*, por ex., *faça como quiser)*.

Em *eu cá lhe digo*, o *cá* nem equivale a *isso*, que se subintende, nem serve para acentuar o *eu*, mas significa o mesmo que no primeiro exemplo: *Basta* etc.

Pág. 250. Como exemplo de *com = e*, cita o sr. L. S. êstes versos dos *Lusiadas* (IV, 101):

Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e de Ethiopia.

E explica: *com larga cópia = e de l. c.*

«Com larga cópia de títulos» comenta, e bem, Epifânio Dias.

Mas fiquemos por aqui, pois apenas quisemos mostrar ao sr. L. S. que lemos o seu livro, no qual, repetimos, há muito e muito que aprender.

DR. J. M. RODRIGUES.

II

VARIA QUAEDAM

— Opusculos de Mario Pelaez:

a) **Bibliografia degli scritti di E. Monaci**, Perugia, 1920;

b) **Gli studi di Filologia Provenzale, Francese, Spagnuola e Portoghese di E. Monaci**, Perugia, 1920.

— Trabalhos de Aubrey Bell:

a) **Gil Vicente** (separata do *Boletim* da 2.ª cl. da Acad. das Sc., IX), 1915;

b) Gil Vicente's «**Auto da Alma**», Cambridge, 1918;

c) **Four plays** of Gil Vicente, Cambridge, 1920;

d) **Lyrics** of Gil Vicente, Oxford, 1921;

e) **Gil Vicente** (The Hispanic Society of America), Oxford, 1921;

f) **Portuguese Bibliography,** Oxford, 1922;

g) **The Hill Songs** of Pero Moogo, Cambridge, 1922;

h) **Portuguese Literature,** Oxford, 1922.

— Fernando III, poeta gallego-portugués: **Una cántiga desconocida del Rey Santo,** por López-Aidillo & Rivera Manescau, Valladolid, 1918.

— **Rudimentos de Gramática árabe** para uso dos alunos de língua árabe da Faculdade de Letras de Lisboa, por David Lopes, Lisboa, 1919.

— Gil Vicente: **Auto de la Sibila Cassandra,** ed. de Álvaro Giráldez, Madrid, 1921.

— **O poeta Melodino** (D. F. Manuel de Melo), por J. Pereira Tavares, Porto, 1911.

— **O nome «Lusitania» em romance** (separata do *Boletim* da 2.ª cl. da Acad. das Sc., XV), por Pedro de Azevedo.

— **Em tôrno da palavra «couto»,** por Paulo Merêa, Coimbra, 1922.

J. L. DE V.

[illegible]

[illegible] Smith [illegible]

[illegible]

INDICE DO VOLUME XXIV

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PAG

Medicina popular: RAIVA (continuação) — por Claudio Basto . . 5
Glossario do «Cancioneiro da Ajuda» — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos 29
Habitos e costumes dos portugueses, segundo observações de autores estrangeiros:
PALAVRAS PREVIAS — por P. de Azevedo 35
1.ª SERIE — por A. Reis Machado 37
2.ª SERIE — por P. de Azevedo 141
Toponimia portuguesa (continuação) — por Joaquim da Silveira . 189
Retalhos de um adagiario (continuação) — por J. M. Adrião . . 227
Toponimia arabe de Portugal — por David Lopes 257
Festas de Monchique (continuação): IV, SANTO ESPIRITO — por J. Antonio Guerreiro Gascon 274

MISCELANEA:

Costumes de Braga do seculo XVIII — por J. L. de V. 295
O têno — por Afonso do Paço 296

BIBLIOGRAFIA:

I. **Livros:**

Glossario luso-asiatico, de Monsenhor S. R. Dalgado 298
Aufsätze zur Syntax und Stilistik do Dr. Leo Spitzer 305

II. **Varia quaedam:**

Opusculos de Mario Palaez — por J. L. de V.:
a) *Bibliografia degli scritti di E. Monaci* 308
b) *Gli studi di Filologia Provenzale, Spagnuola e Portoghese*. . . 308

Trabalhos de Aubrey Bell — por J. L. de V.:
a) *Gil Vicente* 308
b) *Auto da Alma* 308
c) *Four plays* of G. Vicente 308
d) *Lyrcs* of G. Vicente 309
e) *Gil Vicente* 309
f) *Portuguese Bibliography* 309
g) *The Hill Songs* of P. Mooge 309
h) *Portuguese Literature* 309

PAG.
Fernando III poeta gallego-portugués de López-Aidillo & Rivera Manescau 309
Gramatica arabe de D. Lopes 309
Auto da Sibila Cassandra 309
O poeta Melodino de J. F. Tavares 309
O nome «Lusitania» 309
A palavra «couto» de P. Merêa 309